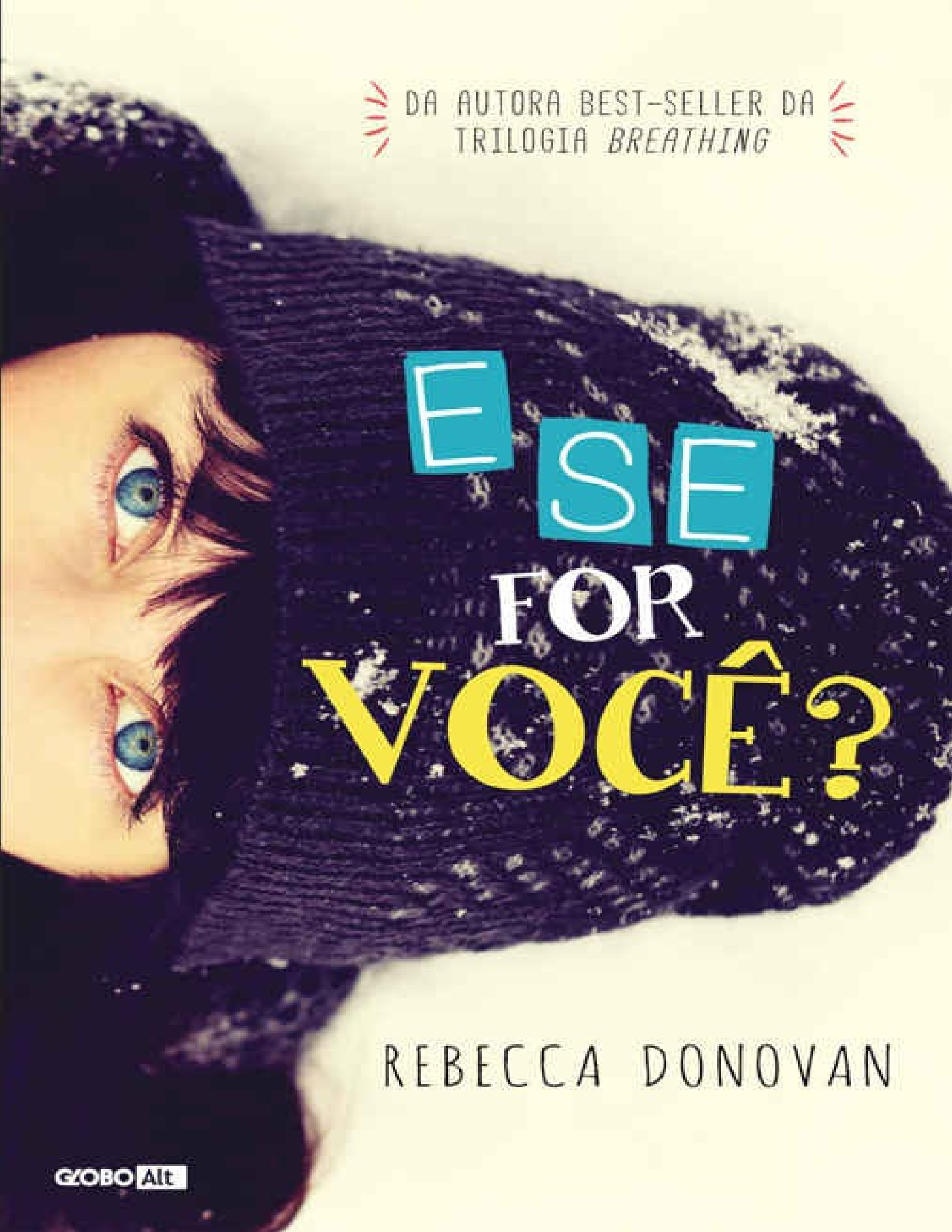
DA AUTORA BEST-SELLER DA TRILOGIA *BREATHING*



E SE FOR VOCÊ?

REBECCA DONOVAN

GLOBO Alt


Estrada dos livros
Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

E se for você?

Rebecca Donovan

Tradução
Fal Azevedo

GLOBO Alt

Copyright © 2014 Rebecca Donovan
Copyright da tradução © 2015 Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Título original: *What If*

Editora responsável **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora assistente **Sarah Czapski Simoni**
Editor digital **ErickSantos Cardoso**
Capa **Renata Zucchini**
Imagem da capa **Talashow/Shutterstock**
Diagramação **Marco Souza e Diego de Souza Lima**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Silvia Massimini Felix**
Revisão **Erika Nogueira, Erika Nakahata e Milena Martins**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D74w
Donovan, Rebecca
E se for você? / Rebecca Donovan ; tradução Fal Azevedo.
1. ed. - São Paulo : Globo, 2016
Tradução de: What If
ISBN 978-85-250-6219-2
1. Ficção americana. I. Azevedo, Fal. II. Título.

15-26882 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2016

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-907 — São Paulo — Brasil
www.globolivros.com.br

- Sumário -

Capa
Ilustração
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo
capítulo 1
    NICOLE
capítulo 2
    RICHELLE
capítulo 3
    NICOLE
capítulo 4
    RICHELLE
capítulo 5
    NICOLE
capítulo 6
    RICHELLE
capítulo 7
    NICOLE
capítulo 8
    NICOLE
capítulo 9
    RICHELLE
capítulo 10
    NICOLE
capítulo 11
    NICOLE
capítulo 12
    RICHELLE
capítulo 13
    NICOLE
capítulo 14
    RICHELLE
capítulo 15
    NICOLE
capítulo 16
    NICOLE
capítulo 17
    NICOLE

capítulo 18
Nicole
capítulo 19
NICOLE
capítulo 20
RICHELLE
capítulo 21
NICOLE
capítulo 22
Epílogo
Agradecimentos
Ilustração

Para o meu filho, Brian. A pessoa mais corajosa que conheço.
Eu desejei você.

Prólogo

— Por que é que estamos aqui, Cal? — pergunta Rae enquanto me entrega uma cerveja. — Eu não gostava dessas pessoas quando estávamos na escola. Continuo não gostando. Nada mudou.

Só que alguma coisa mudou, *sim*.

Estou sentado na traseira da minha caminhonete, bebendo, e passeio os olhos pelas pessoas, reunidas nos mesmos grupos de que faziam parte quando nos formamos, no ano passado: os atletas, o pessoal do teatro, os maconheiros e, claro, os riquinhos.

É por causa deles que estou aqui. Mais ou menos.

— Aguento no máximo uma hora, depois a gente vai embora — declara Rae, tomando um gole da cerveja. Ela abaixa o copo devagar, olhando para o outro lado do campo. — Caramba. Heather Townsend está vindo para cá?

Olho para cima bem na hora em que Heather surge à minha frente, enroscando uma mecha de cabelo loiro no dedo.

— Oi, Cal. Que bom que você veio — diz, com um sorriso sedutor.

— E aí? — respondo. Ela dá um passo à frente, parando entre minhas pernas.

— Dar uma festa no bosque é tão… coisa de escola. — Ela suspira de forma dramática. — Quer dizer, eu achava que a gente tinha amadurecido um pouco desde que foi para a faculdade.

— É, mas continuamos tendo pais que não aceitam que a gente beba e destrua a casa deles — observo.

Ela ri como se eu tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

— Não acredito nisso — Rae resmunga.

Heather se inclina para a frente, e consigo sentir a respiração dela na minha boca.

— Acho que vamos ter um verão divertido juntos.

Engulo em seco, incapaz de recuar mais sem me deitar.

— Só estou aqui por uma semana — digo a ela.

Seu lábio inferior faz um bico. Não é atraente.

— Para onde você vai? — ela pergunta, pousando a mão no meu joelho. Meu corpo inteiro fica tenso.

— Oregon. Vou trabalhar para o meu tio este verão.

— Mas você acabou de chegar… Só chegou hoje.

Ouço Rae grunhir baixinho.

— Foi mal — digo, dando de ombros. — E então, hum… Cadê todo mundo? Não estou vendo Nicole com os outros.

Heather recua, revirando os olhos e cruzando os braços. Toquei em um ponto sensível.

— Não sei. Acho que ela pensa que é melhor que a gente, agora que entrou em Harvard.

Cutuco mais um pouco.

— Você teve notícias dela desde a formatura? — Sinto o peso do olhar de Rae.

— Nem uma mensagem. Quer dizer, nós éramos *melhores amigas* desde… sempre. E depois, nada. Vaca.

Arregalo os olhos diante da hostilidade dela.

— Heather. — Vi está parada atrás dela, com as mãos na cintura. — A festa é ali do outro lado.

Ela acena para os outros riquinhos, todos agrupados em torno da BMW de Kyle.

— Já vou — Heather responde a Vi; depois volta a olhar para mim. — Talvez a gente possa fazer alguma coisa antes que você vá embora.

— Talvez — respondo, sabendo que não vai acontecer. Heather se vira e caminha com Vi de volta para o grupo ao qual pertence. Desço da caminhonete e as observo retornar para o pessoal que nunca nos deu a menor confiança até hoje.

Sou atingido nas costas por um ombro, e acabo derramando cerveja na calça.

— Não é para o seu bico — ameaça Neil Talbert, atrás de mim.

Fecho os olhos e respiro fundo para me controlar, de tanta vontade que tenho de virar e socar a cara dele. Minhas mãos se fecham só de pensar nisso.

— Você é tão babaca — Rae diz a ele quando o encaro.

Olho para trás de Neil, que está tentando parecer mais forte, forçando os braços para os lados, na direção de Rae, e balanço a cabeça rapidamente.

— Ainda deixa meninas brigarem no seu lugar — debocha Neil. — Você não mudou nem um pouco, mesmo que pareça diferente.

Não digo nada. Não faz sentido. Ele ainda é tão idiota quanto era na escola, e nada que eu diga vai mudar isso.

— Neil! — grita outro sujeito de longe. — Onde é que você se meteu? Estamos esperando há uma hora. Vem cá.

A tensão nos meus ombros diminui quando ele começa a andar em direção à BMW do irmão.

— Cal, não entendo por que você ainda deixa ele te tratar desse jeito. Poxa, você é mais forte do que o Neil agora. Você sabe que podia dar conta dele — diz Rae, ainda olhando, furiosa, por cima do meu ombro.

— Ele não vale a pena. — Sento de novo na caminhonete.

— E o que droga foi aquela sobre Heather Townsend? Sério? O.k., você cresceu alguns centímetros, trocou os óculos por lentes de contato e de alguma forma ganhou músculos que eu nem achava que seu corpo magrelo aguentaria, mas não está *tão* diferente. Ainda é você.

— Obrigado por elevar minha autoestima, Rae. Agradeço mesmo.

Ela continua a falar, me ignorando.

— E Nicole Bentley? Mesmo, Cal? Pensei que você tivesse desistido dela há anos.

— Mas você não acha estranho que ela não tenha voltado esse verão?

Alguma coisa parecia fora de lugar quando não a vi junto das garotas mais cedo. E ainda parece. *Ela* é o motivo de eu estar aqui.

Observo enquanto Ashley abraça Kyle, beijando-o como se estivesse marcando território. Kyle foi namorado de Nicole durante boa parte do ensino médio. E Ashley, Heather e Vi eram, supostamente, suas melhores amigas. Nunca me convenci de que ela estava no lugar certo ali, mesmo ocupando o topo da hierarquia do grupo. Ela sempre pareceu desconfortável com a atenção. Ou talvez eu fosse o único que pensasse isso. Parei de tentar defender Nicole da reputação de rainha do gelo muito tempo atrás porque isso irrita Rae.

— Por que é que você se importa? — pergunta Rae. — Deixamos de ser amigos dela quando Richelle foi embora, no nono ano. Nicole escolheu ficar com *eles*, lembra? — Há uma

amargura no tom de Rae. Sei que é para abafar a dor que ela ainda sente por ter perdido duas das suas melhores amigas no mesmo verão. Não falamos disso agora. E nunca o fazemos. Conheço Rae desde sempre, então *sei* como ela é, mesmo quando não diz nada.

Nós quatro crescemos juntos, no mesmo bairro de uma cidade pequena da Califórnia. Rae mora na casa ao lado, embora seja praticamente uma extensão da minha família hoje em dia. Nicole e Richelle eram vizinhas e moravam algumas casas adiante, na mesma rua. Quando crianças, éramos inseparáveis. Mas as coisas ficaram diferentes quando crescemos.

Richelle se mudou. Continuamos em contato por um tempo. Depois paramos de nos falar. Nicole escolheu a popularidade em vez da amizade, logo depois. Rae nunca superou a traição de Nicole. E eu nunca superei Nicole. Nunca vou admitir isso para Rae, nem para ninguém, aliás, mas sinto falta delas. Sei que não posso fazer nada a respeito. Faz tempo demais.

Olho para Rae.

— Não é estranho que a menina mais popular da escola não dê nenhum sinal de vida há mais de um ano e que ninguém pareça ligar para isso?

— Além de você? — retruca Rae, com um riso zombeteiro. — Esqueça, Cal. Ela virou a rainha metida dos riquinhos, e agora Ashley ocupou o lugar dela no reino. Não ligam para ela. Nunca ligaram. Não sei por que você se importa.

— É como se ela simplesmente tivesse… desaparecido — digo baixinho, olhando para o chão sem vê-lo.

No fundo de uma lembrança desbotada, ouço Nicole gritando. Foi a última coisa que ouvi antes que ela sumisse do mapa.

— *Você não pode fazer isso desaparecer fingindo que nada aconteceu.*

capítulo 1

— Você entende, né? — diz Carly. — Eu me sinto mal por terminar com você numa festa, mas não achei justo esperar que a gente ficasse bêbado. — Ela cruza os braços por cima do peito, acentuando como sua fantasia de gênio cobre pouco do seu corpo.

— Entendo — respondo, assentindo, chocado demais para dizer qualquer coisa além disso. Olho o caubói com quem a encontrei conversando, parado a uma distância segura, com um copo vermelho em cada mão. Só consigo imaginar que ele é o motivo pelo qual ela quer dizer isso agora em vez de mais tarde.

Não é como se nossa relação fosse séria. Quer dizer, faz só três semanas. Carly puxa a aba do meu boné de beisebol e me dá um beijo na bochecha antes de desaparecer na névoa artificial da festa de Halloween. Olho para os dois copos que estou segurando e balanço a cabeça. Que droga. Enquanto esvazio um dos copos de cerveja, vou saindo da casa pela porta de trás. Não quero ficar ali de jeito nenhum.

Quando dobro a esquina, encontro um casal encostado na parede da casa, e isso me lembra o que *não* vou fazer esta noite. Eu não precisava disso agora. Mas, quando me aproximo, me dou conta de que eles não estão se agarrando; estão discutindo… ou melhor, ela está dando um fora nele.

— Nem tente encostar em mim — diz a menina, vestida de preto da cabeça aos pés. A princípio, não percebo que a garota está usando uma fantasia de ninja, porque ela quase desaparece na sombra da casa. Então vejo o que parece uma lâmina, reluzindo na mão dela. — Essa bunda não é para você tocar, e basta eu te pegar olhando para ela que arranco seu saco. Entendeu?

O cara vestindo um pijama cirúrgico concorda, e os olhos dele vão dos olhos furiosos dela para a espada sob seu queixo. A arma parece verdadeira. E ela parece irritada o suficiente para usá-la. Eu não seria capaz de arriscar o contrário, se estivesse no lugar dele.

Dou um gole na minha cerveja, imaginando o que ela vai fazer em seguida. Mas ela apenas vai embora. Fico desapontado. Esperava que pelo menos desse uma joelhada nele ou alguma coisa assim.

— Psicopata surtada — rosna o cirurgião, mas não alto o bastante para que ela o escute. Acho que prefere proteger o saco.

Ele decide usar a porta de trás, mantendo-se longe da ninja. Decisão esperta. Esvazio o resto do copo de cerveja, jogo-o na grama e a sigo, curioso para saber para onde está indo. Encontro-a andando a passos largos rumo à calçada, e vou na mesma direção.

— Nyelle! — grita uma garota que vem correndo pela porta da frente. — Nyelle, para onde você vai?

A Moranguinho quase esbarra em mim, correndo atrás da amiga. Ergue os olhos e os arregala na hora, surpresa.

— Ah. Oi, Cal! — diz, sorrindo, e suas bochechas pintadas enrubescem.

Eu demoro um pouco para reconhecê-la.

— Tess! Tudo bem?

— Hum. — Ela olha para a calçada, onde Nyelle parou. — Está tudo bem, mas acho que preciso ir. — Começa a andar em direção à amiga e diz, sem parar: — Foi bom ver você. A gente podia…

— Vocês estão precisando de carona? — pergunto, olhando para ela e para a esquentadinha com as mãos na cintura.

— Claro.

— Não!

Meus olhos vão de uma para a outra, sem saber que resposta devo levar em conta.

— Qual é, Nyelle… Está frio, vamos pegar uma carona.

— Preciso caminhar. — Nyelle se volta e continua a andar pela calçada. Olho para Tess, em dúvida. Ela suspira e corre atrás da outra. Não consigo me conter, estou intrigado e as sigo.

— Que droga de garotos idiotas — resmunga a ninja sob a máscara, concentrada nos próprios passos.

— A noite dela está sendo ruim — tenta explicar Tess.

Observo a menina de preto com mais cuidado. O rosto dela está escondido, apenas uma fresta revela seus olhos. A túnica preta e a calça não são justas, mas não escondem o fato de que há uma garota ali embaixo. E digamos que essa garota faria um saco de lixo parecer sexy. Junte-se a isso o mistério de não saber como é o seu rosto, e me dou conta de como ela é atraente. O idiota de antes devia ter se controlado.

— Como estão suas aulas este semestre? Já decidiu que área vai escolher? — pergunta Tess, concentrada em mim. Desvio a atenção para longe da ninja furiosa, que continua a reclamar e a soltar palavrões. Começo a pensar que ela pode voltar para a festa e deixar o cirurgião precisando de uma operação.

— Estão boas. E não, ainda não tenho ideia do que quero ser quando crescer.

Tess ri.

— Esperava que fizéssemos outra matéria juntos. Você me salvou em história da arte no semestre passado. Acho que não teria conseguido ficar acordada se você não tivesse criado seus próprios comentários para os slides. — Tess sorri para mim. Consigo perceber um flerte tímido brilhando nos seus olhos. Escolho ignorá-lo.

— Queria que você tivesse aceitado a carona dele — reclama Tess para a amiga. — Está frio. — Ela abraça o próprio corpo com um arrepio.

Paro para tirar a camisa de flanela que estou usando por cima da camiseta.

— Toma.

— Obrigada. — Tess, sorrindo, pega a camisa e a coloca sobre os ombros.

Nyelle nos espera de braços cruzados, me medindo com o olhar. Analiso minha camiseta, pensando que talvez esteja rasgada ou manchada. Eu realmente não reparei quando a vesti mais cedo.

— O que foi?

— Sua fantasia é do quê? — pergunta Nyelle, virando-se de repente e recomeçando a andar.

— Universitário bêbado.

— Muito original. — A voz dela está pesada de sarcasmo.

— O quê? Você viu outro na festa hoje? Pensei que era o único.

Tess dá uma risadinha. Nyelle dá um riso debochado.

Examino o objeto de metal brilhante enfiado no cinto dela. As armas *são* legítimas.

— Você sabe usar isso?

— Quer descobrir? — rosna ela.

— Nyelle! — briga Tess. Ela olha para mim, pedindo desculpas. — Sinto muito. Ela não costuma ser assim tão sem filtro… tudo bem, costuma, sim. Mas sinto muito, de qualquer forma.

— Você não precisa se desculpar por mim. Principalmente porque eu estou bem aqui.

— Não estou ofendido — garanto a Tess, dando uma olhada para Nyelle, cujos olhos se estreitam bem de leve. Está escuro demais para que eu possa dizer a cor deles, escondidos pela máscara, mas têm um formato exótico que parece estranhamente familiar. — Não vou aceitar sua oferta para demonstrar suas habilidades com armas brancas, no entanto. Mesmo que você não saiba usá-las, é capaz de me machucar. E sentir dor não combina comigo.

Os cantos dos olhos de Nyelle ficam levemente enrugados, e tenho certeza de que consegui fazer com que ela sorrisse.

Continuamos nosso bizarro semissilêncio, com Tess tentando manter a atmosfera amigável e Nyelle resmungando.

Tento vê-la de um ângulo melhor, mas ela mantém a cabeça abaixada e os punhos cerrados. Fico pensando que talvez ela seja a garota mais furiosa que já conheci.

Por fim, paramos em frente ao dormitório delas, sob uma forte luz alaranjada.

— Obrigada por vir com a gente até aqui — diz Tess, um pouco decepcionada quando nota que minha atenção está concentrada na amiga dela. Tira a camisa de flanela dos ombros e a devolve para mim.

— Não foi nada — respondo, dando um rápido sorriso antes de voltar o olhar para Nyelle. — Foi bom te conhecer.

— A gente não se… — começa ela. As palavras se interrompem quando nossos olhos se encontram. Tudo em volta fica esmaecido, e não consigo desviar o olhar. Estou olhando para os olhos azuis mais incríveis que já vi. São olhos do tipo que podem me manter parado aqui como um idiota, olhando para dentro deles a noite inteira. Eu sei porque já olhei para eles antes.

— Boa noite — diz Tess. Eu pisco.

— Boa noite, Tess — respondo com voz rouca. Quando olho de volta, a garota de preto já está percorrendo o saguão.

Nunca olhei nos olhos de alguém por tanto tempo. Há tantas formas e linhas. Quanto mais olho, mais cores descubro. Há um tom de azul perto do centro que é tão claro, quase não parece uma cor. Aí elas parecem ficar mais escuras quando se irradiam, como uma tempestade se abrindo para um céu claro. A linha em torno do olho dela é tão escura que é quase azul-marinho, como… a meia-noite. Juro que há todos os tons de azul nos olhos dela, até centelhas de prata. Me concentrar nas diferentes cores me impede de piscar. Quero chegar mais perto para ver todas elas.

— Richelle, pare com isso. Você vai fazê-los piscar — de repente ouço Rae dizer atrás de mim. — O quê? Você está com ciúmes porque ele não está olhando nos seus *olhos?*

— Cala a boca, Rae! — protesta Richelle, enquanto Rae cai na gargalhada.

Os cílios longos e escuros de Nicole se fecham.
— Cal ganhou! — declara Richelle.
Recuo e pisco algumas vezes. Meus olhos estão secos por ficar abertos por tanto tempo.
Nicole olha para mim e sorri de leve, as bochechas rosadas.
— Você ganhou.

— Não pode ser ela — murmuro. Encosto no bar, que é na verdade uma tábua de madeira atravessada entre duas pilhas de caixas de leite. Ela balança com meu peso, pois não é feita para sustentar pessoas.

— Cara, do que você está falando? — pergunta Eric do outro lado. — Você está falando de olhos há uma hora. Está bêbado, e isso aí não faz o menor sentido.

— Você não está entendendo! — exclamo. — Ela tem os olhos *dela*.

— Está bem. Como você quiser. Você não vai voltar dirigindo para o nosso apartamento de jeito nenhum. Pode dormir aqui hoje. O sofá é todo seu.

Concordo, piscando os olhos, pesados. Vou cambaleando até o sofá marrom-escuro e despenco. Eric atira um cobertor, que vem parar em cima das minhas pernas. Deixo-o lá, sem me preocupar em me cobrir. Jogo o braço dobrado por cima do rosto e fecho os olhos.

Tento me convencer de que imaginei tudo aquilo. Consegui ver os olhos da ninja apenas por alguns segundos. Mas posso jurar que estava olhando dentro dos olhos de Nicole Bentley.

Acordo de uma vez quando me viro e quase caio do sofá. Preciso de alguns segundos para me dar conta de onde estou. Então as lembranças da noite anterior começam a vir à tona.

O pé na bunda que levei. Uma ninja. A Moranguinho. Os olhos de Nicole. A caminhada até a fratermidade de Eric. Bebida. Mais bebida.

Me sento devagar, aguardando minha cabeça parar de girar antes de pegar as botas. Passo a língua seca pelo céu da boca, fazendo uma careta pelo gosto horrível que sinto.

— Ei — diz Eric, rouco, da cama de baixo do beliche do outro lado do quarto. — Você tem aula?

— Hoje é domingo — informo, enquanto calço as botas.

— Tem razão — diz ele, virando de lado e cobrindo a cabeça com o cobertor.

O relógio marca mais de dez da manhã. Quero muito voltar a dormir, mas tenho um texto para escrever e uma ressaca para curar. Não necessariamente nessa ordem.

Visto minha camisa de flanela e consigo achar a saída do dormitório da fraternidade. Tenho que andar alguns quarteirões de volta ao lugar onde estacionei minha caminhonete para ir à festa de Halloween na noite passada. Respirando o ar gelado e seco, que me ajuda a ficar sóbrio, ligo o carro. O frio do vinil do assento que atravessa meu jeans e o ar cortante fazem pouco para clarear minha cabeça. Preciso de café.

Estou precisando desesperadamente de cafeína para me dar um gás, e aguardo na fila do Bean Buzz. Sobretudo hoje. Representei à altura o papel de "universitário bêbado" ontem à noite. Não faço isso com frequência. Mas foi uma noite tão confusa.

Agradeço a Mel, que está atrás da caixa registradora, quando ela me entrega um copo de café. Tenho quase certeza de que estou andando como um sonâmbulo em direção à porta, com os olhos quase fechados. Me concentro na luz vinda da saída e foco em mover o corpo nessa direção.

— Cal?

Abro bem os olhos e respiro fundo, tentando me concentrar. Carly está parada na minha frente. Como é que ela sabia que eu estaria aqui? Nunca a trouxe aqui. Nunca trago garota nenhuma aqui. Escolhi o café mais inconveniente fora do campus para não esbarrar nelas por acaso.

— Carly, o que você está fazendo aqui? — pergunto, surpreso demais para ser educado.

— Hum, comprando café — responde ela, levantando o copo.

— Certo — digo, concordando com a cabeça e me sentindo idiota.

— Você tem um minuto? Estava torcendo para que pudéssemos conversar.

— Bem… — hesito. Neste momento, ficar de pé já é um desafio, ainda mais falar.

— Vai ser rápido, prometo.

— Certo. — Sigo-a, relutante, até uma mesa vaga, na frente da enorme janela. Não tenho ideia de onde estou me metendo. Suponho que ela queira pedir desculpas pela forma como terminou tudo na noite passada.

— Acho que me enganei — diz ela, assim que sento na cadeira. — Não deveria ter terminado com você.

Definitivamente não esperava por isso.

Meu silêncio estupefato a encoraja a continuar.

— Acho que surtei porque estou começando a gostar de você. Mas, depois que você foi embora da festa ontem à noite, me dei conta de quantos idiotas há no campus. Você não é como eles. Eu estraguei tudo, e queria dar outra chance a nós dois.

Droga. Não estou lúcido o bastante para isso. Então enrolo e dou um gole lento no café, olhando para todo canto menos para a garota sentada à minha frente, esperando por uma resposta. É quando avisto os mesmos malditos olhos azuis da noite passada, olhando para mim do sofá de couro na outra ponta do café — sem a máscara.

— Cal? — Carly me chama.

— Impossível — murmuro, hipnotizado.

— O quê? — pergunta Carly, com um toque de pânico na voz. — Não?

— Desculpe. — Me recupero rápido, desviando o olhar a contragosto. — Hum, pensei ter visto… não importa. — Balanço a cabeça e tento me concentrar. Ela me deu um fora na noite passada. Vou aceitá-lo. De qualquer jeito, não ia durar muito mais tempo, em especial se ela queria mais de mim.

Tomo fôlego e digo:

— Bem, não. Não posso voltar com você.

— O… o quê? — Os olhos de Carly se estreitam. — Por quê?

— Sinto muito, Carly. Apenas não posso. — Levanto e me afasto antes de ver sua reação. Deveria continuar andando até a porta. Mas não. Em vez disso, atravesso o café até o sofá de couro marrom, onde a garota da noite passada, sem máscara, está lendo com os pés apoiados na mesinha de centro.

Fico em pé ali, olhando para ela. Ela não repara em mim, e provavelmente é bom que seja assim porque sei que pareço um maluco pairando sobre ela. Não tenho ideia do que dizer porque estou parado na frente de *Nicole Bentley*. Mas esta garota parece… diferente. Não é *exatamente* como a garota que se mudou para o meu bairro, há quinze anos. Então talvez não seja ela. Não faz sentido que esteja aqui. Exceto pelo fato de que… esses são os olhos dela.

— Nicole?

Ela não ergue os olhos. Estou quase chamando-a de novo quando alguém encosta no meu braço.

— Aqui está, Nyelle — diz Tess, inclinando-se sobre a mesinha para entregar uma caneca a Nicole. — Chocolate quente, com duas doses de café e chantili. Como é que você consegue consumir tanto açúcar de manhã? Meu estômago dói só de pensar nisso. — Aí Tess olha para mim e dá um largo sorriso. — Oi, Cal.

— Hum, oi — respondo, confuso. Meu olhar vai de Tess para Nicole e volta. — Hum, *você é* Nyelle? — Talvez eu ainda esteja bêbado.

Nicole sorri gentilmente.

— Sim, Nyelle Preston. — Ela estende a mão. — Desculpe por ter sido grossa com você ontem à noite. — Está olhando bem para mim, esperando que eu tome sua mão, coberta por uma luva de tricô com os dedos cortados. Não há nenhum sinal de reconhecimento no rosto dela. — Eu estava um pouco bêbada e minha noite não foi das melhores.

— Certo, hum, sem problemas — digo devagar, estendendo o braço e tomando sua mão fina na minha. — Prazer em conhecer você. — Tenho certeza de que estou dormindo, bêbado ou dentro de um episódio esquisito de *Além da imaginação.* Posso jurar que estou encarando Nicole Bentley, a garota que ocupou meus pensamentos por horas demais da minha vida. Mas ela está me olhando como se não tivesse ideia de quem eu sou. Está me deixando tenso.

— Desculpe, mas a gente não…

— Você é um babaca completo! Devia ter me dito que tinha outra pessoa. Não acredito que implorei para que voltasse comigo!

Viro bem na hora em que Carly joga o copo de café na minha direção. Tento fugir, mas é tarde demais. Meu corpo arde de dor quando o líquido quente bate no meu peito. Atordoado, olho os cachos loiros de Carly balançarem em direção à porta.

Esperando a ficha cair e com os dentes cerrados, tiro a camiseta encharcada de cima da minha pele.

— Ah, meu Deus — arqueja Tess. Ela apanha guardanapos em cima da mesa e começa a enxugar minha camiseta com vigor. — Por que ela fez isso? Você está bem?

Mel surge à minha frente e me entrega um punhado de guardanapos.

— Você precisa de alguma coisa?

— Da minha dignidade — murmuro. Nicole cai na gargalhada. De repente, desejo ainda estar desmaiado no sofá de Eric. — Estou parecendo um idiota, não é?

Nicole sorri.

— Bom… está, um pouco. Mas ela parecia maluca. Então ela ganhou.

Alguém apenas me mate de uma vez.

— Ah, Cal, não acredito que ela fez isso. Quem era?

— Uma ex-namorada — resmungo, pegando os guardanapos da mão de Tess. — Obrigado

pela ajuda. Mas vou embora. — Sinto todos os olhos em cima de mim, inclusive os que impediram que eu me dirigisse à saída, como devia ter feito antes. — Vejo vocês depois.

Jogo os guardanapos na lixeira antes de sair pela porta. Olho por cima do ombro e avisto a garota que parece Nicole Bentley ainda me observando.

NICOLE

Junho — antes do quinto ano

Olho pela janela e vejo as casas passando. Tento imaginar quando é que vamos parar e qual vai ser a nossa. Estou nervosa. Não vou conhecer ninguém. E se eles não gostarem de mim?

Aliso a saia do meu vestido amarelo, tentando não pensar nisso. Mamãe diz que eles vão gostar de mim, então tenho que acreditar nela porque quero muito que gostem. Eu tinha duas amigas na nossa antiga cidade. Nossas mães se conheciam, então era fácil sermos amigas. Elas gostavam de brincar de boneca e de faz de conta, como eu gosto. Eram minhas amigas na escola também.

— Bem, aqui estamos — anuncia meu pai, entrando em uma rua. Vejo o caminhão de mudanças na frente de uma casa amarela feito o sol. Combina com meu vestido, e isso me faz sorrir.

— Quem é? — pergunta mamãe, olhando para uma menina de cabelos castanhos que corre em direção ao carro.

— Ela provavelmente mora na casa ao lado — diz meu pai. Está de short azul de bolinhas e uma camiseta branca. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo que balança enquanto ela vem correndo em nossa direção.

— Ela é bem… *expansiva*, não é? — diz minha mãe, abrindo a porta do carro. A garota está parada do lado de fora, ofegando como se tivesse acabado de participar de uma corrida. Não consigo tirar os olhos dela. Destravo devagar meu cinto de segurança e abro a porta.

— Oi. Sou Richelle. Moro na casa ao lado, a azul — anuncia ela sem sequer uma pontinha de medo. Fico boquiaberta porque talvez ela seja a menina mais corajosa que já vi.

— Oi, Richelle. Sou a sra. Bentley. — Minha mãe se vira para trás para me ajudar a sair logo. Dou um passo pequeno e agarro a mão da mamãe, ficando ao lado dela. — E essa é minha filha, Nicole.

— Oi — diz Richelle para mim com um aceno. Os olhos dela são grandes e castanhos, e ela sorri como se estivesse contente em me ver. — Você quer brincar?

Olho para minha mãe, sem ter certeza do que fazer. Não estava pronta para isso. Só sei que há alguns minutos estava com receio de não fazer amigos. Agora, não tenho certeza de estar pronta para sair do lado de meus pais.

— É muito gentil da sua parte, Richelle — diz minha mãe —, mas temos muita coisa para arrumar. Talvez seja melhor amanhã. Você está convidada para vir aqui.

Richelle desvia o olhar de mim para a minha mãe. Ainda está esperando que eu responda, mas não digo nenhuma palavra.

— Certo — diz ela por fim. — Tchau, Nicole. A gente se vê amanhã!

Bem quando viro na direção da casa, avisto um menino e uma menina do outro lado da rua, na calçada, observando a cena. O menino tem cabelo castanho e está usando óculos de aros pretos. E a menina tem cabelos loiros presos numa trança meio desfeita. Ela estreita os olhos como se estivesse tentando entender que tipo de animal eu sou ou alguma coisa assim. Viro de costas, rapidamente, e vou com minha mãe para a casa, sem soltar a mão dela até que estejamos a salvo lá dentro.

capítulo 2

— O quê… iss… não… — Rae está rindo tanto que não consegue formar uma só palavra. Puxo minha camiseta por cima da cabeça e espero, impaciente, que ela se acalme.

— Rae, concentração — peço, examinando as manchas vermelhas no meu peito.

— Você realmente escolheu bem dessa vez — diz Rae, ainda rindo. — Gente. Eu queria ter visto isso.

— Ótimo — resmungo. — Mas não é essa a questão. Nicole Bentley está *aqui*, em Crenshaw.

— E agora eu acho que você está vendo coisas — diz ela, aos poucos se acalmando da crise de riso. — Nicole entrou em *Harvard*. A menos que tenha sido reprovada, o que é algo que sabemos que ela não deixaria acontecer, não *escolheria* Crenshaw… nunca. É no meio do nada, no norte do estado de Nova York. Não faz sentido ela estar aqui.

— Então ela foi separada da gêmea idêntica no berço, porque juro que a vi. Além disso, a gente sabe mesmo se ela está em Harvard? Ninguém a viu ou ouviu falar dela desde a formatura do colégio.

— Eu sei que ela foi aceita. Vi a carta de admissão dela, junto com a escola inteira. Ela não parava de falar disso. — Dá um suspiro profundo. — Não pode ser Nicole. E vou te dizer a mesma coisa quando for te visitar no próximo mês. Acho que você se convenceu de que essa garota, que parece um pouco com Nicole, *é* ela. E é melhor que não neve desta vez. Não suporto neve.

— Certo. Você vai ver quando chegar aqui. — Me dou conta de que não adianta tentar convencê-la.

— Cal, você pelo menos perguntou a ela se ela é a Nicole? — questiona Rae.

— Bem… eu tentei — respondo devagar. — Fomos interrompidos pelo café, lembra?

O comentário faz com que Rae caia na gargalhada de novo. Desligo na cara dela.

Jogo o celular na cama e vou até o banheiro para vasculhar o armário em busca de um tubo de pomada que parece ser para queimaduras. Não tenho ideia do quão velho é, visto que já estava aqui antes de a gente se mudar, mas espero que ajude. Passo de leve o gel claro na minha pele dolorida.

De volta ao quarto, sento na beira da cama e passo as mãos sobre o rosto, tentando visualizar de novo a garota que estava no café. Com certeza, há alguma coisa diferente nela. O rosto parece o de Nicole, mas… não parece. Nicole Bentley sempre estava impecavelmente arrumada, como se tivesse acabado de sair de uma revista. A garota que diz se chamar Nyelle não parece se importar com a aparência e usa o cabelo ondulado, como se tivesse acabado de sair do chuveiro e o deixasse fazer o que quisesse — o que dá a ela um ar indolente e sexy. Nicole é um presente embrulhado com perfeição, amarrado com um laço bem-feito. E Nyelle é o papel de presente jogado no chão na manhã de Natal.

Talvez Nyelle não seja Nicole. Tento compará-las de novo, colocando-as lado a lado na memória. Mas é difícil, porque não vejo Nicole desde a formatura. Ainda não consigo lembrar do que aconteceu naquela noite. Eu estava bêbado… tudo bem, estava completamente bêbado.

Mas sei que a ouvi gritando com os pais, lá dentro da casa deles.

— *Você não pode fazer isso desaparecer fingindo que nada aconteceu. Porque, se for assim, você pode me apagar também, papai.*

O que será que houve naquela noite? E o que teria ocorrido se eu não tivesse ido embora?

Não vejo Nicole — ou Nyelle, ou quem quer que ela seja — no dia seguinte. Ou no outro. Mas escapo por pouco de Carly duas vezes no Bean Buzz. Quando chego ao café na quarta-feira pela manhã, me pergunto se estou contando demais com a sorte. Ela deixou algumas mensagens de voz bem raivosas no meu celular. Apaguei-as depois de ouvir os primeiros dez segundos. Ela é maluca. E não quero nada com malucas. As meninas com quem saio costumam ser legais. Do tipo que os caras levam para conhecer a mãe. Só que não continuo com elas por tempo suficiente para ficar *tão* sério assim.

Quando vou chegando perto da vitrine com BEAN BUZZ escrito em grandes letras brancas, reparo nos cachos loiros de Carly lá dentro. Encosto na parede do prédio, torcendo para que ela não tenha me visto. Não quero ter que lidar com uma garota transbordando emoções hoje de manhã.

Viro o rosto e olho de volta, hesitante. Carly está com os olhos fixos na janela. Encosto a cabeça de novo na parede de tijolos.

— Droga.

Permaneço espremido contra a parede, tentando decidir qual será meu próximo movimento. Sempre existe a chance de que ela *não* esteja esperando por mim. Ergo os olhos e ela está segurando o copo, examinando a calçada. Bem, acho que está.

— De quem estamos nos escondendo?

Eu me viro, sobressaltado.

Nicole está encostada na parede de tijolos aparentes, com um boné marrom-escuro puxado sobre a testa. O cabelo dela escapa por baixo e flutua sobre seus ombros e seu suéter azul-marinho. O nariz dela está vermelho de frio, e sai vapor dos seus lábios quando sorri para mim. Apesar das diferenças, ainda vejo Nicole devolvendo meu olhar.

— A Psicopata está procurando por você, ou alguma coisa do tipo?

— Parece que sim — balbucio, afastando o olhar quando penso que já a encarei por tempo demais. — Acho que ela ainda está muito irritada.

Ela espia e dá risada quando avista Carly parada na frente da janela.

— O que foi que você fez com ela?

— Ela terminou comigo, e eu não quis voltar.

— Tem certeza de que não atropelou o gato dela também? — diz Nicole, sorrindo.

— Talvez eu devesse ter feito isso. Odeio aquele gato — murmuro. Ela abre mais o sorriso. — Droga. Vou chegar atrasado na aula. — Verifico a hora no celular. — Dane-se. Não posso ficar aqui parado, torcendo para ela ir embora. É ridículo. Acho que vou ficar sem café.

— O quê?! Que besteira — diz Nicole. — Se eu pedir para a moça do balcão um café "do jeito que o Cal toma"…

— Mel — interrompo.

— *Mel* vai saber como é, não vai?

Concordo com a cabeça.

— Certo. Espere aqui — ela me orienta. — Já volto.

Não espero exatamente ali. Quer dizer, eu me sinto ridículo, espremido junto à parede, me escondendo de uma ex que quase não chega à altura do meu ombro. Então, ando para lá e para cá na viela ao lado do café. Fico achando que Carly vai aparecer na esquina. Estou sendo paranoico. Sei disso. E não me orgulho.

Volto a pensar sobre como essa garota se parece com Nicole, a não ser pelo fato de não agir nem um pouco como ela. Nicole nunca disse uma palavra para ninguém além dos riquinhos da escola quando estávamos no ensino médio. E Nyelle não tem problema em expressar sua opinião. Essas garotas são diferentes demais para serem a mesma. A menos que… alguma coisa tenha acontecido a Nicole. Talvez ela tenha sofrido um acidente. Ou, quem sabe, talvez elas realmente tenham sido separadas no nascimento.

— Pronto, aqui está.

Viro de repente, espantando Nic… Nyelle. Droga. Agora estou ficando confuso.

— Ei, Cal. Relaxa. Estou desarmada. — Ela olha para o copo de café e ri. — Bem, quase.

— Obrigado — resmungo. Ela está rindo de mim. Ótimo.

Nyelle dá um sorriso maroto e me entrega o copo, junto com um guardanapo dobrado.

— Mel me pediu para entregar isso a você — diz ela, antes de soprar seu chocolate quente.

Desdobro o guardanapo e leio: *A dignidade não será recuperada na viela*.

Nyelle ri quando eu amasso o guardanapo e olho feio para a parede de tijolos. Obrigado, Mel.

— Você leu?

— Claro — admite ela sem hesitação. — Se eu vou entregar um bilhete na viela, preciso saber o que diz.

A diversão sem fim dela não está ajudando com a questão da dignidade.

— Vou chegar atrasado. Obrigado por pegar meu café. — Começo a andar e paro. — Quer carona para algum lugar?

— Não. Gosto de andar.

— Estamos bem longe do campus.

— Eu sei — responde ela, indo comigo até a caminhonete. Quando abro a porta, ela pergunta de novo: — Tem certeza de que não fez nada com ela?

— Juro — respondo, e depois continuo, após pensar um pouco. — Acho que eu não era quem ela queria que fosse.

— E não é assim com todo mundo?

Nyelle dá um sorriso contido e continua a andar pela calçada, dando golinhos no copo sem olhar para trás. Observo até ela virar a esquina, com seu último comentário grudado na cabeça.

Ao longo da semana que passou, procurei Nyelle em todo canto sem esbarrar com ela nem uma vez. O campus é bem grande, então é fácil evitar alguém. Eu sei bem. Dominei essa arte durante este último ano. Mas, se a gente procurar direito, em geral acaba encontrando a pessoa que está querendo encontrar, em algum momento. Até esbarrei em Tess algumas vezes, mas Nyelle nunca está com ela.

— Desistiu de se esconder em vielas? — Ouço atrás de mim na fila, esperando por um

café. Volto o rosto para ver a garota que andei procurando.

— Oi. Hum… É, não a vejo há um tempo, então achei que seria seguro entrar de novo. — Carly deixou uma mensagem de voz e algumas mensagens de texto bêbada durante o fim de semana, mas parece ter desistido.

Entro na fila, enquanto Nyelle espera pelo seu pedido no final do balcão.

— Bom dia, Mel.

— Cal. — Ela me recebe com sua voz monótona, como faz toda manhã. Me entrega o copo com meu nome escrito enquanto passa meu cartão.

— Obrigado — digo, e me afasto.

Tento arranjar alguma desculpa para falar com Nyelle, então solto a primeira besteira que me passa pela cabeça.

— Não vi você nessa última semana.

— Estive… por aí — responde ela, evasiva. — Ei! — Ela olha para o copo na minha mão. — Como é que você já está com seu pedido?

— Acho que é porque peço a mesma coisa todo dia — respondo, dando de ombros.

O pedido chega e ela pega o copo que entregam a ela. Caminho ao seu lado em direção à porta, dando olhadelas para ela como se pudesse decifrá-la se observá-la o suficiente. O cabelo castanho-escuro está enroscado no alto da cabeça, com fios se soltando do coque desarrumado. Não há sinal de maquiagem no seu rosto. E está usando um suéter grande demais para ela, que chega até os quadris e escorrega do ombro, deixando exposta a alça larga de uma regata justa. Ela cortou buracos para os polegares, já que as mangas quase cobrem seus dedos. Os jeans estão desbotados e rasgados, e as botas marrons estão gastas e marcadas. Apesar de não se esforçar, ela continua inegavelmente linda, como Nicole, sem na verdade se parecer nem um pouco com ela. Não consigo entender.

— Que foi? — pergunta ela, ao me flagrar observando-a.

— Você se parece tanto com… — paro. Não consigo dizer. E se ela for mesmo Nicole? Então isso significaria que está mentindo. E por que faria isso? A menos que… tenha alguma coisa a esconder. Ou não tenha ideia de quem é.

— Quem? — pergunta Nyelle enquanto seguro a porta aberta para ela.

Hesito de novo. Se eu a desafiar, dizendo que é Nicole, há uma possibilidade de que nunca a veja de novo. E acabei de recuperá-la, bem… de alguma forma.

— Ninguém — me recomponho rapidamente enquanto ela anda ao meu lado. — Esquece.

Esbarro em alguém na saída. Olho para baixo e vejo Carly. Antes de me dar conta do que está acontecendo, uma bofetada ardida atinge meu rosto.

— Caramba, Carly! Por que fez isso?

— Você é *exatamente* como o resto deles. Não posso acreditar que fui tão burra.

Para mim, já chega. Ela tornou minha vida um inferno essa última semana, e desta vez, sei que não mereci.

Então, quando ela está indo embora, elevo a voz.

— Você terminou tudo, Carly. Você terminou para poder ficar com outro cara. Então apenas… me deixe em paz!

Os olhos de Carly se arregalam com o susto, e seu rosto se ruboriza. Ela abre a boca, mas não sai nada. Por fim, diz:

— Não se preocupe. Vou fazer isso. — Antes de ir embora como um tufão, ela completa: — Mas vou guardar a camiseta do verdadeiro *Cal*.

Balanço a cabeça, incrédulo, achando graça. Parece que ela entendeu.

— Bom, isso foi divertido — diz Nyelle, rindo, e começa a se afastar.

Sem saber quando vou vê-la de novo, chamo rapidamente:

— Quer carona?

Nyelle hesita, e bem quando acho que ela está quase aceitando, balança a cabeça.

— Não, obrigada, vou andando. Mas quem sabe a gente se vê amanhã. — Ela sorri e começa a descer a rua pela calçada.

— Ela deu *um tapa* em você? — diz Rae, gargalhando. — Sério?

— Rae — digo, severo, falando com ela ao celular, e ela para. — Você não está escutando. Acho… tenho quase certeza… essa garota é Nicole.

— O que foi que deu em você ultimamente? — pergunta Rae. — Tem andado esquisito a respeito de Nicole já faz algum tempo. Você precisa parar com essa fixação. Estou começando a me sentir mal por você.

— Não é fixação. E isso não tem nada a ver com ela ter largado a gente no nono ano, Rae. Tem alguma coisa bem estranha acontecendo. E eu não sei o que é. Essa garota é muito igual a Nicole Bentley, é impressionante. Mas age totalmente *diferente* dela. Ela nem fala como Nicole. Estou começando a pensar que ela sofreu um acidente ou alguma coisa assim. Um traumatismo craniano pode causar amnésia e alterar a personalidade das pessoas.

— Você andou assistindo *House* demais — acusa Rae. — A gente mora numa cidade pequena. Você não acha que alguém teria dito alguma coisa? Você sabe que as víboras teriam se jogado em cima de qualquer boato sobre Nicole.

Ela tem razão. Depois de vê-los, no verão passado, continuar com a vida como se ela nunca tivesse existido, sei que eles não têm ideia de onde Nicole está, ou do quanto ela mudou. Teriam dito alguma coisa.

— Verifique o status do Facebook dela. Veja quando foi que ela postou pela última vez — digo.

— Não sou amiga dela, lembra? Nem no Facebook nem em nenhum outro lugar.

— Certo. — Nem eu.

Enquanto a gente ainda está no celular, abro o Facebook no meu laptop e digito "Nicole Bentley". Aparece uma foto dela, usando óculos escuros e ostentando um sorriso brilhante. Clico na página dela, e a foto de capa é o brasão de Harvard. Ela tem mais de mil amigos, mas todas as fotos e posts são privados.

— Cal, você ainda está aí? — pergunta Rae. — As meninas devem chegar daqui a pouco para o ensaio da banda.

— Está bem, até mais — digo a ela, enquanto digito *Nyelle Preston*. — Falo com você depois.

Ainda estou com o celular enganchado embaixo do queixo quando obtenho os resultados. Só existe uma *Noelle Preston*, que não se parece em nada com a garota de Crenshaw. Deixo o celular sobre a mesa e olho para a tela sem prestar atenção nas palavras.

O que será que aconteceu com Nicole para forçá-la a se tornar Nyelle Preston? Continuo voltando à noite de que não consigo me lembrar.

RICHELLE

O dia seguinte à mudança de Nicole

Enfio o último pedaço de panqueca na boca e pulo da cadeira para pôr o prato na pia.

— Onde é que você vai com essa pressa toda? — pergunta minha mãe.

— Vou ver se a garota nova quer brincar — digo a ela, quase correndo até a porta.

— Richelle, está cedo. Talvez seja melhor você esperar que eles acabem de tomar o café da manhã.

— *Eu* acabei. Talvez ela também — grito de volta e abro a porta de tela. — Tchau, mãe!

Corro pela grama e paro nas arvorezinhas entre minha casa e a dela. Enfio a cabeça entre elas e escuto. Não ouço nada. Dou um passo para perto do caminho de entrada e ouço:

— Você botou todas as suas roupas no armário?

Estão acordados.

Pulo por cima das flores plantadas nas laterais do caminho e subo correndo os degraus que levam à porta da frente. Toco a campainha e espero. Mas esperar é difícil. Então toco a campainha de novo.

A sra. Bentley abre a porta.

— Bem, bom dia, Richelle. Você é rápida, não é?

— Nicole pode vir brincar? — pergunto. Estive esperando esse dia durante todo o verão, desde que soube que alguém ia se mudar para a casa ao lado e que eles tinham uma criança que iria para o quinto ano também. Cal estava torcendo para ser um menino, já que ele é o único menino da nossa rua que tem nossa idade. Mas estou feliz que seja uma menina.

Nicole enfia a cabeça ao lado da mãe.

— Oi, Nicole! — digo. Ela vem para a frente e agarro o braço dela. — Quer vir brincar comigo? — Puxo-a pela porta e pelas escadas antes que ela consiga responder.

— Nicole, por favor, tome cuidado. E esteja em casa para o almoço — grita a mãe para ela.

Quando chegamos à calçada, solto sua mão. Ela puxa a saia do vestido azul para baixo, como se estivesse tentando alisá-la. Está com um laço azul combinando na cabeça. Parece que vai para uma festa de aniversário, com seus sapatos pretos reluzentes.

— De onde você veio? — pergunto, descendo a rua na direção das casas de Cal e de Rae. Bem nessa hora, Cal está saindo de casa. — Cal! — corro pela rua. Quando chego à calçada, percebo que Nicole não está mais ao meu lado. Me viro e grito para ela: — Vem, Nicole! Vamos brincar no bosque.

Ela continua andando, sem correr. Deve estar com medo de escorregar com seus sapatos brilhosos.

— Phil já conseguiu acabar? — grita Rae para Cal, cortando caminho pelo quintal da casa dela.

Nicole enfim nos alcança, e nos juntamos a Cal e Rae entre as duas casas.

— Não. — Cal suspira. — Ele leva a vida inteira para fazer qualquer coisa.

— Que droga, nunca vamos ter uma casa na árvore — reclama Rae, como sempre.

— Podemos brincar lá mesmo assim — opino. — Ah, esses são Cal e Rae — digo a

Nicole, que está parada uns dois passos atrás de mim, olhando para o chão.

— Oi — diz Cal. Ela olha para ele e, rapidamente, olha para baixo de novo. Como é que ela pode ter medo de Cal? Ele não tem nada de assustador.

— Oi — diz Rae.

Rae, por outro lado, é bem assustadora, mas só se descobre isso depois de conhecê-la melhor. Por fora, ela parece uma dessas meninas que vendem limonada na vizinhança, com sua trança loira e suas sardas salpicadas pelo rosto. Mas depois de conhecê-la melhor, a gente se dá conta de que ela preferiria jogar limonada na cabeça de alguém em vez de servi-la.

— Do que é que vamos brincar hoje? — pergunto, animada por ter alguém novo no nosso grupo, mesmo que ela não fale.

— Vamos pegar insetos e fazer nosso próprio circo de insetos — sugere Rae.

— Ah, um circo de insetos! — exclamo, imaginando borboletas voando através de aros enquanto eu danço pelo picadeiro. — Vamos! — Começo a correr em direção ao bosque, cortando caminho pela grama alta onde crescem as flores silvestres. Aí paro quando vejo alguma coisa dando um salto à minha frente. Agacho para procurar.

— O que é? — pergunta Cal.

— Psiu. — Estou concentrada no gafanhoto, que parou num talo alto de grama. Tão rápido quanto posso, pego-o, com as mãos em concha em volta dele. Consigo senti-lo pulando. Faz cócegas. Dou um gritinho e abro as mãos, deixando-o cair na grama.

— Por que fez isso? — pergunta Rae. — Você o deixou ir embora.

— A sensação era estranha — respondo, fazendo uma dancinha agitada, pensando nas cócegas na minha mão. Alguém ri. Olho para cima e vejo que é Nicole. É o primeiro som que ouço vindo dela, e me faz rir também.

capítulo 3

Espero perto do café, na manhã seguinte, torcendo para que Nyelle apareça. Vou embora quando não posso mais esperar sem chegar atrasado para a aula de sociologia.

Reclamo baixinho enquanto ando pelo campus, usando o caminho mais curto para Stewart Hall. O dr. Tenor gosta de constranger quem chega atrasado, e eu preferiria não ser a vítima de hoje.

Desço correndo a ladeira que fica atrás do centro acadêmico. Antes de começar a subir do outro lado, paro. Uma garota desce rolando pela ladeira. Fico olhando enquanto ela vem pela inclinação íngreme, num turbilhão de cabelos e de azul, arrastando uma echarpe verde atrás de si. Ela para, deitada de barriga para cima, no espaço plano entre as duas ladeiras, com os braços abertos. E continua deitada ali.

Primeiro, fico chocado demais para me mexer. Não é alguma coisa que eu veja todo dia… ou qualquer dia. Quando ela não tenta se levantar, eu me aproximo aos poucos. Ela não me nota. Seus olhos de um azul vibrante ainda estão voltados para o céu.

— Nyelle?

Ela pisca ao som da minha voz, olha para mim e dá um sorriso tão largo que consigo ver seus dentes de trás.

— Cal!

Sem saber o que dizer para alguém que acabou de rolar, por vontade própria, ladeira abaixo, pergunto:

— Precisa de ajuda para levantar?

— Ainda não. Estou dançando.

— O quê? — O que ela está dizendo não faz sentido. Começo a suspeitar que a teoria da pancada na cabeça pode não estar muito longe da verdade. Ou talvez esteja bêbada.

Os olhos dela se voltam de novo para o céu, e ela suspira profundamente, ainda mantendo o sorriso aberto.

— Faz tanto tempo que eu queria fazer isso.

— Hum, certo — digo, estendendo-lhe a mão. Ela segura com a mão coberta pela luva cortada, e se levanta da grama ressecada.

Não tira a grama morta que grudou no suéter… e em todo canto.

— Tem alguma coisa aqui — digo, tirando a grama presa no cabelo dela. Nyelle sacode a cabeça com força, fazendo o cabelo esvoaçar em torno dela, escapando da boina marrom tricotada. Não resolve, mas ela parece não se importar. O que não se assemelha em nada com a garota que eu conheci. — Está indo para onde?

— Para a aula. E estou atrasado — digo, sem querer ir.

— Vou te acompanhar — oferece ela, caminhando para a ladeira que acabou de descer rolando.

Caminho junto dela.

— Então você tem ímpetos de descer colinas rolando?

— Não. Essa foi minha primeira vez.

— Mesmo? — pergunto, achando graça na resposta dela. — Então o que foi que te fez fazer isso?

— Estava na lista. — Diz isso como se fizesse total sentido, como se eu fosse entender. Só que não entendo. Quando ela se dá conta de que estou esperando que prossiga, exclama, gargalhando: — E foi *divertido*! Fala sério, Cal. Você nunca teve um impulso de fazer alguma coisa só porque é divertido?

— Talvez. — Hesito. — Só não consigo lembrar quando.

— Jura? Que triste. — Ela realmente parece estar com pena de mim. — Você vai comigo da próxima vez.

Dou uma risada.

— Hum, acho que não.

Chegamos no topo da colina e entramos no prédio onde minha aula já começou. Paro no corredor e estou prestes a agradecer pela companhia quando ouço um "Oi, linda" bem atrás de mim. Sei que ele não está falando comigo.

Os olhos de Nyelle se estreitam, e os três caras passam por nós.

— Vai para o inferno.

As palavras dela os deixam surpresos, como a mim. Não tenho certeza de qual deles disse aquilo ou o que pode ter feito para ofendê-la, mas provavelmente nunca vai chamá-la de linda outra vez. Sacodem a cabeça.

— Vaca.

Sinto que deveria defendê-la, mas o sorriso malicioso no rosto de Nyelle me faz ficar calado. Deixo que saiam do prédio sem interferir.

— Você os conhece? — pergunto, tentando entender o que acabou de acontecer.

— Não — responde ela, seca, ainda olhando para a porta.

— Então o que foi aquilo?

— Eles não sabem *nada* sobre mim — diz ela entredentes.

— Certo — comento, balançando a cabeça de leve, confuso pela brusca mudança de humor. Eles a irritaram de verdade. Mas aí lembro com quem estou falando e o que vi na noite da festa de Halloween, e rio comigo mesmo.

— O que foi? — indaga ela, voltando a atenção de novo para mim.

— Andei me perguntando para onde tinha ido.

— Quem? — questiona Nyelle, me observando de perto.

— A garota da máscara.

— Qual delas? — diz ela com um sorrisinho irônico.

Sua resposta me traz de volta para o eixo. Sei que está sendo enigmática. Não é a primeira vez. Mesmo assim, continua me perturbando, porque só consigo pensar sobre o que ela não está dizendo.

Ela se volta para ir embora.

— Tchau, Cal.

— Nyelle — chamo, antes que se afaste muito. Ela fica de frente para mim, e vem na minha direção. — Você tem planos para o fim de semana? Posso te ligar? — Espero que a pergunta não soe tão desesperada quanto o que sinto, mas não posso deixá-la ir sem saber se vou vê-la de novo.

— Não tenho telefone — responde ela, sorrindo de leve. — Vou te encontrar. Prometo.

Empurro a porta da sala de aula, sorrindo à lembrança dela coberta de folhinhas de grama, da boina até a borda do suéter, grudada na minha mente.

— Bem, obrigado por conceder-nos um pouco do seu tempo, sr. Logan! — a voz potente do professor ressoa pela sala. Todos os rostos se voltam na minha direção. Droga.

Inclino a cabeça num pedido de desculpas e afundo na última fileira. Sento na primeira cadeira vazia que encontro.

Acabo prestando pouca atenção à aula, porque fico lembrando da garota que não é quem parece ser. Quem quer que seja, gosto dela. É inesperada e, sim, talvez meio exagerada. Tão diferente da perfeccionista que deixou de falar comigo no ensino médio. E não importa o quanto eu goste da transformação: ninguém muda de maneira *tão* drástica. Não sem motivo.

NICOLE

A semana após a mudança

— **Nicole, você está toda** suja — reclama minha mãe quando volto para casa, depois de passar a tarde correndo no bosque, erguendo rochas e empurrando troncos para achar insetos. Não tocava neles; nem Richelle. A gente só os encontrava, gritava e fazia com que Rae e Cal os pegassem e os jogassem nos baldes.

Olho para o meu vestido azul e vejo a mancha de terra, de todas as vezes em que limpei as mãos nele. E meus sapatos pretos estão cobertos de poeira também.

— Você é uma menina — prossegue ela. — Não deveria se sujar desse jeito! Richelle não gosta de brincar de boneca? Onde é que vocês foram?

Cruzo os braços e baixo a cabeça.

— Desculpe, mãe. Ela estava, hum, me mostrando um lugar com flores lindas, atrás da casa do Cal. — Nunca menti para a minha mãe. Mas fico com medo que ela afaste meus amigos, se achar que são bagunceiros demais.

— Quem é Cal? Você não foi brincar com um menino, foi? — O jeito como ela diz isso faz parecer que brincar com um menino vai me deixar doente ou alguma coisa do tipo. Balanço a cabeça. Acho que não vou conseguir mentir de novo em voz alta.

— Vá se limpar e se trocar antes que seu pai chegue em casa — orienta ela. — Ele vai ficar muito chateado se vir você assim. E devemos deixá-lo alegre, não decepcionado.

— Certo, mãe — respondo, tirando os sapatos para que eles não deixem rastros de sujeira no caminho até meu quarto.

* * *

Na manhã seguinte, estou no quintal, arrumando a mesa cor-de-rosa para um chá de bonecas, quando Richelle vem correndo. Acho que ela não sabe andar. Está *sempre* correndo.

— O que está fazendo? — pergunta enquanto ponho a xícara no pires.

— Brincando — respondo, arrumando a cadeira como minha mãe faz na mesa de jantar.

— Quer brincar com a gente? — pergunta ela.

— Hoje não — digo. Não quero contar a ela que minha mãe me disse para não me sujar. Para me comportar como uma moça. E isso quer dizer que não posso brincar no bosque.

— Bom, posso brincar com você, então?

Levanto os olhos, surpresa.

— Você quer brincar de chá comigo?

— Claro! — responde ela, animada. — Espera. Vou colocar um vestido também. — E sai correndo, passando entre os pinheirinhos, até a casa dela.

Richelle voltou todas as manhãs durante a semana. E ia brincar com Cal e Rae depois do almoço. Tentei não ficar muito triste com isso, mas estava. Ouvia-os rir, ou Richelle e Rae discutindo como sempre fazem, do meu quintal. Tentava ignorá-los e fazer outra coisa para me sentir ocupada. Ajudava minha mãe a arrumar flores do nosso jardim nos vasos, a guardar as

coisas em casa ou a fazer o jantar para o meu pai.

No fim de semana foi pior, porque a família de Cal fez um churrasco. Convidaram nossa família, mas tínhamos que visitar minha avó. Não tem crianças onde a minha avó mora. Só outros velhinhos.

Agora que finalmente a segunda-feira chegou, mal posso esperar para ver Richelle. Fico perto das árvores, esperando por ela. Tenho muita vontade de ir até a casa dela para perguntar se não quer vir para cá, mas minha mãe diz que não é educado chegar sem ser convidado. Ainda que eu esteja convidando Richelle para vir para a *minha* casa. Mesmo assim, minha mãe não deixa.

Quando Richelle finalmente desce as escadas pulando, começo a sorrir, até ela começar a andar na outra direção, para a casa de Cal. Ela quase tropeça no cadarço do sapato, e se abaixa para amarrá-lo. Quando olha para cima, me vê. Não digo nada. Ela acena.

— Oi, Nicole! Adivinha?! — Ela corre até mim, com o rabo de cavalo balançando. — A casa da árvore *finalmente* ficou pronta. O pai do Cal recebeu gente da família no fim de semana, e os parentes ajudaram a acabá-la. Quer ver?

Abro a boca para dizer sim, porque estou animada para vê-la também. Mas aí olho para o meu vestido rosa e meus sapatos brancos e fecho a boca.

— Eu… bem. — Queria dizer a ela que não posso me sujar, que moças não brincam no bosque. Mas não quero que ela ache que estou dizendo que ela não é uma moça. Não quero magoá-la.

Richelle pega minha mão.

— Vem. — Ela praticamente me arrasta até a casa dela.

— Eu devia avisar à minha mãe que estou aqui — digo a ela, olhando por cima do ombro para a minha casa.

Entramos na sua casa, e a mãe dela vem da cozinha.

— Oi — diz ela. — Você deve ser Nicole. Sou a sra. Nelson, a mãe da Richelle.

— Oi — respondo, cruzando os braços. — Richelle me trouxe, mas eu preciso perguntar à minha mãe se não tem problema.

— Eu ia mesmo até lá fazer uma visita. Digo a ela que vocês duas estão brincando. Richelle, onde é que vocês vão?

— Para a casa da árvore — diz ela.

— Hum — digo, com o coração batendo bem rápido. — Eu não…

— Não tem problema — garante Richelle. — Mãe, a sra. Bentley não gosta que Nicole se suje. Então vou emprestar uma roupa minha a ela, para que não leve bronca. Tá?

Não consigo acreditar que ela disse isso à mãe.

A sra. Nelson sorri.

— Entendo. Esse vestido é muito bonito. E o bosque não é o melhor lugar para sapatos brancos. Está certo.

Richelle corre pela escada. Hesito, olhando para a sra. Nelson, porque ainda não estou certa de que não vou ter problemas.

— Não vou contar, tá? — Ela pisca para mim.

Sorrio.

— Tá.

Subo pela escada bem na hora em que Richelle grita:
— Nicole, você está vindo?!

capítulo 4

Arrasto meus pés pela cozinha, enterrando um boné de beisebol na cabeça.

— Cara, você está um lixo. O que foi que fez na noite passada? — pergunta Eric, empoleirado em cima do balcão, comendo uma tigela de cereal.

— Não consegui dormir. Tive uns sonhos loucos — conto a ele, tentando fixar as imagens da noite em que ouvi Nicole gritando com os pais. Estão voltando aos poucos, mas ainda não o suficiente para que eu consiga formar um sentido com elas. — Preciso ir para o campus e acabar o trabalho de contabilidade antes da aula.

— Peça um expresso duplo hoje.

Me encolho.

— O último sonho que tive antes de acordar foi com Carly me jogando dentro de uma xícara de café pelando, do tamanho de uma piscina. Acho que vou passar desta vez.

— Certo, e isso vai durar cinco minutos inteiros — zomba Eric. — Vamos dar uma festa no sábado. Ponho seu nome na lista?

— Acho que sim — digo em voz baixa, sem realmente me preocupar com o fim de semana. — Vejo você depois. — Visto a jaqueta e pego as chaves da caminhonete do gancho na parede, no caminho para a saída.

Dez minutos depois, me dou conta de que estou dirigindo para o Bean Buzz. Sigo no piloto automático e nem percebo para onde estou indo até estar quase lá.

Não vejo Nyelle há uma semana. E não é porque não tenho procurado por ela. Não sei por onde anda essa garota. Pelo meu caminho é que não é. Acho que ela está me evitando. Por isso, a última coisa que espero ouvir na fila do café é:

— Oi, Cal. Alguma chance de pegar carona com você hoje?

Estou tão cansado que acho que estou ouvindo coisas.

— Cal?

Viro e vejo Nyelle olhando para mim com um jeito estranho.

— Está tudo bem?

Talvez ela não esteja me evitando.

— Ah, oi. Só preciso de café — respondo, dando um passo na fila. — Bom, é, posso te dar carona.

— Que bom! Obrigada — diz ela, animada, e se esparrama de novo na cadeira de couro, com uma caneca de café imensa nas mãos.

Me aproximo do balcão.

— Oi, Mel. Será que meu expresso pode ser duplo hoje?

Ela não responde. Em vez disso, olha para o copo que está segurando, com meu nome escrito nele, e de volta para mim com um olhar assassino.

— Desculpe. Não queria te incomodar.

— Ah, não tem problema, *Cal* — diz ela, sem um pingo de sinceridade, jogando meu copo na cesta de lixo atrás dela. Faz um sinal com a cabeça na direção da área de receber os pedidos do balcão, como se me enxotasse. Está meio que me assustando.

Fico atrás de um cara de sobretudo e espero meu pedido. Não consigo lembrar quando foi a última vez que precisei esperar. E continuo esperando, mesmo depois que as três pessoas que estavam atrás de mim na fila recebem seus pedidos. Obviamente, essa é minha punição por não ser previsível. Lição aprendida.

Quando finalmente vou embora com meu copo, Nyelle está parada ao meu lado.

— Por que demorou tanto?

— Não brinque com Mel — é só o que digo. — Está pronta?

— Estou — responde ela. Percebo que não carrega nada, a menos que esteja embaixo do casaco. E, considerando que ela está vestindo uma jaqueta comprida que parece grande o suficiente para um jogador de beisebol, é uma possibilidade. O casaco marrom chega até seus joelhos e cobre completamente suas mãos. Os braços dela fazem um chiado quando anda, e me lembram os macacões de neve que vestíamos quando éramos crianças, nas poucas vezes do ano em que nevava de verdade em Renfield.

— O que é que você tem feito? — pergunto quando chegamos à caminhonete, tentando parecer despreocupado mas querendo saber para onde é que ela desaparece e por que motivo não consigo encontrá-la.

— Não sei — diz ela, dando de ombros. — Tenho feito coisas.

Ela não vai tornar nada mais fácil para mim, estou vendo.

— Qual é seu curso, afinal? — pergunto depois que saio com o carro. Vou me conformar com *qualquer* informação, mesmo que seja boba.

— Ainda não decidi.

— Nem eu — digo a ela, e espero para ver se ela responde. Nada. Está me deixando maluco.

— Onde estudou no ano passado? — É difícil imaginar que ela possa ter frequentado Crenshaw sem que eu a tivesse visto pelo menos uma vez. Seria impossível não reparar nela.

— Passei o ano viajando pelo mundo.

Não tenho ideia se está dizendo a verdade.

— O mundo? É mesmo? — pergunto, hesitante.

— É. — Nyelle enfia a mão no bolso da jaqueta, sem explicar, e tira um saco de balas de alcaçuz vermelhas, em tirinhas. Pega uma no pacote e me oferece. Balanço a cabeça.

— Parte do café da manhã?

— Não, é só um hábito — responde ela, enfiando a tirinha vermelha na boca.

Deixo para lá. Não estamos tendo uma conversa de verdade: só uma sequência de frases incompletas. E estou cansado demais para entender o significado. Então fazemos o resto do caminho em silêncio.

Quando chegamos ao campus, a cafeína finalmente está fazendo efeito, mas já estou ansiando pelo cochilo que planejo dar após a aula de contabilidade. Minha aula seguinte é só à noite, de modo que posso, se quiser, dormir a tarde inteira. Neste momento, não parece má ideia.

— Vou até o centro acadêmico, caso queira vir — sugiro depois que estacionamos na minha vaga. — Preciso acabar o resto dos trabalhos antes da aula.

— Posso ir para qualquer lugar — responde Nyelle, com a tirinha de alcaçuz pendurada na boca.

— Então por que você queria uma carona até o campus? — pergunto.

— Porque sabia que você estava vindo para cá — responde ela, o que não é uma resposta de fato. Por que será que continuo tentando?

O ar gelado de novembro nos atinge como uma chicotada enquanto atravessamos o campus. Jogo o copo de café na lixeira e enfio as mãos nos bolsos da jaqueta, praguejando por ter esquecido as luvas.

— Droga — murmuro quando vejo Corinne vindo em nossa direção pela grama. Antes de poder explicar, me escondo na entrada da biblioteca de Direito.

Nyelle aceita meu comando e se encosta na parede de tijolos da entrada.

— É a Psicopata, armada de café? — murmura, zombeteira.

— Não — resmungo. — Não é a Carly.

Nyelle tenta espiar.

— Por favor, não.

Ela me fita com uma interrogação no olhar.

— Certo.

Sei como devo parecer idiota, me escondendo de *mais uma* garota, mas não vou conseguir dar conta do entusiasmo borbulhante de Corinne neste momento. Não tenho a energia necessária.

— Outra ex? — diz Nicole com um sorrisinho.

Aperto os dentes e baixo os olhos, fazendo um leve sinal de assentimento.

— Nossa, Cal. Quantas você tem? E quanto tempo demora para você atravessar o campus, se escondendo por travessas e ruelas o tempo todo?

— Não é assim, tá? — tento explicar. — Corinne não é *má*. Ela é uma garota bacana. Mas todas as vezes que ela consegue me encurralar, fico preso ouvindo tudo o que ela fez desde que me encontrou da última vez. Estava só… querendo evitar isso agora de manhã.

— Ficar aqui é tãão melhor — diz ela, encostando-se no prédio e me fitando com olhos azuis brincalhões.

— Acredite em mim. É.

Quando Corinne passa por nós, suspiro de alívio.

— Tudo bem. Podemos ir.

— Sério, quantas tem? — pergunta Nyelle andando pelo pátio. — E o nome de todas elas começa com C?

Sei que ela está se divertindo, mas não posso dizer o mesmo. De fato, não tenho o hábito de me esconder das minhas ex, embora as evite quando necessário. Nyelle apenas estava por perto quando aconteceu… duas vezes. Não é exatamente a imagem que eu queria passar.

— Não sei — digo, evasivo, incapaz de olhar para ela. — Tive algumas.

— Ficantes ou namoradas?

— Namorei com todas elas.

— *Todas*?

Escondo as mãos nos bolsos da frente de novo e continuo andando com a cabeça baixa, evitando o tom de acusação.

— O que aconteceu? O que havia de errado com *todas* elas?

— Nada. Menos Carly, que acabou se mostrando uma louca. Mas em geral são bacanas. É só… — dou de ombros e tento andar mais rápido, querendo chegar logo ao centro acadêmico

para que possamos parar de conversar sobre as garotas com quem saí.

— Então por que você terminou? Estou supondo que foi você que fez isso.

— Em geral — digo, baixinho.

— Então… — Nyelle continua e não deixa o assunto morrer. Para de andar quando chegamos mais perto. — Conta aí. O que aconteceu?

Me viro de forma abrupta para encará-la, e solto:

— Elas não eram quem eu precisava que fossem, entendeu?

Ela me observa, pensativa.

— *Precisava* que fossem? O que isso quer dizer?

Dou um gemido.

— Isso vindo da garota repleta de respostas enigmáticas? Acho que vou parar por aqui.

Continuo a andar sem me preocupar em ver se ela está vindo atrás.

— Cal, conta — Nyelle pede, ao meu lado, enquanto procuro uma mesa vazia. — Quem você precisa que elas sejam?

Não respondo. Vejo dois caras levantando e caminho para pegar a mesa antes que outra pessoa o faça. Nyelle senta-se à minha frente, e eu acomodo minha mochila no banco.

— Está com fome? — pergunto. — Ainda não comi nada.

Ela reconhece que estou evitando o assunto e explica, com cuidado:

— Não estou julgando, Cal, juro. Só estou interessada em saber por que você deixou um mar de corações partidos pelo campus. — Rio, e os lábios dela se curvam num sorriso inocente. — Conta, por favor. Quem é que você está procurando?

— Já volto — digo, precisando dar um tempo desse interrogatório e decidir se quero mesmo explicar o que desejava dizer quando fui um pouco sincero demais.

Pego dois sanduíches e uma garrafa de água e volto para a mesa, para encontrá-la esperando ansiosamente, o queixo pousado nas mãos.

Contra minha própria vontade, confesso:

— Estou procurando a garota de quem sentirei falta se deixá-la ir.

Nyelle pondera, pensativa, por um instante.

— Sua garota *e se*. Gosto disso.

— Minha o quê? — pergunto, com a boca cheia de sanduíche.

— Sua garota *e se*. Você namora uma atrás da outra para não sentir falta delas quando acaba, no caso de uma delas ser *ela*.

Dou de ombros.

— Nunca pensei de verdade no *porquê* de namorá-las. Só pensei no motivo de não ficar com elas.

— Já houve alguma que deixou você?

Me recosto no banco e olho dentro dos olhos intensos dela. Hesito antes de responder, incapaz de ser totalmente sincero.

— Não.

— Nem na sua cidade natal? De onde você é, aliás?

Preciso fazer um enorme esforço para não engasgar com a comida na boca quando ela pergunta isso. Estou fazendo tudo que posso para pensar nela como Nyelle Preston, e não como Nicole Bentley, aí ela faz uma pergunta que traz tudo de volta, e não consigo deixar de ter

vontade de perguntar o que aconteceu com ela. Mas e se eu a assustar e nunca mais a vir de novo? Já é difícil o suficiente não saber *quando* vou vê-la. Não quero estragar tudo fazendo a pergunta errada cedo demais. Preciso esperar até que se sinta pronta para me contar.

— Moro numa cidadezinha no norte da Califórnia, perto de Sacramento. — Não consigo olhar para ela enquanto digo isso. É como se fosse eu que estivesse mentindo.

— Nossa. Você está longe de casa. Por que escolheu Crenshaw?

— É uma boa universidade — digo, sem responder à pergunta. Poderia dizer a ela que eu queria ficar longe da família, mas não é verdade. Gosto da minha família. Poderia dizer que o ensino é bom na minha área, mas ainda não decidi qual será. — Na verdade, eu ia para a UCLA, mas… mudei de ideia no último minuto.

Ela sorri como se eu tivesse revelado alguma coisa interessante.

— Você tomou uma decisão aleatória que pode afetar o resto da sua vida, só… porque sim?

— Acho que é isso. — Dou de ombros.

— Você namorava uma atrás da outra no colégio também?

Caio na gargalhada. Se há alguma coisa que ela deveria se lembrar sobre mim, é que eu estava longe de ser o cara mais desejável da escola. É verdade que tive algumas namoradas ao longo dos anos, mas…

Continuo no jogo.

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Eu era… bem diferente no ensino médio. Nunca tinha me dado conta do quanto, até voltar para casa no último verão.

Um jipe vermelho para no final da entrada da garagem, e Craig Mullins se ergue, se segurando na barra protetora e se inclinando para fora, por cima da porta.

— Quando foi que voltou? — grita ele, por cima da música estridente que escapa do som do carro.

— Algumas horas atrás — grito de volta.

— Estamos indo para a Carter's. Quer vir?

Olho para Rae, sentada ao meu lado no sofá laranja-vômito e marrom-cocô na garagem dela. Ela dá de ombros.

— O lugar mais quente de Renfield é a sorveteria. Patético. — Ela se levanta do sofá e vai até o jipe. Vou atrás dela.

— Como está minha pequena e radiante Rae? — pergunta Brady, do assento do motorista, enquanto ela sobe na traseira. Rae mostra o dedo médio a Brady. — Alegre como sempre. Que bom.

Craig me dá uma olhada estranha quando eu deslizo para junto dela.

— O que diabos aconteceu com seu cabelo, Logan? Você tem uma banda ou alguma coisa assim?

Nem me preocupo em responder, e jogo para trás os cabelos que caem sobre meus olhos. Não planejei deixá-los crescer. Sempre os mantive curtos. No terceiro ano, eu os cortava na máquina dois. Mas não me preocupei em cortá-los depois que fui para Crenshaw, e agora eles estão totalmente sem corte.

— Vai trabalhar para o seu tio este verão? — pergunta Brad enquanto dirige.

— Vou — respondo. — E vocês, o que vão fazer?

— A mesma coisa que todo verão — Craig se volta para falar conosco. — Cuidar do jardim para o pai do Parker e tomar cerveja no lago. Cara, você está… diferente.

— Bem, certo — respondo, sem querer aprofundar o assunto.

— Rae, ouvi falar da sua banda de garotas — diz ele. — Já tocou em algum lugar?

— Ainda estamos ensaiando — responde ela.

— Bom, você pode tocar em qualquer festa que eu der este verão — diz Brady, olhando para nós pelo retrovisor.

— Certo, se a gente quiser tocar para as paredes — zomba Rae.

— Ei, minhas festas são incríveis.

— Qualquer festa em Renfield é boa — diz Craig, rindo. — Essa cidade é pequena demais para não aparecer todo mundo.

Dez minutos depois, chegamos ao estacionamento de terra batida da sorveteria Carter's. Era nesse lugar que todo mundo queria trabalhar no ensino médio. O pessoal mais popular conseguia que seus amigos fossem contratados aqui todo verão. Então, basicamente… eu nunca trabalhei aqui.

Está lotada, como de costume nessa época do ano. Enquanto nos aproximamos, tento me preparar para o reencontro do pessoal do colégio que está prestes a acontecer.

— Pega a mesa de piquenique — diz Rae enquanto o grupo vai embora. — Vou pedir uma casquinha para você.

Brady senta em cima da mesa, ao meu lado, enquanto Rae e Craig entram na fila comprida.

— E aí, teve algum caso emocionante? — pergunta Brady.

Estou distraído demais pelos quilômetros de pele bronzeada vindo na nossa direção para responder. Sinto como se estivesse assistindo a uma dessas propagandas de lâmina de depilação feminina, que exibem pele suave, sedosa. Parece até que estão andando em câmera lenta. Mas Neil Talbert vem se arrastando atrás delas, como se estivesse bêbado. Meus olhos vão de rosto em rosto. Alguma coisa não está certa. Nicole não está com elas.

— Ei, Brady — diz Heather, aproximando-se. — Quem é esse?

Ela me examina de cima a baixo, sem tentar ser discreta.

— Hum, é o Cal, Heather — diz Brady a ela, como se fosse louca. — Cal Logan.

Ela inclina a cabeça, confusa.

— Ele se formou com a gente — continua Brady, sem acreditar.

Passo a mão pelo cabelo para tirá-lo do rosto, tentando não parecer tão constrangido quanto estou.

— Hum. Acho que não me lembro de você — diz Ashley, ao lado dela, me mapeando com os olhos também.

Heather descarta o comentário balançando a cabeça.

— Você realmente precisa ir à festa em Gosland's End hoje à noite.

— Onde está Wally? — grita Neil, chegando por trás de Ashley e agarrando a bunda dela. Ela dá um pulo e bate no braço dele.

— Tire as mãos de mim, Neil — diz, com repugnância. Depois, volta a atenção para mim

de novo. — É você? Ei, você… cresceu.

O tom sugestivo dela faz com que eu me pergunte que droga está acontecendo.

No começo do ensino médio, eu tinha uns bons dez centímetros a menos, usava óculos de aros redondos e pretos, e era mais magro e mirrado do que todo mundo. Neil gostava de perguntar "Onde está Wally?" onde quer que me visse, e em algum momento isso pegou. Essa brincadeira estúpida me acompanhou por todas as festas do ensino médio. Não era engraçado na época, e continua não sendo engraçado agora. Nunca bati em ninguém, mas sempre quis tirar aquele sorriso de satisfação da cara dele com um soco.

— Wally, o que aconteceu com você? Está todo musculoso. Você está tomando esteroides? — pergunta Talbert.

— Deixe de ser mala, Talbert — diz Craig, voltando para a nossa mesa e entregando um milk-shake a Brady. — Todos nós sabemos que você é o único aqui que se liga em esteroides. Já vimos como seu pau é pequeno e isso não é natural.

— Vá se ferrar, Mullins. — Talbert dá um passo na direção dele, com os punhos fechados.

— Para de querer bancar o machão agora, Neil. — Vi dá uma gargalhada. — Sabe que ele vai acabar com você.

Ele lança um olhar furioso na direção dela e se afasta. Vi revira os olhos. Todo mundo sabe que o toleram apenas porque Nicole namorou Kyle nos últimos anos do ensino médio. Só que… agora, Nicole não está aqui.

Porque tenho quase certeza de que ela está sentada à minha frente fazendo de conta que é outra pessoa.

— Para onde você foi? — pergunta Nyelle, me trazendo de volta das lembranças. Quero perguntar a mesma coisa a ela.

— Só estava pensando — respondo, sem querer prolongar o assunto.

Nyelle levanta o braço de repente e acena com entusiasmo. Viro para ver de quem é que está tentando chamar a atenção e vejo Tess passando pelas portas duplas de vidro. Ela sorri quando nos avista.

— Ela gosta de você, sabe — diz Nyelle baixinho, debruçando-se sobre a mesa.

— Eu sei — respondo, observando Tess cruzar a sala.

— Não deixe que ela seja outra das suas vítimas — avisa ela — ou vai se ver comigo.

Me viro para encará-la, e os olhos de Nyelle se fixam nos meus. Ela está séria.

— Não planejo fazer isso — garanto-lhe, sem desviar o olhar.

— Oi, gente — diz Tess, quebrando nosso desafio silencioso. — Está tudo bem?

— Estou aqui para te ajudar a estudar! — exclama Nyelle, pulando do banco. — Quer ir até a biblioteca?

— Bem, quero — responde Tess devagar, surpresa com aquilo. — Obrigada. Achei que você não tinha tempo.

— Mudança de planos — diz Nyelle. — Vejo você depois, Cal. Obrigada pela carona.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça. Tess acena enquanto elas se dirigem para as escadas que levam à biblioteca.

Pego meu trabalho de contabilidade, mas não consigo me concentrar. Continuo pensando nas informações esparsas que Nyelle me deu de manhã sobre si mesma, pensando se ela estava mesmo viajando no ano anterior. E o que a teria trazido a Crenshaw? Havia um número limitado de coincidências que eu estava preparado para aceitar antes de parar de acreditar nelas de vez.

RICHELLE

Agosto — antes do quarto ano

— **Cal e Rae vão** se encontrar conosco na casa da árvore — grito de volta para Nicole enquanto corro pela rua. Estou começando a duvidar que ela saiba correr. Paro na calçada e espero que ela me alcance. — Vamos pegar algumas flores para deixá-la bonita.

— Certo — responde ela, puxando a borda do short que lhe emprestei. Faz isso com frequência. Acho que nunca usou short na vida dela. Também pegou uma camiseta emprestada, e minha mãe lhe comprou um par de tênis, embora ela não saiba disso. Acha que os tênis são meus também. Minha mãe não quis que ficasse constrangida.

Não sei como ela vai correr sem tênis nas aulas de educação física. Talvez realmente não corra. É esquisito. Mas é minha amiga, então não me importo.

Passo pelo quintal de Cal, na direção do bosque, e começo a colher flores selvagens. Gosto muito das margaridas branquinhas, então pego todas que consigo. Nicole pega umas flores rosas e azuis. Não é fácil quebrar os caules. Algumas saem direto da terra, pela raiz. Dou de ombros. Continuam bonitas.

— Adoro flores — digo a Nicole, cheirando-as. Mesmo que não tenham muito cheiro.

— Minha mãe me deixa ajudar com as flores — ela me conta. — Ela pertencia a um clube de jardinagem lá onde a gente morava, e eu ia com ela às vezes. Tinha tanta flor bonita.

— Acho que prefiro as selvagens — explico. — Crescem onde querem. Ninguém precisa plantá-las. E depois as sementes vão com o vento, e encontram outro lugar para crescer.

Nicole para, pensa um pouco e concorda.

— Acho que também prefiro as selvagens.

Pego as flores da mão dela e corro pelo bosque, parando algumas vezes para que ela me alcance. É difícil esperar, então às vezes corro de volta até ela, para depois correr para a frente de novo. Ela não está mesmo com pressa de chegar a lugar nenhum.

Quando por fim alcançamos a casa da árvore, Rae está sentada no chão, encostada na árvore, com Cal sentado ao seu lado.

— Até que enfim — bufa Rae, ficando em pé. — Cal, podemos subir *agora*? — Aí ela vê as flores que estou segurando. — De jeito nenhum. Você não vai botar *flores* na casa da árvore. É um *forte*, não uma casa de bonecas.

Ignoro-a e sigo em direção à escada. Ela entra na minha frente, cruzando os braços.

— Vamos lá, Rae. Sai do caminho! — peço. Ela não se mexe.

— Cal, diga a ela que eu posso botar flores na casa da árvore.

Olho para Cal. Ele olha para Nicole.

— O que você acha?

Nicole olha de mim para Rae. Estou com medo que ela não diga nada porque não fala muito… nunca.

— Richelle estava animada de pegar as flores para a casa da árvore. Acho que ela vai ficar triste se não puder enfeitá-la.

Sorrio.

— Rae, deixe ela colocar as flores na casa da árvore — diz Cal. Ele está acostumado a ser

o que resolve os impasses, e em geral o que ele decide é o que é feito. Fora isso, ele não liga muito para o que a gente faz, contanto que não seja brincar de bonecas ou de casinha.

— Venha, Nicole — Cal diz. Ela caminha na frente dele, e ele espera que comece a subir antes de segui-la.

— Está bem — resmunga Rae. — Vão murchar de qualquer jeito.

— Aí eu pego outras — respondo, irritada. Começo a subir a escada. Cal olha para mim lá de cima e sorrio de volta para ele.

capítulo 5

— Com licença.

Ergo os olhos e me dou conta de que há várias pessoas tentando sair da fileira, e ainda estou sentado. A tela do meu MacBook está apagada. Não tenho ideia do que aconteceu na aula porque passei o tempo todo pensando em quando veria Nyelle de novo. E agora… acabou. Vou precisar pedir emprestadas as anotações do cara que senta ao meu lado.

— Desculpe — digo à garota que está passando.

Fecho o computador e pego minha mochila. Ainda estou pensando em Nyelle enquanto sigo a manada de mochilas até a saída. Fico tenso todas as vezes que ela vai embora. Detesto não poder entrar em contato com ela. Fico à mercê das suas aparições aleatórias, o que é uma droga. Da última vez, demorou uma semana para que eu a visse de novo. Me pergunto quanto vai demorar desta vez.

Empurro as portas duplas e saio ao sol ofuscante. Agora que estamos quase em dezembro, a temperatura pode flutuar de "polar" a "dia fresco de outono". Hoje o tempo está cooperando, e uso apenas uma camiseta. Parece o clima de Renfield, o que me lembra que eu deveria provavelmente ligar para Rae e ver como é que ela está se saindo por lá. Sei que se sente presa naquele lugar. Mas estarei lá em pouco tempo.

Pego meu celular, mas hesito quando reparo nos cabelos castanhos ondulados esvoaçando ao meu lado. Nyelle está andando ao meu lado. Mas de onde veio?

— Oi.

— E aí — responde ela, informalmente.

— Dois dias seguidos. É… inesperado — digo.

— Você está fazendo o registro de quando me vê? Uau, Cal. Estou lisonjeada. — Ela está zombando de mim, e agora eu preferia não ter falado disso.

Estou prestes a atravessar a rua quando ela dobra à esquerda.

— Para onde você vai? — Sei que teria continuado se eu não dissesse nada.

Nyelle para e se vira na minha direção. As pessoas continuam passando entre a gente, e vê-la fica difícil para mim. — A Árvore Doce. Quer vir?

— Claro — respondo, cauteloso. Nunca ouvi falar do lugar.

Atravesso o fluxo contínuo de pedestres e continuo andando com Nyelle, que me leva para fora do campus. Está usando a jaqueta marrom de novo, apesar de o dia estar mais quente.

— Não está com calor com essa jaqueta?

— Não estou usando nada por baixo — responde ela sem piscar.

Meus olhos se arregalam. Ela ri.

— Ei, Cal. Relaxa. Estava só brincando. Preciso dessa jaqueta, e estou usando uma camiseta de alcinhas por baixo. Mas obrigada pela preocupação.

Contraio os lábios e concordo com a cabeça.

Atravessamos uma rua que nos leva para fora do campus, a uma área residencial. Não vejo nada que se pareça com uma loja ou um restaurante.

— Onde é esse lugar? — pergunto quando atravessamos outra rua.

— Agora já estamos perto — explica ela. — Quando é sua próxima aula?

— Daqui a uma hora.

Sigo-a por outra rua.

— Chegamos.

À nossa frente se estende um parque amplo com quadras de beisebol e de basquete e com uma área de brinquedos. Estou tentando entender onde é a Árvore Doce quando ela vai em direção a um banco. Talvez tenha mudado de ideia. Estou quase sentando no banco quando ela se aproxima da árvore atrás dele.

Nyelle apoia o pé num "V" de onde saem vários galhos e se pendura no que está acima da cabeça a fim de se içar para o alto. Minha boca se abre, mas não digo nada. Ela sobe mais um metro e meio antes de olhar para baixo.

— Você vem?

— Você quer que eu suba em uma árvore?

— Você não precisa, mas eu vou. Mas me diga, quando foi a última vez que você subiu em uma árvore?

— Hum, não subo desde que era criança. E lá na nossa… na minha cidade, há muitos pinheiros. Não dá para subir.

— Vem — ela me encoraja mais uma vez. — Vamos subir juntos.

Olho em volta para ver se há alguém prestando atenção. É maluquice. Mas vou atrás dela mesmo assim, para cima da árvore.

Nyelle escolhe um galho grosso, perto do topo, para sentar, e escolho um que parece sólido, perto do dela, me segurando no que fica acima. Nunca pensei que tinha problemas com altura, mas o fato de não poder ver o chão através do emaranhado de galhos, e de estarmos acima dos fios de eletricidade, está deixando minhas mãos meio úmidas.

— Gosto de ficar aqui em cima — diz Nyelle com um suspiro profundo, como se estivesse no topo de uma montanha, apreciando a paisagem. Está encostada no tronco, com uma perna descansando no galho e a outra pendurada. — Esse é um ótimo lugar para pensar.

— Você faz isso com frequência? — pergunto, olhando para um grupo de meninos que se aproxima da árvore, quicando uma bola de basquete. Continuam na direção da quadra sem notar que estamos aqui em cima.

— Pensar? Só quando preciso — retruca ela, sarcástica.

— Ótimo — respondo. — Não, quero dizer, você sobe muito nessa árvore?

— Essa é a primeira vez.

— Você nunca veio aqui antes? Mas parecia saber aonde ia. — Essa garota continua me confundindo.

— Eu sabia que tinha um parque aqui — explica ela. — Então, imaginei que também tinha uma árvore em que desse para subir. A árvore perfeita para sentar e… refletir sobre a vida.

— Outra primeira vez para você, é? Essa está na lista também?

Ela faz que sim com a cabeça.

— E por que você chama de Árvore *Doce*?

Nyelle enfia o braço, até o cotovelo, no bolso do casaco, e tira um pote de cobertura de baunilha.

— Gosto de comer alguma coisa doce quando estou pensando.

— Claro que sim. Eu deveria saber — Balanço a cabeça e dou uma risada. — E é por isso que está usando o casacão, para carregar os doces. O que mais você tem aí?

— O que mais você quer? — responde Nyelle com um sorriso maroto. Tira a embalagem plástica e o alumínio que cobre o pote, antes de enfiar o dedo e extrair uma bolota de creme branco, que põe na boca. Ela inclina o pote na minha direção.

Ergo a mão.

— Estou bem.

— Experimente — insiste ela. — Vai tornar a experiência de estar aqui na árvore muito melhor. — Hesito mais um instante antes de ceder, e tiro uma porção moderada. Quando a ponho na boca, Nyelle nota minha expressão. — Bom, não é?

Concordo com a cabeça.

— Você tinha razão. A árvore faz todo sentido agora.

— Adoro cobertura — diz ela, sonhadora, ignorando meu sarcasmo. Pega com o dedo mais uma porção. — O que você poderia comer todos os dias sem enjoar?

Depois de engolir mais um pouco de cobertura, respondo:

— Cereal. Acho que poderia comer em todas as refeições.

— Que figura — Nyelle ri. — Eu poderia comer batatinhas fritas para o resto da vida. Eu mudaria a marca e o sabor todo dia. Adoro batatinhas.

— E cobertura — reparo, observando-a se fartar sem cuidado de açúcar com creme.

— Você já comeu batatas fritas com cobertura doce? — pergunta ela, animada, como se fosse a melhor ideia do mundo.

— Não. — Faço uma careta. — Parece nojento.

— De jeito nenhum. Salgado com doce é a melhor combinação de todas. Agora que pensei nisso, vou ter que experimentar.

Dou uma risadinha, esperando que ela tire um saco de batatinhas do bolso. Mas não faz isso.

Nyelle se distrai com um bando de pássaros voando acima de nós, e observa-os pousar em uma árvore do outro lado do parque. Uma brisa leve faz voar algumas mechas de cabelo sobre as bochechas dela. Gosto quando ela usa o cabelo solto, ondulado e selvagem. Seus olhos cintilam, cheios de ideias, apesar de o seu rosto continuar calmo e satisfeito. — Se você pudesse ter um superpoder, qual seria? — Ela olha na minha direção, e me dou conta de que não tirei os olhos dela. Pisco e olho em volta.

— Bem — demoro para responder. Não estava esperando a pergunta. — Estamos *refletindo*?

— Estamos — responde ela, sorrindo. — Não se preocupe. O que se diz na árvore fica na árvore.

Fico na dúvida do quão sinceros seremos.

— Certo — concordo, esperando não lamentar depois. — Acho que… superforça. Provavelmente porque eu era uma criança magrela.

— Você não parece muito magrelo agora — observa Nyelle, inclinando a cabeça para olhar para mim. Mudo de posição, desconfortável.

— Sim, mas isso não muda minha infância. E você?

Seus olhos azuis transparentes examinam o céu. Ela está encostada na árvore, tão

despreocupada como se estivesse sentada no banco abaixo de nós, não no alto de uma árvore.

— Eu queria voar. Mas como se fosse… flutuar. Deixar o vento me carregar e me depositar onde queira. — Ela arqueia o corpo, de olhos fechados, como se estivesse incentivando o vento a levá-la. Seu peito sobe e desce dramaticamente, enchendo os pulmões com o ar do qual quer ser parte. Quando abre os olhos e os volta para mim, me sento ereto e me concentro na folha acima da cabeça dela. Continuo me perdendo nela. Nyelle é diferente de todo mundo que já conheci.

— Acontece de você desejar poder fazer alguma coisa de novo? — indaga ela, com um tom mais sério. Seus olhos estão escuros e perturbados. Pergunto-me para onde será que os pensamentos a levaram naquele momento silencioso no vento. — Tantas vezes penso sobre alguma decisão que tomei e me questiono: "E se eu tivesse feito diferente? Quem eu seria? Como seria minha vida? E se…?" — ela suspira profundamente, deixando o pensamento inacabado.

Sem aviso, a tempestade vai embora dos olhos dela e um sorriso malicioso se abre no seu rosto.

— E se você pudesse recomeçar e fazer alguma coisa outra vez? O que é que escolheria?

Abro a boca, mas não sei o que dizer. A ironia da pergunta dela deixa minhas palavras aprisionadas. Se alguém tem alguma coisa a confessar, é a garota sentada à minha frente.

— Não se torture — diz Nyelle com uma risada. Ela olha para longe, para duas menininhas correndo na calçada. — E se eu tivesse mais um dia?

— Para quê? — pergunto automaticamente.

Ela contrai os lábios e não diz mais nada. Acho que deseja que essas confissões sejam tão enigmáticas quanto todo o resto a seu respeito.

Olho em volta, procurando inspiração, e observo os meninos jogando basquete.

— E se eu tivesse treinado mais?

Nyelle segue meu olhar e sorri.

— Você era ruim no basquete? — Dou de ombros. Não era muito bom no basquete. Consegui entrar no time, só para esquentar o banco. Acho que não era muito difícil de adivinhar. Ou talvez eu seja ruim em ser enigmático também.

— Certo — diz Nyelle, franzindo o cenho, pensativa. — E se eu tivesse sido uma mentirosa melhor?

Rio. Não é isso que ela está fazendo agora mesmo?

— Você lamenta não ser capaz de mentir?

— O que posso dizer? — sorri Nyelle. — Sou capaz de me manter fiel a uma promessa por uma eternidade, mas não me peça para mentir. Vou evitar ter que mentir para alguém como você evita suas ex.

Uau, faço com a boca.

— Prometo nunca pedir a você para mentir por mim. — Só queria que ela parasse de mentir *para* mim.

— Obrigada — responde. — Você é um bom mentiroso?

— Já menti bastante — admito, sem sentir vergonha. — Mas só para não machucar alguém. Ou para não me meter em encrencas, quando criança. Coisas bobas. Nada que fosse moralmente reprovável ou alguma coisa assim.

Essa conversa inteira está me fazendo suar. Não tenho ideia de como ela permanece calma assim. A menos que… ela não acredite de verdade que está mentindo.

— Estou vendo o que está acontecendo, Cal. Você parece todo bonzinho e inocente. Aí parte o coração das garotas enquanto mente para elas sobre o motivo. — Ela balança a cabeça, desaprovando, mas o brilho zombeteiro nos seus olhos a entrega.

— Tenho certeza de que todas se recuperaram — me defendo com um sorriso forçado.

— E se você pudesse namorar uma delas de novo? Faria isso?

Dou um suspiro profundo e tento avaliar a pergunta dela com seriedade. Repasso na mente os rostos das garotas, mas não paro em nenhuma delas, exceto uma. Só que éramos crianças na época, e agora não sei onde ela está.

— Não.

Nyelle abre a boca, surpresa.

— Mesmo? Você não guarda nenhum sentimento por nenhuma delas?

— Acho que jamais as amei de verdade, para começar. Apenas gostava delas. Ainda gosto, da maior parte, mas… — dou de ombros, sentindo o calor subir pela nuca. — E você? Se pudesse dar mais uma chance a algum dos caras que namorou, você daria? — Prendo a respiração, esperando uma reação qualquer.

Ela começa a gargalhar. Não é a reação que eu esperava.

Fico com medo que caia da árvore quando coloca as mãos na barriga e sacode a cabeça. Ela demora um minuto para se controlar, e enxuga os cantos dos olhos.

— Eram tão ruins assim? — Penso em Kyle Talbert, o cara que ela namorou durante a maior parte do ensino médio. E suponho que ela também.

— Os piores.

Não posso concordar mais, a menos que ela tivesse namorado o irmão mais novo, Neil: isso seria *muito* pior. Mas, então, por que ficaram juntos por tanto tempo? Essa talvez seja a não conversa mais estranha que já tive.

— Eu definitivamente quero uma segunda chance. — Ela estremece, me fazendo rir alto. — Isso e meu primeiro beijo. — O nariz de Nyelle franze, e ela põe a língua para fora, de nojo. — Eca.

— Você está conseguindo me fazer sentir pena de você — brinco. — Você tinha um namorado horrível. E seu primeiro beijo foi, sem sombra de dúvida… desagradável.

— Se foi! — diz ela, teimosa. — Meu primeiro beijo foi cheio de língua e baba. Tive até vontade de perguntar a ele se conseguia sentir o gosto do que eu tinha comido no jantar, mas não tive coragem. Dei um jeito de limpar o rosto com a manga depois. Nojento.

— É, parece ruim. — Fico tenso, sem ter ideia de quem deu o primeiro beijo nela. — Já beijei garotas que… exageraram. Não a primeira. Mas mesmo assim. Não é alguma coisa atraente, consigo te entender.

— Tenho certeza de que consegue — diz ela, revirando os olhos. — E me conta uma coisa, se você *pudesse* voltar atrás e refazer suas primeiras vezes, você faria?

— Meu primeiro beijo?

— O primeiro beijo. A primeira vez que transou… — esclarece Nyelle.

Dou uma risada sem graça.

— Certo. Vamos falar *disso*. — Ela faz que sim com a cabeça, me encorajando. — Para ser

sincero, não importa com quem seja. Acho que a primeira vez de todo mundo é meio ruim.

Nyelle ri.

— Você acha?

— Sem dúvida. No caso do cara, tem tanta pressão para ter um bom desempenho, mas é claro que não vai acontecer. A gente não tem ideia do que está fazendo, não importa quantas… enfim, não vai ser bom. E no caso da garota, dói. Como é que pode ser divertido?

— Prefiro pensar que há algumas exceções. — Nyelle sorri, pensativa.

— Sua primeira vez não foi ruim? — pergunto, atônito. Não esperava que Kyle pudesse ter sido muito atencioso. A menos que tenha havido outro antes dele… realmente não quero ficar pensando nisso.

— Quem foi sua primeira? — insiste Nyelle.

— Hum… Lily Graham — respondo, com cuidado, observando-a para ver se há algum sinal de reconhecimento, porque sei que ela a conhece… ou conhecia, quando lembrava das coisas. Nada. Só um erguer de sobrancelhas cheio de expectativa, me encorajando a continuar. — Nada romântico. Já estávamos namorando fazia uns dois meses, no primeiro ano. Lily me convidou para ir à casa dela quando os pais estavam fora, aí decidimos que seria ali. Tinha uma banheira de água morna. Tiramos as roupas. Acabamos deixando o sofá encharcado. Ela ficou mais preocupada com o que os pais iam dizer sobre o sofá do que com o fato de a gente ter transado pela primeira vez. Foi… rápido.

— E o que aconteceu? — Nyelle chega mais perto, tirando com o dedo mais uma porção de cobertura do pote, sem desgrudar os olhos de mim. Não há muito mais a dizer, mas ela está sentada na beira do galho, esperando.

— O que você quer dizer com isso?

— O que aconteceu com vocês dois? Você a amava? Como foi que acabou? Você terminou com ela?

— Bem, não. Não estávamos apaixonados nem nada assim. Quer dizer, estávamos no *ensino médio*. Terminamos dois dias depois.

Os ombros de Nyelle caem, com um desanimado "Ah".

— Desculpe se a decepcionei.

— E quanto ao primeiro beijo? — pergunta ela, erguendo-se de novo.

Paro para relembrar meu primeiro beijo. Sempre considerei que foram dois. O *primeiro* foi, tecnicamente, parte de uma brincadeira. O outro foi por escolha. De qualquer forma, os dois foram com a mesma garota. Minha boca se abre num leve sorriso. Não posso compartilhar isso com ela. Ainda mais porque ela estava lá.

— Essa é a brincadeira mais idiota que existe — reclama Rae, sentada de pernas cruzadas no chão da sala de estar da casa dela, encostada no sofá de estampa xadrez.

— Você não vai dizer isso quando a garrafa apontar para mim — diz Brady, com uma piscadela.

— Eca, que nojo! — Rae faz careta. — Prefiro beijar uma cobra.

— Ah, você quer de língua — diz Brady com um sorriso lânguido, fazendo todo mundo rir. Rae lhe mostra o dedo do meio.

— Bem, tem três garotas e três caras — declara Richelle. — Vamos sentar alternados, e a pessoa mais próxima de onde a garrafa apontar é que vai ser beijada. — Ela encara Brady com os olhos semicerrados. — E sem língua, pervertido.

— Droga! — protesta Craig.

— Nicole, você primeiro — instrui Richelle.

Nicole fica vermelha.

— Eu?

— É. Vá em frente — repete Richelle.

Nicole olha de relance para mim, e faço que sim com a cabeça, encorajando-a. Não quero admitir, mas gostaria que a garrafa apontasse para mim. Já somos amigos há dois anos, desde que ela veio para cá no quarto ano. Mas gosto dela. Sempre gostei. Mesmo que ela seja meio tímida. Não é direta como Richelle. E Rae é mais moleque do que o Brady. Nicole pode não ter muito a dizer, mas continuo achando-a… perfeita.

Prendo a respiração enquanto a garrafa de Mountain Dew gira. Não gira muitas vezes antes de parar entre Richelle e Brady.

— Garota de sorte — diz Brady com um sorriso. Cerro os dentes, pronto para empurrá-lo se a tocar.

Nicole se inclina para o meio do círculo, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Brady também se inclina, provavelmente esperando mais que a bicota que recebe. Acho que ela nem beijou a boca dele.

— Só isso? — resmunga Brady. — Minha avó beija melhor que isso.

— Você é nojento — diz Rae, fazendo uma careta. — Essa brincadeira deve ser sua única oportunidade de ser beijado por uma garota na vida, então é melhor parar de reclamar.

— Minha vez — anuncia Richelle.

— Ei! Pensei que era eu. Estou ao lado da Nicole.

— Primeiro as garotas — diz Richelle a Craig, que revira os olhos.

Ela gira a garrafa com força, mas a garrafa acaba rolando no chão.

— Devagar, lábios de mel — brinca Brady, entregando-lhe a garrafa de volta. Richelle o ignora e gira de novo.

A garrafa dá voltas e mais voltas, até que por fim aponta para o meu joelho. Richelle contrai os lábios para não sorrir.

— Tire os óculos, Cal.

Eu os tiro, e de repente tudo fica fora de foco. Pisco. Mas não importa. Craig poderia me beijar e eu não ia me dar conta.

— Apenas feche os olhos — ela me instrui. Ouço as risadas abafadas dos outros garotos quando obedeço. Fico esperando.

Até que alguma coisa morna encosta nos meus lábios. Não sabia que lábios podiam ser tão macios. E ficam sobre minha boca por um tempo que parece bastante longo. Não ligo. Estou gostando. E quando ela se afasta, sinto o sangue correr pelas minhas veias, e tento de imediato sentar em outra posição. Os caras caem na gargalhada. Quero dizer "Cala a boca", mas não quero que as garotas reparem no que eles claramente repararam.

— Tão imaturos — diz Richelle. Coloco meus óculos no lugar e descubro que está olhando para mim, com as bochechas meio coradas. Ela dá um sorriso de leve, e sorrio de

volta.

— Deve ter sido um beijo e tanto — diz Nyelle com suavidade, me afastando dos pensamentos sobre Richelle. Seus olhos azuis pensativos estão pousados em mim. Nenhum de nós dois diz nada por um minuto inteiro. Nossos joelhos se tocam de leve, e ficamos sentados ali olhando um para o outro. Nenhum dos dois desvia o olhar. Inclino-me e afasto a mecha de cabelo presa na sua boca. Ela prende a respiração. E nesse segundo fico tentado a beijá-la.

Nyelle pisca, como se uma lanterna tivesse sido acesa diante dos seus olhos e, de repente, o instante passou. Recuo, segurando no galho com as duas mãos de novo.

— Gostei — diz ela, inspirando profundamente, de olhos fechados, erguendo os ombros. Relaxa-os em seguida, expirando com força, e dá um amplo sorriso. — Obrigada por ter encontrado a Árvore Doce comigo, Cal. Não há muitos caras que fariam isso.

— Tenho que concordar com você — respondo, assentindo. Preciso de mais um instante para superar o que quase aconteceu. Olho para baixo, para o emaranhado de galhos, e penso: por que eu a segui até aqui em cima? E como diabos vou conseguir descer de volta?

— Precisamos ir, para que você não se atrase para a aula.

Nyelle tampa o pote de cobertura e o enfia no seu bolso-caverna. Ela desce para o galho abaixo, e continua descendo, praticamente pulando para o pé da árvore. Faz isso sem nenhum esforço. Demoro bem mais. Fico tenso a cada galho em que piso, esperando que quebre sob minha bota.

Quando enfim chego ao chão, Nyelle já está na rua.

— Vejo você por aí, Cal.

Sinto um aperto familiar de ansiedade no peito.

— Quer fazer alguma coisa amanhã à noite? A fraternidade do cara com quem divido o apartamento, Delta Ep, vai dar uma festa.

— Amanhã à noite? — Depois de uma pausa pensativa, ela responde: — Talvez.

Antes que eu consiga imaginar um jeito de entrar em contato com ela, Nyelle já começou a andar de novo, mas não na direção do campus. Fico tentado a correr atrás dela, mas preciso ir para a próxima aula.

— *Talvez* — resmungo. — O que ela quer que eu faça com isso?

NICOLE

Outubro — quarto ano

Desço do ônibus e começo a andar em direção à minha casa, ajustando as alças da mochila nos ombros.

— Oi, Nicole — diz Cal antes que eu consiga andar muito. — Onde está Richelle?

— No dentista — digo a ele, em voz baixa. — Onde está Rae?

— Ela e a mãe foram buscar Liam na casa do pai.

— Ah — suspiro.

— Quer ir lá em casa? Meu pai finalmente acabou de instalar o balanço de pneu.

Aliso a frente do meu vestido roxo.

— Hum… acho que sim. Preciso fazer os deveres de casa antes.

— Certo. Até já — responde ele, ajeitando os óculos no nariz antes de sair correndo na direção de casa.

Observo Cal correndo pela rua. Mas, quando me viro na direção da minha casa, me dou conta de que não posso brincar no balanço de pneu com ele. Richelle não está em casa, o que significa que não tenho roupas disponíveis para brincar. E é muito importante para a minha mãe que eu permaneça limpa e arrumada para o meu pai. Tento decidir o que fazer enquanto acabo os deveres. Talvez a gente possa brincar de alguma coisa dentro de casa, em vez disso.

— Mãe, posso ir para a casa do Cal brincar com ele e com a Jules? — pergunto. A irmã de Cal, Jules, está no jardim de infância. Ela é pequena demais para brincar com a gente. Mas minha mãe vai se sentir melhor se achar que Jules também está brincando.

— A sra. Logan convidou você, querida? — pergunta ela, da cozinha. Ouço a porta do forno fechando.

— Cal convidou — conto a ela.

— Deixe-me ligar primeiro para ter certeza de que a mãe dele concorda.

Espero, calada, enquanto ela liga para a mãe de Cal. Quando desliga, me diz:

— Certo. Ela disse que você pode ir. Seja bem-educada e, por favor, esteja em casa às cinco e meia para ajudar a arrumar a mesa para o jantar do seu pai.

— Está bem, mãe — grito antes de abrir a porta de tela.

Cal está esperando por mim no caminho que leva à casa dele. Está com as mãos nos bolsos e esfrega o tênis no chão.

— Oi, Nicole — diz. — Sei que você não pode sujar o vestido, então, se quiser, eu deixei umas roupas no banheiro, para a gente poder brincar no balanço de pneu. Minha mãe diz que vai deixar marcas pretas nas roupas, e achei que você não ia gostar.

Sinto meu rosto ficar vermelho.

— *Suas* roupas? — Chego a pensar que talvez seja melhor voltar para casa. Não posso usar roupas *de menino*.

Cal dá de ombros como se não fosse nada de mais.

— Não importa de quem são as roupas. Quando você está usando, são suas.

Penso no que ele disse por um instante e sorrio. Ele tira os olhos do chão, olha para mim e sorri também, só um pouquinho.

— Obrigada, Cal — digo a ele. — É muito gentil. Já volto. — Entro na casa dele para trocar de roupa.

Cal é mais ou menos do mesmo tamanho que Richelle e eu, então o short e a camiseta cabem em mim. Os sapatos ficam meio grandes, mas tudo bem. Decido que não importa de verdade se são roupas de menino, mesmo que tenha uma bola de basquete desenhada na camiseta. *Eu* continuo parecendo uma garota.

Quando saio novamente, Cal não diz nada sobre minha aparência. Apenas andamos para o quintal dele, cortamos pelo campo de flores selvagens e em direção ao bosque.

— Caramba — digo quando chegamos no maior pneu que já vi. — Acho que seis de nós cabem nessa coisa. — É um pneu preto gigante, que está pendurado num galho grosso por correntes que o mantêm deitado como uma rosquinha.

— Acho que a ideia é meio essa — diz Cal. — Senta. Eu empurro.

Tenho dificuldade de subir no pneu, que é grande demais. Deve ter vindo de um caminhão.

— Espera, deixa que eu te ajudo — Cal para ao meu lado e entrelaça os dedos. — Coloca um pé aqui e eu dou um impulso.

Estou meio nervosa, mas faço o que ele diz. Ele me ergue com facilidade. Não tinha me dado conta de que era tão forte. Não parece muito corpulento. Seguro nas correntes e engatinho no pneu para sentar, deixando os pés balançando pelo buraco do meio.

— Está pronta? — pergunta Cal. Seguro com mais força e confirmo. — Certo, vou girar você. Avise se ficar tonta demais.

Cal gira o pneu várias vezes, e olho enquanto as correntes se enroscam acima da minha cabeça. Quando fica duro demais para mais uma volta, ele diz:

— Um, dois e já! — E recua.

O balanço começa a desenroscar devagar. Mas, quando me dou conta, estou girando bem rápido. Tudo fica fora de foco em volta de mim, e o vento despenteia meus cabelos. Começo a rir, e só paro quando o balanço para. Minha cabeça está enevoada. Sinto como se o mundo ainda estivesse girando bem rápido.

Quando por fim consigo ver direito, Cal está sorrindo para mim, como se estivesse vendo alguma coisa engraçada. Fico preocupada de o meu cabelo estar para cima ou alguma coisa assim.

— O que foi? — pergunto, subitamente constrangida.

— Você devia rir mais. Gosto disso.

Rio de novo. E Cal ri também.

capítulo 6

— Quem você está procurando? — pergunta Eric, me distraindo da função de verificar constantemente o rosto de cada uma das garotas na sala.

— Ninguém — respondo, desistindo com um suspiro profundo. Se ela quiser, vai aparecer. Não há nada que eu possa fazer a respeito. Eu deveria saber disso a essa altura dos acontecimentos.

— Vamos beber. — Eric nos leva para um dos quartos no final do corredor. Tem uma cadeira de barbeiro antiga no centro.

Uma garota senta nela. Apesar de ajustar a saia curta, consigo ver a calcinha vermelha quando ela encosta. A maioria dos caras no quarto inclina a cabeça buscando o melhor ângulo de visão. Acho que não fui o único que notou.

Um cara com um boné de beisebol ao contrário vira uma garrafa na boca aberta dela, e outro com um chapéu de caubói ajuda-o a girar a cadeira, enquanto todo mundo a encoraja com gritos.

— Não vou sentar nessa cadeira — digo a Eric. Ele dá uma risadinha e ergue dois dedos no ar, para um dos seus colegas de fraternidade que está distribuindo as bebidas. O sujeito sobe numa cadeira de madeira e diz:

— Abra a boca.

Inclino a cabeça para trás e deixo-o virar o conteúdo da garrafa na minha boca, que me faz engolir vezes demais até parar.

— Droga. — Estremeço e me afasto para que Eric possa tomar meu lugar.

Ergo a mão e faço que não com a cabeça quando Eric me oferece uma cerveja da geladeira deles.

— Estou satisfeito. — Ele me entrega a garrafa mesmo assim, mas não a abro. Tenho certeza de que vou sentir em breve os efeitos de seja lá o que for que tenham virado na minha garganta. Além disso, minhas ressacas não são suaves. — É sério. Vou ter que dirigir. Você vai ficar aqui hoje ou vai voltar para o apartamento comigo?

Ele tira a cerveja de mim e fica com uma em cada mão.

— Depende de como a noite evoluir — responde, olhando para uma loira que passa.

Não sei quando me perco dele. Mas em algum lugar do segundo andar, quando me vejo procurando Nyelle outra vez, me dou conta de que Eric sumiu. O que provavelmente significa que ele vai dormir por aqui hoje.

Fico lá em cima por algum tempo, olhando as pessoas se acabarem ao ir de um quarto para outro tomando doses de bebida. Cada quarto oferece um sabor diferente e um jeito estúpido de beber, através de um funil de cerveja, pendurado de cabeça para baixo em uma barra presa ao teto, ou enfiando a cabeça em uma piscina cheia de gelatina com vodca. É interessante, pelo menos até eu ficar sóbrio.

— Oi.

Me viro devagar.

— Quer tomar alguma coisa?

Sorrio para a garota bonita de longos cabelos pretos e olhos castanhos que sorri para mim.

— Hum, claro. — Posso aguentar mais um copo… por ela. Seria estúpido dizer não.

Vou na frente até o porão, onde o bar oficial está montado. Ela segura minha mão para que não nos separemos, e ando perto dela para garantir que não nos afastem.

— O que você quer? — Me inclino e pergunto no seu ouvido. Ela tem um cheiro doce, que lembra morangos.

— Tem aquela bebida azul que é boa.

Peço para ela e pego uma cerveja para mim.

— Sou Cal — grito por cima da música ensurdecedora.

— Jade. — Ela sorri, revelando covinhas profundas que a deixam dez vezes mais bonita. — Você é daqui?

— Não, o cara com quem divido apartamento que é.

Uma risada atravessa o ambiente, e eu instintivamente viro a cabeça. Procuro no quarto pouco iluminado, mas não a vejo.

— Você está bem? — pergunta Jade, parecendo preocupada.

— Hum, estou. Desculpe. Pensei ter ouvido a voz de alguém que conheço. — Preciso deixar de ser idiota e parar de procurar Nyelle. Ela não queria estar aqui comigo, senão teria aparecido. Mas tem uma garota que *está* interessada, bem na minha frente.

— Uma ex? — Ela coça o nariz.

Balanço a cabeça.

— Não. Não uma ex. — Embora esbarrar com alguma delas seja uma possibilidade em que não quero pensar.

Tento conversar com Jade. Não funciona. Aqui não é o lugar certo para conhecer melhor alguém. E quanto mais bêbados os outros ficam, mais sóbrio me sinto. Prefiro acabar com isso enquanto ela ainda se lembra de mim.

— Preciso dar uma carona ao meu colega de volta para casa — minto quando ela começa a requebrar os quadris ao meu lado, para indicar que deseja dançar. E eu não danço.

— Me dá o seu celular — pede ela, estirando a mão pequena de unhas feitas. — Vou te dar meu número, e a gente pode sair um dia desses. — Entrego o celular a ela, que digita o número, e liga para si mesma. — Agora também tenho o seu.

Me inclino para abraçá-la, e ela encosta os lábios na minha bochecha.

— Boa noite, Cal — ronrona no meu ouvido. Começo a repensar minha saída, mas ela logo se afasta, chamando umas garotas na pista de dança.

Pelo menos a noite não foi um total desperdício.

Há um martelo batendo na minha cabeça. Aperto o rosto no travesseiro, implorando para que pare. Até que me dou conta de que as batidas não são dentro da minha cabeça. Alguém está batendo na porta. Entreabro os olhos, tentando prestar atenção no quarto escuro. Não tenho vontade de levantar e abrir a porta. Me viro com um gemido, torcendo para quem quer que seja ir embora. Mas a batida é persistente.

Espero que Eric abra.

As batidas ecoam pelo apartamento mais uma vez.

Droga. Eric não está em casa.

Resmungando, jogo as cobertas de lado e saio da cama. Meio dormindo, me arrasto até a porta, que parece estar a um quilômetro e meio de distância.

— Estou indo! — grito quando outra batida potente balança a porta. Ao abrir, de súbito sou ofuscado pela luz crua do corredor. Abro uma fresta dos olhos e descubro olhos azuis brilhantes olhando para mim. Passo a mão pelo cabelo e pisco outra vez, sem estar convencido de que ela é real.

— Nyelle?

— Oi, Cal — diz ela, transbordante de energia.

— Hum… o que está fazendo aqui? — Abro mais a porta para que possa entrar, mas ela fica no corredor.

— Vim te buscar.

Sacudo a cabeça, tentando entender o que está acontecendo.

— Como é que sabe onde moro? E por que está com um saco de dormir na mão?

— Perguntei lá no dormitório. Achei que alguma das meninas devia ter namorado com você em algum momento. Uma garota cuja amiga namorou com um dos caras da fraternidade do seu colega de apartamento me disse onde você morava.

Estou totalmente confuso.

— Tem um saco de dormir? — pergunta ela quando passo tempo demais olhando-a.

— Bem, tenho — respondo, incerto, tentando lembrar se é verdade. — Por quê?

— Pegue e me encontre na sua caminhonete — diz ela, e, passando por mim, pega as chaves do carro do prego na parede e desaparece pelo corredor.

— Agora? — É minha resposta automática. Não tenho ideia de que horas são, mas sei que ainda deveria estar dormindo.

— É — grita ela por cima do ombro, antes de sair do prédio.

Esfrego os olhos, tentando ficar acordado à força.

— Ela está falando sério — digo, com um suspiro. Onde é que ela está me levando no meio da noite… com um saco de dormir? Apesar de a ideia de me enfiar em um saco de dormir com Nyelle parecer tentadora, tenho quase certeza de que não é isso que *ela* tem em mente. E, pelo que parece, não tenho escolha, então me arrasto de volta para o quarto para pegar minhas coisas.

Olho para o relógio e pisco com força quando vejo *4:12*. Agora entendo por que quase não consigo prestar atenção. Finalmente saio, vestido e carregando um saco de dormir que tinha guardado na prateleira de cima do meu armário. Resmungo baixinho olhando o céu escuro. Eu *não devia* estar acordado.

— Você vai dirigir? — Sento no banco do passageiro. Algo que não faço desde que Devin, meu irmão mais velho, era dono da caminhonete. Mas estou cansado demais para me importar, e provavelmente para dirigir com segurança, então fecho a porta e me largo no assento, deixando o saco de dormir cair no chão.

Nyelle dá marcha a ré e recua com um solavanco ao soltar a embreagem rápido demais. Depois de lutar para achar a primeira e fazer uma troca de marchas difícil, conseguimos pegar a estrada. Aperto os dentes quando ela arranha entre as marchas, até que se adapta à embreagem.

— Toma. — Nyelle me entrega um copo térmico que estava apoiado no suporte. — Não sei

se está bom. Nunca fiz café.

Tiro a tampa, e o cheiro amargo do café faz minhas narinas se abrirem.

— Caramba. Não provei ainda, mas dá para ver que está forte.

— Vai te acordar — diz ela com um sorriso brincalhão.

Me preparo e tomo um gole. Meu maxilar fica tenso na mesma hora.

— Droga. Acho que vou ficar acordado por três dias agora. — Nyelle gargalha. — Então… para onde vamos?

— Assistir às Leônidas — responde ela.

— O quê?

— Uma chuva de meteoros. Se o céu estiver claro, devemos poder vê-la em torno das cinco da manhã. E depois, pensei que podíamos assistir ao nascer do sol.

— Ah — é só o que consigo dizer. Isso é loucura. Olho para Nyelle, e ela sorri de volta, os olhos acesos de animação. Sim, isso é definitivamente louco. Mas, afinal, ela também é. De um jeito bom. E gosto disso nela, em qualquer outra hora *razoável* do dia.

Dirigimos pelas ruas desertas em silêncio. Encosto a cabeça no assento e fecho os olhos.

Sou acordado de repente, com a caminhonete sacudindo violentamente. Entramos em uma estrada abandonada, invadida por mato e marcada de sulcos profundos de pneus.

— Onde estamos?

Agarro a barra acima da porta, pois continuamos a sacudir sobre o terreno acidentado.

— Encontrei esse lugar quando fui dar uma caminhada outro dia — explica Nyelle, concentrando-se na estrada escura ladeada por um bosque denso. — Meio que me perdi, e, bem… você vai ver. É muito legal.

— Você andou até *aqui* sozinha?

— Está com medo, Cal? — posso ver o sorriso zombeteiro dela no brilho do painel.

— Você se dá conta de que está implorando para encontrar um assassino com um machado por aqui, não é?

Nyelle dá uma gargalhada.

A estrada se abre em uma clareira. Ela estaciona em frente a uma cabana com a inscrição *Camping Sunshine* gravada em uma placa acima da porta. Com os faróis acesos sobre ela, dá para ver que é velha e que está precisando muito de conserto. As tábuas do piso da varanda estão quebradas, e a porta de tela está pendurada pelas dobradiças.

— Me conta de novo por que a gente tinha que vir até aqui para olhar a chuva de meteoros?

— Não se preocupe. Não vou deixar que nada aconteça com você — diz Nyelle com um sorriso malicioso. Ela tira o saco de dormir de baixo do assento e bate a porta. Com ajuda do café instantâneo, do cenário de *Sexta-feira 13* e da temperatura gélida, estou totalmente acordado. Tiro as luvas dos bolsos e visto-as, pego meu saco de dormir e sigo Nyelle na direção de um deque que avança sobre o lago como um ponto de exclamação. Considerando que as cabanas não estão muito longe de desmoronar, acho que andar sobre o deque talvez não seja uma boa ideia.

— Você não vai lá, vai? — grito para ela, correndo para alcançá-la.

— É de lá que vamos olhar os meteoros — ela me informa, e seu hálito cria uma nuvem de

ar gelado.

Parado no piso empoeirado do final do deque, olho para a longa fileira de tábuas castigadas pelo tempo. Está escuro demais para ver de verdade o quão gastas elas estão, mas *parecem* estar inteiras.

Nyelle anda sobre o deque sem hesitação. Fico na expectativa de que caia por algum buraco a qualquer momento. A madeira range, o deque balança suavemente na água, mas nada quebra.

— Vamos para o sacrifício — murmuro, seguindo-a.

Sinto as tábuas cederem um pouco sob meu peso, mas me sustentam.

Nyelle está examinando o céu quando a alcanço.

— Para que lado é o norte?

Tiro o celular do bolso e abro o aplicativo de lanterna com bússola. Aponto para a direita:

— Para lá.

Ela se orienta e desenrola o saco de dormir.

Observo a superfície lisa do lago, respirando o ar gélido. O que estou fazendo aqui? Então olho para Nyelle com as pernas escondidas no saco de dormir. Vejo quando tira uma garrafa térmica de um dos seus bolsos de Mary Poppins e um saco de marshmallows do outro. Certo, sei exatamente por que estou aqui.

— Você tem um aquecedor aí também?

Ela revira os olhos.

— Deixa de ser ridículo. Vem sentar aqui.

Desfaço a fivela da correia do meu saco de dormir e desenrolo-o ao lado do dela. Nyelle abre a garrafa térmica, deixando escapar um fio de fumaça.

— Vejamos se adivinho. Chocolate quente?

— Não é *qualquer* chocolate quente. É o meu preferido. — Ela serve um pouco na tampa. — Pronto, experimenta.

Sento em cima do meu saco de dormir azul-marinho e pego a tampa. O cheiro é de chocolate, só que… mais doce.

— Não confia em mim?

— Confio — respondo, na defensiva. Dou um golinho. É bem bom mesmo. — O que é?

— É chocolate quente feito de Milky Way. Coloco caramelo e café dentro.

— É meu sorvete favorito.

— *Emeumo*? — As palavras dela são abafadas pelo marshmallow que enche sua boca. Rio dela.

Ela engole o marshmallow e desata a rir. Paro de rir quando ouço o som da risada dela. Já ouvi Nyelle rir antes, mas esse riso, leve, de menina, é outro. Lembro dele tão claramente. *Esse* riso é uma das minhas lembranças de infância favoritas.

— O que foi? — pergunta ela — Você está bem?

— Hum, sim — digo, deixando aquilo de lado. — Ainda estou acordando.

— Acho que não vamos esperar por mais muito tempo — explica Nyelle, esticando-se no deque e puxando o saco de dormir até o queixo.

— O que é que estamos procurando exatamente?

— Estrelas cadentes, mas muitas e mais brilhantes.

Alguns minutos depois de ficar sentado esperando, estou quase congelado. Então deslizo para dentro do meu saco de dormir e fico ali, ao lado de Nyelle, descansando a cabeça nas mãos enluvadas.

Ficamos em silêncio. O céu está salpicado de incontáveis estrelas, apesar da lua enorme, baixa.

— Estava torcendo para te ver hoje à noite — digo, sem olhar para ela.

— Você me viu hoje à noite — diz ela com um risinho.

— Estou falando da festa.

Ela se cala. Olho para ela e descubro que seus olhos estão parados, como se estivessem fixando uma única estrela.

— Pensei nisso. Mas a maioria das pessoas me deixa entediada, e, depois que bebo, tendo a dizer isso a elas.

Rio.

— Então, você não vai a festas?

— Vou, mas uma por mês é meu limite.

— Você já atingiu seu limite este mês? — pergunto, ainda observando-a. O perfil dela é feito de linhas suaves, acentuadas pelos lábios cheios. Nunca reparei muito nos lábios dela, sempre fico preso nos olhos.

— Não. Ainda não. — Ela olha direto para mim, e depois desvia o olhar para o céu.

— Então… no próximo fim de semana, vamos a uma festa com meus amigos? — sugiro. Espero que, se nossa primeira saída não for exatamente um encontro, ela apareça. Tenho tentado descobrir um jeito de garantir que Rae encontre com ela, de qualquer forma.

— Onde?

— Não tenho certeza ainda. *Este* fim de semana aqui ainda não acabou, então digo a você quando a gente se encontrar no Bean Buzz na quinta-feira. — Esse é meu jeito de garantir que vou vê-la de novo durante a semana.

— Hum… certo.

Volto minha atenção para o céu novamente, com um sorriso no rosto.

Ficamos calados de novo. Dá para ouvir a água batendo no deque. É entorpecente. A espera acaba deixando minhas pálpebras pesadas.

— Ali está uma!

Abro os olhos. O braço de Nyelle está esticado, com o dedo apontando. Mas perdi.

— Só vamos conseguir ver as mais brilhantes por causa da lua cheia.

Levamos mais cinco minutos para ver outra. Observo-a atravessar o céu como um farol único viajando pela estrada. Tenho vontade de gritar "Achei!", mas soaria ridículo. Isso só mostra como estou cansado.

— Adoro olhar as estrelas. — A voz dela está baixa e distante, como uma lembrança. — Elas podem levar a dor embora, se a gente deixar. E quando o sol nasce, a tristeza toda desaparece.

Quando olho todas as estrelas no céu, não consigo deixar de pensar que é muita dor.

— E as estrelas cadentes?

Nyelle volta a cabeça de repente, ao som da minha voz, como se tivesse esquecido de que eu estava ao lado.

— A gente faz pedidos a elas, por mais uma chance de fazer tudo certo.

— Você acredita que pode fazer isso? Começar de novo?

— Todo dia — diz ela baixinho, mirando as estrelas.

Duas estrelas brilhantes correm pelo céu escuro, cruzando-se exatamente acima de nós.

— Agora, nós dois temos uma segunda chance — digo.

— Você sabe o que deseja fazer diferente, agora que ganhou uma nova chance?

— Preciso pensar — minto, pois não estou pronto para tanta sinceridade. — Você sabe?

— Ah, sei — responde ela.

Quando olho para ela, seus olhos estão fechados, e seu peito se eleva com um suspiro profundo, como se ela estivesse fazendo o pedido neste instante. Um sorriso nasce aos poucos nos seus lábios, logo antes que abra os olhos. Ela inclina a cabeça na minha direção, ainda sorrindo.

Não consigo desviar o olhar da luz nos olhos dela. Investigo-os para descobrir o que ela não está dizendo. Quero perguntar qual foi seu desejo, mas, quando ela volta a atenção para as estrelas, perco a coragem.

Viro a cabeça e olho para o espaço. Ocorre-me, enquanto olho outro meteoro deslizando sobre a linha das árvores, que hoje o céu está cheio de segundas chances. Mas, depois de um tempo, me entrego ao peso das pálpebras e tudo se apaga.

— Quer transar?

— O quê? — meus olhos se abrem de repente. Pisco rápido, tentando parecer desperto. — O que foi que você disse?

— Sabia que isso ia te acordar — Ela começa a rir com aquela risada que adoro. Senti falta de ouvi-la. É real e cheia de vida. Sorrio de volta para ela.

Me apoio nos cotovelos e olho em volta. O horizonte está clareando por trás das árvores.

— Desculpe. Eu não sabia que a gente ia ter que esperar tanto.

— É, não são exatamente fogos de artifício celestes.

— Não entendo por que é chamada de *chuva* de meteoros, então.

Bocejo, sentando para me espreguiçar.

Ouço o gorjeio de pássaros e os ruídos do amanhecer.

— Quer andar de canoa?

Começo a perguntar se está falando sério. Mas ela se levanta e começa a caminhar até a cabana, onde uma canoa verde está encostada do lado de uma palhoça, escondida sob folhas e agulhas de pinheiro. Claro que está falando sério.

— Vamos — suspiro, levantando devagar. Meu corpo está dolorido de ficar deitado no deque, no frio por uma hora, como me informa o celular.

Nyelle já está puxando a canoa em direção à margem gelada quando a alcanço.

— Pode deixar — digo a ela. — Por que você não vai procurar um remo?

Desviro a canoa e puxo-a para a beira da água. Tiro algumas das folhas que estão no fundo e tento avaliar em que condição está. É velha e está queimada pelo sol. Mas não consigo achar nada de errado nela. É verdade que fica difícil conferir, com anos de folhas acumuladas no fundo.

— Encontrei isso. — Nyelle ergue metade de um remo de madeira. — E isso. — Na outra mão, há um colete salva-vidas infantil de um laranja pálido. Do tipo que parece estar sufocando

e não salvando sua vida.

— Você quer mesmo fazer isso?

Nyelle passa o colete salva-vidas pela cabeça e joga o remo para mim. Pego-o, rindo. Ela está ridícula, mas ao mesmo tempo muito adorável.

Empurro a canoa por cima do gelo que já está começando a se formar na beira do lago. Assim que ela entra, a embarcação rompe a superfície e flutua na água. Empurro-a um pouco mais antes de pular dentro. Debruço-me sobre a borda e afasto-nos do gelo fino.

— Para que lado? — pergunto, praticamente caindo para fora do barco para conseguir remar.

Nyelle aponta para o sol nascente. Saímos do gelo e deslizamos paralelos ao deque, desviando lentamente em direção aos raios dourados.

Estamos a cinco metros do final do deque quando a água gelada começa a encharcar minhas botas. Levanto o pé e olho para as folhas molhadas. A água continua a subir acima do monte de folhas.

— A canoa está enchendo — diz Nyelle, sem nenhuma emoção, erguendo os pés para fora da água e apoiando-os na barra transversal.

— Não — eu a corrijo —, está *afundando*.

Tento remar na direção do deque. Mas é como se estivesse usando as mãos. Se pelo menos eu conseguisse remar na velocidade com que meu coração está batendo.

Em menos de um minuto, meus pés estão completamente cobertos de água gelada. Quanto mais ela invade o barco, mais devagar avançamos e mais rápido afundamos.

— Vamos precisar nadar. Estaremos submersos antes de chegar lá.

— Aposto que você está desejando ter um desses coletes salva-vidas incríveis agora, né? — ri Nyelle.

Como é que ela pode achar isso engraçado? Mas acha. Quando olho para ela, parece estar se divertindo muito.

Ignoro-a e remo mais rápido. O banho de água gelada está começando a me dar câimbra nas panturrilhas. Contraio os lábios para que não tremam.

O sorriso de Nyelle desaparece quando ela vê minha situação.

— Cal, você está congelando, né? E eu aqui achando que isso é divertidíssimo. Desculpa.

— Tudo bem — digo a ela. — Vai ser divertido depois que tiver acabado. Agora é só *uma droga*. — Tento dar um sorriso tranquilizador, mas meus dentes passam a bater.

Nyelle começa a desamarrar as botas.

— O que está fazendo?

— Tirando as botas. Vão pesar como cimento, se tentar nadar com elas.

Ela tem razão. Abandono o remo, tiro as luvas e luto para desamarrar meus cadarços úmidos e gelados.

Nyelle amarra as botas uma na outra, tira o colete salva-vidas de criança do pescoço e o substitui pelas botas. Enfia os pés na água e arqueja.

— Caramba. Como é que não estamos patinando nesse lago agora mesmo?

— Daqui a uma semana estaremos — digo, entre batidas de dentes.

Nós dois olhamos os poucos metros que precisamos nadar até o deque.

— Vai ser horrível — digo, sussurrando.

— Vai mesmo.

Nyelle enrola o colete por baixo dos braços, inclina-se por cima da borda da canoa e desliza para a água. Não tem mais muita canoa sobrando nessa hora. Tentando não enfiar a cabeça na água gelada, faço a mesma coisa, exceto a parte do colete.

O ar foge dos meus pulmões com o contato, e meus músculos se contraem em nós. Bato os pés e dou braçadas de crawl. Não sinto que estou fazendo progresso, provavelmente porque não consigo *sentir* nada. Fico de olho em Nyelle para ter certeza de que ela não vai afundar.

A mão dela se estende para a frente, tentando alcançar a escada no final do deque. Dou o último empurrão de que precisa para chegar lá, e ela se iça para cima. Agarro a lateral da escada enquanto ela se esforça para chegar ao deque. Seu corpo inteiro treme de modo incontrolável.

Subo em seguida e pisco com força quando ela tira os jeans encharcados, deixando à mostra a calcinha de renda branca. Entendo o que está fazendo, mas ainda não estou preparado para isso.

Corro, ou cambaleio, até a caminhonete. Nyelle, ainda bem, deixou a chave na ignição. Subo e ligo o carro, colocando o aquecedor no máximo, para dar tempo de aquecer.

Quando volto até Nyelle, as roupas dela estão numa pilha alagada nas tábuas de madeira, e ela está enroscada dentro do saco de dormir, tremendo tanto que consigo ouvir seus dentes batendo.

Nem me dou ao trabalho de perguntar nada quando me abaixo e a pego no colo, com saco de dormir e tudo. Carrego-a tão rápido quanto consigo até a caminhonete e instalo-a no banco do passageiro. Ela não faz nenhum ruído, a não ser um leve zumbido através dos dentes batendo.

Meu corpo inteiro está dormente e rígido quando corro de volta até o deque para pegar as roupas dela e meu saco de dormir. Sinto como se estivesse fora do corpo, e a única coisa que me faz continuar é a concentração no que preciso fazer para ir embora daqui.

Jogo as roupas dela na traseira e tiro as minhas, ficando de cueca. Me sinto mais aquecido praticamente nu no ar do inverno do que com aquelas roupas molhadas. Enrolando o saco de dormir no corpo, subo na caminhonete.

Nyelle está afundada no saco de dormir. Não consigo ver o rosto dela, mas ainda ouço-a tremer.

Preciso de um minuto, sem ter certeza de conseguir dirigir tremendo desse jeito, embora ficar aqui parado não esteja me esquentando mais rápido. Quando afinal consigo me mover, giro a caminhonete e dirijo na direção da qual viemos.

Tento adivinhar qual a direção certa quando chegamos à estrada principal, já que estava adormecido quando entramos no caminho que levava ao camping. Após um instante, vejo uma placa que reconheço e entro numa estrada que leva à minha casa.

O aquecedor por fim começa a esquentar o ar, e pouco a pouco eu vou descongelando. Pelo menos minhas mãos não estão mais agarradas no volante. Mas o frio penetrou nos meus ossos, e não consigo parar de tremer.

Dou uma olhada para Nyelle, que está com o saco de dormir cobrindo a cabeça, mas seus grandes olhos azuis ainda aparecem.

— Desculpe eu ter escolhido o *Titanic* para atravessar o Ártico — diz ela devagar.

Não consigo deixar de sorrir.

— E eu nem tive a oportunidade de gritar que era o rei do mundo. Estou me sentindo meio enganado.

— É verdade, perdemos toda a parte divertida: posar nua, sexo ardente na traseira da sua caminhonete. Mas conseguimos ficar quase nus. — Ela me observa com o canto do olho. E sim, estou bem consciente de que ela está usando apenas o sutiã e a calcinha. Não estou *todo* congelado.

— Vá em frente. Continue rindo de mim. Vai ter volta em algum momento — aviso com um sorriso brincalhão. — Como é que você está? Mais quente?

— Sou um picolé — diz ela, me fazendo rir.

Agora o sol está alto, mas ainda não é a hora de nenhum estudante são estar acordado no fim de semana, a menos que esteja chegando em casa. O estacionamento está deserto quando paramos.

— Você consegue andar?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Certo. Pronta? — entrego a chave do meu apartamento a Nyelle, e ela corre até a porta. Os pés descalços dela aparecem por baixo do tecido preto do saco de dormir enquanto ela percorre a curta distância até a entrada. Agarro nossas roupas com uma das mãos, enrolo meu saco de dormir no peito com a outra e corro atrás dela.

Quando entro no apartamento, ouço o barulho do chuveiro.

Jogo as roupas na máquina, junto com um pouco de sabão em pó. Me dou conta de que Nyelle não tem roupas para vestir, e pego uma camiseta e uma calça de malha para ela.

Bato e abro a porta do banheiro devagar.

— Vou deixar roupas secas para você na bancada, certo?

— Obrigada — diz ela de trás da cortina. Não demoro. Mas é difícil não pensar nela atrás daquela cortina, sem o sutiã e a calcinha que agora estão jogados no chão do meu banheiro. Afasto a ideia de Nyelle nua antes de me torturar com ela.

Fico embrulhado no saco de dormir até que ela sai com o cabelo molhado enroscado em cima da cabeça. E… ela está usando *minhas* roupas. Sorrio. São grandes demais, mas ela fica bem com qualquer coisa. Poderia me acostumar a vê-la usando minhas roupas.

— Sua vez — diz ela, deitando na minha cama e puxando as cobertas até o nariz.

— Está se sentindo melhor? — pergunto. Mas os olhos dela já estão fechados. Sorrio de novo e vou para o banheiro. Quando saio do chuveiro, ela está ressonando, e apenas o topo da sua cabeça está visível. Jogo as roupas na secadora, pensando que vou levá-la de volta para o dormitório quando estiverem secas.

Meu corpo inteiro ainda está doendo. Não me lembro de me sentir tão cansado na vida. Escorrego para baixo das cobertas do outro lado da cama.

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto ao vê-la escondida embaixo das cobertas, respirando fundo. Viro de lado e me enrolo nelas. Estou muito consciente do calor do corpo dela às minhas costas, mesmo que a gente não se toque. Quando meus olhos se fecham, estou pensando em segundas chances, sabendo que a que eu desejei mais cedo está deitada ao meu lado.

RICHELLE

Julho — antes do sexto ano

— **Acho que eu é** que deveria ser a cantora. Richelle, você parece um gato agonizando — diz Rae, por trás da bateria que é colada com fita isolante.

Sei que ela só está tentando me irritar para que eu desista de ser a cantora. Não vai acontecer.

— Bateristas não cantam — argumento, segurando a escova de cabelos que é também meu microfone.

Cal se encosta no muro com sua guitarra de plástico, esperando que a gente pare de discutir, ou que tenha algo a dizer que faça com que a gente pare.

— Trouxe música nova hoje também — digo, ligando meu iPod no rádio.

— Se for Britney Spears, vou vomitar — reclama Rae, fazendo ruídos com a garganta. — E se eu não puder cantar, devo ter direito de escolher a música.

— Sua música nem faz sentido — digo a ela. — É só gritaria.

— Você nem sabe o que é música de verdade.

Estou quase dizendo a ela que não estaria entre as quarenta mais ouvidas se não fosse boa, mas me dou conta da hora e nem tento.

— Está na hora de buscar Nicole. Já volto.

— Por que ela não vem sozinha? Não entendo essas regras malucas.

— Você sabe que a mãe dela diz que ela tem que ser convidada — digo com um suspiro. Rae pode ser tão cansativa.

— Ela é o quê, um vampiro? — diz Rae, gargalhando.

— Rae — reclama Cal. — Para com isso.

Isso faz com que Rae se cale. Quando Cal fala, em geral funciona. Saio correndo pela rua e toco a campainha dos Bentley, sem fôlego. Toco todo dia na mesma hora, e todo dia a sra. Bentley abre como se não soubesse o que estou fazendo ali.

— Oi, Richelle. Posso ajudar em algo?

Tenho vontade de revirar os olhos, mas não o faço. Sorrio e digo a mesma coisa que disse no dia anterior, e no que veio antes daquele, desde o primeiro dia em que Nicole se mudou para cá.

— Oi, sra. Bentley. Nicole pode vir brincar? — E acrescento: — E ela pode dormir na minha casa hoje?

— Nicole pode ir brincar, sim. Mas preciso ligar para a sua mãe e perguntar ao sr. Bentley sobre dormir fora.

Nicole está parada atrás da mãe, como sempre quando venho buscá-la. Assim que ouve que pode brincar, ela me dá a mão.

— Esteja em casa às cinco e meia, Nicole — diz a sra. Bentley quando a gente se afasta. — Vou falar com seu pai.

Não entendo por que ela precisa perguntar a ele se Nicole pode dormir na minha casa. Ela dormiu lá toda sexta-feira desse verão.

— Está bem, mãe — grita Nicole de volta.

Saltitamos até a casa de Rae. Nicole ainda não corre, mas pelo menos consegui que ela saltitasse. É melhor que andar, apesar de ainda parecer devagar demais para mim.

Quando chegamos perto, Cal está atravessando o quintal para a casa dele.

— Para onde você vai? — pergunto.

— Rae precisou buscar Liam com a mãe. E eu preciso me arrumar para o beisebol. Vejo vocês depois.

O irmão de Rae mora com o pai. Ele vem de quinze em quinze dias, mas a gente quase não o vê, nem a Rae, porque a mãe dela quer que eles passem tempo em família. E Cal joga em um time de beisebol às terças e sextas-feiras, com Craig e Brady.

— Ah — respondo, decepcionada. — Bem, acho que podemos ir para a minha casa.

Brincamos de modelos no meu quintal, com uma velha máquina fotográfica que meu pai não quer mais. Deixam Nicole dormir na minha casa, como eu achava que ia acontecer. Comemos pizza e vemos um filme antes de ir para o meu quarto dormir. Mas não dormimos. Estamos animadas demais, e isso nos faz rir muito.

— Posso contar um segredo que você vai ter que prometer nunca contar a ninguém? — cochicho no escuro.

Nicole está na cama de baixo. Minha irmã Kara e eu dividíamos o quarto. Mas quando ela foi para o ensino médio, no ano passado, minha mãe e meu pai deixaram que ela usasse o antigo escritório do meu pai. Ela até tem sua própria TV. Eu não me importo, porque fiquei com o beliche.

— Prometo nunca contar a ninguém — sussurra Nicole.

Sorrio antes de dizer:

— Vou fazer Cal virar meu namorado este ano.

— Verdade? — Nicole pergunta com uma risadinha. — Você vai se *casar* com ele também?

Sei que ela está dizendo isso para fazer graça. Mas falo sério quando digo:

— É. Quando a gente crescer, a gente vai se casar e morar numa casa branca bem grande. Vou ter uma Mercedes e ele vai ter uma BMW. Vou trabalhar vendendo casas e ele vai ser uma estrela do rock.

Nicole ri baixinho.

— Bem, eu vou para a universidade em Harvard e serei alguém respeitável como meu pai quer que eu seja.

— Por que você quer ir para Harvard?

— Porque meu pai quer que eu vá. Eles estão economizando para isso desde que eu era bebê, para que eu possa estudar lá. É onde as pessoas importantes estudam, e meu pai quer que eu seja importante. Ele diz que eu preciso ser a melhor da escola antes de poder entrar lá. E também tenho que ser uma pessoa boa, de quem todo mundo vai gostar e que todo mundo vai escutar.

— Mas você nunca diz nada na escola — digo, confusa.

— Acho que não encontrei nada realmente importante para dizer ainda.

— Minha mãe e meu pai me disseram que querem que eu seja feliz. Além disso, ainda falta tanto tempo para a universidade. Não consigo pensar nisso.

— Mas você não vai se casar *depois* da universidade? — aponta Nicole.

— É, mas isso é só brincadeira — argumento, tonta por ficar com a cabeça pendurada para baixo por tanto tempo. — Menos que eu vou namorar Cal este ano.

capítulo 7

Espio por um olho, sem decidir se quero mesmo estar acordado. Passa das duas da tarde. Aí lembro de Nyelle e me viro. Ela não está aqui. Tudo o que sobrou foi minha camiseta e a calça de malha, dobradas com cuidado em cima do travesseiro.

Sento quando ouço uma porta de armário se fechando.

— Nyelle? — chamo. Escuto. Ouço passos, mas nenhuma resposta. — Nyelle?

— Quem? — É Eric. Dou um enorme suspiro. Ela foi embora. Não estou surpreso, mas ainda assim sinto o peso da decepção no peito.

— Esquece.

Eric enfia a cabeça no meu quarto.

— O que aconteceu com você ontem à noite? Foi embora com aquela morena bonitinha com quem vi você conversando?

Bocejo e me espreguiço.

— Não. Encontrei outra garota e acabei quase me afogando num lago congelado.

Eric ri.

— O quê?

— É, parece engraçado agora — admito. — Mas não foi, quando aconteceu. — Conto a ele a versão resumida. E ele ri mais alto.

— Quem é essa garota? — pergunta, ainda rindo.

— É isso que estou tentando descobrir — respondo, olhando para a pilha de roupas na minha cama.

Nyelle está me evitando de novo. Ou pelo menos me convenci disso. Ela foi embora sem uma palavra, e não a vejo há quatro dias. Agora estou sentado no sofá do Bean Buzz, balançando o joelho e esfregando as mãos, com os olhos pregados na porta, esperando que ela apareça. Não disse a que horas a encontraria aqui hoje. Só disse "quinta-feira". Talvez tenha feito uma besteira.

Esperaria aqui o dia inteiro, só que não posso me atrasar para a aula. Tenho prova. Tiro o celular do bolso para ver as horas outra vez. Há uma mensagem na tela.

JADE: QUER ENCONTRAR COMIGO ESTE FIM DE SEMANA?

Tento não julgar garotas pelas mensagens de texto que enviam. Aprendi que o tom pode se perder. Mesmo assim, diz muito quando a garota é que escreve primeiro. É ousado.

Fico tentado ignorar a mensagem, mas decido que aquilo pode me distrair da ansiedade que está quase me engolindo. E tenho uma boa desculpa, já que Rae vai pegar o avião para cá hoje à noite.

EU: ALGUÉM VEM ME VISITAR ESTE FIM DE SEMANA.
JADE: ENTÃO… DÁ UM PERDIDO NELE.

Balanço a cabeça. Não dá para interpretar essa mensagem errado.

EU: NÃO SOU DESSES. QUE TAL DEPOIS DAS FÉRIAS?

JADE: AH! PARECE LONGE DEMAIS.
JADE: SEU AMIGO É UM CARA OU UMA GAROTA?

Hesito. Talvez eu devesse ter ignorado a mensagem dela. Insegurança não é atraente. Jade e eu não conversamos muito na noite em que nos conhecemos e, não importa qual seja a intenção, há sinais de alarme nas primeiras mensagens que manda. Devo estar demorando demais para responder, porque ela manda outra.

JADE: NÃO SE PREOCUPE. VEJO VOCÊ DEPOIS DAS FÉRIAS. DIVIRTA-SE NO FIM DE SEMANA.

Está se redimindo. Ou pelo menos tentando.

eu: você também. mando uma msg quando voltar.

Sei que não devia ter mandado essa mensagem, porque não pretendo vê-la de novo. Olho a hora. Preciso ir. Não posso mais esperar por Nyelle. Quando me dirijo à porta, Tess entra. Meus ombros relaxam, pensando que Nyelle vai entrar atrás dela. Mas Tess está sozinha.

— Oi, Cal — diz ela com um sorriso aberto.

— Oi. Nyelle está com você?

O sorriso falha e ela balança a cabeça.

— Não sei para onde ela foi hoje de manhã. Saiu antes que eu acordasse.

— Certo — digo, e depois acrescento, porque não há outra opção: — Vai ter uma festa na Lincoln Street sábado à noite, se você e Nyelle quiserem encontrar com a gente.

O sorriso ressurge, exatamente como eu temia.

— Mesmo? Parece ótimo. — Ela procura algo na bolsa. — Espera, vou pegar seu telefone, aí mando uma mensagem.

Depois que trocamos telefones, vou para a aula na esperança que Tess não tenha ficado com a impressão errada e que convença Nyelle de ir à festa.

Detesto não saber onde Nyelle está ou quando vai aparecer. Fico esperando que surja na minha frente a qualquer momento, mas isso não acontece. A cada vez que estou com ela, fica mais difícil deixá-la ir, porque odeio ter que esperar até a próxima vez, temendo que não haja próxima vez.

Fico relembrando o domingo de manhã, sem ter certeza de ter feito ou dito algo que possa tê-la assustado. Pensar que não posso entrar em contato com ela me deixa maluco. Onde será que ela se enfiou e por que está me evitando?

— Oi! — chama Rae quando entra no apartamento. Saio do meu quarto e estanco. Rae solta a bolsa de viagem perto da porta e examina o apartamento. — Nada mau. É bem… universitário.

Então percebe que a estou encarando, sem dizer nada.

— O que foi?

— Hum… é um visual e tanto esse que você arranjou — digo, observando a calça skinny rasgada e a camiseta larga cuja estampa é uma língua de fora com um piercing, provocativa. Seus olhos redondos e escuros estão delineados de maneira dramática, com mais maquiagem do que já a vi usar durante a vida inteira. Mas são os cabelos quase raspados e rosa-choque que estão me impressionando. Isso e os piercings na sobrancelha e acima do lábio superior. Ela já tinha um aro no nariz e brinquinhos de metal acompanhando a linha das orelhas. — Você não

está meio velha para esse momento rebelde?

— Vá se ferrar — rosna ela sem muita convicção. — É minha nova imagem. O cabelo loiro e as sardas não estavam funcionando para uma banda punk de garotas.

— Você continua tendo sardas — brinco. Vai demorar um tempo para que eu me acostume.

— Eu gosto — Eric se intromete. — É descolado.

Seria descolado se ela não tivesse apenas um metro e meio. Embora tenha, a seu favor, o tipo esquelético dos roqueiros.

— Quer uma cerveja? — grita Eric, da geladeira.

Balanço a cabeça.

— Tenho um trabalho para acabar até amanhã.

Rae levanta a mão.

— Quero uma. Ou três. — Eric ri e lhe entrega uma latinha. Ela a pega e se joga no sofá.

— Eric, obrigado por ter ido buscá-la — digo. — Essas provas do meio do semestre estão pesadas. — Eu poderia ter me saído melhor, se tivesse sido capaz de me concentrar.

— Cal, você se deu conta de que eu não conhecia Eric pessoalmente? — diz Rae, abrindo a latinha de cerveja.

— O quê? Claro que… — a frase morre na minha boca quando me dou conta de que ela está certa. Eric e eu éramos colegas de quarto no ano passado, no dormitório. Ele conheceu minha família inteira. Meus irmãos, quando me visitaram nas festas de boas-vindas, para os jogos de futebol americano. Jules e meus pais, quando vieram para a semana dos pais. Mas, nas duas vezes em que Rae me visitou no ano passado, ele não estava aqui. A gente não encontrou com ele em nenhuma das duas vezes, por causa das coisas estúpidas que ele tinha que fazer como candidato à Delta Ep.

— Não pensei nisso — digo, afinal. — Acho que falo tanto sobre vocês dois que a sensação é de que já se conheciam.

— É, eu também tenho a sensação de já conhecê-la — concorda Eric, sentado na velha poltrona reclinável. — Foi por isso que não me importei de ir buscá-la. Mas aí, enquanto ia para o aeroporto, me lembrei de que não tinha ideia de como ela era.

— Acho que minha descrição não teria ajudado. — Dou uma olhada para Rae, balançando a cabeça.

— Hilário, Cal — diz ela. — Eu já tinha visto Eric no Facebook, por isso deu tudo certo.

— Rae, como é mesmo o nome da sua banda? — pergunta Eric, digitando no celular. — Preciso seguir vocês. Tem algo que eu possa baixar?

— Cadelas Raivosas — diz Rae. — Ainda não. Devemos gravar uma demo quando eu voltar. Estamos quase com um set inteiro. Espero conseguir marcar nosso primeiro show logo.

— É mesmo? — pergunto. É a primeira vez que ela fala disso. Rae quase sempre reclama que as garotas não concordam em nada, todas as vezes que falo com ela. É bom saber que finalmente foram adiante. — Será que vou conseguir ver vocês tocando quando a gente for para casa?

— Talvez. Se a vizinhança não se revoltar contra nós. Sua mãe está tentando apaziguá-la, deixando tampões de ouvido em todas as caixas de correio. Era de se imaginar que eles já estivessem acostumados com o barulho da música saindo da minha garagem. É assim desde que a gente era criança.

— É, Rae me contou isso — ri Eric. — Ela também me contou que você era um esquisitão completo quando era mais novo.

— Que ótimo, Rae. Obrigado — observo, sacudindo a cabeça.

— Ah, deixa para lá — ela dá de ombros. — Eu não quis falar mal de você. Você apenas… era.

— *E* ela disse que você acha que a Garota do Lago é na verdade uma garota que morava perto de vocês e por quem você sempre foi obcecado.

— Uau. Deixou de contar alguma coisa, Rae? E não sou obcecado por ela — digo, na defensiva. — Queria que você parasse de dizer isso. — Mas, dado o quanto tenho pensado em Nyelle nos últimos dias, Rae não está totalmente enganada.

— Você já encontrou com ela? — pergunta Rae a Eric. Ele faz que não com a cabeça. — Nicole, a garota com quem a gente cresceu, não se parecia nem um pouco com essa de quem ele vem me falando. Ela era muito tímida quando a gente era criança. Depois, virou uma patricinha metida no ensino médio.

— Rae — digo, reprovando.

— O que foi? Ela virou mesmo — devolve Rae. — Nicole estava preocupada demais em ser perfeita para ligar para o resto de nós. Sério, quando foi a última vez que ela falou com algum de nós, que não fosse para dizer para deixá-la em paz?

Prego os olhos no chão.

— Nyelle é diferente.

— É verdade. Porque *não é* ela. Quando é que vou conhecer essa sua ilusão, aliás?

— Não tenho certeza — respondo. — Espero que ela apareça na festa amanhã à noite, com a colega de quarto.

Eric se volta para mim.

— Se você tem tanta certeza de que Nyelle é Nicole e você a conhece desde criança, por que não diz algo a ela?

— É… complicado. Quero que confie em mim. Rae, não diga nada quando a encontrar, certo? Se ela estiver mentindo, deve ter alguma razão para isso. E se de fato acredita ser Nyelle, algo deve ter acontecido com ela. Acho que só pioraria as coisas se a gente a confrontasse.

Olho para Rae, implorando em silêncio.

— Como você quiser — resmunga ela. — *Não é* ela.

Permanecemos em um silêncio constrangedor por alguns instantes, com Rae arrancando o lacre da cerveja e Eric olhando de mim para Rae, tentando descobrir o que não estamos contando a ele.

— Como vai Liam? — pergunto, para mudar de assunto.

— Está um mala completo — responde Rae. — Mas não anda se metendo em confusões.

— Seu irmão? — quer saber Eric.

— É. É por causa dele que não estou aqui ainda — diz Rae.

— Você deveria estar em Crenshaw?

Observo Rae com atenção enquanto ela assente. Não é fácil para ela falar do que deixou de lado pelo irmão.

— Virei no próximo ano, a menos que minha carreira musical decole — diz Rae a ele, com um sorriso provocador.

— E por que não está aqui ainda? — pergunta Eric, sem entender a deixa.

— Liam tem uma tendência a andar com babacas. Eles provavelmente o fazem lembrar do nosso pai — Rae explica, revirando os olhos. — No ano passado, foi preso por posse de drogas com intenção de venda. Idiota.

— Caramba — diz Eric, arregalando os olhos. — Então você é… a agente de condicional dele?

— É, a sensação é essa — Rae diz, rindo. — Só preciso garantir que chegue até a universidade sem fazer algo monumentalmente idiota que ferre com sua vida. Quando ele se formar, vai poder se cuidar sozinho.

— E seus pais? — pergunta Eric.

Rae engole o resto da cerveja. Não acho que vá responder. Ela não se abre muito, nem para mim. Tenho quase certeza de que começou a tocar bateria quando éramos crianças para poder bater com força em alguma coisa. É seu jeito de lidar com a vida.

— Eles se separaram quando a gente era menor. Meu irmão morou com o imbecil do meu pai até ele ir embora, deixando minha mãe com uma hipoteca a pagar e uma dívida enorme, além de ter que sustentar a gente. Então ela faz plantões duplos no hospital sempre que pode, e a gente quase não a vê. Eu praticamente cresci na casa do Cal, já que a mãe dele trabalha em casa.

Eric parece meio desnorteado.

— E… onde é que essa garota Nicole se encaixa nisso tudo?

— Richelle e Nicole moravam na nossa rua — explica Rae. Ela dá um suspiro profundo. — Até que elas nos deixaram.

— Para, Rae. Richelle se mudou. E a gente não sabe de tudo o que aconteceu com Nicole… é óbvio — digo. — Talvez a gente nunca tenha entendido.

— Desiste, Cal — Rae diz, balançando a cabeça. — Você precisa parar de defendê-la.

Isso nunca vai acontecer. Não até que eu saiba o que aconteceu de fato.

NICOLE

Agosto — antes do sexto ano

Vou até a porta de Cal e toco a campainha. A sra. Logan abre.

— Oi, Nicole. Que bom ver você. Cal está lá atrás.

— Obrigada, sra. Logan — respondo, e dou a volta na casa até o quintal. A mãe de Cal ligou para a minha mãe e perguntou se eu podia vir. Ela disse que Cal queria mostrar uma coisa aos amigos.

Quando chego ao quintal, minha boca se abre num sorriso bem, bem largo. Cal está correndo com um cachorrinho amarelo que vai atrás dele.

— Que coisa mais fofa! — exclamo, sem tirar os olhos da coisinha peluda que fica tentando morder a corda que Cal tem na mão.

Cal para de correr e o cachorrinho pula nas pernas dele, mordiscando a corda.

— Oi, Nicole.

— Quando foi que te deram? — Me inclino e faço carinho na cabeça do filhote. Ele pula nos meus joelhos e lambe meu rosto. — Ei. — Suas pequenas garras são afiadas.

— Henley, desce — diz Cal, puxando-o. — Desculpe. Ele te machucou?

— Ele não fez de propósito — digo, ajoelhando no chão, com o vestido cobrindo minhas pernas para que o cão não me arranhe. — Venha cá, Henley.

— Meu pai o trouxe hoje — Cal senta no chão à minha frente, para que possamos os dois brincar com o cachorro. Ele não fica quieto, pula de lá para cá e corre em volta de nós. — Acho que minha mãe não sabia, mas disse que podíamos ficar com ele. Vou ajudar meu pai a construir uma casinha para ele.

— Meu pai acha que bichos são muito sujos — digo. E, olhando Henley rolar na grama, perseguindo uma borboleta, penso que provavelmente tem razão. Mas Henley é *tão* bonitinho.

Cal e eu ficamos brincando com Henley por um tempo, até que eu me dê conta de que estamos só os dois.

— Onde estão Rae e Richelle? — pergunto, apertando um sapo de plástico na direção do cachorrinho, que fica sem saber se quer mordê-lo ou fugir dele.

— Não sei. Eu chamei as duas, mas não estavam em casa.

Não é estranho ficar sozinha com Cal. Ele é mais gentil que muitos garotos da escola. Quando Brady e Craig estão junto, acabam dizendo um monte de besteiras, e Cal tem que pedir a eles que parem com isso. Richelle diz que eles são muito imaturos e nenhuma garota vai querer tê-los como namorados.

Richelle diz que ter um namorado é a melhor coisa do mundo. Dá para contar segredos a ele. Andar de mãos dadas. Ir ao cinema. E beijar.

Acho que a única coisa de que eu ia gostar é a parte dos filmes, e já faço isso com Cal e seus amigos. Só que nenhum deles é meu namorado.

Observo Cal por um tempo, correndo muito rápido, com Henley atrás dele. Seu cabelo escuro está molhado de suor, grudando na testa. Seus joelhos estão sujos de rolar no chão. Seus óculos estão escorregando do nariz, como sempre. Será que eu gostaria de *beijar* Cal?

Coço o nariz, pensativa.

— O que houve? — pergunta Cal, ofegante de tanto correr. — Entrou um inseto na sua boca?

— Eca. Não — digo. — Só estava pensando se… — quase conto. Sinto as bochechas ficarem quentes.

— O quê? Me conta. Prometo não contar a ninguém.

Ajoelho no chão outra vez, no lugar em que Henley está deitado de costas com as patinhas para cima. Coço a barriga dele e rio: ele está tão engraçadinho deitado desse jeito. Está ofegando também. Sinto o coraçãozinho dele batendo.

Não olho para Cal quando pergunto:

— Você já beijou uma menina?

Henley vira de barriga para baixo, abre a boca num bocejo e deita a cabeça nas patas. Cal e eu continuamos a acariciá-lo. As mãos de Cal estão sujas, até embaixo das unhas. Minha mãe o faria escová-las por um dia inteiro antes de sentar à mesa de jantar.

Olho para as minhas mãos e, apesar de eu ter brincado também, fui muito cuidadosa para não me sujar. Nossas mãos parecem tão diferentes uma da outra, movendo-se sobre o pelo dourado.

— Não — responde Cal. — Nunca beijei uma menina. Acho que não quero ainda.

— É — concordo, sem olhar para ele. — Beijar é nojento. — Nossas mãos se tocam. Paramos de alisar Henley, que adormeceu, mas não tiramos as mãos da barriga dele. Ela sobe e desce com seu fôlego. Prendo a respiração e movo minha mão para cima da mão de Cal.

A mão dele está morna, e é mais macia do que eu pensei que seria. Entrelaço meus dedos nos dele, e ele aperta de leve. Fico com os olhos nas nossas mãos, com medo de olhar para ele, mas sorrio. Meu coração está pulsando como se uma borboleta estivesse batendo as asas no meu peito. Posso não estar pronta para beijar um garoto, mas bem que gosto de segurar a mão de Cal.

capítulo 8

— **Tem certeza de que** elas vêm? — pergunta Rae, encostada no vão que separa a sala da cozinha, deixando duas garotas se espremerem para passar entre a gente.

— Não tenho certeza de nada quando se trata de Nyelle — confesso. — Mas a mensagem de Tess dizia que elas estavam a caminho.

— É, mas foi há uma hora — observa Rae, entornando a garrafa de cerveja na boca.

Dou de ombros.

— Nyelle gosta de andar a pé. Podem demorar um pouco.

— Elas vão vir a pé *do campus*? — diz Rae. — Ela é maluca?

Dou um sorriso sem responder.

Estou prestes a perguntar por onde anda Eric, quando Nyelle entra pela porta de trás.

— Ela chegou.

Rae se volta para olhar, mas é baixa demais para ver por cima do pessoal que está na cozinha.

Nyelle está de cabelo solto, como eu gosto, em ondas selvagens caindo pelos ombros. A cabeça dela está salpicada de neve, e as bochechas e a ponta do nariz estão vermelhas de andar no frio. Seus olhos azuis faíscam enquanto ela examina o amontoado de gente. Ela para quando me vê. Espero para ver como vai reagir. Quando ela sorri, solto o fôlego e sorrio de volta.

Tess acena para mim enquanto articula um pedido de desculpas silencioso, olhando para Nyelle. O sorriso no rosto de Nyelle se fecha. Está longe demais de mim para que eu veja o que está acontecendo. Meus olhos percorrem a cozinha, tentando entender quem foi o cara que disse algo a ela.

— Nyelle! — grita Tess. Olho para trás no mesmo instante em que a porta bate.

— Já volto — digo a Rae. Abro caminho pela cozinha lotada e encontro Tess na escada da porta de trás.

— Nyelle, o que está fazendo? Estou congelando de ter andado até aqui e realmente preciso me esquentar. Por favor, volte para dentro comigo.

Nyelle não está ouvindo. Está andando para lá e para cá no pequeno quintal, resmungando baixinho.

— Tess, vá na frente e espere com Rae. É a menina de cabelo rosa-choque. Não tem como errar. — Quando ela hesita, garanto: — Já voltamos para dentro.

Tess suspira e diz:

— Nyelle, vou lá para dentro. Não vá embora sem mim. — Ela volta para dentro da casa, e, ao fechar a porta, silencia a música e as vozes.

Nyelle continua a caminhar para lá e para cá, com os punhos fechados, murmurando coisas sem sentido. De vez em quando consigo entender uma palavra, normalmente um palavrão. Não consigo decifrar aquilo.

— Porra! — solta ela. Depois sai dizendo outras coisas sem sentido, e insere um "Não consigo" solto no meio daquilo tudo.

— Nyelle? O que foi que aconteceu?

Ela para abruptamente, mordendo o lábio inferior. Olha para mim com os olhos bem abertos, assustados, parecendo confusa. Sei que *eu* estou.

Um arrepio me percorre quando o vento frio penetra a camisa social que estou usando.

— Está frio. E nevando. Vamos entrar um pouquinho para esquentar. Aí levo você para onde quiser. Mesmo se for para rolar por uma colina junto com você.

Nyelle inspira profundamente para se acalmar, e sorri de leve.

— Está nevando, não está? — Ela volta a cabeça na direção do céu, olhando os flocos pairarem até o seu rosto.

Uma onda de ar morno me atinge quando a porta abre e Rae sai.

— Ela está pegando flocos de neve com a língua?

Nyelle está de boca aberta com a língua para fora, e deixa os cristais de neve caírem e derreterem na sua língua. Sorrio.

— Está, sim.

— Que droga…?

Nyelle ergue a cabeça e seus olhos focam em Rae. Toma fôlego e diz, direta:

— Oi. Meu nome é Nyelle. Sou colega do Cal.

— Oi — hesita Rae. — Meu nome é Rae. Amiga do Cal lá da cidade dele.

— Prazer em conhecê-la — responde Nyelle com um sorriso exagerado. — Agora, vamos *curtir*! — Ela lança o punho para cima, sem muito entusiasmo, depois grita "Uhu!" antes de marchar entre nós até a casa.

Rae vira a cabeça para mim com a boca aberta.

— Mas que merda, Cal. O que foi que aconteceu? E *quem* era essa? Porque essa garota se parece pra caramba com Nicole Bentley.

Solto uma risada aliviada.

— Essa… tudo isso era Nyelle Preston — digo, e sigo atrás dela para dentro.

Tess está nos esperando atrás da porta, mas Nyelle já está no meio da cozinha, dirigindo-se para a sala de estar. Vou nessa direção, mas me volto para olhar para Rae e Tess.

— Vá em frente — encoraja Rae. — Vamos pegar bebidas e te encontramos num instante.

Faço um sinal positivo e vou pedindo licença ao amontoado de gente ali, bebendo e conversando.

Nyelle está encostada na parte de trás do sofá quando por fim a alcanço.

— Ei. — Paro na frente dela, perto o bastante para tocá-la. Quando olha para cima com um sorriso fraco, fico tentado a fazê-lo. Mas não faço. — Está tudo bem?

Ela abre o zíper da jaqueta e a tira, enfiando-a entre as pernas. Por baixo, veste um suéter largo, laranja e vermelho, que a engole. Ela fez furos nas mangas para deixar os polegares para fora, como no outro suéter.

Aí é que me dou conta… nunca vi as mãos dela. Sei que é um pensamento estranho. Mas essa concretização vem de repente, e agora estou olhando fixo para a ponta dos seus dedos, quase de todo cobertos. Por que nunca vi as mãos dela?

— Está tudo bem — responde Nyelle. — E você? — Quando não respondo, ela balança a mão oculta na frente do meu rosto, fazendo-me prestar atenção.

— Hum, sim, estou bem.

— Não sabia que você estava recebendo uma amiga da sua cidade natal — diz ela,

apoiando as mãos nos quadris, no sofá.

— Não vi você essa semana para contar — digo, tentando *não* olhar para as mãos dela.

— Quanto tempo ela vai ficar aqui? — pergunta Nyelle, procurando entre as pessoas na cozinha. Observo seus olhos se movendo. Ela ainda parece… irritada. Alguém disse algo para chateá-la? Ou Rae é o problema? Será que a reconheceu? Será que foi isso que gerou a cena toda no quintal?

— Vamos voltar para casa juntos na quarta-feira, para o feriado de Ação de Graças.

— Ah — é sua única resposta. Ela dá um suspiro, como se ainda estivesse tentando se acalmar.

— Tem certeza de que está bem?

Antes que possa responder, Eric chega ao meu lado e bate a mão no meu ombro.

— Oi, meu nome é Eric — diz ele sem esperar apresentações. Está encarando-a. Sou capaz de entender por que ele a está encarando, mas tenho vontade de lhe dar uma cotovelada nas costelas para fazê-lo parar.

— Eric, essa é Nyelle.

— Ah! A Garota do Lago! — exclama ele com uma risada.

Nyelle sorri.

— Você contou a ele do *Titanic*?

Faço que sim com a cabeça.

— A culpa foi toda minha — diz Nyelle a ele.

— É, bem, a gente é capaz de fazer coisas estúpidas para levar uma garota para a cama — diz Eric, gargalhando.

— Você queria me levar para a cama? — Nyelle me olha, estupefata.

— O quê? Eu?! Não na canoa, não — me atrapalho. Dessa vez, dou a cotovelada em Eric, e ele luta para esconder a dor com uma tossida enquanto seu rosto fica vermelho. Minha vida seria tão mais fácil se ele pensasse antes de falar. O cara não tem filtro.

— É, bem, a gente ficou quase sem roupa — completa Nyelle, me olhando nos olhos com um sorriso brincalhão.

— Foi? Ei, você não me contou essa parte — reclama Eric.

— Não, não contei — respondo, ainda preso nos olhos de Nyelle.

— Não olhe agora, mas Liza está visível a sudeste — cochicha Eric, tão alto que podemos todos ouvi-lo.

— Ah, eu gostava de Liza — diz Rae, esgueirando-se ao meu lado com Tess junto dela. Tess entrega uma bebida a Nyelle, Rae me dá uma cerveja.

— Obrigado — digo, pegando-a. Viro para olhar para Liza e ela sorri. Eu também gostava dela. É bonita, inteligente, divertida, mas…

— Oi, Cal. Eric. — Ela nos cumprimenta com um gesto de cabeça, depois olha para as outras, esperando ser apresentada.

— Oi, Liza. Hum. Estas são Nyelle, Tess e Rae.

— Ah, *você* é que é a Rae! — diz ela, animada. Depois para e estreita os olhos. — Desculpe, mas acho que sempre pensei que seria… mais alta. Talvez seja o jeito como Cal sempre falou de você. Ele a fazia parecer…

— Descolada? — propõe Eric. Liza gargalha.

— Como vai seu irmão? — pergunta Rae a ela. O irmão de Liza esteve envolvido num grave acidente de carro, no final do semestre passado. Talvez seja por isso que terminamos. Ela precisava ir para casa, ficar com a família. Penso a respeito. Não. Não foi isso. Isso aconteceu *depois* que terminei com ela.

— Caramba, você conta tudo a ela, hein? — brinca Liza. — Hum, ele está bem. Cem por cento recuperado. Obrigada. — Ela dá uma olhada para mim e sorri. — Foi bom te ver, Cal. Divirtam-se.

E some de volta na direção de onde veio.

— Lembro dela — diz Eric. — Também gostava dela.

— Ela é outro dos seus corações partidos? — quer saber Nyelle.

— Você sabe! — exclama Rae, na mesma hora se juntando a Nyelle para falar sobre meus fracassos em relacionamentos. Eu devia ter previsto isso.

— Eu disse a você que ele ia partir seu coração — Nyelle se inclina e sussurra alto para Tess.

Os olhos de Tess se arregalam e sua boca se abre, com o choque.

— Não, não, não — Rae sacode a cabeça. — Nem pense nisso, Tess. Você parece uma garota bacana. Fique longe dele. Ele é uma pessoa difícil em termos de relacionamentos. De verdade.

Tess se engasga. O rosto dela vai ficando cada vez mais vermelho.

— Tess, vamos buscar uma bebida — oferece Eric com delicadeza, pegando a mão dela.

— Já estou com uma — diz ela baixinho, mostrando o copo.

— Bem, então vamos para a outra sala até seu rosto voltar para a cor original.

Quero pedir desculpas. Mas sei que só vai piorar as coisas, porque ela não vai saber se estou pedindo desculpas porque é verdade ou porque eles revelaram que ela gosta de mim e eu não posso dizer o mesmo. De qualquer forma, é melhor que ela se afaste um pouco.

— Estou tentando lembrar da desculpa que você usou quando terminou com Liza — diz Rae, concentrada. — O que foi mesmo?

— Minha pergunta é: você se arrepende? — diz Nyelle.

— Não — respondo sem hesitação. Ela sorri. Rae olha para nós dois com suspeita. Quando fica olhando para Nyelle por tempo demais, cutuco-a para que pare.

Nyelle não nota. Está ocupada demais tirando balas de gelatina de ursinhos do bolso da frente.

— Querem um? — oferece, com a mão aberta coberta pelo suéter.

— Não, obrigado — respondo, dando um gole na cerveja vagabunda na minha mão. Rae pega um e morde a cabeça antes de enfiar o resto na boca.

— Acho que a gente devia voltar para o seu apartamento — anuncia Rae depois de tomar o resto da cerveja. — Essa festa está um tédio. A gente pode se divertir bem mais fora daqui. Vamos comprar um Jack no caminho. Nyelle, vamos para a casa do Cal?

Nyelle hesita, depois olha para mim como se estivesse esperando algum tipo de garantia. Ergo as sobrancelhas, encorajando-a, e ela responde:

— Vamos.

Rae vai até a cozinha, pega mais algumas cervejas e grita para Eric e Tess:

— Estamos indo embora. Vamos. — Passando sem esforço pelo amontoado de gente, ela

avança para a porta de trás.

Nyelle olha para Rae e sorri.

— Gosto dela.

Dou uma gargalhada.

— É, eu também.

* * *

Estou apoiado na bancada da cozinha, olhando para a porta do banheiro, esperando que Nyelle e Rae saiam dali. Estão lá dentro desde que Eric foi levar Tess de volta para o dormitório. Isso foi há vinte minutos.

— De jeito nenhum! — Ouço Nyelle gritar, através da porta.

Rae dá risada.

— Sério, é verdade!

Fico com medo de saber do que estão falando.

A porta se abre, e Eric entra.

— Oi. Onde estão as garotas?

Volto os olhos para o banheiro, no mesmo instante em que alguém solta uma gargalhada.

— O que estão fazendo aí dentro? — pergunta ele, parado do meu lado de braços cruzados, olhando a porta.

Dou de ombros.

— Quem sabe? O que é que as garotas fazem juntas no banheiro, de qualquer forma?

— Falam dos caras — responde Eric. — Só que Rae não gosta de caras. O que significa que provavelmente estão falando de você.

Fico tenso.

— O quê? — Já estava preocupado, pois Rae está bêbada o suficiente para deixar escapar alguma coisa. Mas a risada não parece hostil, o que me deixa paranoico pensando que elas estão *mesmo* falando de mim.

— Ah, e não entendo por que você não gosta da Tess. É uma garota muito legal — continua ele. — Peguei o celular dela. Mas isso quer dizer que vou ficar com suas sobras?

— Isso não faz o menor sentido! Não há nada de errado com a Tess, e não há "sobras", porque nunca saí com ela. Ela é legal, mas não estou interessado em namorar com ela.

— Porque você quer a amiga dela — diz ele, fazendo um gesto em direção ao banheiro. — Por que não me contou que a Garota do Lago era tão gostosa?

A risada escandalosa de Nyelle me faz ir até a porta.

Bato.

— Ei, vocês não vão sair daí?

— Já saí do armário no primeiro ano do ensino médio, não lembra? — grita Rae de volta. — Nyelle ri. — Você estava lá. Foi tão engraçado. Achei que Brady ia ter um enfarte.

— É, eu estava lá — respondo com um suspiro. — Saiam do banheiro. Vocês estão aí há mais de meia hora.

— Estava querendo falar com você sobre uma coisa — me diz Rae enquanto esperamos Brady

e Craig. Eles tinham ligado havia algum tempo e disseram que estavam vindo de bicicleta. Também disseram que tinham afanado uma garrafa de vodca do armário de bebidas do pai de Craig. Se for a mesma garrafa do verão passado, sei que metade é de água, então não é grande coisa.

— Sim, o que foi? — respondo, sem tirar os olhos do videogame no celular.

— Cal. — A voz dela está séria e grave. É a voz que ela usa com o irmão quando ele está se metendo em confusão.

Fecho o aplicativo de jogos e volto toda minha atenção para ela.

Rae abre a boca, depois fecha. Está nervosa, e ela nunca fica nervosa com nada.

— Você está grávida? — solto.

— Não! — Ela me dá um soco no braço. — Não estou grávida, seu palhaço. É que…

— Sei que você sentiu minha falta! — grita Brady, subindo a trilha de bicicleta. Rae afunda no sofá e fecha os olhos. Sei que não vai me contar nada agora. — Vamos, minha radiante Rae. Me diga o quanto sentiu minha falta.

— Nem um pouquinho — resmunga ela.

— Você vai acabar cedendo — diz ele com uma piscadela.

Craig mostra uma garrafa de Jack Daniel's, não de vodca. Rae se ergue de repente, abre a garrafa, dá um gole longo e tosse, sentindo arder.

— Não. Não vou, Brady. — Ela tosse de novo, e limpa a garganta. — Porque não gosto de pênis. — Aí dá outro gole, direto da garrafa.

— Calma aí — avisa Craig, erguendo a mão para pegar a bebida de volta.

— Você está sendo cruel — diz Brady, fazendo de conta que está sofrendo.

— Você não está ouvindo. Eu. Não. Gosto. De. Pênis.

Ficamos estáticos. Brady com a mão no coração. Olhamos fixo para ela. Ninguém fala até que eu sussurre:

— Faz sentido que você não esteja grávida.

— Já vamos sair! — grita Rae de volta.

Gemo de frustração e encosto a cabeça no batente da porta. Atrás de mim, ouço Eric abrir um saco de salgadinhos.

A porta se abre.

— Vocês têm salgadinhos! — exclama Nyelle. Ela passa por mim sem nem olhar e vai direto até Eric.

Arregalo os olhos.

— Você o ouviu abrir esse saco? Quer dizer que era só isso que eu precisava fazer para te tirar dali?

Nyelle ri e enche a mão de Doritos.

Rae sai atrás dela. Observo-a, procurando algum sinal no seu rosto que indique do que falaram por tanto tempo. Ela senta na ponta do sofá com seu sorriso mais frustrante. Será possível?

Sento na outra ponta do sofá e consigo olhar nos seus olhos. Abro os meus, implorando em silêncio por alguma espécie de conexão. Ela continua com o sorriso torto. Sinto vontade de

estrangulá-la.

Ergo as mãos, frustrado, e ela abre mais o sorriso, me torturando. Somos interrompidos quando Nyelle pula na almofada entre nós dois, chutando os sapatos e cruzando as pernas.

— Meu Deus, adoro Doritos. Só que eles deixam um cheiro na boca que dura por horas.

— É verdade — assente Eric com um gesto dramático.

— Ah! Lembrei por que você rompeu com a Liza! — exclama Rae de repente, fazendo com que todo mundo se volte para ela. — Ela queria te apresentar aos pais dela. Por isso você rompeu.

Eric começa a rir.

— É mesmo. Tem razão.

Eu também começo a lembrar.

— A gente só estava saindo fazia um mês. Eu não estava pronto para conhecer os pais dela.

— Mas você não podia ter dito isso a ela em vez de terminar tudo? — pergunta Nyelle, espanando as migalhas de Doritos do seu jeans. — Talvez ela tivesse entendido.

— Ah, claro — zomba Rae. — Cal não tem essas conversas constrangedoras. Ele apenas foge de qualquer confronto. Sério, ele pode desviar muito do seu caminho para evitá-las.

— É, eu sei — diz Nyelle, sorrindo de forma irônica.

De repente acho que a mancha no sofá é digna da minha atenção, quando Rae começa a rir.

Essa conversa precisa acabar agora.

— Então, por que você vai embora? Tem medo de magoá-las ou algo assim? — pergunta Nyelle.

E, só para piorar, Eric se mete na conversa.

— Cal é aquele cara na dele, que espera o mundo chegar. É assim que ele consegue as garotas. Elas sempre se aproximam dele porque ele parece *aquele cara legal*. Acho que ele nunca cantou uma menina. O que significa que o cara nunca teve que provar a sensação de ser rejeitado.

— Do que é que você está falando? — exclamo, sentindo a necessidade de me defender, mesmo que ele esteja dizendo a verdade.

— Quem foi a última garota que você convidou para sair? — desafia Rae.

Olho para Nyelle de canto de olho, porque, tecnicamente, foi ela.

— Não, não fui eu — diz ela, lendo minha mente. — Você foi bem casual, fazendo parecer que um grupo ia sair junto.

— Ele chamou *você* para sair? — espanta-se Rae.

Nyelle balança a cabeça.

— Não, não chamou.

Eric ergue as sobrancelhas, como que perguntando *"O que diabos há de errado com você?"*.

Incapaz de ficar ali ouvindo todos me analisarem por mais tempo, levanto e vou até a geladeira.

— Alguém quer uma bebida? — Pego uma cerveja. Eric ergue a mão, então jogo a lata para ele.

— Tem Coca? — pergunta Nyelle.

— Também quero — diz Rae. Tiro as garrafas de refrigerante com outra cerveja e entrego-

as para as garotas. Rae mistura a dela com Jack Daniel's, e Nyelle enche a boca e bochecha.

— Você está fazendo gargarejo com Coca? — pergunta Eric, rindo.

— Estou limpando os Doritos dos dentes — explica ela antes de engolir. Depois se vira na almofada para observar Rae.

— O que foi? — quer saber Rae, estreitando os olhos.

— Posso tocar no seu cabelo? — pede Nyelle, erguendo a mão acima da cabeça de Rae, esperando a autorização.

— Você está bêbada? — pergunta Rae.

— Não gosto muito de beber — responde Nyelle. — Me deixa irritada.

— E não queira vê-la quando está irritada — observo, balançando a cabeça, lembrando do sujeito encurralado na parede com a lâmina da espada sob o queixo.

— Ela fica verde e suas roupas se rasgam? — diz Eric, se acabando de rir com a própria piada.

Rae ri também. Eu sorrio.

— Certo, vá em frente — diz Rae com um suspiro dramático quando se dá conta de que Nyelle ainda está esperando uma resposta. Os olhos de Nyelle se iluminam e um sorriso surge no seu rosto quando ela gentilmente passa a mão pela penugem de cabelos cor-de-rosa.

— É tão suave — diz Nyelle, encantada. — Sabe, Rae, você é incrível.

— Por quê? — pergunta Rae com cuidado.

— Você é tão segura de quem é. Fala sério, você criou sua própria banda punk! Eu apenas… eu vou dar um abraço em você agora. — Antes que Rae reaja, Nyelle a envolve em seus braços e a aperta em um rápido abraço. Os olhos de Rae se arregalam de espanto. — Você me deixa feliz.

Depois Nyelle senta-se de novo encostada no sofá, junta as mãos e pergunta, animada:

— Bem. E o que vamos fazer agora?

Ninguém se mexe. Todos a encaramos.

— O que foi isso? — murmuro.

— Acho que foram os ursinhos de gelatina — sussurra Rae.

— Eu tenho fogos de artifício — comenta Eric.

— Podemos soltá-los! — exclama Nyelle, batendo palmas.

— Bem… são estrelinhas, só fazem faíscas — continua Eric.

— Então não são fogos de artifício, idiota. — Rae revira os olhos.

— Será que podemos subir em algo? — pergunta Nyelle com um olhar desvairado. Acho que ela comeu açúcar demais.

— Hum… tem o celeiro — sugere Eric. — Ou…

— Nyelle, não é uma boa ideia — tento dizer, mas é tarde demais. Ela já saiu do sofá, já calçou os sapatos e está saindo pela porta, segurando a jaqueta… e as chaves da minha caminhonete.

Recosto no sofá.

— Eric, para que você foi dizer aquilo?

— O que foi que eu fiz? — pergunta ele, confuso. — Espera. Ela foi mesmo para o celeiro?

— Foi — suspiro, levantando e pegando meu casaco. — E é melhor vocês dois se

apressarem ou ela vai embora sem vocês.

Quando saio na noite coberta de neve fina, vejo Nyelle atrás do volante da caminhonete, esperando. Não é uma boa ideia. Mas sei que não vai dar para convencê-la disso ao vê-la apertando a direção, ansiosa.

— Vá para lá. Eu dirijo — digo a ela, abrindo a porta do motorista.

— Mas eu não bebi nada — observa ela.

— E eu bebi apenas uma cerveja — respondo. — Além disso, você sabe aonde estamos indo? — Hesito, porque de repente tenho medo da resposta. — Você já foi… ao celeiro?

— Você foi ao celeiro? — pergunta Eric, estupefato, segurando a porta do passageiro para Rae.

— Do que é que vocês estão falando? — pergunta Nyelle. — Nunca fui lá, mas foi você que o mencionou, *Eric*.

— Ainda está nevando! — reclama Rae, interrompendo a conversa sobre o celeiro. — Por que sempre tem que nevar quando eu venho aqui?

Ela desliza para perto de Nyelle, e Eric sobe depois dela. Nyelle chega mais perto de mim para que possamos todos caber. Meu pulso acelera quando a coxa dela encosta na minha. E tenho dificuldade de respirar quando ponho a mão entre suas pernas para passar a marcha.

— Espera. Se você odeia neve, por que vai vir estudar aqui no próximo ano? — questiona Eric.

Rae olha para mim e dá de ombros.

— Você tem um estranho poder sobre as mulheres da sua vida, hein? — Nyelle sussurra, pertinho. Consigo sentir o hálito dela na nuca, e engulo com dificuldade.

— Aonde vamos, exatamente? — pergunta Nyelle.

— Transar — diz Eric com um sorriso estúpido no rosto.

— Cala a boca, Eric — ameaço, sentindo a necessidade de abrir a janela e deixar algum ar fresco entrar.

— Alguém diga algo que faça sentido. Agora, por favor — exige Rae.

— O celeiro é uma propriedade abandonada nos arredores da cidade. Como um ritual de passagem, os casais de Crenshaw vão lá e… — deixo as palavras morrerem, esperando que eles captem o resto.

— Transam — diz Eric. Agora elas entenderam, com certeza, se não tinham entendido. — Acho que as paredes estão marcadas com as iniciais de todo mundo que já foi lá.

— É *para lá* que a gente vai? — diz Rae, parecendo horrorizada. — Quem foi que achou que era uma boa ideia?

Olhamos todos para Eric.

— Ei! Eu só estava pensando alto — Eric se defende. — Não achei que fôssemos ir lá de verdade. Nem sei direito onde é.

— Mas *você* sabe — diz Nyelle, ao meu lado. Não consigo olhar para ela. Me concentro na estrada.

— Cal? — pergunta Rae. — Vamos encontrar suas iniciais na parede?

Droga.

— Não — respondo calmamente. Não porque nunca tenha estado lá, só porque acabei nunca saindo da caminhonete. Mas não há nenhuma chance de eu contar isso a eles de

espontânea vontade.

Consigo sentir os olhos deles em mim, e me recuso a olhar para eles, dirigindo pelas estradas secundárias de Crenshaw para a área em que as casas começam a escassear e vastas extensões de bosques e de fazendas aparecem.

— Não vou entrar lá — declara Rae.

— Quer que eu faça o retorno? — pergunto.

— Não — diz Nyelle. — Continue.

Arrisco a dar uma olhada para Nyelle. Está com um sorriso divertido. Talvez eu devesse dizer algo para apagar a imagem que ela provavelmente tem de mim. Mas não o faço. O que diria?

Alguns minutos depois, entro pelo caminho que leva à casa de fazenda abandonada. A estrada de terra se divide, e fico na direita, seguindo em direção ao celeiro de madeira escura e ao silo branco enferrujado que fica ao seu lado.

— Parou de nevar — anuncia Nyelle quando saímos da caminhonete. Depois ela para na frente do carro, com o olhar voltado para o alto do silo. Um sorriso cintilante surge no seu rosto.

— Ah, não — digo. — Nem pense nisso.

Tarde demais.

Nyelle já está andando na direção do silo.

— Para onde é que ela vai? — pergunta Rae, atrás de mim. — Ela não vai…

— Vai, sim — respondo. Enxoto qualquer resto de sensatez e sigo atrás dela.

— Sem chance, Cal — diz Rae, com urgência. — Você está louco?

Não olho para trás por medo de perder a coragem. Permaneço concentrado em garantir que nada aconteça a Nyelle: isso evita que eu pense muito no que pode acontecer comigo. Ela é minha coragem. Se não fosse por ela, não haveria nenhuma chance de eu estar me segurando nos degraus de uma escada, subindo em um silo que tem mais ferrugem do que tinta cobrindo sua superfície.

— Vamos, Rae — tranquiliza-a Eric. — Eu cuido de você. Vamos lá.

— Não acredito que estou fazendo isso — ouço-a dizer ao longe. Concentro-me nas minhas mãos, incapaz de olhar para baixo.

Nyelle não hesita quando chegamos à plataforma gradeada. Ela alcança a escada que leva ao topo da cúpula bem quando abro a boca para fazê-la parar.

Droga.

Minhas mãos estão tremendo quando enfim me sento ao seu lado. Consigo me convencer que é adrenalina, e vou manter essa versão.

Nyelle está sem fôlego, mas continua sustentando o sorriso de criança-no-Natal.

— É incrível — diz ela, recostando-se com a mão atrás da cabeça. — Olhe as estrelas comigo, Cal.

Também me recosto e Nyelle entrelaça o braço no meu, ficando junto de mim. Dou um suspiro profundo e tento me concentrar no céu. As nuvens de tempestade se esgarçaram em fiapos que passeiam pelo céu, deixando aglomerados de estrelas brilharem através deles.

— Você encontrou seu "algo para subir" — digo. — Mas acho que prefiro a árvore. — Luto para manter a atenção no céu e não no fato de que estou mais perto das nuvens do que

jamais estive sem equipamento de escaladas. Não faz sentido olhar para baixo para procurar a sanidade que deixei no final da escada. Estou aqui em cima. Com Nyelle.

— Encontrei. — Ela suspira. — Estou surpresa que você tenha vindo até aqui comigo.

— Eu também — digo com um riso curto.

— Eu não vou subir aí! — grita Rae lá de baixo.

— Senta aqui comigo — diz Eric a ela. — Trouxe nosso amigo Jack.

Nyelle aproxima o rosto do meu e diz para que só eu ouça:

— Ela é sua melhor amiga, não é?

— É, sim — respondo, olhando o brilho trêmulo nos seus olhos.

— Você sente saudade dela? — pergunta Nyelle, olhando de volta para o céu. Continuo a prestar atenção nela, tocado pela emoção presente na voz dela.

— Falo com ela quase todo dia — digo. — Mas, sim, sinto saudade.

— Eu também sentiria — diz ela, sussurrando. Me apoio no cotovelo e olho para ela. Ela desvia o olhar, enxugando o canto do olho.

— Venham aqui para baixo! — grita Rae. — Trouxemos as estrelinhas!

— Está pronta para deixar o topo do mundo? — pergunto a ela, procurando nos seus olhos a emoção que acredito ter percebido.

Nyelle olha para mim e sorri.

— Claro.

Eric e Rae estão sentados na plataforma com as pernas penduradas e os braços por cima da barra do meio, a garrafa de Jack Daniel's entre eles.

Desço atrás deles, perto de Nyelle.

Rae entrega uma estrelinha a cada um de nós dois, e Eric faz rodar o isqueiro. Cada vareta faz uma chuva de faíscas. Nyelle sacode a dela no ar, deixando para trás uma trilha de fumaça e um rastro de luz impresso no escuro.

Eric e Rae começam uma luta de espadas com as deles. Me debruço sobre a barra de proteção e deixo as faíscas escorrerem como uma onda de vaga-lumes libertados. A noite ecoa com risadas quando Rae se declara vitoriosa e Eric exige uma revanche.

Nyelle desliza pela grade para ficar ao meu lado depois que nossas estrelinhas se apagaram. Nossos braços se encostam. Ela não diz nada. Apenas fica parada ali, olhando para a noite. As estrelas estão ficando mais brilhantes, pois o véu tênue de nuvens está indo embora. Uma luz atravessa o céu.

— Faça um pedido — me inclino e sussurro. Nyelle fecha os olhos, com um sorriso brotando devagar. Estou quase perguntando o que ela quer fazer de novo, quando a mão dela escorrega na minha e ela entrelaça nossos dedos. O calor sobe pelo meu braço. Aperto a mão dela de leve e absorvo o brilho das estrelas refletido nos olhos dela, quando diz baixinho:

— Desejei uma borboleta.

NICOLE

Setembro — sexto ano

Estou nervosa, e as palmas das minhas mãos estão úmidas. Estou mais nervosa do que quando tenho que mostrar ao meu pai uma nota mais baixa que dez. Estou tão nervosa que sinto dor de barriga.

Fico olhando pela janela até que vejo Cal vir correndo pelo campo de futebol, depois que eles dão o primeiro aviso de que o recreio acabou.

— Srta. Hendricks, estou indo agora, está bem? — Ajudei a limpar a sala de artes durante o recreio inteiro.

— Obrigada pela ajuda, Nicole — diz ela, da pia onde está lavando os pincéis. Pego o papel enrolado com o laço de fita azul e vou bem rápido para a porta por onde eles vão voltar do recreio, e fico de lado para que todo mundo possa passar por mim.

Vejo Cal. O cabelo dele está todo despenteado de tanto correr. Ele está com uma mancha de grama no ombro, provavelmente por ter caído. E seus óculos escorregaram para a ponta do nariz.

Me asseguro de que ele está me vendo e aceno para que ele me encontre embaixo da escada, para que não nos vejam.

— Oi, Nicole. Por que você não estava no recreio?

— Eu estava ajudando a srta. Hendricks. E… hum… fiz isso aqui para você.

Ele estira a mão para pegá-lo, e eu quase não solto.

— Não olha agora, tá? Não quero que ninguém veja.

— Certo — diz ele. — Obrigado.

Tem uma borboleta dentro do meu peito, de novo.

— O que é isso? — pergunta Richelle. Não sei de onde ela veio, mas está apontando para o papel na mão de Cal.

Não consigo dizer nada. A borboleta se transformou num martelo, e contraio os lábios, querendo que ela vá embora.

— Foi Nicole que me deu — diz Cal.

— Posso ver? — pergunta ela, estendendo a mão.

Quero dizer que não. Quero que *Cal* diga a ela que não. Ele abre a boca e eu prendo a respiração. Mas aí ela avança a mão e ele a deixa pegá-lo. Tenho vontade de chorar.

Richelle desfaz o laço e deixa-o cair no chão enquanto desenrola o papel. Ela o olha por muito tempo. Sinto as lágrimas encherem meus olhos. Ela o enrola de volta e o entrega a Cal. Não olha para mim. Sei que ela está chateada quando vai embora correndo.

— Cal, disse para você não mostrar a ninguém! — grito para ele. — Richelle! Por favor, não fique chateada.

Corro atrás dela, mas há uma professora no corredor para garantir que entremos na sala de aula.

Depois da escola, quando meu dever de casa está feito, sento do lado de fora, nos degraus da

porta da frente, esperando Richelle sair. Tenho a sensação de esperar por muito tempo.

Por fim, a porta dela se abre e ela vem andando, até parar bem na minha frente.

— Minha mãe me disse que eu preciso expressar meus sentimentos, e não ficar com tudo guardado lá dentro. E quero te dizer que você não foi uma boa amiga hoje. Eu te disse que gosto muito do Cal. Eu te disse que eu queria que ele fosse meu namorado. E o que você fez hoje não foi muito legal.

Pisco para afastar as lágrimas e aperto as mãos fechadas no colo.

— Desculpe.

— Nicole, você beijou o Cal?

Ergo a cabeça.

— Não. Não beijei. Juro. Ele é só meu amigo, Richelle. Acredite em mim. Eu não queria te chatear.

— Você jura que só quer ser amiga dele?

— Juro — respondo, mas dói um pouquinho no meu coração porque sei que não é bem verdade. Não quero que Cal seja meu namorado, porque não quero beijá-lo. Mas eu queria muito segurar a mão dele de novo.

— Certo. Não quero mais ficar chateada com você — diz ela, afinal.

— Que bom. Não quero que você fique chateada comigo nunca mais — respondo, e é verdade. — Prometo que nunca vou gostar do Cal mais que como amigo. — Essa é a primeira briga que tenho com Richelle, e dói tanto que nunca mais quero sentir isso.

Richelle senta ao meu lado no degrau e pega minha mão. Não traz a borboleta para o meu peito como acontece quando Cal faz isso, mas me ajuda a me sentir melhor, como o sol, bem alegre e quentinho.

— Richelle, por que é que Cal não é seu namorado como você queria?

— Você me contou que ele disse que não estava pronto para beijar uma garota. Ele não pode ser meu namorado até que queira me beijar. Mas quero ser a primeira garota que ele vai beijar. E não quero que ele queira beijar outra garota além de mim… nunca.

— Ah — respondo, e meu coração fica meio pesado.

— Vamos para a minha casa — diz Richelle, descendo a escada aos pulos e me puxando atrás dela. — Tenho uma surpresa para te mostrar.

capítulo 9

*— **Por que você está parando aqui?** — pergunto, quando Brady encosta o jipe dele no acostamento.*

— Cara, sua casa não é tão longe. Pode sair — diz Brady. — Preciso pegar a Rae na casa da Nina. Ela precisa ser salva, e você está bêbado demais para ficar em pé, então sobrou para mim a tarefa de salvá-la.

— Posso ir com…

— Não. Você precisa dormir. Vejo você amanhã.

Relutante, saio do jipe.

— Ei — chama Brady, conseguindo minha atenção. — A gente se formou, porra! — grita ele, com o punho no ar enquanto se afasta. Rio e fico olhando-o acelerar mais adiante. Minhas pálpebras estão pesadas e tudo está se movendo um pouco mais devagar do que deveria. Me concentro nos passos que dou pela calçada.

Há uma campainha dentro da minha cabeça. Tento fazê-la parar, mas continua tocando. É nessa hora que vejo o Lincoln do sr. Bentley no caminho que leva à casa deles, cuja porta está aberta. Esse barulho é tão irritante.

— Você precisa se acalmar — diz a voz baixa do sr. Bentley, que se faz ouvir pela janela aberta da casa. — Ficar aborrecida assim não vai melhorar nada.

— Não toque em mim! — grita Nicole.

Parei de andar. Não consigo ver nada de onde estou, atrás do carro. Mas para mim é difícil ver algo nítido de qualquer forma. Suspiro.

— Está exagerando só um pouquinho, Nicole — resmungo. — Kyle é um idiota. Você ficará melhor sem ele.

Com quem é que estou falando? Sacudo a cabeça. Estou prestes a começar a andar em direção à minha casa de novo quando o som de vidro estilhaçado me faz voltar.

Acordo assustado, com o eco do vidro se quebrando ainda na cabeça. Piscando, saio pouco a pouco da noite seguinte à formatura e volto para dentro do voo que nos leva para casa para o feriado de Ação de Graças.

— Você está bem? — pergunta Rae, olhando para mim com atenção.

— Estou — respondo. A lembrança fragmentada some junto com o sonho. Ainda não sei o que de fato aconteceu naquela noite.

Rae volta a ler o exemplar da *Rolling Stone* aberto na sua mesinha. Encosto a testa na janela e olho as nuvens que passam embaixo de nós. Sorrio, lembrando de Nyelle. Ela desapareceu de novo. Não nos vimos depois da noite no silo. Eu gostaria de dizer que estou acostumado, mas não estou.

— Ela me lembra um pouco Richelle — diz Rae. — O jeito como se empolga com as coisas mais bobas.

Dou uma risadinha com a comparação.

— É, talvez. — Rae não quis falar de Nyelle depois que a gente a deixou no dormitório no

sábado à noite. Eu não a forcei. Sabia que falaria quando estivesse pronta.

— Mas não é a garota com quem a gente cresceu.

Franzo as sobrancelhas, confuso.

— Você não acha que ela é Nicole?

— Estou dizendo que, quem quer que ela seja agora, *não é* Nicole. Se parece muito com ela. Se não tivesse a mesma risada, eu poderia me convencer da teoria das separadas-ao-nascer. Mas, por outro lado, não sobrou nada da garota que a gente conhecia: nem da esnobe nem da princesa. — A voz dela está sem expressão. — Acho que precisamos contar a alguém. Maura vai saber…

— Não — digo, determinado. — Não diga nada à minha mãe.

— O quê? — Rae olha para mim como se não tivesse me escutado direito.

— Ainda não — imploro. — Só preciso de um pouquinho mais de tempo.

— Para quê? O que é que estamos esperando, que ela pule de uma ponte? — diz Rae, inflamada.

— Ela não faria… — paro e penso melhor. — Certo. Talvez ela pudesse fazê-lo. Mas não porque tem ímpetos suicidas.

— Não, porque é *maluca*. É sério. Tem algo errado com ela. Ela nem vacilou quando falei de Renfield ou quando mencionei pessoas que ela deveria conhecer. Não havia o menor sinal no rosto dela de que ela sabia de quem eu estava falando. Aquilo me deixou bem assustada.

— Sobre o que foi que vocês falaram? — pergunto. Eu sempre quis saber, desde o segundo em que elas saíram do banheiro.

Rae abandona a expressão séria, substituindo-a por um sorriso brincalhão.

— Você está com medo de que a gente tenha falado de você, não é?

— Falaram?

— Claro que sim — Rae dá uma gargalhada.

— O que foi que você disse?

— Ela queria saber com quantas garotas você namorou — diz ela com um sorriso zombeteiro. — Eu disse que tinha perdido a conta.

— Rae!

Ela começa a rir de mim.

— É verdade! Você ao menos sabe com quantas garotas já saiu?

— Sei — respondo rápido, e cerro os dentes quando não consigo dar um número na hora.

— Ah, meu Deus, Cal! Nem *você* sabe! — Rae gargalha tanto agora que chama a atenção do homem de terno sentado do seu lado.

— Como quiser. Não foram *tantas* — me defendo. — O que foi que *ela* disse?

— Ela achou engraçado. Porque é.

Dou um gemido.

— Por favor, não me diga que foi disso que vocês ficaram rindo por meia hora.

— Não — Rae inspira fundo para acalmar o riso. — Ela me fez um milhão de perguntas sobre… tudo. Ela basicamente queria saber minha vida inteira desde que começamos…

Rae para, com os ombros erguidos como se alguém lhe tivesse tirado o ar.

— O que foi que aconteceu?

Ela demora uns instantes para dizer alguma coisa.

— Nyelle perguntou pela escola. Pelo meu irmão. Pela banda. Você e eu — responde Rae, baixinho. — Basicamente, ela queria saber tudo o que aconteceu comigo desde que… desde que deixamos de ser amigas.

Rae inclina a cabeça para trás e a descansa no encosto, o rosto tenso. Não sei o que dizer. Nunca vi Rae aborrecida assim. É nessa hora que normalmente ela se tranca na garagem.

— Precisamos descobrir o que aconteceu com ela — diz, calma. — Será que ainda é amiga da Richelle? Talvez ela saiba.

— Não sei — respondo. — Elas continuaram amigas no ensino médio. Mas não tenho notícias da Richelle há anos.

— Por que ela parou de falar com você? — pergunta Rae, áspera. — Ah, sim, é verdade. Porque você *deixou*.

— Ei! Não é minha culpa. — De repente fico na defensiva, e nem sei o que fiz de errado. Essa é a conversa mais intensa que já tive com Rae. Não tenho ideia de como lidar com esse surto de emoções por parte da minha melhor amiga, para quem estava tudo bem se fechar para todo mundo até dois minutos atrás. Ela está precisando que eu seja a bateria dela nesse momento, então, se precisar bater um pouco em mim, vou deixar.

Rae pressiona a palma das mãos nos olhos.

— Eu sei. Desculpe. Estou apenas… com raiva. Ela era nossa amiga. As duas eram. E agora… não sei. Que droga. Detesto isso.

— Por que você nunca falou com Richelle depois que ela se mudou? — pergunto, ainda sentindo uma culpa persistente por ter deixado nossa amizade acabar.

— Richelle e eu nunca *conversamos* de verdade — me lembra Rae. — Nós… andávamos juntas. Sabe?

— É verdade — concordo. — Você ainda… odeia Nicole?

— Nunca a odiei — diz Rae. — Só odiava sua transformação. E agora não sei se ela ao menos sabe quem é.

Rae dá um suspiro profundo.

— Um mês, Cal — ela se volta para mim, bastante séria. — Você tem um mês para descobrir o que há de errado com ela, antes de eu trazer Maura para essa história.

Faço que sim com a cabeça. Não é que eu não confie na minha mãe. Sei que ela vai fazer o que for certo para ajudar Nyelle. Mas talvez o que é certo não seja o que eu quero. Ou aquilo de que Nyelle precisa. Para ser sincero, não sei se quero que ela "melhore", se melhorar significar não ser mais Nyelle.

— Quem vai vir buscar a gente? — pergunta Rae no trajeto para pegar as bagagens.

— Devin — respondo. Ela dá um gemido.

Sou bem próximo da minha família, apesar da diferença de idade. Sean é seis anos mais velho, e Devin, quatro. Eles cresceram juntos. E eu cresci com Rae. Jules é a mais nova, nascida cinco anos depois de mim. Ela poderia ser amiga de Liam, mas ele só voltou a morar perto de nós quando tinha treze anos. E agora são diferentes demais. Jules é do tipo tranquilo e artístico. E Liam é… garantia de confusão.

Rae e eu éramos alvo das provocações dos meus irmãos todas as vezes que nossos

caminhos se cruzavam. Eles adoravam nos torturar. Eu não me importava tanto. Na verdade, isso me ajudava a não dar bola quando me provocavam no colégio. Ao contrário, Rae revidava sempre que podia. Nunca vencia. Eles normalmente acabavam rindo dela. Mas isso não fazia com que ela parasse de tentar.

— Não é possível que você *ainda* tenha problemas com Devin — digo, andando devagar no meio das pessoas que vieram passar o feriado em família. — Há mais de dois anos que ele saiu de casa. Está trabalhando de verdade agora e é obrigado a usar gravata todo dia. Tenho certeza de que ele desistiu de te provocar.

— Duvido — resmunga Rae.

Chegamos à esteira de bagagens e encontramos Devin encostado num poste, com a atenção voltada para o celular. Ele olha para cima rapidamente, e seus olhos primeiro passam por mim sem parar. Então olha de novo. Sua expressão muda de confusa para surpresa.

— O que foi que aconteceu com vocês dois? Não fiquei fora *tanto* tempo assim.

— Não o bastante — responde Rae. Ele envolve o pescoço dela com um dos braços e esfrega a mão na cabeça dela com força.

— Ah, para! — grita ela.

— Ah, Rae. Senti saudade das suas tiradas — diz Devin, mantendo-a presa pelo pescoço até que ela lhe dá um soco na lateral do corpo. — Você precisa começar a malhar com pesos, se quiser que isso doa algum dia.

Ele volta a atenção para mim.

— Caramba, cara, você está mais alto que Sean agora. E seu cabelo parece que cresceu junto com você. Talvez eu possa pedir a Jules para fazer uma trança.

— Oi, Devin — digo, estendendo a mão, e ele me puxa para um abraço de um braço só, com uma batida firme nas costas. — Como vai você?

— Curtindo a vida, baby. — Ele dá um sorriso. — Só que sinto falta da comida da mamãe.

— É, você parece ter perdido peso — brinco, sabendo que ele está mais em forma do que nunca.

— Cara, você desenvolveu músculos. Até que enfim! — Ele me dá um soco na barriga enquanto vai na frente para o estacionamento. — Tem malhado?

— É, Eric e eu vamos à academia algumas vezes por semana — respondo, esfregando o lugar dolorido na barriga.

Devin e Sean eram diferentes de mim tanto quanto é possível quando a gente estava crescendo. Eram populares na escola, estavam por dentro de quase tudo. Eram atletas incríveis, destacavam-se em todos os esportes sem dificuldade.

Eu sempre desapareci na sombra deles, e era ruim em esportes, mesmo que me esforçasse. Então, embora a gente seja quase da mesma altura hoje, ainda me sinto menor. Fala sério, até fisicamente sou diferente, com olhos e cabelos castanhos, em contraste com os cabelos claros e os olhos azuis deles.

— Só avisando: *os tios* chegaram. Não estão hospedados em casa, ainda bem. Mas estão lá o tempo todo, então está uma bagunça.

— Que ótimo — responde Rae sem entusiasmo. — Não vou passar nem perto da casa de vocês até amanhã na hora do jantar.

Jogamos nossas coisas no porta-malas do Jetta e entramos.

— Vocês dois já pensaram qual é a sobremesa que vão fazer para amanhã? — pergunta Devin, saindo do estacionamento.

— Droga — solta Rae. — Sabia que tinha esquecido alguma coisa.

— Típico — Devin põe a mão no bolso e me entrega um papel dobrado. Nossa família é enorme, com tios, tias e primos que passam o dia de Ação de Graças na nossa casa todo ano. E só recebemos metade de cada vez. Minha mãe tem seis irmãos. Sempre que nos juntamos para o feriado, é um evento monumental. Para que cozinhar não seja um pesadelo completo para ela, há uma distribuição de pratos a fazer para o jantar festivo. Rae e eu ficamos responsáveis por uma sobremesa este ano. Que não estamos preparados para fazer.

Abro o papel que Devin me deu e encontro uma receita. Ainda bem que minha mãe não tem muita fé em nós.

— Parece bastante fácil — digo. — É uma combinação de bolo e pudim montados juntos, com chantili por cima.

— Obrigada, Maura — louva Rae, do assento de trás.

— Vamos parar na mercearia no caminho. Sean e eu estamos encarregados do recheio do peru, e tem algumas coisas que preciso comprar.

— Se vocês estragarem o recheio, juro que vou bater em vocês — avisa Rae.

— Relaxa, pequenininha — ri Devin. — Está tudo certo. E a menos que você comece a comer o que Cal está comendo, a gente vai sempre ganhar de você.

— Ah, não preciso de força para ferrar vocês — ameaça Rae em voz baixa.

Devin dá uma olhada preocupada para mim, de canto de olho. Solto uma gargalhada.

A mercearia está pior do que o aeroporto. Os clientes de última hora lotam todos os corredores. Rae reclama enquanto percorremos o tumulto.

— Eles sabiam que o Dia de Ação de Graças ia chegar desde *o Dia de Ação de Graças passado*!

— Você também — diz Devin, rindo.

— É, mas eu tenho vinte anos. Quando procrastinar é visto como uma forma de sobrevivência. Essas pessoas são adultas, com famílias e todo o resto. Que droga aconteceu com elas?

— Vamos lá, Rae. Vamos pegar aquilo de que precisamos antes que você comece a morder as pessoas — diz Devin, liderando-nos por entre carrinhos abandonados e clientes desligados entrando na nossa frente.

No final do corredor dos temperos, avisto a mãe de Nicole, com o cabelo preto e liso preso num coque baixo. Cutuco Rae e faço um sinal na direção da sra. Bentley.

— Devin, por que a gente não se separa e depois se encontra no carro? — sugere Rae, os olhos presos na sra. Bentley.

— Está certo — concorda ele. Inclina-se e me diz: — Não a perca de vista. — Dá um sorrisinho para Rae. Ela faz uma careta de volta.

— O que é que a gente devia dizer? — pergunta Rae quando começamos a andar pelo corredor.

— Não tenho ideia — murmuro. — Talvez seja melhor que a gente não…

Tarde demais. Estamos parados à sua frente, e ela olha para nós com curiosidade, como se estivesse tentando lembrar de onde nos conhece. Tenho vontade de recuar, e Rae deve ter sentido isso porque agarra meu ombro, enfiando os dedos na carne.

— Oi, sra. Bentley — diz Rae com um sorriso encantador.

A sra. Bentley pisca, provavelmente tentando decidir se deve correr ou responder à saudação.

— Sou eu, Raelyn Timmons. Moro na sua rua. Era amiga de Nicole quando a gente era criança.

Os olhos da sra. Bentley se arregalam, reconhecendo-a. Ela sorri de forma suave.

— Oi, Raelyn. Meu Deus, você se transformou. Quase não a reconheci. — Ela dá um risinho desconfortável.

— É, é uma fase pela qual estou passando — balbucia Rae, apertando meu braço com mais força. Contraio os lábios para não sorrir.

— E você é… — ela olha para mim, tentando lembrar meu nome.

— Cal Logan.

— Cal! — diz a sra. Bentley, em um tom surpreso. — Bem, vocês mudaram muito nesses anos.

— Não tenho visto Nicole. Ela veio passar o Dia de Ação de Graças em casa? — pergunta Rae.

Os cantos do sorriso da sra. Bentley ficam levemente tensos.

— Não. Ela vai ficar em Cambridge com amigos no feriado. Ela está com muita coisa para estudar lá em Harvard. Mas esperamos que ela venha passar o Natal.

— E então, ela está gostando de Harvard? — Rae continua as perguntas. Fico analisando o rosto da sra. Bentley. Ela sustenta o sorriso plastificado que aperfeiçoou ao longo dos anos. Agora entendo por que Nyelle consegue fingir tão bem.

— Ela tem estado muito atarefada e, infelizmente, longe de casa. Mas sei que está fazendo o que precisa para ser alguém na vida — responde ela, rígida.

— A senhora foi visitá-la? Quero dizer… pessoalmente? — lança Rae assim que ela acaba de responder. Quero lhe dar uma cotovelada para que se cale, com medo de ela estar indo além do limite.

A sra. Bentley nos olha com curiosidade.

— Fui, sim. O pai dela e eu a visitamos durante a semana dedicada aos pais. Ela está muito bem. — Sua expressão congelada não muda. — Bem, foi ótimo ver vocês dois. Tenho que me apressar para começar a me preparar para amanhã. Vamos receber a família este ano, e minha casa não está pronta ainda.

— Quando é que ela…

— Feliz Dia de Ação de Graças, sra. Bentley — corto a fala de Rae e sorrio educadamente quando a mãe de Nicole passa empurrando seu carrinho.

— O que é que você está fazendo? — pergunto, arrancando o braço das garras dela. — Você quase a chamou de mentirosa.

— Mas ela está *mesmo* mentindo! Ela acha que está disfarçando, com esse sorriso estúpido de Barbie — resmunga Rae, irritada. — A filha dela está em *Crenshaw*. Ela deve saber que *você* está em Crenshaw, através da sua mãe. Ela não teria tentado nos convencer com toda essa

baboseira de *Harvard* se soubesse onde a filha está.

— Então você acha que estão escondendo alguma coisa? — pergunto, indo na direção do setor de padaria.

Rae para no meio do corredor, fazendo com que clientes irritados tenham que manobrar em torno da gente. Seu rosto está distorcido de raiva.

— Claro que sim. Algo não está certo, Cal.

Dou um suspiro lento. As coisas acabaram de ficar bem mais complicadas.

Sentado na mesa quilométrica do jantar de Ação de Graças, cheia de familiares, fico preso no ruído de vozes, risos e brigas, como em todo feriado em casa.

À minha frente, meu primo de dez anos, Tommy, está desafiando nosso primo de oito anos, Henry, a comer o purê de batatas sem usar as mãos. Assim que Henry se inclina para enfiar o rosto no monte de batata amassada, ouço:

— Henry David, nem comece! — a voz sobressai no barulho, vinda da outra ponta da mesa, *antes* que ele tenha feito qualquer coisa. Dou uma risada breve e encosto na cadeira, absorvendo o caos em volta. É reconfortante, de um jeito esquisito. O feriado não seria o mesmo sem isso. Fico imaginando o que será que Nyelle está fazendo agora.

— No que é que você está pensando? — pergunta Rae ao meu lado, tirando o fone de ouvido. Ela garante que ouvir música em vez dos meus primos pequenos evita que ela esfaqueie alguém. A família dela virou uma extensão da nossa, ao longo do tempo. Embora a mãe dela quase sempre precise ir embora mais cedo, porque prefere dar plantão duplo no feriado a aguentar nossa loucura de Ação de Graças.

— Minha família é maluca — digo a ela.

— Fato.

— Mas não consigo nem imaginar como seria não ter *isso aqui* todo ano — continuo. — Então… o que será que *ela* está fazendo agora? Sei que não está com a família. O que significa que deve estar em Crenshaw… sozinha.

— É. Eu acabo de pensar nisso — diz Rae baixinho.

Ficamos brincando com a comida sem falar mais nada. O peso dessa probabilidade roubou nosso apetite.

Minha mãe está ajeitando os pratos na lava-louças quando entro com o meu e o de Rae.

— Obrigada, Cal — diz ela, pegando-os e arrumando-os na máquina. — Será que você pode cobrir essas travessas com filme plástico e colocá-las na geladeira?

Tomo fôlego para conseguir coragem antes de dizer:

— Mãe, eu queria voltar para a universidade um pouco mais cedo.

— O que é que você chama de cedo? Você só vai passar o fim de semana aqui.

Engulo com dificuldade.

— Amanhã.

Minha mãe empurra a bandeja da máquina.

— Por que é que você precisa voltar tão de repente?

Esperava que ela me perguntasse isso, e é o motivo de eu ter hesitado em falar. Mas aí penso em Nyelle sozinha e… não posso ficar.

Olho para o chão da cozinha, sem querer mentir. Detesto mentir para a minha mãe, mas ainda não posso contar a ela a verdade inteira.

— Estou preocupado com uma pessoa que está lá.

— De que forma? — pergunta ela, encostando na bancada com os braços cruzados, a atenção em mim.

— Prontos para a sobremesa? — pergunta minha tia, entrando na cozinha com as últimas travessas.

— Ainda não — responde minha mãe, calma. — Aviso assim que acabarmos aqui, e daí faremos o café.

Mary olha para mim e para ela e concorda com a cabeça, deixando-nos a sós.

— Por que você está preocupado com essa pessoa? — prossegue minha mãe.

— Ela ficou no campus no feriado, então está sozinha hoje, e… não acho que devia estar — respondo, de forma tão sincera quanto posso.

— Ah — minha mãe assente. — Essa pessoa é uma *garota*. — Evito o olhar especulativo dela. — Entendi, agora.

Depois de um momento pensativa, ela diz:

— Certo. Acho que você pode voltar amanhã. Vai vir de novo em menos de um mês, então não posso ficar chateada demais por você preferir uma garota à sua mãe. Vai lá e mude o voo. — Ela dá um sorriso brincalhão.

— Obrigado, mãe — respondo, com um sorrisinho. — Você sabe que é a única mulher que importa na minha vida.

— Até parece — ela ri de leve, e me bate com o pano de prato.

— Estou tentando achar um jeito de zoar você por estar fazendo isso — diz Rae, parando no acostamento do aeroporto. — Mas não consigo. Gosto da ideia de você ir ficar com ela.

— Só que não tenho certeza de onde encontrá-la quando estiver lá.

— Comece com o primeiro lugar onde a viu — sugere Rae. Quando vê que estou confuso, diz: — *Bean Buzz*. Não a festa.

— Certo — assinto.

— Tome. — Rae pega, no assento traseiro, uma sacolinha da RadioShack.

— É um "celular para drogas" para Nyelle, um desses que já vêm com crédito, como aqueles que usam nos filmes. Precisamos conseguir entrar em contato com ela.

— Acho que o termo correto é descartável, mas entendi — digo, rindo. — Como foi que você comprou isso, aliás? Quer dizer, você não tem um emprego, além de ser a agente de condicional do seu irmão.

— É, bom, eu não paguei por ele. Você é que pagou — responde ela. — Roubei dinheiro da sua carteira quando estávamos na casa de Brady ontem à noite, e saí para comprá-lo hoje de manhã, de madrugada, junto com todos os lunáticos da Black Friday.

Rio.

— Não sabia que você era capaz disso.

— Nem eu — admite ela, com um sorrisinho maroto. — Não sei o que está acontecendo, ou o que a fez agir como se não soubesse quem somos, mas ela não devia ter que passar por isso

tudo sozinha. Ah, e entrei na conta do Facebook do Brady ontem à noite. Nicole não postou nada desde a formatura.

— Jura? — Não consigo ignorar a sensação ruim nas entranhas. — Desde a formatura?

RICHELLE

Abril — sexto ano

— Você precisa vir ver isso — digo, ansiosa para mostrar a Nicole o que encontramos.

— Tenho que ir embora daqui a pouco, vou a um jantar com meu pai — responde ela, franzindo a testa.

— Mas é um ninho cheio de filhotes de passarinho — explico, com urgência. — Podemos vê-lo da janela da casa na árvore. São tão fofos. — Olho para o vestido amarelo de babados e para os sapatos brancos que ela está usando e entendo que ela realmente não pode vir vê-los. — Talvez… amanhã.

Nicole passa as mãos pela frente do vestido, ajeitando-o como faz o tempo todo.

— Bom… talvez, se eu tomar cuidado. — Abre a porta da frente e grita para a mãe: — Mãe, posso ir com Richelle? Ela quer me mostrar algo e depois volto direto.

A sra. Bentley vem até a porta.

— Não sei, Nicole. Temos que sair em vinte minutos. Não podemos chegar atrasadas no jantar do seu pai.

— Eu sei. Prometo que volto rápido.

A sra. Bentley cerra os lábios e enfim diz:

— Certo. Dez minutos, e quero você aqui, pronta para sair.

Nicole dá um largo sorriso. Dou a mão a ela e vamos saltitando até a casa de Cal.

— Não vai demorar muito — asseguro enquanto andamos pela grama alta. Ela afasta a grama e pisa como se estivesse se equilibrando em uma corda. — A grama não vai te sujar, Nicole.

— Mas meus sapatos — explica ela, continuando a andar na ponta dos pés. Se continuar assim, vai demorar dez minutos só para chegar lá. Espero por ela na entrada do bosque, tentando ao máximo ser paciente.

Quando por fim chegamos à árvore, tenho quase certeza de que nosso tempo acabou. Mas Nicole não parece se preocupar com nada, exceto com a poeira nos sapatos. Ela está andando como se tentasse não encostar no chão.

Rae e Cal passam a cabeça pela porta e pela janela lateral.

— Acabamos de ver a mãe alimentando os filhotes. Eles comeram da boca da mãe! Foi tão nojento e incrível! — Rae grita para baixo.

Nicole me espera subir primeiro, provavelmente por causa do vestido. Quando chego no topo, ela não está nem na metade da escada. Balanço a cabeça, observando-a apoiar os pés com cuidado nas tábuas. Está muito, muito lenta hoje. Subo na casa da árvore, e Cal cede lugar para que eu possa olhar pela janela, de onde dá para ver os passarinhos em um galho um pouco mais baixo.

Então escuto um grito e uma pancada forte.

— Nicole! — grito, correndo para a porta. Olho para baixo e ela está caída no chão. Saio correndo e desço tão rápido quanto posso. Cal e Rae estão logo atrás de mim. Consigo ouvi-la gemer antes de chegar até ela.

— Ah, não. Ah, não. Ah, não — grita ela.

Ajoelho ao seu lado.

— Você está bem?

Então ouço alguém prendendo a respiração bruscamente e olho para cima. Rae está com os olhos fixos na perna dela. Cubro a boca com a mão para não gritar quando vejo a ponta de madeira na perna dela, atravessando a coxa.

— Rae, corre para buscar ajuda — Cal diz a ela. Ela não se mexe. — Rae! Vai! Agora!

Rae sai correndo.

Seguro a mão de Nicole, me esforçando para não chorar.

— Fique olhando para Richelle, certo, Nicole? — diz Cal, bem calmo. — Não se mexa.

Os olhos azuis dela estão cheios de lágrimas, mas nenhuma escorreu ainda quando ela olha para mim. É como se estivesse esperando que eu lhe diga o que fazer.

— Vai ficar tudo bem — digo a ela, mas sinto algo preso na garganta. — Não pense nisso. Apenas fique olhando para mim.

Cal se abaixa perto dela e cobre sua perna com o suéter dele, para que ela não veja a madeira. Não está sangrando muito, até onde pude perceber.

De repente, ouvimos passos se aproximando pelo bosque, e logo vejo o irmão mais velho de Cal, Sean.

— O que aconteceu? — diz ele, recuperando o fôlego.

— Feche os olhos, Nicole — diz Cal. Ela aperta minha mão e seus olhos se fecham na mesma hora. Cal tira o casaco e Sean assobia através dos dentes.

— Certo, vou te carregar para que a gente possa te levar ao médico — diz Sean.

— Ah, não! Isso quer dizer que a gente vai se atrasar — grita ela.

— Não se preocupe — digo. — Você tem que fazer um curativo na perna primeiro.

Sean a ergue nos braços e Nicole berra de dor.

— Sean! Você está machucando ela — grito. — Não a machuque!

— Richelle, ele precisa levá-la para a mãe — explica Cal, me segurando para que eu não puxe a camisa de Sean.

Ele sai andando bem rápido. Cal e eu precisamos correr para conseguir acompanhar. A sra. Logan está na orla do bosque, esperando.

— O que aconteceu? — pergunta. E então vê a perna de Nicole. — Ah, querida. Vai ficar tudo bem. Vamos cuidar de você.

— Ela caiu da escada — diz Cal.

— Rae foi buscar sua mãe — explica a sra. Logan. — Sean, você consegue sentar no banco de trás com Nicole, sem balançar muito?

— Acho que sim — responde ele. Corro para o outro lado do carro e vejo-o se abaixar. Nicole grita de novo, e fecho os punhos enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Pare de machucá-la! — exijo.

Cal vem para o meu lado.

— Ele não está fazendo de propósito.

— Nicole! Ah! O que aconteceu? — A sra. Bentley está vindo rapidamente pelo caminho, com Rae ao seu lado.

— Precisamos levá-la ao hospital — diz a sra. Logan. — Ela caiu em cima de uma vara, que entrou na perna dela.

— O quê? — pergunta a sra. Bentley. Ela se abaixa e olha para Nicole, cobrindo a boca com a mão. — Ah, não. O que foi que você fez, Nicole? Seu pai vai ficar tão aborrecido. Por que você foi até o bosque?

Ela diz aquilo como se Nicole tivesse feito algo errado.

— Ela só queria ver os filhotes de passarinho — digo, tentando defendê-la.

— Precisamos ir — diz a sra. Logan. Ela se volta para Devin, que está parado em pé na escada da entrada. Não sabia que estava ali. — Leve as crianças para a casa dos Nelson, certo? — Ele faz que sim com a cabeça.

— Espere, hum… — a sra. Bentley parece confusa, ou talvez assustada. — Devíamos ir a um jantar com meu marido. Eu não…

— Sua filha está ferida, Vera. Tenho certeza de que ele vai entender.

A sra. Bentley sacode a cabeça e olha na direção da casa dela. Parece realmente confusa. Ouço Nicole chorar. Meu coração está batendo muito rápido. Por que eles não foram ainda? O que é que ela está esperando?

A sra. Logan dá um suspiro profundo e diz:

— O dr. Xavier tem uma clínica particular que fica a dez minutos daqui. É um amigo, e vai cuidar dela. Por que você não vem atrás de mim e, depois de ter certeza que ela está bem, você pode ir encontrar seu marido? Trago Nicole de volta para casa e fico com ela até você chegar. Está bem assim? — A voz dela é suave, como se fosse um dos meus professores dando instruções antes de uma prova.

A sra. Bentley concorda e sai andando. Ela tropeça em algo, mas não cai. Continua balançando a cabeça e se afasta.

— Estaremos de volta logo — diz a sra. Logan. Ela olha para mim e diz calmamente: — Nicole vai ficar bem, prometo.

— Certo — digo com a voz entrecortada. Ainda sinto algo preso na garganta.

Recuamos todos alguns passos e o carro sai.

Fico sentada nos degraus da frente da casa de Nicole com Cal e Rae até ela voltar. Minha mãe tenta fazer com que entremos em casa para jantar, mas não vou conseguir comer. Minha barriga está doendo demais.

Está escuro quando o carro da sra. Logan para na entrada. Dou um pulo e corro até lá. Nicole está no colo de Sean no assento de trás. Quando a porta se abre, consigo ver que está dormindo.

A sra. Logan leva-os para casa, com um par de muletas nas mãos.

— Ela está bem, como eu prometi. Não foi profundo demais. Ela só precisou de alguns pontos e vai ter que usar muletas para não apoiar até que sare.

— Posso vê-la? — pergunto. — Não vou acordá-la. Só… por favor?

Ela faz que sim com a cabeça, sigo-os para dentro da casa e para cima, até o quarto de Nicole. Depois que a sra. Logan a ajeita na cama, sai do quarto. Ajoelho do lado da cama e seguro a mão dela.

— Por favor, nunca se machuque de novo — sussurro, tentando não chorar. — Você é minha melhor amiga. Quando dói em você, dói em mim também. Por favor. Não quero que nada aconteça com você outra vez.

capítulo 10

Olho para cima quando a porta abre. Não é ela. Estive sentado aqui por boa parte da manhã, e estou começando a pensar que ela não vai aparecer. Para ser sincero, não tenho certeza se aguento outro café. Minhas mãos estão começando a tremer. Essa quantidade de cafeína não pode fazer bem.

A porta se abre de novo, e um sopro de ar gelado invade o lugar. E ali está ela, usando o casaco marrom enorme, a boina tricotada e as luvas cortadas. Está também com uma sacola de plástico grande e branca, dessas de carregar roupas.

Agora não sei mais o que fazer. Espero que ela me veja? E se ela não me vir? Chamo-a daqui de onde estou, pelo café inteiro, ou chego mais perto? Ou será que faço de conta que esbarrei nela?

Estou tão envolvido nos meus pensamentos que demora um minuto para que me dê conta de que ela está olhando para mim. Quando nossos olhos se encontram, ela sorri e acena com a mão livre. Bom, foi mais fácil do que imaginei.

Oi, faço com a boca, tentando parecer casual. Aponto a sacola com um olhar interrogativo. Ela faz um gesto com um dedo só para que eu espere, o que significa que está vindo. Sinto meu sorriso se abrir. Mas minhas mãos estão tremendo: continuo culpando a cafeína.

Espero que ela compre o chocolate quente, e depois ela vem e se instala junto a mim no sofá.

— Oi, Cal. Não estava esperando ver você! — diz, radiante.

— Eu… quis me afastar da bagunça — digo, sem jeito. — Família grande. Fica meio confuso. Você voltou também, é?

— Decidi ficar aqui e jantar com amigos — diz ela, sem nenhum sinal de tristeza. E eu que estava preocupado que estivesse sozinha. Embora não tenha certeza de quem são os *amigos* dela.

— E o que é isso? — pergunto, apontando a sacola branca.

— É um vestido de casamento — diz ela, e seus olhos cintilam como se estivessem iluminados por dentro. Não devo ter escondido o susto muito bem, porque ela começa a rir.

— Ganhei hoje. Estava saindo da Elaine's…

— Elaine's?

— Ela tem aquela loja de consignação a alguns quarteirões daqui. Ajudo dois dias por semana, e ela me deixa levar as roupas que eu quero como pagamento.

— Foi de lá que você pegou o casaco de jogador de beisebol?

— Talvez — diz ela, fazendo uma careta para mim. — Ei, acontece que eu gosto dos bolsos grandes. E não importa a quem pertenceu. Quando estou usando, é meu.

Meus olhos se estreitam. Já ouvi isso.

— Me conta a história por trás do vestido, então. Você recebeu uma proposta de casamento depois da última vez que a vi?

— É uma história interessante, na verdade — diz ela, dando um gole do copo. Não me mexi, porque ela não disse que não. Ela se dá conta de que estou segurando o fôlego e ri. —

Para com isso. *Não* vou casar. Mas vou usar o vestido.

— Por favor, me explique — peço com paciência, tentando filtrar a confusão que sai da sua boca.

— Eu estava indo para a loja quando vi uma mulher sentada em um carro no estacionamento, segurando essa sacola. Ela ficava olhando para a loja, como se não soubesse o que fazer. Aí notei que estava chorando, bati na janela e perguntei se ela estava bem. Ela me disse que desejava dar o vestido à loja, mas estava sem coragem de fazê-lo. Achei que era porque ela queria guardar as lembranças do casamento. Mas ela começou a chorar mais forte quando lhe disse que devia guardá-lo. Ao que parece, ela nunca o usou. O noivado foi rompido e ela achou que, dando o vestido, ia conseguir encerrar o assunto. Só que não consegue aguentar a ideia de outra pessoa se casando com o vestido. Então eu me ofereci a ficar com ele e prometi que ninguém irá usá-lo no dia do casamento.

— É meio maluco — solto, com sinceridade. — E agora você vai fazer o que com ele?

— Não tenho certeza. — Ela para, contemplativa. — Acho que ele merece algumas boas recordações, sabe? — Dá um gole no chocolate quente e olha para mim, como se tivesse acabado de ter a melhor ideia do mundo. — Vamos fazer um casamento!

— O quê?

— Não um casamento *de verdade*. Não seja paranoico. Vamos dar a esse vestido o melhor dia da vida dele. Acho que, fazendo isso, vamos ajudar essa mulher a seguir em frente. Além disso, vai ser divertido. Vamos ser… ridículos, por um dia inteiro.

— E isso é diferente de qualquer outro dia?

Nyelle bate no meu braço e eu dou um risinho.

— Seja bonzinho, senão não convido você para vir. — Depois olha para mim, esperando uma resposta. — Então, quer vir?

Paro e suspiro profundamente. Não há nenhuma resposta apropriada a não ser:

— Claro.

Os olhos dela se arregalam, como se já conseguisse ver a cena. Ela fecha os punhos, quase incapaz de conter sua animação. Parece um pouco uma criancinha cujo desejo foi atendido.

— Ótimo! Vou planejar tudo. Não se preocupe.

Certo. Nyelle está no comando, e não tenho ideia do que vai me acontecer. Por que deveria me preocupar?

— Me encontre aqui de manhã às dez e meia. Venha de gravata — instrui ela. Depois engole o resto do chocolate como se estivesse virando uma cerveja. — Está bem, tenho que ir.

— Para onde você vai agora? — pergunto, levantando, querendo saber como fazê-la ficar… ou me levar com ela.

— Trabalhar. — É uma resposta simples. Mas, de novo, não é o que eu esperava ouvir, sobretudo porque pensei que ela acabava de vir do trabalho. — Vejo você amanhã, Cal.

Saio na manhã seguinte e descubro que está nevando. Flocos fofos como algodão flutuam pelo céu e cobrem tudo. Quando vou limpar a camada de alguns centímetros acumulada sobre a caminhonete, me arrependo de não ter me oferecido para buscar Nyelle no dormitório.

Passo de carro pelo prédio dela e sigo até o Bean Buzz, torcendo para avistá-la em algum

ponto do caminho. E acontece, bem quando ela está subindo a calçada em direção ao café. Ou pelo menos acho que é ela. É a única pessoa que conheço que usa esse casacão marrom. Mas tem um capuz gigante cobrindo a cabeça dela, e não consigo ver seu rosto. Mas quem além dela estaria carregando uma sacola de roupas branca?

Estaciono a caminhonete e salto.

— Nyelle!

Ela ergue os olhos.

— Oi, Cal.

— Estava tentando te encontrar para que não tivesse que andar nessa neve.

Ela espia por baixo do capuz.

— Ah, tudo bem. Eu gostei de andar na neve. Foi… silencioso. — Um sorriso malicioso brota no seu rosto. — Olha… tenho algo para você. — Nyelle tira uma sacola de papel de debaixo da sacola do vestido e a entrega a mim.

— O que é? — digo, tentando ver o que tem dentro. — Ah, perfeito. É um smoking. — Não há nem uma gota de entusiasmo na minha voz.

— Encontrei lá na Elaine's! — diz Nyelle, trazendo toda a animação necessária para a voz dela. — Achei que seria divertido se estivéssemos os dois vestidos para um casamento.

— Divertido? — Estou cético.

— Vamos, *vai ser*. — Ela dá um sorriso suplicante, batendo os longos cílios. — Por favor.

Suspiro.

Ela começa a pular, fazendo uma dancinha ridícula, sem precisar que eu diga sim para perceber que acabei de ceder.

— Vamos mudar de roupa aqui, depois saímos, certo?

— O que vamos fazer?

— Algo que eu sempre quis fazer — responde ela, sem esclarecer nada. Nyelle segue para dentro do Bean Buzz e vai direto para o banheiro.

O café está calmo, ainda bem. A cidade meio que desaparece quando a universidade está fechada, e a nevasca está mantendo a maioria das pessoas sãs em casa.

Olho para Mel, atrás do balcão, quando passo por ela a caminho do banheiro. Ela me observa com curiosidade, provavelmente tentando decifrar o ar de pavor no meu rosto. Saber que vou passar o dia com Nyelle é a única coisa que me impede de voltar para a caminhonete.

Ainda fica pior quando tiro o smoking da sacola.

— Não pode ser verdade — murmuro para mim mesmo, segurando o paletó branco de lapelas largas. Depois tiro a calça boca de sino que completa o traje e resmungo alto. Me preparo para uma camisa de babados, mas é apenas uma camisa normal. É um alívio… mas quando visto a calça, preciso encolher a barriga para fechar o zíper, é quase doloroso. As calças grudam nas minhas coxas como se estivessem pintadas, e alargam abaixo do joelho.

O paletó quase não esconde a calça apertada. Não está *nada* confortável. Tento me endireitar, e subitamente adquiro um respeito pelos bailarinos clássicos, e fico envergonhado de ter rido deles quando vimos *O quebra-nozes* no sexto ano.

Hesito antes de abrir a porta do banheiro.

— Não acredito que estou fazendo isso — resmungo. Visto o casaco para cobrir as lapelas que vão até os ombros. Abandonando qualquer autoestima, volto para o café. Não consigo me

mexer por um instante, e isso não tem nada a ver com a calça apertada.

Parada do lado do sofá com as mãos juntas à frente do corpo, e um sorriso enorme no rosto, está Nyelle. Ela está… linda. Seu cabelo está preso para cima, em cachos frouxos, e enfeitado com uma coroa de margaridas. Sorrio, lembrando dos colares de flores que ela e Richelle faziam. Ela está até um pouco maquiada. Seus olhos estão luminosos, delineados de preto, e seus lábios estão brilhantes.

O pescoço e os braços estão cobertos de renda, mas dá para ver a pele por baixo. Olho para as luvas de renda cortadas com suspeita, querendo saber o que ela está escondendo embaixo delas. E tem um mar de cetim cascateando até o chão, e uma faixa de cetim larga em torno da cintura. O vestido não cabe direito, mas mesmo assim fica lindo nela, porque ela *é* linda. Não tem nada a ver com o vestido.

— Nossa — suspiro. — Você está… — hesito, sem querer estimular agressões físicas por conta dos meus elogios — … pronta para um casamento.

Nyelle está resplandecente.

— Você também.

Olho para baixo e faço uma careta.

— Acho que homem nenhum devia vestir esse branco todo.

— Concordo — diz Mel, aparecendo na minha frente. Ela me entrega um copo pequeno. — *Mazel tov*.

— Uma dose de…? — pergunto, esperançoso.

— De expresso — esclarece ela. E, sacudindo a cabeça: — Você acabou de jogar a dignidade pela janela, não foi?

— Ei — diz Nyelle, como se *ela* fosse a ofendida. — Ele está bonitinho.

Tomo a dose de expresso e sinto um arrepio. É mais potente do que eu esperava pelo tamanho diminuto do copo. Mel dá risada e continua a rir baixinho quando volta para trás do balcão.

Todo mundo está olhando para a gente, quer dizer, todas as cinco pessoas. Não as culpo.

Fecho meu casaco e Nyelle veste o dela, que cobre a maior parte do vestido. Não tenho esse privilégio, com a boca de sino balançando em torno das minhas botas.

— Para onde? — pergunto, oferecendo-lhe o braço.

— Para a igreja — responde.

— Perdão? — engasgo.

— Para com isso — diz ela com uma risada breve. — Não vamos para *dentro* da igreja. Vou te mostrar quando estivermos lá.

Saímos na nevasca.

— Pelo menos a camuflagem está a meu favor — declaro, olhando em volta. Nyelle sorri. Deixo as roupas na caminhonete e Nyelle se enfia na viela, voltando com dois trenós.

— Achei que podíamos andar de trenó — diz ela, me entregando um disco azul. — É algo que sempre quis fazer, então achei que era apropriado.

— Você acha que andar de trenó de vestido de noiva é apropriado? — pergunto para confirmar, balançando a cabeça.

— Quem liga? Hoje é o dia de começar de novo. Podemos fazer o que quisermos!

— Certo. Vamos andar de trenó. — Dou de ombros, cedendo e oferecendo o braço de

novo. Ela desliza o braço pelo meu, carregando um trenó longo e vermelho na outra mão. — Onde foi que você conseguiu isso, aliás?

— Alguém ia jogá-los fora — explica Nyelle.

— Você tem mania de guardar o que os outros descartam, não é? — brinco.

— Talvez acabe sendo o que eu sempre desejei — afirma ela, como se tentasse esclarecer algo. Só que não tenho certeza do que é.

Continuamos dobrando a esquina, nos afastando das lojas e restaurantes na rua principal.

A neve continua a cair regularmente, cobrindo nossos rastros como se eles nunca tivessem existido. O ar está parado e pesado. Nyelle tinha razão: está silencioso. A neve colocou o mundo no silencioso.

Nyelle chuta a neve em volta dos pés enquanto anda. As botas pretas aparecem sob o vestido. Não tinha pensado em que sapatos ela poderia estar usando, mas esses me fazem rir.

— O que foi? — pergunta ela.

— Gosto das botas. São um toque bacana.

— Bom, está nevando — assinala ela. — Estou de jeans também. — Levanta a barra do vestido para me mostrar a calça.

— Eu quase não consigo respirar com essas — digo, apontando para as minhas pernas vestidas de lycra — e você está de jeans. Não parece justo.

— Sua calça é de poliéster — diz ela, sem empatia. — Vai esticar.

— Espero que sim — digo, puxando o tecido das coxas. — Vamos mesmo a uma igreja?

— Vamos — diz ela bem quando a igrejinha de campanário aparece em cima de uma colina.

— Olha para essa colina. Deve ser o melhor lugar para trenós da cidade.

Rio e concordo:

— Você deve ter razão.

Nyelle me entrega seu trenó e ergue a saia para não pisar nela, enquanto subimos pelo longo caminho até a igreja.

— Vamos fazer a volta — sugere Nyelle, enfiando as pernas até os joelhos na neve que acumulou na semana passada.

Quando paramos no alto da colina, a sensação é de que estamos na nossa própria ilha, rodeados por um mar de neve branca semeado de túmulos que brotam como pedras irregulares. O cemitério se estende para a direita da igreja e vai até a estrada, rodeado por uma cerca de ferro batido. Árvores altas destoam na tela branca intocada, saindo do chão em direção ao céu e armazenando neve nos seus galhos nus.

— É lindo, não é? — pergunta Nyelle, ao meu lado.

Viro para olhar para ela. O ar gelado deixou suas bochechas rosadas. O vapor da respiração sai dos seus lábios brilhantes e cheios. Há uma energia vindo dela que está repleta de possibilidades.

— Sim. Lindo.

O sorriso dela é luminoso o suficiente para abrir o céu carregado, quando ela pega o trenó vermelho embaixo do meu braço.

— Vou primeiro, tá?

Só consigo assentir. Quase esqueci por que estávamos aqui.

Nyelle se senta no trenó longo de plástico, ajeitando a saia no colo. Ela o empurra para a frente, acumulando neve atrás dela antes de descer. Não escorrega muito rápido: o trenó afasta a neve do caminho e deixa um rastro atrás dele. Acaba parando devagar lá no final, onde a pista fica plana.

Ela sai do trenó e olha para cima, ainda com o sorriso radiante.

— Sua vez.

Sentar no disco azul traz um novo desconforto. Tento mudar de posição, mas não adianta. Estico as pernas à minha frente, já que não tenho nenhuma condição de cruzá-las. De qualquer maneira, eu não caberia nesse trenó pequeno, mesmo se conseguisse.

Enfio as mãos na neve, empurrando para a frente até que a gravidade assume e começo a seguir o rastro de Nyelle. Também não vou muito rápido, mas a colina é íngreme o bastante para me levar até embaixo.

Preciso de mais algumas descidas antes de conseguir compactar a neve o suficiente para ganhar velocidade. A neve bate no meu rosto enquanto desço pela superfície que agora está tão lisa quanto gelo.

Nyelle grita quando pula por cima de um montinho na descida. Vê-la voar colina abaixo, num trenó, vestida de noiva, é uma lembrança que desejo guardar para sempre.

— Deveríamos tentar descer juntos — sugere Nyelle quando voltamos a subir. — Esse seu disco não deve ser muito confortável.

— Não mesmo. Acho que estou cheio de marcas roxas — admito, tendo sentido todos os sulcos e calombos como se estivesse descendo de bunda. — Mas estou me divertindo, se isso a faz sentir-se melhor.

— Claro que está se divertindo! Estamos andando de trenó no meio de uma nevasca usando roupas de casamento. Como é que poderia não estar?

Dou risada.

— Como vamos fazer isso? — pergunto quando chegamos ao topo e Nyelle pousa o trenó. Não é muito grande. Não tem como cabermos os dois sem que ela sente no meu colo. Na verdade… gostei dessa opção.

— Vamos ficar em pé.

— O quê? — devolvo. — E cometer suicídio?

— O que é o pior que pode acontecer? Caímos na neve…

— E nos matamos.

Ela ri e agarra minhas lapelas por baixo do meu casaco meio aberto, me sacudindo.

— Onde está seu espírito de aventura, Cal? Vamos surfar na neve!

Olho fixo para ela por um instante. Ela me desafia, sem piscar. Resmungo, derrotado. Esses malditos olhos ganham toda vez.

— Certo. Mas, se a gente cair, vou usar você e esse vestido imenso como almofada.

Nyelle balança a cabeça com minha ameaça boba. Ela sobe, apoiando-se no meu ombro com uma das mãos para se equilibrar, e agarrando a fina corda de nylon presa à frente do trenó com a outra.

Subo com cuidado atrás dela, abraçando-a pela cintura e segurando a corda também. Estaria aproveitando este momento, caso não estivesse olhando para a descida íngreme, prevendo o escorregão que vai doer pra caramba.

Flexiono os joelhos e abro o peito para me equilibrar melhor.

— Pronta? — murmuro no seu ouvido. Ela confirma. Juro que dá para sentir o coração dela acelerando. — Segura. — Coloco meu peso para a frente, nos inclinando para a beira e para baixo da colina. O vento frio bate no meu rosto. Não consigo sentir a neve batendo em mim. Minhas pernas dobram a cada calombo, e a adrenalina corre pelo meu corpo. Estou quase convencido de que vamos conseguir quando colidimos com um calombo maior, e meus pés saem do trenó.

Nyelle dá um grito e cai para a frente, agarrando minha mão e me levando com ela. Caímos na neve e rolamos colina abaixo. Acabo parando, deitado de costas, incapaz de ver qualquer coisa além da neve que cobre meu rosto.

— Nyelle, tudo bem? — pergunto, virando de lado. Ela não responde. — Nyelle?

Ela está coberta de neve, e só as botas aparecem. Me arrasto até ela, limpando a avalanche.

— Nyelle?

Quando por fim descubro seu rosto, ela está rindo tanto que não sai nenhum som da sua boca. Seu peito sobe e desce, e a boca está aberta. Tiro a luva para limpar a neve das suas bochechas.

Seus olhos estão cheios de lágrimas quando ela se acalma o suficiente para olhar para mim.

— Você está bem? — pergunto de novo, olhando para ela, enfiada na neve. Ela morde o lábio inferior, ainda sorrindo, e faz que sim com a cabeça. Fico subitamente muito consciente da sua presença e da sua respiração lenta e ofegante. Minha mão ainda cobre sua bochecha, e fico arrebatado pela emoção presa nos seus olhos. Quando começo a me abaixar para beijá-la, ela se senta, e a cabeça dela bate na minha bochecha. Solto um gemido, e caio de costas de dor.

— Ah, Cal, sinto muito — diz Nyelle, falando rápido. — Você está bem? — Ela se inclina sobre mim, preocupada. Encosta uma luva na minha bochecha, enchendo meu rosto de neve.

— Sim, Nyelle, obrigado. Estou bem — balbucio, limpando a bochecha. Ela ri e fica de pé, me oferecendo a mão, então deixo-a me ajudar.

— Bom, já que estamos desarrumados assim — diz Nyelle, ainda segurando minha mão —, vamos fazer anjos de neve.

Arregalo os olhos.

— O quê?

— Aqui. — Ela me puxa, avançando na neve até um lugar plano que não foi tocado. — Vire de costas.

De costas para a neve, ela fica ao meu lado com os braços abertos. Olha para mim com expectativa, esperando que eu também estenda os braços.

Suspiro.

— Está bem.

Ela sorri.

— Pronto? Caindo para trás no três. Um. Dois. Três.

Caímos para trás na neve alta. Estou em uma caverninha branca, olhando para o céu tempestuoso no alto.

— Mova as pernas e os braços, Cal! — Nyelle me orienta. Rae nunca me deixaria superar

isso, se pudesse me ver.

Quando acabo de alisar a área em torno dos meus braços e pernas, paro e olho os flocos caindo, hipnotizado. Eles pousam no meu rosto, derretem na minha pele e ficam presos nos meus cílios.

— Cal?

— Sim — respondo, incapaz de ver algo ao meu lado.

— Você já se apaixonou?

O silêncio permanece por um momento. Não estou exatamente preparado para essa pergunta.

— Não. E você?

— Não. Fico imaginando como é. — A voz dela soa como um eco na quietude. — Acho que deve ser como cair para trás no escuro. Aterrorizante. Empolgante. Ter que acreditar que vai haver alguém ali para te segurar.

— Ou você cai na neve e congela a bunda. Ou em uma pedra e quebra a coluna. Ou…

— Cal! — grita Nyelle, sentando-se. — Isso não é nada romântico.

Dou uma risada bem quando uma bola de neve aterrissa na minha cabeça.

— Ei! — Sento, e ela está sorrindo para mim com inocência. — Ah, é assim que vai ser agora.

Sua boca se abre.

— Não ouse! — Ela pula e tenta correr pela neve, mas eu levanto e corro atrás dela.

Agarro-a pela cintura e jogo-a num monte de neve, caindo ao seu lado. Ela dá minha risada favorita, jogando um bolo de neve na minha cara para conseguir fugir.

Arrasto-me atrás dela, puxando-a de volta.

— Desisto — grita ela, erguendo as mãos para se render. Seu rosto está afogueado e ela está ofegante, com um enorme sorriso. A ideia de tentar beijá-la de novo penetra minha mente, mas fico com medo de tentar e acabar com outro machucado. Então fico em pé e ajudo-a a se levantar.

Ela olha para a minha calça e cobre a boca para esconder a gargalhada.

— Estão rasgadas, né? — pergunto, fechando os olhos e praguejando em silêncio. Com a mão ainda cobrindo a boca, ela faz que sim. — É, está na hora de ir antes que tudo o que é importante para mim congele.

Ela faz que sim de novo, sem falar.

Recuperamos os trenós no caminho e nos dirigimos de volta para a caminhonete. Consigo sentir o ar entrar na fenda entre minhas pernas enquanto andamos, mas estou resignado a deixar assim e não me preocupo em olhar. Nyelle continua rindo aos arrancos. Ela está tentando não rir, mas é engraçado. Só que não consigo rir ainda.

— Pelo menos você está usando cueca branca — diz Nyelle, tentando fazer eu me sentir melhor entre as risadas.

— Por favor, não diga nada — balanço a cabeça, com a certeza de que minha dignidade ficou enterrada em algum lugar lá na neve. — Apenas não diga nada.

Nyelle ri de novo.

Quando voltamos para a caminhonete, Nyelle fica esperando na cabine, enquanto eu limpo a neve.

— Quer ir para o meu hotel para se esquentar? — pergunta Nyelle, quando volto para a caminhonete.

Engulo em seco.

— O quê?

Ela sorri.

— Não é *isso* que você está pensando. Tem sorvete lá. Podemos fazer sundaes.

— Hum, sorvete não vai me esquentar.

— Vai fazer com que se sinta melhor — diz ela, com os olhos bem abertos. — Sorvete *sempre* faz com que tudo melhore.

— Não tenho certeza de que acredito em você, mas está bem — concedo, dando ré no estacionamento. — Onde é que você está hospedada?

— No Trinity Hotel.

— E por que está lá? — faço a curva e começo a andar lentamente pela estrada por onde o limpa-neve passou.

— O dormitório é meio assustador quando está vazio — explica ela.

Nyelle limpa a janela quando chegamos a um cruzamento.

— Você pode dobrar aqui?

— Hum, claro — respondo, pegando à direita por uma estrada estreita com uma fábrica velha de um lado e prédios em ruínas do outro. — O que é que tem aqui, além de alguém esperando para assassinar a gente?

Ela revira os olhos.

Nyelle limpa a janela de novo, apertando os olhos à procura de algo ou de alguém.

— Pare.

Aperto o freio, olhando em volta. A estrada está escura, repleta de sombras compridas como se os prédios estivessem determinados a bloquear a luz do dia.

— Nyelle — chamo, assim que ela abre a porta e desce.

Fecho a caminhonete e a sigo, sem querer deixá-la ir sozinha.

Ela desaparece em uma viela enquanto dou a volta na caminhonete. Aí escuto:

— É você, meu anjo? — A voz é grave e arranhada, gasta pela idade.

— Gus, onde está seu casaco?

— As sombras o levaram — diz ele com voz rouca.

Chego até a esquina do prédio e paro. Um homem está encolhido embaixo de um toldo rasgado num pedaço de papelão. Nyelle tira o casaco e dá para ele.

— Não. Não. As sombras vão levar — diz ele, tentando devolvê-lo. Sua barba desgrenhada é grisalha, e fios da mesma cor saem das suas orelhas. Seu rosto é marcado pela vida, envelhecido e sujo. Ele é velho, mas quão velho é difícil dizer, por causa do desgaste que marca sua testa e do tom pálido da sua pele. Seus olhos escuros estão fixos em Nyelle como se ele não acreditasse no que vê. Dá para entender por que ele pensa que ela é um anjo, ainda mais com esse vestido, mesmo que ele delire.

— Elas não vão tirá-lo de você hoje — garante ela, abaixando-se para envolver o casaco nos ombros dele. — Esperava te ver no abrigo esta semana.

— Não. Fico no escuro. Gosto do escuro — murmura ele, repetindo isso várias vezes enquanto balança.

— Eu sei. Era só uma esperança.

— Você vai me levar hoje? Por favor? — pede ele, com os olhos sombrios.

Ela sorri para ele com tristeza.

— Hoje não, Gus. Me desculpe. — Nyelle se inclina e olha nos olhos dele. — Fique aquecido, tá? Volto para te ver em breve.

Gus começa a se balançar de novo, olhando para o chão com o casaco apertado em volta do corpo. Nyelle se levanta e se vira. Ela para quando me vê olhando. Eu tiro meu casaco quando ela chega perto de mim e o ajeito sobre seus ombros, abraçando-a enquanto andamos de volta para a caminhonete sem dizer nada.

Quando dou a volta com o carro para retomar o caminho, pergunto:

— Como foi que se conheceram?

Nyelle olha fixo pela janela.

— Eu me voluntariei este mês no abrigo, e de vez em quando vou para a rua com a equipe de campo para entregar comida para as pessoas que não vão… que não *querem* ir para o abrigo.

— Com que frequência você ajuda no abrigo? — digo, ainda tentando organizar as peças do quebra-cabeças da vida dela.

— Brinco com as crianças duas vezes por semana para que os pais possam procurar trabalho — responde ela, voltando a cabeça na minha direção. — Tento ajudá-las a serem apenas crianças, para que esqueçam as coisas com que as crianças não deveriam ter que se preocupar, mesmo que seja só por um tempinho. — Ela volta a olhar pela janela.

— É lá que você estava naquele dia? Foi lá que você passou a noite de Ação de Graças?

— Foi. Eles estavam precisando de gente na cozinha, então fiquei para ajudar. Foi com certeza o melhor jantar de Ação de Graças que tive em muito tempo. — Ela se vira para mim. — Você precisa me contar da sua família maluca uma hora dessas. — Entendo que paramos de falar dela. Nunca sei o que ela vai me dizer por vontade própria, a cada vez que a encontro. Mas não importa o quanto revele, nunca é o suficiente.

— Certo — digo, rindo. — Não saberia nem por onde começar.

— Imagino que os casamentos da família são enormes.

— Acho que prefiro este aqui — respondo, parando no estacionamento do hotel e escolhendo um lugar ao lado de um carro enterrado na neve.

— Eu também — diz Nyelle, com os olhos brilhando. Quando estamos prestes a sair da caminhonete, ela para. — Hum… você quer seu casaco para amarrar na cintura? — Ela ergue as sobrancelhas e olha para o rasgão na calça, tentando conter o sorriso.

— Ah, sim — respondo, sentindo o calor subir pela minha nuca. Ponho a mão para trás para pegar a sacola com minhas roupas e tiro a camisa que estava usando antes, amarrando-a na cintura. Quando Nyelle fecha a porta, também pego a sacola da RadioShack e guardo junto com minhas coisas. Mantenho de propósito os olhos no chão enquanto passamos pelo saguão. Sei que estamos atraindo atenção nessas roupas de casamento, cobertos de neve. Posso jurar que ouço gente cochichando, mas não há nenhuma chance de eu erguer os olhos para confirmar.

Quando chegamos ao elevador, Nyelle aperta o botão para o quarto andar e começa a rir.

— Esse foi um dos meus dias favoritos na vida, sério.

Olho para ela.

— Mesmo?

Ela confirma, ainda sorrindo. Sorrio de volta quando o elevador abre a porta e ela sai.

Assim que entramos no quarto, vou direto para o banheiro para arrancar as roupas molhadas e rasgadas. A calça não é mais fácil de tirar do que de vestir, e minhas pernas estão bem vermelhas do frio. Não quero nada além de me enfiar sob as cobertas, de preferência com ela, mas tenho certeza de que isso não é uma opção.

Quando saio, há música tocando no rádio-relógio, e Nyelle está sentada de pernas cruzadas na cama, ainda com o vestido. Noto que seu jeans molhado está pendurado no encosto da cadeira, com as botas embaixo.

Ela está segurando um saco de corações de chocolate e uma lata de chantili. Ela pega um chocolate, põe chantili em cima e joga na boca.

— Chocolate? — pergunta ela.

— Hum… quero — respondo com relutância. Ela me dá um chocolate. Seguro-o enquanto ela o enfeita com chantili e jogo-o na boca de uma vez só. — Obrigado.

Ela vira a lata de cabeça para baixo e enche a boca de chantili.

— Quer um… *ouco*? — pergunta, com a boca cheia.

Rio e confirmo.

— Senta — exige. Sento na cama, na frente dela, esperando que me dê a lata.

— Abre a boca.

Inclino a cabeça para trás, de má vontade, e ela põe um jato de chantili na minha boca. Um sorriso enorme se abre no rosto dela quando tenho que fazer bochechas de esquilo para engolir.

— Você tem algo… — diz ela, e, antes que eu consiga limpar a boca com o dorso da mão, ela se inclina e desliza o polegar com suavidade pelo meu lábio inferior, removendo um resto de creme. Não consigo mexer um único músculo enquanto a assisto lamber o dedo para limpá-lo.

— Quer um pouco de sorvete? — pergunta ela, pronta para sair da cama.

Pisco.

— Hum, posso deixar para a próxima? Não estou conseguindo sentir as pernas, e não há quantidade de sorvete que vá fazê-las melhorar.

Ela se ajeita de novo na cama.

— Você está enganado. Acredite em mim. Sou especialista. Mas não vou te forçar a comer sorvete.

— Certo — respondo. Lembro de repente, e levanto para pegar o saco. — Ah! Tenho um presente de casamento para você.

Os olhos de Nyelle se abrem.

— Tem?

— Tecnicamente, é da Rae e meu, mas… aqui está. — Entrego a ela a sacola da RadioShack.

— Estou me sentindo mal por não ter comprado nada para você — diz ela, tomando-a de mim.

— Não se preocupe — digo quando ela pega o celular.

Parece perplexa.

— Rae chama isso de "celular para drogas". Ela tem uma fascinação perturbadora por filmes de gângsteres.

Nyelle cai na risada.

— E por que vocês me deram um celular?

— Bom… para o caso de você precisar da gente. A gente quer que possa entrar em contato.

— Estou torcendo para que não me devolva.

Ela o liga.

— Tem os números de vocês gravados?

— Tem — digo a ela. Depois tiro a carteira do meu bolso de trás. — E aqui estão mais dois cartões para que você tenha mais minutos. Vem com alguns, mas não muitos.

Ela pega os cartões.

— Não se ofenda, porque é um presente muito atencioso, mas não planejo usá-lo. Então não espere que eu comece a mandar mensagens sedutoras para você nem nada disso.

Sorrio.

— Não vou esperar. Mas você vai ficar com ele, só para o caso… para emergências?

Ela assente, inclinando a cabeça.

Numa explosão inesperada de entusiasmo, os olhos de Nyelle se iluminam.

— Ah, amo essa música. — Ela coloca o saco e o chantili na mesinha lateral e aumenta o rádio, depois pula para ficar em pé na cama. — Dança comigo, Cal.

— Eu não danço — digo a ela, erguendo as mãos e balançando a cabeça.

— Mas você sabe pular! — Ela começa a pular, esbarrando em mim na cama.

— Cal, pula comigo! — Ela ergue a saia do vestido, expondo as pernas nuas, e pula mais alto.

— Certo. Vou pular — concordo e fico em pé na cama. Começo a pular, mas sem chegar perto do vigor dela.

Nyelle quica no ar e gira, a saia rodando em volta dela. Quando a batida da música acelera, ela levanta a saia e corre no lugar, bem rápido. Quando a música acaba, estou rindo tão forte que minha barriga dói.

Caímos na cama, largados de costas, tentando recuperar o fôlego. Ela suspira, satisfeita.

— Obrigada por hoje, Cal — diz, ainda olhando para o teto. — Acho que conseguimos dar ao vestido o melhor dia da sua vida. — Viro para olhar para ela, recebendo o efeito do sorriso contagiante no rosto dela. Não consigo mais imaginá-la como ninguém além dessa que está na minha frente. Ela exibe tanta vida. Não consigo imaginar o que pode tê-la feito precisar começar de novo. Para mim, ela sempre foi Nyelle. E seja lá o que tenha acontecido com Nicole não importa mais. Porque eu prefiro ter *esta* garota aqui… comigo.

Levanto, e ela aceita a mão que ofereço para erguê-la da cama. Suas bochechas estão afogueadas, com alguns cachos caindo sobre elas. Passo meu polegar pelo seu maxilar, soltando as mechas. Ela olha para mim com expectativa, seus olhos tão azuis que é impossível afastar o olhar. Passa as mãos pela frente do vestido, nervosa. E nesse instante é a garota que conheci um dia, e não consigo respirar.

— Vou te beijar agora — diz ela bem baixinho.

Meu pulso acelera quando ela se ergue na ponta dos pés, e encosta os lábios nos meus. Estão quentes e macios, com gosto de chocolate. Com o toque suave dos lábios, meu corpo inteiro acende. Passo a mão pela cintura dela. Meu mundo fica parado neste instante: ela nos meus braços e seus lábios encostados nos meus. Cedo demais ela se afasta, com os olhos ainda

fechados e a boca se abrindo num sorriso delicioso.

Mesmo sendo tão breve, esse beijo foi tudo. Quando os cílios escuros dela enfim se abrem, ainda não posso me mexer.

— Esse beijo foi perfeito — diz ela, soltando um suspiro lento. E dá uns passos para trás. — Você provavelmente deveria ir, antes de ficar preso na neve.

— Está bem — digo, desejando uma avalanche que me deixe preso neste quarto com ela. Visto meu casaco e ela me acompanha até a porta, abrindo-a para mim.

— Então… acho… a gente se vê — digo, com a ansiedade invadindo meu peito quando olho nos seus olhos, tentando decifrar o que ela pode estar pensando. Ela está agindo de maneira tão natural, como se nada tivesse acontecido entre a gente.

— É. Vou estar por aí — responde ela sem se comprometer, como sempre.

Logo antes que ela feche a porta, digo rapidamente:

— Nyelle.

Ela abre um pouco mais.

— O quê?

Enfio as mãos nos bolsos do meu casaco, nervoso.

— Tem algo que você pode fazer, sabe, para me dar um presente.

— O que é? — pergunta ela com uma sobrancelha erguida, imaginando.

— Não desapareça de mim.

Nyelle fica me olhando por um segundo, a boca se abrindo como se ela estivesse procurando saber como reagir. Ela assente uma vez com a cabeça e responde em voz baixa:

— Não vou.

Dou um suspiro de alívio. Mas, antes de a porta fechar, ouço-a murmurar:

— Ainda não.

NICOLE

Janeiro — sétimo ano

— **É tão bom receber** você para jantar — diz minha mãe a Richelle da cozinha enquanto arrumamos a mesa na sala.

Richelle coloca os talheres de cada prato. Conforme arrumo os pratos, ajeito os garfos e facas, a um centímetro da borda da mesa, como devem ficar. Não a corrijo. É mais fácil fazer eu mesma.

— Obrigada, sra. Bentley — diz Richelle —, o cheiro está muito bom.

Minha mãe vem colocar os suportes de travessas na mesa.

— Seu pai deve chegar logo — mamãe diz para mim. — Precisamos estar prontas.

— Eu sei — murmuro, posicionando os copos bem na frente das facas. Olho o relógio de parede, aguardando o som do carro dele chegando a qualquer minuto. — Só preciso pôr os guardanapos. — Não faço contato visual com Richelle. Eu deveria tê-la preparado para isso. Quer dizer, eu tentei, mas não é fácil descrever. Só espero que ela não diga nada que aborreça meu pai. Ele não vai reparar que foi *ela* que disse, vai ser como se viesse da minha boca.

Tiro os guardanapos de linho da gaveta do aparador e coloco um em cada um dos pratos.

— Vou precisar me portar bem à mesa? — sussurra Richelle para mim, olhando os guardanapos.

— É só o meu pai — é minha resposta. — Ele tem uma esquisitice com o jantar.

— Entendi — responde Richelle. — Meu melhor comportamento, prometo. — Ela sorri, tentando me fazer relaxar. Não consigo.

Fico agradecida que ela entenda sem que eu tenha que dizer nada. Mas ela não tem ideia de como vai ser *de verdade*. Não fui eu que quis convidá-la. Foi meu pai. Ele nunca encontrou Richelle, porque estou sempre na casa dela. Prefiro assim. Mas por algum motivo, depois de dois anos, ele quer saber mais sobre minha melhor amiga, além do fato de que ela mora ao lado.

Minha mãe pousa a travessa com o frango assado na mesa na hora em que ouvimos o carro dele entrar no caminho de casa. O pequeno alívio que tive desapareceu, e foi substituído por uma pedra no meu peito. *Por favor, faça com que hoje à noite tudo corra bem.*

Minha mãe se apressa até a porta quando a ouve abrindo.

— Boa noite, querido — recebe-o, pegando seu casaco e sua pasta como faz toda noite.

Estou em pé na sala de jantar ao lado de Richelle, na expectativa. Não olho para ela enquanto espero meu pai entrar.

Ele é um homem que intimida, até pela sua altura. Não acho que me pareço com ele, embora as pessoas digam que tenho seus olhos. Espero que não. Quando ele me olha às vezes, sinto… frio. Não quero que ninguém se sinta assim com meu olhar.

— Boa noite, papai — cumprimento, esperando que ele sente no seu lugar na ponta da mesa antes de me aproximar e beijá-lo na bochecha.

— Como estão minhas meninas? — pergunta ele como faz toda noite, mas não há resposta, porque ele não as espera, de fato. Minha mãe e eu puxamos nossas cadeiras e sentamos. Richelle segue nossa orientação. Fico com os olhos grudados no meu pai, com medo de ver a reação de Richelle. Sei que isso não se parece em nada com os jantares na casa dela, e estou

com tanto medo do que ela está pensando.

A atenção do meu pai recai sobre Richelle.

— Então, você é Richelle — diz ele com sua voz profunda, que eu poderia jurar que ressoa como um trovão. — Que bom que você veio jantar.

— Obrigada — diz Richelle. A resposta dela me deixa tonta. Não há um pingo de timidez na sua voz. Ela fala como sempre, sem medo. Os olhos dela se encontram com os meus, e ela dá um leve sorriso, quase como se estivesse me dizendo que tudo vai acabar bem.

Richelle pega o garfo, mas minha mãe sutilmente cobre a mão dela com a sua para impedi-la. O rosto de Richelle demonstra confusão por um segundo. Minha mãe pega minha mão, e eu coloco a outra na mão grande e aberta do meu pai. Sei que Richelle está olhando para mim, ou pelo menos tenho essa sensação, mas estou concentrada no meu pai.

— Obrigada por tudo o que faz para colocar comida na nossa mesa, por todas as horas que trabalha para tornar nossa vida confortável. Estamos agradecidas por tudo o que faz por nós.

Meu pai ergue a cabeça quando minha mãe conclui e diz:

— Não há de quê.

Estou segurando a respiração. Richelle está paralisada. Quero sumir embaixo da mesa. Queria poder apagar o ar estupefato no seu rosto. Não tinha me dado conta de como meus jantares em família eram diferentes até pouco tempo atrás, quando jantei na casa de Richelle e na de Cal.

Esperamos meu pai fazer seu prato antes de nos servirmos.

— Nicole — diz ele. Meu peito fica sem ar. Eu tinha esperado que ele não fosse falar disso hoje. Não na frente de Richelle.

— Sim, papai — digo, olhando para os olhos azuis gelados que enviam um arrepio pela minha coluna.

— O que aconteceu com sua prova de história? Uma nota 8,9? Não é aceitável.

O frango na minha boca não tem gosto de nada.

— Fiz o melhor que pude — respondo.

— Não fez — contrapõe ele. Sua voz não tem indicação do quão decepcionado ele está comigo. São sempre os olhos. E estou assustada demais para olhar para eles agora.

— Eu tirei 8,2 — anuncia Richelle, como se estivesse orgulhosa. — A prova foi bem difícil. Quero dizer, a nota mais alta foi 9,1.

Meu pai está calado. Não consigo engolir.

— Interessante — diz meu pai. Agora ele sabe que não fui a melhor. Decepcionar meu pai é a última coisa que desejo fazer.

O resto do jantar se passa num silêncio terrível. Olho fixo para o meu prato, com medo de enfrentar os olhos que me fitam, e sei que todos o fazem.

— Será que Nicole poderia ir até minha casa um pouquinho depois do jantar? — pergunta Richelle. — Preciso… de ajuda em matemática. E ela é a melhor da sala.

Dou uma olhada rápida para ela, que sorri. Não somos da mesma sala em matemática. Estou na sala mais puxada, e Richelle odeia matemática.

— Só um pouquinho — concorda meu pai. — Ela precisa estudar história hoje à noite.

— Valeu! — exclama Richelle. O garfo da minha mãe raspa no prato. — Quero dizer, muito obrigada.

Quando meu pai vai para o escritório, somos autorizadas a sair da mesa.

Levamos nossos pratos para a cozinha.

— Meninas, vão para a casa da Richelle — diz minha mãe na sua falsa voz doce. Sei que ela quer que essa noite acabe logo tanto quanto eu.

— Tem certeza, mamãe? — pergunto, me sentindo culpada por deixá-la arrumar a bagunça.

— Tenho. Volte daqui a vinte minutos — diz ela. — E vá direto para o seu quarto estudar, certo?

Concordo com a cabeça.

Richelle segura minha mão e praticamente me arrasta para a porta. Ela pega nossos casacos, mas não para de andar, de maneira que não podemos vesti-los.

— Richelle…

Mas estamos do lado de fora e cortando caminho entre os pinheirinhos antes que eu possa acabar de falar.

— Mãe! Voltei — grita Richelle quando abre a porta.

— Como foi… — a sra. Nelson começa, erguendo os olhos do computador no seu colo. Seus olhos se arregalam. — Ah.

— É — responde Richelle, continuando a me arrastar pela casa até a cozinha.

— Oi, Nicole — diz a sra. Nelson quando passamos apressadas por ela.

— Hum… oi, sra. Nelson — respondo por cima do ombro.

Richelle larga nossos casacos numa cadeira na mesa da cozinha, abre o congelador e tira um pote de sorvete de chocolate com marshmallow.

— O que…

— Não. Apenas coma — diz Richelle com toda seriedade, tirando uma colher da gaveta e me entregando a colher e o pote.

— Vai — encoraja ela. — Coma uma colherada. — Nunca tomei sorvete direto da embalagem. Ela me olha com expectativa.

Passo a colher pela superfície e a enfio na boca. Fecho os olhos com um suspiro, deixando a doçura derreter contra minha língua. Como outra colherada. Richelle se junta a mim e comemos em silêncio por alguns instantes.

— Está melhor?

Faço um sinal afirmativo.

— Sorvete faz *qualquer coisa* ficar melhor. Até jantar com seu pai.

capítulo 11

— Ela nunca esteve em Harvard — diz Rae no celular.

Estou andando pelo campus, atrasado de novo porque fiquei esperando Nyelle tempo demais no Bean Buzz, como fiz nos últimos três dias. Três dias. E não a vi. Considerando que desejo vê-la todos os dias, parecem três meses. Acho que nunca vou me acostumar com isso.

— O que você quer dizer? — pergunto, desviando por um triz de uma garota que atravessa na minha frente, teclando no celular.

— Bem, fiz algo que *nunca* faço e acabei falando com as pessoas. Comecei a perguntar a todo mundo sobre ela. Descobri, através de Nina e Courtney, que Nicole não se inscreveu no ano passado.

— Como é que elas sabem?

— Estudam na Boston University, e quando foram lá visitar no ano passado, convenceram um cara que trabalha na administração dos dormitórios a procurá-la. Ele disse para as duas que ela não foi designada para nenhum dormitório. E os alunos novos moram no campus, então…

— Ela disse que estava viajando. Talvez estivesse — digo, tentando encontrar um caminho lógico em tudo isso.

— Ou ela ficou trancada em um quarto acolchoado em algum hospital.

— Rae — digo, sério, querendo que ela pare de questionar a sanidade de Nyelle.

— Estou só pensando — defende-se ela. — Cal, eu gosto dela, lembra? Não *quero* que seja louca. Apenas não abandonei a possibilidade ainda.

— Cal!

Paro de repente, quase esbarrando na moça baixa e morena parada à minha frente.

— Ei, Rae, depois ligo de novo. — Desligo sem esperar resposta. Quero resolver logo essa situação, senão vou chegar atrasado… de novo. — Hum, ei, Jade. Como vai?

— Achava que você ia me mandar uma mensagem quando voltasse — diz ela, tentando parecer casual, mas não há nada casual na acusação.

— Ah, sim, bem… tive uma semana cheia — digo, tentando encontrar um jeito de escapar.

— Então, vamos sair essa semana? — Os olhos dela brilham de ansiedade.

— Claro — solto, sem pensar. Droga. Não deveria ter dito isso. Agora estou ferrado. — Que tal… sexta-feira à noite?

— Perfeito. Estou no dormitório Fredericks. Me mande uma mensagem avisando a hora, certo?

— Está bem, mando — respondo. — Estou atrasado para a aula. Vejo você na sexta-feira.

Ela se aproxima, esperando um abraço que eu retribuo sem jeito.

— Mal posso esperar — sussurra no meu ouvido antes de me soltar e continuar seu caminho.

Não era isso que devia ter acontecido.

Jade pega minha mão no escuro. Sem querer, entrelaço os dedos nos dela. Minhas costas ficam tensas quando ela encosta a cabeça no meu ombro.

Não deveria estar aqui com Jade. Não é a mão dela que eu queria estar segurando ou a cabeça dela que eu quero no meu ombro. Mas, porque fui encurralado e não tive coragem de rejeitá-la de cara, estou aqui sentado com ela em um cinema lotado, e os créditos finais demoram demais a chegar.

Jade não gostou quando descobriu que íamos ao cinema. É o pior lugar possível para um primeiro encontro. Não há conversa. Nenhuma chance de intimidade. Nenhum interesse em conhecer mais um sobre o outro. Espero que seja um sinal claro de que isso não vai além desta noite. Mas a garota está determinada a aproveitar ao máximo, ou… não consegue entender uma indireta. Resmungo em silêncio quando ela acaricia minha mão com o polegar.

Meu celular vibra no bolso e eu pulo da cadeira. Jade levanta a cabeça, surpresa.

— Está tudo bem?

— Desculpe, preciso atender — solto, sem saber quem está ligando. Os olhos dela se arregalam e ouço um sujeito me mandando sentar. Me sinto um canalha na mesma hora. — Já volto.

Começo a subir pelo corredor, olhando a tela para ver a quem devo agradecer por interromper o encontro. Nyelle. Sinto um aperto no peito. Ela jurou que não ia usar o celular. Prevendo o pior, atendo antes de passar a porta para o saguão.

— Nyelle?

— Cal! — grita ela, alto demais, do outro lado da linha. — Entrei numa briga. Você devia ter visto. Eu dei um soco nele! — Ri, histérica. Está bêbada.

— Você deu um soco em alguém? Está tudo bem? — paro no meio do saguão. Um menininho bate nas minhas pernas, jogando pipoca nos meus sapatos.

Silêncio.

— Nyelle? Está me ouvindo? — vou em direção à porta.

Um suspiro profundo.

— Hum… não sei se estou bem. — A voz dela fica tão melancólica que dou um passo em falso. — Cal, você pode vir me buscar?

— Posso — respondo automaticamente, quase chegando na caminhonete. — Onde você está?

— Não sei. — responde ela baixinho. — Estou sentada em uma árvore. Ah. Estou sentada na Árvore Doce.

Penso por um instante, tentando lembrar exatamente onde fica. — Certo. Estou indo. Me espera, tá?

— Tentei esquecer, Cal — diz Nyelle, de maneira quase inaudível. — Eu tentei mesmo esquecer.

Não sei do que ela está falando, mas sinto-a se afastando. Preciso conseguir mantê-la em contato.

— Eu sei. Continue conversando comigo, certo? — Não consigo tirar as chaves do bolso do jeans rápido o bastante.

— Eu queria ir embora hoje à noite — diz ela, em voz baixa. — Não importava para onde. Eu só queria… ir embora. Desaparecer. — A voz dela vai sumindo, como se estivesse perdida nos seus pensamentos. E meus nervos estão à flor da pele, porque sei que ainda vou demorar a chegar.

Ligo o carro e dou ré praticamente no mesmo movimento. Estou com o celular preso embaixo do queixo e passo a primeira.

— O que fez você ficar? — pergunto, sem saber se essa é a pergunta certa. Mas, neste momento, minha única preocupação é mantê-la falando.

— Você — responde ela. Não é a resposta que eu esperava, mas é a que eu queria ouvir. Um breve silêncio se instala entre nós enquanto entro na estrada, na direção do campus. — Prometi não ir embora ainda.

— E eu não quero que vá embora ainda — respondo com um esboço de sorriso.

Entro na estrada que vai dar no parque, onde espero conseguir encontrar a árvore em que Nyelle está sentada.

— Você deveria contar a Rae que estou usando o "celular para drogas"! — diz Nyelle com uma risada súbita.

— Certo, vou contar a ela — respondo, surpreso pela mudança de ânimo repentina. — Estou feliz que o tenha usado para me ligar. Agora me conta sobre a briga. O que aconteceu?

Nyelle dá outra risada, com uma ponta de histeria. Começo a ficar nervoso.

A risada para de forma abrupta e ela começa a gritar no celular.

— Porque eu quero, então cai fora!

— Nyelle? O que está acontecendo? — pergunto, preocupado com a hostilidade na voz dela.

Ouço um homem gritando de volta ao longe, mas não consigo entender o que está dizendo.

— Queria ver você tentar, idiota! — grita Nyelle, e cai na risada. — Cal?

— Sim, continuo aqui. — Dou uma parada breve num cruzamento. Devo estar a uns cinco minutos de lá. — Está tudo bem?

— É só gente me enchendo o saco — responde ela. — Como se nunca tivessem visto alguém em uma árvore. Ridículo. — Posso imaginá-la revirando os olhos. — Sobre o que estávamos falando?

— Sobre o que você fez hoje à noite. Onde é que você…

— Cal! — grita ela de súbito. Quase enfio o pé no freio, achando que ela vai cair da árvore. — Cal! Estou vendo a caminhonete!

Encosto no banco, aliviado.

— Caramba, Nyelle. Pensei… onde você está?

— Não dá para me ver acenando para você?

Paro a caminhonete no acostamento.

— Não acene. Segure no galho. Não quero ter que te levar para um hospital.

Pulo da caminhonete, procurando nos galhos fechados da árvore à minha frente. Avisto-a na sombra, perto do topo, agitando o braço com entusiasmo.

— Estou te vendo. — Tomo coragem por um instante antes de dizer: — Vou subir. — Desligo o celular, guardo-o no bolso e encaro a prova de obstáculos nos galhos diante de mim. Era mais fácil quando eu só tinha que segui-la.

Apoio o pé no "V" do tronco e seguro o galho mais baixo para me içar.

— Cal! — grita Nyelle para mim. — Você chegou!

— É, cheguei — resmungo, desviando do amontoado de galhos finos que se agarram ao meu suéter. Testo outro galho que parece que vai aguentar meu peso, e continuo a subir.

Quando piso no último galho, Nyelle abraça meu pescoço, quase me jogando para trás.

— Não acredito que chegou!

Como se meu coração já não estivesse acelerado, agora dispara. Solto uma das mãos e dou umas batidinhas de leve nas costas dela.

— Como você está? Está tudo bem?

Nyelle sorri preguiçosamente, com os olhos turvos.

— Estou ótima. Vamos conversar. Cal, estamos na nossa árvore!

Nossa, ela está mais alterada do que imaginei.

— Podemos conversar um pouco. Apenas não solte, certo?

— Certo — concorda Nyelle, fazendo um sinal exagerado com a cabeça. — Onde é que você foi hoje? Onde está seu casaco?

— Estava… ah, droga — cerro os dentes.

— O quê?

Fecho os olhos com um gemido.

— Larguei ela lá.

— Quem? Espera. Você estava em um encontro? — Nyelle sorri, depois ri, o que leva a uma gargalhada plena. Ela me lembra Rae, quando acabo tendo que desligar na cara dela. Mas não posso desligar Nyelle, então espero que pare. — Você largou seu encontro por mim? Ah, Cal. Desculpa. Sou péssima.

— Não, tudo bem — digo a ela. — Você vale isso tudo. Mas acho que a gente devia ir buscá-la, porque ficou abandonada lá. — Suspiro, sem querer imaginar os próximos acontecimentos. — Ela deve estar furiosa.

— Qual é o nome dela? — pergunta Nyelle.

— Jade.

— Ela faz strip-tease? — diz Nyelle, rindo.

— Não, não faz — respondo com um sorriso.

— Mas não é *ela*, é? Sua garota *e se*?

— Não — respondo simplesmente. — Nem perto disso.

— Então por que foi a um encontro com ela?

— Porque não disse não. — A verdade é patética. Sei disso.

— É um problema para você, não é? — brinca Nyelle.

Dou de ombros.

Ela cai na risada.

— Bom, você deveria ir buscá-la. Posso voltar andando para o dormitório. — Nyelle começa a descer pelos galhos sem esforço, buscando apoios para os pés sem errar, mesmo bêbada. Como é que ela consegue subir e descer desse jeito?

— Não, ainda quero saber da sua noite. Vem comigo? — Não quero deixá-la sozinha. Ainda estou preocupado com o tom da sua voz quando me ligou. Nada nessa história parece estar certo. Além disso, é a primeira vez que a vejo esta semana. Então não vou deixá-la desaparecer de novo. Não hoje à noite, pelo menos.

Nyelle faz uma pausa em um galho e olha para cima na minha direção.

— Certo.

Por fim, ela pula do último galho e me espera acabar de descer.

— Então, como foi que conheceu Jade? — pergunta, entrelaçando o braço no meu e se encostando em mim. Sustento-a até a caminhonete. Como foi que ela conseguiu encarar a descida da árvore sem se matar?

— Na festa em que você não apareceu — conto. Ela dá uma risada breve.

— Acho que deveria ter aparecido — diz, ainda sorrindo.

Sorrio de volta.

— Então, me conta da briga. Onde é que você estava? — pergunto, abrindo a porta do passageiro para que Nyelle se arraste para dentro.

— Num bar — diz ela, indo até o meio do assento e colocando uma perna de cada lado da marcha.

— Você tem vinte e um anos?

— Cal! Você sabe minha idade — diz ela, sacudindo a cabeça. Fecho a porta e paro antes de dar a volta na caminhonete, tentando decidir se devo tirar vantagem do fato de ela estar alta para lhe perguntar o que quiser. Mas será que eu quero descobrir desse jeito?

Bem quando estou abrindo a outra porta, meu celular vibra. Olho para a tela.

— Droga — resmungo antes de atender. — Oi. Desculpe. Estou voltando. Foi uma… — Olho para Nyelle, deitada no encosto, sorrindo para mim com a cabeça pendendo para o lado. — Era importante. — O sorriso dela aumenta. — Chego aí em dez minutos.

Desligo sem deixar que Jade diga uma palavra. Não preciso ouvir o que ela tem a dizer. Não importa. Estou olhando para a única menina que me interessa. E ela está quase apagando, antes que eu descubra o que aconteceu com ela esta noite.

— Nyelle — pergunto com cuidado, enquanto subo e ligo a caminhonete. — O que é que você estava fazendo num bar?

— Estava bebendo, é claro, Cal! — Ela ri e dá uma pancada desajeitada no meu braço. — O que mais eu estaria fazendo num bar?

— Eles não pediram sua identidade?

— Não. Acho que só estavam satisfeitos de ter clientes.

A cabeça dela despenca e repousa no meu ombro, e seus olhos estão entreabertos.

— Com quem você brigou?

— Com um cara enoooooorme — diz ela com um bocejo. — Ele agarrou minha bunda, dei um soco na cara dele.

— Você… deu um soco na cara dele? — Tento não rir, porque consigo visualizar a cena e queria estar lá para ver isso.

Nunca dei um soco em alguém, mas meus irmãos já se meteram em muitas brigas, então sei que pode doer pra caramba.

— Como é que está sua mão? — tento dar uma olhada, mas está escondida sob a luva de tricô cortada.

— Não consigo senti-la — murmura ela, com os olhos fechando. — Mas ele nem imaginou o que ia acontecer — diz ela, de um fôlego só, como se toda a sua energia fosse necessária para falar. Sinto seu peso contra meu corpo, e percebo-a adormecendo.

— Aposto que não — digo com uma risada baixinha, olhando para o rosto dela espremido no meu braço. Eu também não imaginei o que ia acontecer comigo.

Quando paro na frente do cinema, Jade está na calçada, com os braços cruzados, segurando

meu casaco. E *está* furiosa. Compreensivelmente.

Abre a porta do passageiro e para, olhando boquiaberta.

— Ah, não, jura? *Essa* era sua emergência? — Entra na caminhonete, jogando meu casaco no chão. — Foi por isso que você foi embora no meio do nosso encontro? Por causa de uma garota? Por que não me disse que estava saindo com alguém?

Deixo o estacionamento, tentando pensar qual é o caminho mais rápido para o dormitório dela.

— Não estou.

Ela olha para Nyelle como se quisesse empurrá-la para fora do carro em movimento.

— Certo. Então por que não disse apenas que não queria sair comigo? Quer dizer, *cinema*, sinceramente? Como se a gente estivesse no colégio?

— Eu deveria ter dito. Desculpe. — Não consigo olhar para ela, mas sinto seus olhos ardendo em mim. A mão de Nyelle agarra minha perna, e eu me encolho. Ela está ouvindo. A noite pode acabar a qualquer momento, agora.

— Você está brincando? Não queria *mesmo* sair comigo? Nossa. Não consigo imaginar nada pior — lança Jade. Arrisco a olhar em sua direção. Está sentada com os braços cruzados e o corpo encostado na porta.

Paro na frente do dormitório dela alguns minutos depois, e Jade pula do carro antes que esteja parado, batendo a porta.

Sem abrir os olhos, Nyelle se mexe para encolher as pernas no assento, com a cabeça deitada na minha perna.

— Ela estava irritada — balbucia, enfiando as mãos embaixo da minha perna.

Solto um suspiro, olhando para o seu cabelo castanho-escuro caindo em cima do rosto. Afasto-o com delicadeza, para poder vê-la. Seus olhos continuam fechados. Gosto disso, de tê-la aconchegada em mim, mesmo que esteja bêbada.

— Nyelle, por que você bebeu tanto hoje? Aconteceu alguma coisa? — pergunto, passando o dedo pela testa dela.

Ela fica quieta. Quando já estou achando que ela não vai responder, sussurra:

— Sinto saudade dela.

— De quem?

— De você — diz ela baixinho.

— Não entendo — respondo. Ela fica calada. Com medo de que ela tenha apagado, pergunto: — Nyelle, você quer que eu te leve para o dormitório?

— Não tenho a chave — resmunga ela, meio adormecida.

— Tess está lá?

— Não. Aniversário da avó.

— Mas eles não deixam você entrar se mostrar a carteirinha da universidade? Quer dizer, você pode dormir lá em casa. Não tem problema…

— Certo — suspira ela. — Cal, eu não estudo aqui, sabe.

Ela diz isso num murmúrio confuso. Parece uma palavra só. Fico em dúvida se escutei isso mesmo.

— Você não estuda em Crenshaw?

Ela faz que não com a cabeça, de leve, e se ajeita para ficar mais confortável, dando um

profundo suspiro.

Bom, isso responde minha pergunta. Só que não entendo por que está aqui e como consegue ficar no dormitório sem estar matriculada. E… o que será que ela faz todo dia? Minha cabeça está girando de pensar nisso. Todas as perguntas que fiz a ela hoje apenas me deixaram mais confuso.

Quando chegamos ao meu apartamento, Nyelle apagou de vez, então acabo carregando-a para dentro. Fecho a porta com um chute e levo-a para o meu quarto, deitando-a na cama, que felizmente está desfeita. Com as mãos na cintura, observo seu rosto tranquilo. Fico tentando entender o que de fato aconteceu esta noite. E se ela algum dia vai confiar em mim o bastante para me contar.

Desamarro e tiro os coturnos dela antes de rolá-la de um lado para o outro para tirar o casaco. Depois olho para as luvas, na dúvida.

Tirá-las seria como descobrir um segredo sem perguntar. Não posso fazer isso. Quando a cubro com o cobertor, ela vira de lado, e enfia as mãos embaixo do travesseiro.

Quando volto do banheiro, ela está com a respiração pesada e a boca aberta, em um sono de bêbado. Penso em dormir no sofá, mas não consigo caber naquela droga. Então deslizo ao seu lado na cama, como já fiz antes, e dou as costas para ela. Fico ouvindo sua respiração até que por fim adormeço.

NICOLE

Julho — antes do oitavo ano

— Se você começar a falar sobre como é beijar Cal, vou vomitar — diz Rae a Richelle, ameaçadora.

— De que adianta dormir fora se não falarmos de garotos? — pergunta Richelle, sentando em cima do saco de dormir.

— Podíamos ir assustar os garotos — sugere Rae com um sorriso travesso.

Dou risada.

— Está vendo? Até Nicole gosta da ideia — diz Rae.

— Eles não estão dormindo no quintal do Cal? — pergunto, olhando de Rae para Richelle.

É a primeira vez que durmo na casa de Rae. Dormir no porão em sacos de dormir é tão diferente de dormir no beliche de Richelle. Mas estou gostando. Temos uma TV, e a mãe dela dorme no segundo andar, então podemos ficar acordadas a noite toda sem que ela nos ouça.

Richelle pega o saco de Doritos e senta encostada no sofá laranja e marrom.

— Certo. Então como vamos fazer? — diz ela depois de dar um gole no refrigerante.

Rae esfrega as mãos, sorrindo.

— Venham comigo.

Ela nos leva até a lavanderia, que fica atrás de uma cortina. Ali, remexe nas roupas de um cesto, até encontrar dois suéteres de capuz que entrega a mim e a Richelle. — São do namorado da minha mãe. Podem vestir. — Ela pega uma camisa de flanela e veste por cima da sua camiseta do Rancid.

Olho para Richelle. Ela dá de ombros e veste o suéter. Faço o mesmo. As roupas ficam grandes na gente, mas acho que é essa a intenção.

Rae se põe na ponta dos pés, para tentar pegar um chapéu na prateleira. Estendo a mão e alcanço-o para ela.

— Obrigada — diz ela, enfiando-o na cabeça pequena. Parece enorme também.

— Rae, você ainda não me disse o que vamos fazer — diz Richelle. Rae abre a porta do outro lado da lavanderia e acende a luz.

O lugar é esquisito. Uma lâmpada fraca pende do teto. Tudo está coberto de poeira e com cheiro de mofo. Não entro.

— A gente chega devagarinho perto da barraca — explica ela, remexendo nos ancinhos e pás encostados na parede. — Alguém segura a lanterna, para que a gente pareça sombras enormes de dentro da barraca. E as outras duas vão… — Ela ergue uma machadinha, rindo.

— Não vamos machucá-los, né? — pergunto, olhando para a lâmina reluzente.

— Relaxa, Nicole — suspira Rae. — Vamos apenas sacudi-la no ar e gritar. É só para assustá-los. Vai ser engraçado.

Faço que sim com a cabeça, sem estar convencida. Richelle percorre o porão sombrio com Rae, procurando também. Pega um ancinho.

— Perfeito. — Olha para mim e pergunta: — Quer segurar a lanterna?

Faço que sim outra vez.

Nós nos esgueiramos pela casa, e Rae para diante da porta dos fundos para me entregar

uma lanterna grande e amarela, com uma alça.

— Toma.

Pego-a da mão dela e abrimos a porta devagar.

Dá para ver a barraca de cor crua da escada de trás.

— Será que estão acordados? — pergunta Richelle. Rae dá de ombros.

Elas rastejam pela grama. Sigo um pouco atrás, carregando a lanterna. Quando chegamos mais perto, conseguimos ouvi-los conversando. Rae ergue a mão e paramos para escutar.

— Não posso ir — diz Cal.

— Por quê? Precisa de permissão da *namorada*? — diz Brady, provocando-o.

Richelle se volta para mim. Ela parece confusa e meio preocupada.

— Não, não foi isso que eu disse — responde Cal. — Deixa de ser idiota.

Rae faz sinal para irmos adiante. Elas rastejam até a barraca.

— Prontas? — sussurra Rae, olhando para mim e para Richelle, que acente.

— Vocês ouviram alguma coisa? — pergunta Craig, rápido. Os garotos se calam.

Rae faz um sinal para mim e acendo a lanterna, de baixo para cima como Rae me disse para fazer, projetando as enormes sombras das garotas na lateral da barraca.

— Aaaahhhh! — gritam Rae e Richelle com vozes guturais, balançando a machadinha e o ancinho acima da cabeça.

Os garotos gritam. Na verdade, o som que Brady emite está mais para um gritinho afetado. Rae, Richelle e eu desatamos a rir.

— São as garotas! — grita Craig.

Apago a lanterna quando ouço o fecho da barraca se abrindo. Richelle e Rae berram e soltam as armas ao lado da barraca quando os garotos urram:

— Vamos pegá-las!

Eles saem de repente, armados com enormes pistolas de água amarelas, e começam a atirar em nós. Nos separamos. Eu me escondo atrás dos arbustos próximos à casa de Cal, e fico olhando-os correr.

Quando acho que estou a salvo, saio devagar, exatamente na hora em que Cal aparece correndo pelo lado da casa. Ele aponta a pistola de água para mim. Levanto os braços para proteger o rosto, mas nada acontece. Quando os abaixo, ele continua ali, parado.

— Não vou te molhar — diz com um sorrisinho.

— Nicole! Corre! — Richelle está vindo correndo e Craig está bem atrás dela, atirando jatos de água.

Cal se vira e começa a molhá-la também. Ela resmunga e corre para a casa de Rae enquanto eu me escondo atrás do arbusto de novo.

— O que é que está acontecendo aqui? — Ouço a sra. Logan dizer, parada na porta dos fundos. Ficamos todos paralisados, mas em seguida começamos a gritar, atribuindo a culpa uns aos outros.

capítulo 12

Estou acordado. E precisando muito ir ao banheiro. Mas não quero me mexer. Nyelle está deitada atrás de mim, no meu travesseiro, respirando na minha nuca. O corpo dela está tão próximo que consigo sentir o calor que emana. Suas pernas nuas encostam na parte de trás da minha coxa. Não há nada cobrindo suas pernas, o que significa que ela tirou a calça. É. Não quero me mexer porque, se fizer isso, ela provavelmente vai se mexer também. Prefiro ficar aqui deitado, com essa vontade torturante de ir ao banheiro, sabendo que não posso me virar e tocá-la. Porque eu deveria escovar os dentes antes de fazer isso.

Droga. Preciso ir ao banheiro. *E* escovar os dentes. Droga.

Afasto as cobertas com cuidado, tentando não incomodá-la, e saio da cama em um só movimento.

Ela vira para o seu lado da cama com um gemido. Suspiro.

Passo por cima do suéter dela, da calça, do sutiã e das luvas, a caminho do banheiro. Não tenho certeza do que sobrou embaixo do cobertor, mas deslizar de novo para a cama com ela pode ser interessante… ou totalmente impróprio.

Quando saio do banheiro, Nyelle está sentada no braço do sofá, curvada para a frente, com o cabelo caindo no rosto. Está usando uma de minhas cuecas e um suéter que descobre um dos ombros, mostrando a alça de uma camiseta justa.

Esfregando o punho da manga no rosto, ela resmunga:

— Você tem uma escova de dentes sobrando? Estou com um gosto horrível na boca.

— Acho que sim — respondo, abrindo o armário do banheiro. Tiro algumas coisas da frente até que encontro uma escova de dentes azul embrulhada em plástico. — É uma dessas baratinhas que os dentistas dão de brinde. Serve?

— Não ligo — resmunga ela, ficando em pé, meio oscilante, e estende a mão que mal sai da manga. Entrego a escova e saio do caminho enquanto ela tropeça até o banheiro com os olhos quase fechados.

Depois de vestir um agasalho, sento no sofá e ligo a TV, sem ter coragem de voltar para a cama agora que ela acordou.

A porta do banheiro se abre.

— Como está se sentindo? — pergunto, embora a resposta seja evidente pelo jeito como ela arrasta os pés para fora do banheiro. Talvez tenha resmungado algo quando passou por mim.

Alguns minutos depois, ela ressurge com um travesseiro embaixo do braço, arrastando um cobertor.

Nyelle joga o travesseiro no meu colo e deita sem uma palavra. Puxa o cobertor até o nariz e adormece de novo.

Estou assistindo a um jogo de futebol americano universitário quando ouço uma chave na porta. Nyelle ainda não acordou. Estou morrendo de fome, mas me recuso a tirá-la do meu colo. Estou concentrado no jogo, com a mão no ombro dela, quando Eric entra.

— Oi, cara.

Observo-o enquanto entra, com embalagens de comida.

— Por favor, me diga que trouxe algo para mim — imploro quando ele joga os sacos no balcão.

— Trouxe — responde, e depois olha melhor para mim. — Hum… seu encontro correu bem?

— Nem um pouco.

— Então… — Eric aponta para Nyelle. — Quem é essa?

— Oi, Eric — grasna Nyelle, debaixo do cobertor.

Eric se abaixa para ver melhor, tentando descobrir quem é. Nyelle afasta o cobertor.

— Você trouxe chocolate quente?

— A Garota do Lago! Caramba! — exclama Eric. — *Não* esperava te encontrar aí embaixo.

— Ei. Não tão alto — implora Nyelle, olhando-o pela fresta dos olhos. Acaricio seu ombro, compreensivo.

— Ficou meio alta ontem à noite? — pergunta ele, sorrindo. — Você virou o Hulk e bateu em alguém?

— Virei — diz ela, com a voz arranhada.

— Ah, é mesmo — digo, lembrando de repente. — Como está sua mão?

— Espere aí. Você bateu mesmo em alguém? — diz Eric, boquiaberto. Depois começa a rir. — Você deu um soco no Cal e errou?

Lanço-lhe um olhar de advertência.

— Por que eu daria um soco no Cal? — pergunta Nyelle. — Minha mão vai bem. Mas minha cabeça está doendo tanto que não consigo sentir mais nada.

— Deixe eu ver — peço.

Ela tira a mão de debaixo do cobertor. Parece tão delicada. Não consigo imaginá-la formando um punho e dando um soco no rosto de alguém. Deslizo minha mão por baixo da dela, para examiná-la com mais cuidado, e vejo os detalhes da mão descoberta. As articulações estão vermelhas, mas não feridas. Ainda bem que estava usando luvas.

— Não parece tão ruim — digo. Mas, antes que eu possa virá-la, ela puxa a mão e a enfia de volta embaixo do cobertor. Não descubro o que ela não queria que eu visse. Mas está definitivamente ocultando algo.

— O que foi que trouxe para a gente? — pergunto a Eric.

— Bem, eu não sabia que teria que alimentar três pessoas — responde Eric.

— Não quero comida — diz Nyelle, e faz um ruído, como se até pensar em comer a deixasse enjoada.

— Será que não tem Gatorade ou outra bebida isotônica na geladeira? — pergunto, ainda sem querer levantar.

Eric olha para Nyelle deitada no meu colo e responde de forma dramática:

— Bem, deixa que *eu* vou ver.

Volta com uma bebida isotônica e um saco de comida.

— Obrigado. — Pego a garrafa das mãos dele e abro. — Nyelle, você devia beber isso. Vai ajudar com sua cabeça.

— E aí, o que vamos fazer hoje? — pergunta Eric, encostando na poltrona reclinável antes

de desembrulhar um hambúrguer.

— Nada — responde Nyelle, erguendo a cabeça com cuidado para tomar um gole.

— Bem, parece empolgante — responde Eric, sarcástico. — Tem uma festa…

— Não — retruca Nyelle de supetão. — Sem festas. Por favor.

Rio e dou de ombros.

— Sem festas.

Eric amassa o papel do hambúrguer que acabou de devorar.

— Vou encontrar um pessoal no ginásio para jogar bola. Fiquei de te perguntar… — depois olha para Nyelle e para. — Acho que vejo vocês mais tarde.

— Obrigado pela comida — digo, vendo-o desaparecer no seu quarto.

Nyelle deita de costas e olha para mim de cabeça para baixo. Afasto o cabelo do seu rosto. Ela dá um pálido sorriso. Depois fecha os olhos e adormece. Fico observando seus olhos fechados se movimentarem sob as pálpebras e acaricio seu braço. Sei que *ela* está péssima agora. Mas eu não.

— Henley, desce — digo enquanto ele pula no sofá ao lado de Nicole.

— Não tem problema — diz Nicole, enfiando as mãos na pelagem dele e esfregando atrás das orelhas. — Oi, Henley. Que bom ver você.

Ele pula de volta para o chão e ela espana os pelos dourados da saia.

— Como foi o jogo de beisebol? — pergunta, chutando os sapatos para o lado e deitando no travesseirinho, com a cabeça junto da minha perna. Ela cruza as mãos sobre a barriga e fica totalmente imóvel, de pernas estiradas.

Baixo os olhos para encará-la e ela está me fitando, com os olhos azuis brilhantes.

— Dia ruim? — pergunto, pousando o controle do videogame. Nicole faz isso sempre que algo a está aborrecendo. Brinco que isso me faz ter a sensação de que ela está deitada no divã de um analista. Embora saiba que os analistas nem sempre têm divãs para que os pacientes deitem; minha mãe, pelo menos, não tem.

— Lance me convidou para sair hoje — diz ela, em voz baixa.

Meu coração dá um pulo.

— E o que você disse a ele? — a sensação é de que há uma lixa na minha garganta.

Nicole senta no sofá ao meu lado.

— Que não quero namorar ninguém.

— Ah — digo, aliviado. Mas então… espere aí. — Não?

Ela olha para mim e dá de ombros. Mas não desvia o olhar. É como se aguardasse alguma coisa.

— É pra gente querer, agora que estamos mais velhos?

— Não sei — respondo. Não chamei ninguém para sair comigo desde que entramos no sétimo ano, alguns meses atrás. De qualquer forma, a única menina que gostaria de chamar está olhando para mim agora mesmo.

Nicole segura minha mão e fecha os olhos.

— É tão perturbador. Eu não queria ter que pensar nisso ainda.

Quero enxugar a mão, com medo de que esteja suada. Mas ela não parece se importar.

Ela faz isso às vezes, apenas senta com os olhos fechados, segurando minha mão, como se eu tivesse um poder mágico que a fizesse se sentir melhor. Não me incomodava, e continua não incomodando. Mas a sensação agora é outra, ou pelo menos eu quero que signifique outra coisa.

— Oi! — grita Richelle do alto da escada.

Os olhos de Nicole se abrem. Ela solta minha mão e praticamente pula para o outro canto do sofá quando Richelle vem descendo a escada, com uma garrafa vazia de Mountain Dew na mão.

— O que vocês estão fazendo? Vamos para a casa da Rae. Está todo mundo lá. A gente podia jogar alguma coisa. — Ela me olha e sorri.

— Em que você está pensando? — diz Nyelle, de olhos abertos. Olho para a mão dela na minha e sorrio.

Balanço a cabeça.

— Em nada. Você quer ver um filme?

— Posso tomar um banho? Acho que vai me ajudar a melhorar.

— Claro — digo. — Quer que eu arranje algo para você comer?

— Manteiga de amendoim e geleia? — pede ela.

— Tenho — respondo. — De uva ou de morango?

Nyelle se levanta do sofá.

— Morango.

Deixo pronto um prato descartável em que há um sanduíche de manteiga de amendoim com geleia e um punhado de Doritos, que ela encontra quando sai do banho.

— Bem melhor — diz, jogando a garrafa vazia de bebida isotônica no lixo. Procura um copo no armário e enche-o de água, para depois se sentar no sofá ao meu lado.

— Está perfeito! Obrigada. — Começa a comer como se não visse comida há semanas. Não se empanturra, mas mal engole entre as porções que leva à boca.

— Só não respire em cima de mim depois disso — brinco.

— O quê? Você não acha que hálito de manteiga de amendoim e Doritos é sexy? — diz ela, mordendo um salgadinho.

— Não muito. — Rio. Quando menos espero, ela está em cima de mim, respirando no meu rosto. Tento não rir enquanto prendo a respiração, virando a cabeça de lado. Ela chega mais perto, então seguro seus pulsos para mantê-la afastada. Ela ri e luta contra mim.

— Sinta meu hálito de manteiga de amendoim e Doritos, Cal! Quero que você sinta.

Jogo-a no sofá e acabo entre suas pernas, segurando seus braços acima da cabeça.

Ela sorri para mim. Não me movo. De repente, não dou mais a mínima para qual é o cheiro do hálito dela, e me abaixo em direção à boca que estava evitando há apenas alguns segundos. Ela libera a mão e passa-a no meu cabelo.

Quando estou quase beijando-a, ela diz:

— Você precisa de um corte de cabelo. — Aí levanta, e sua cabeça quase bate na minha boca. — Ah… Posso cortar?

— Você quer cortar meu cabelo? — pergunto, sentando de volta no sofá, derrotado. Tentar

beijar essa garota é perigoso.

Nyelle se inclina e acaba a última porção do salgadinho.

— Quero. E prometo escovar os dentes primeiro. Você tem máquina? Ou tesoura? Ou navalha?

Ela já está fora do sofá e dentro do banheiro antes que eu consiga reagir.

— Não tenho navalha — digo com firmeza enquanto imagens ensanguentadas aparecem na minha cabeça. Posso ouvi-la procurando dentro do armário no banheiro.

Ela volta carregando a bolsa preta que contém a máquina elétrica de cortar cabelo de Eric.

— Tesoura? — pergunta depois de depositar a bolsa na mesinha de centro. Não me lembro de ter concordado com isso.

— No meu quarto, na gaveta da escrivaninha — digo a ela, pensando que, se ficar horroroso, é só eu passar a máquina rente, como quando estava no colégio.

Ela traz a tesoura e vem puxando a cadeira da escrivaninha.

— Senta aqui — me orienta, colocando a cadeira no meio do espaço vazio.

— Você já fez isso antes? — pergunto, sentando na cadeira.

— Não exatamente, mas quase. — Não é uma resposta.

— Então, para resumir, você não tem ideia do que está fazendo.

— Basicamente — concorda ela, ligando a máquina. Nyelle arruma uma toalha sobre meus ombros e fica de pé na minha frente, analisando minha cabeça e passando os dedos pelo meu cabelo. Meus olhos se fecham ao toque dela.

Então escuto o zumbido da máquina em ação e meus olhos se abrem de novo.

— Mantenha os olhos fechados — diz ela. — Não quero que caia cabelo neles.

Eu deveria estar preocupado. Só que não estou. A aparência do meu cabelo não é tão importante para mim. Mas poderia ficar sentado aqui o dia inteiro, deixando Nyelle correr os dedos por ele.

— Gosto do jeito como enrola — diz ela, despenteando o cabelo no topo da minha cabeça, que ela ainda não cortou.

Me obrigo a olhar para o rosto de Nyelle, com ela em pé e tão perto. Se eu olhar para a frente, vou encarar… *Crenshaw*. E não olhar está exigindo todo o meu esforço. Ela está me torturando agora, e nem sabe.

Nyelle pega a tesoura. Solto um suspiro tenso quando ela fica em pé atrás de mim. Preciso de um tempo para me recuperar, respirar fundo, e pensar em futebol.

Ela apara a parte de cima da cabeça. Quando acaba, tira a toalha dos meus ombros e recua para admirar sua obra.

— Gostei — declara, com as mãos na cintura, ainda olhando para o meu cabelo, mais que para mim. Pousa a tesoura e anda para a frente, até que o suéter está quase encostando no meu nariz, mexendo no meu cabelo com os dedos. Deslizo as mãos para a cintura dela.

Ela para ao meu toque e seus dedos pousam de leve no meu cabelo. Puxo-a com suavidade, e minha perna fica entre as dela. Nyelle continua sem olhar para mim, mas fico prestando atenção nos seus olhos, esperando por um sinal de que devo parar. Ela suspira profundamente, expandindo as letras de *Crenshaw* no peito. Depois passa a mão pela minha bochecha.

Tomo a mão dela na minha, e é quando percebo as cicatrizes. É como se ela tivesse batido com o punho numa série de navalhas em miniatura. Pequenas cicatrizes em cruz percorrem o

lado da mão dela. É assustador.

O resto do corpo dela está imóvel. Acho que nem está respirando. Encosto a lateral da sua mão na boca, beijando as marcas que escondeu com tanta determinação. Ela se senta devagar no meu colo. Seus olhos estão escuros e ainda não piscaram, fitando-me, apreensivos. Passo a mão pela pele macia da sua bochecha. Os olhos dela se fecham ao meu toque, como se eu tivesse apertado um interruptor.

Sua boca se abre muito de leve, na expectativa. Fico com os olhos concentrados na sua boca até que esteja perto demais para vê-la. E tudo o que posso fazer é senti-la. Seus braços deslizam pelo meu pescoço e eu a puxo na minha direção, pressionando sua boca macia com gosto de hortelã.

Passo a língua pelos seus lábios e eles se abrem para mim. O beijo é tão lento e cuidadoso, mas cheio de calor, que faz meus músculos se tensionarem. Passo os braços em torno da cintura dela e começo a beijá-la com um pouco mais de intensidade.

Esperei minha vida inteira para beijar essa garota, e jamais estaria preparado para isso. Estou queimando por dentro. E não quero que ela se afaste. Não posso deixá-la se afastar. E quando ela respira na minha boca, não consigo mais me conter. Estou perdido.

Deslizo a mão sob o suéter, passando os dedos na sua pele. Suas costas se arqueiam e ela recua, separando-nos. Um sorriso brota nos seus lábios vermelhos.

— Quer ver um filme?

Nego com a cabeça. Antes que eu consiga beijá-la de novo, ela dá uma gargalhada e sai do meu colo. Não consigo me mexer. Meu corpo ainda não esfriou o suficiente. As chamas ainda ardem sob minha pele, e se eu for sentar no sofá sem atacá-la, preciso apagá-las primeiro.

— Onde está sua vassoura? — pergunta Nyelle, atrás de mim.

— Do lado da geladeira — digo com a voz entrecortada. Levanto devagar da cadeira e empurro-a de volta para o quarto, dando o maior suspiro da minha vida. — Caramba! — murmuro, agarrando o encosto com força enquanto olho para a escrivaninha.

— Você toca violão?

Me viro e vejo Nyelle parada na entrada do quarto, olhando para o violão encostado na parede.

— Um pouco — respondo, limpando a garganta. Ela não deve saber isso sobre mim, já que só comecei a tocar no ensino médio. — Rae quase sempre traz o dela quando vem me visitar, e a gente toca. Ela é melhor que eu. Tento apenas não ser muito ruim.

Nyelle atravessa o quarto, pega o violão e senta de pernas cruzadas na cama. Apoia-o no colo e faz soar algumas cordas, sem saber tocar. Deito de lado, com a cabeça apoiada na mão, observando-a. Está concentrada como se fosse aprender a tocar apenas encostando nele. Gosto de olhar seus dedos tropeçando nos acordes, sabendo que ela não precisa mais escondê-los de mim.

— Posso perguntar uma coisa?

Nyelle para e faz que sim com a cabeça, olhando-me intensamente nos olhos, como se estivesse se preparando.

— Ontem à noite, quando tinha bebido… você disse que não estava matriculada em Crenshaw. Como é que fica no dormitório? — Tentei imaginar como ou quando perguntar isso a ela, desde que confessou. Não quero perguntar coisas demais, cedo demais. Ela está apenas

começando a confiar em mim, e não posso estragar isso. — Por que está aqui se não estuda aqui? Crenshaw não é exatamente excitante.

Os ombros dela relaxam, e um pequeno sorriso surge.

— Estava na lista.

— Fazer de conta que estudava em Crenshaw estava na lista? — pergunto, espantado. — Por quê? E que lista maluca é essa?

— Apenas estava. — Nyelle dá de ombros. — É uma lista de coisas que preciso fazer. E Crenshaw estava nela. Só vou ficar aqui este semestre.

Abro a boca para falar, mas não consigo. A próxima semana é a das provas finais. A última semana do semestre.

Nyelle continua como se não notasse o impacto no meu rosto, embora eu não esteja fazendo nada para disfarçar.

— No dia seguinte ao que todo mundo se mudou para os dormitórios, segui algumas garotas para dentro do prédio. Fiquei no saguão de entrada como se estudasse ali, escutando. Garotas gostam de conversar. Descobri quem não tinha companheira de quarto, e Tess era uma delas. Apareci, dizendo que ia dividir o quarto com ela. Tess é boazinha demais para duvidar, então me deixou entrar. Entro no prédio junto com outras garotas, e só vou para o quarto se Tess estiver lá. Ela acha que eu bato na porta todas as vezes para ser educada, para o caso de estar com um cara. Sempre abre a porta com o rosto todo vermelho. Quer dizer, ela *nunca* está com um cara. Mas tem vergonha de admitir isso.

Nyelle ri.

Quase não ouvi nada do que ela disse.

— Então você vai embora na próxima semana? Depois das provas finais?

Ela baixa os olhos, passando os dedos nas cordas do violão.

— Eu preciso ir.

— Não vá — digo, rápido.

— O quê? — pergunta ela, tão surpresa quanto eu com o desespero na minha voz.

Tive medo, todos os dias desde o primeiro em que a vi no Bean Buzz, que fosse chegar o momento em que eu a perderia de novo. Agora ela está me dizendo que vai acontecer… e quando. Não posso deixar.

— Não vá embora — imploro.

— Cal — ela ri. — Eu não estudo aqui. Você não ouviu o que eu disse?

— Ouvi. Fique aqui. Você pode… vir morar com a gente — ofereço, sentando.

Ela me observa por um tempo, depois nega com a cabeça.

— Não posso, Cal. Desculpe.

Engulo em seco. Meus pensamentos rodam na cabeça. Tento descobrir o que preciso dizer para convencê-la a ficar.

— E… até o fim do recesso? — sugiro, com as palavras saindo em um turbilhão. — Só fique comigo mais um pouco. Sinto como se tivesse acabado de te encontrar, e… não estou pronto para deixá-la ir.

Nyelle dá um sorriso suave. Passeia os olhos pelo meu rosto, pensativa. Estou com medo de me mexer. Estou com medo de piscar e fazê-la desaparecer.

— Até o final do recesso — ela repete, contemplativa. — É… daqui a um mês, não é?

Concordo. Ela contrai os lábios, hesitando.

— Certo. — Ela fala tão baixo que não tenho certeza de ter ouvido.

— Certo? — pergunto para confirmar. Ela faz que sim. Sinto como se tivesse vencido o Super Bowl. Quero agarrá-la, jogá-la na cama e beijá-la. Mas não o faço. Não posso assustá-la. Só porque ela concordou agora não quer dizer que não vá mudar de ideia.

Começo a me sentir subitamente mais ousado que de costume porque, em qualquer outro dia da minha vida, essas palavras nunca sairiam da minha boca.

— Fique aqui comigo depois das provas finais. Eric vai para casa para o recesso, então posso dormir no quarto dele.

— Você não vai para casa?

Faço uma careta. Eu *devia* ir para casa. Minha mãe vai me matar se eu não estiver lá no Natal. Ela ainda pode me matar se descobrir que não vou passar o recesso inteiro lá.

— Vou no Natal…

— Cal, não fique aqui por minha causa. Sua família….

— Vai estar comigo. Para sempre. Acredite em mim. Eles não vão embora. Você está me dando um mês. Eles vão sobreviver a isso.

As bochechas de Nyelle ficam cor-de-rosa e ela observa o violão.

— Que fofo. — Então ela ergue a cabeça na minha direção, com a testa franzida. — Não vou ser uma das suas garotas, Cal!

— Ei — digo, recuando com as mãos erguidas, me protegendo. — Claro que não. Não é… Nossa. Não vou encostar em você. Prometo. — E acrescento: — A menos que você queira.

A testa fica ainda mais franzida.

— Ou nunca mais.

Ela dá um sorrisinho irônico.

— Só não vá embora — peço, sincero. — Ainda não.

RICHELLE

Dezembro — oitavo ano

— **O que é que** vocês estão olhando? — pergunto, afastando as pessoas aglomeradas no corredor.

Quando me aproximo, vejo Cal abaixado, segurando a mão de Nicole, falando com ela baixinho. Ela está sentada no chão, encostada em um armário, balançando a cabeça. Não reage a seja lá o que for que ele está dizendo. Está com os olhos fixos na parede e uma expressão triste no rosto.

— O que aconteceu? — pergunto, ajoelhando ao seu lado. — Nicole, o que aconteceu?

— Ele vai ficar tão decepcionado comigo — diz ela, voltando-se devagar para mim. Na mão, está segurando um pedaço de papel. O boletim. Tem uma mancha de tinta preta nele. Tem tinta também na ponta dos dedos dela e na saia. — Não posso mostrar isso a ele.

— Deixe-me ver — digo, tirando-o da mão fechada dela. Desamasso o papel e examino cada nota. Parecem boas, para mim. Ouço cochichos atrás de mim e fico em pé.

— O que é que vocês estão olhando? — grito, chegando perto da pessoa mais próxima entre as que estão atrás de nós.

— Hum, nada — diz o garoto baixo com o rosto cheio de espinhas. Ele segue seu caminho, e o resto das pessoas acaba indo embora a contragosto quando continuo olhando para elas com raiva.

Volto para Nicole.

— Certo, vamos sair do chão — abaixo e ajudo Cal a erguê-la pelos cotovelos. Ela ainda parece estar em um transe, e está me assustando. — Que nota?

— História — murmura ela.

— Você tirou 8,9 — relato. — E 9,2 no último trimestre, então continua tendo A de média. Não é ruim.

— Ele não pensa assim — responde Nicole, olhando para o chão. — Para ele é um B. Ia dar no mesmo se fosse um F. — Ela solta um enorme suspiro. — Eu realmente detesto história.

Rae, que está encostada em um dos armários, deixa escapar uma risadinha. Faço uma cara feia para ela.

— O que foi? — diz ela. — O jeito como ela disse aquilo foi engraçado.

Preciso pensar. O pai dela é ridículo, e sei que ela tem que entrar em Harvard ou então vai praticamente deixar de existir para ele. O que é bobo, já que estamos apenas no oitavo ano. Mordo o lábio, pensando.

— O que aconteceu com seus dedos e seu vestido? — pergunto, olhando para Nicole. Estou com medo de que ela desmaie.

— Quebrei a caneta quando vi a nota.

— Certo — digo com um suspiro profundo. — Vamos fazer assim. Cal, leve Nicole até a oficina e use aquele sabão fedorento de lá para lavar as mãos dela. Rae, venha até o escritório da sra. Wilson comigo.

— O que vamos fazer? — pergunta Rae, com os olhos cheios de empolgação.

— Vamos mudar a nota dela.

Cal fica boquiaberto.

— O quê?

— Não se preocupe — digo a ele. — Leve-a para se lavar.

— Vamos invadir o computador dela? — pergunta Rae, quase pulando, enquanto nos encaminhamos para a administração.

— Mais ou menos — digo. — Sou ajudante de escritório, então sei onde ela guarda as senhas. Ela as gruda com durex na gaveta, é tão óbvio. Ela acha que somos uns tontos. Não somos burros. Enfim. Ela nunca vai saber.

— O que você quer que eu faça? — pergunta Rae.

— Fique de vigia. Não deixe a sra. Wilson entrar no escritório até que eu imprima outro boletim.

— Posso fazer isso — diz ela, confiante. Nunca duvidei disso. Cal seria um péssimo vigia. Seria capaz de se engasgar com a língua antes de conseguir encontrar uma desculpa para que ela não entre. Rae consegue se safar de qualquer coisa na conversa. Não estou preocupada.

Vou para trás do balcão como se fizesse parte do escritório. A sra. Kelly está ocupada anunciando os ônibus, e todos os outros estão no estacionamento, tomando cuidado para que ninguém seja atropelado. A sra. Kelly olha para mim.

— Esqueci minha bolsa no escritório da sra. Wilson — digo. Ela inclina a cabeça e volta a cuidar dos anúncios.

Em poucos minutos, estou com o programa aberto: por sorte, ela não o fechou quando saiu. Digito a identidade de Nicole, e o 8,9 vira um 9,1. Salvar. Imprimir. E sair.

— Tenha um bom dia, sra. Kelly — digo a ela com o boletim impecável, cheio de As de Nicole escondido embaixo do meu casaco. A sra. Kelly nem nota que estou saindo.

— Conseguiu? — pergunta Rae assim que eu chego no corredor.

— Claro que sim — exulto, voltando para o armário de Nicole, onde ela e Cal estão esperando.

Sorrio e entrego a ela o boletim corrigido. Ela me abraça, e eu quase caio para trás.

— Você não pode chorar — digo, com o rosto dentro do cabelo dela, sentindo seu corpo inteiro tremer. — Você não pode deixá-lo fazer você chorar.

Ela me solta. Ainda parece que vai quebrar em mil pedacinhos. Pego a mão dela.

— Tenho uma ideia — começo a andar pelo corredor, mas Cal e Rae ficam para trás.

Me viro.

— Ei, vocês vêm?

— Claro — responde Rae pelos dois, e eles nos seguem.

Andamos pelo corredor e saímos pelos fundos da escola. Ninguém está por perto. Conduzo-os até a beira do campo, ainda segurando a mão trêmula de Nicole.

— Acho… que devíamos gritar.

— O quê? — pergunta Nicole, confusa. Sei que parece loucura.

— Você ainda está estressada, e precisa deixar isso sair antes que tenha um treco — explico. — Então grite. Está pronta?

Estão todos olhando para mim como se eu tivesse ficado maluca. E talvez tenha. Mas se eu tivesse que morar na casa de Nicole, com o pai dela exigindo perfeição o tempo todo, eu *ficaria* maluca. Não sei como ela ainda não ficou.

Inspiro profundamente, fecho os olhos e grito. Grito por ela e por tudo o que tem de aguentar e eu não posso fazer nada a respeito. Aí… ela começa a gritar junto comigo. Logo, nós quatro estamos gritando, e o som reverbera pelo campo. É tão… libertador.

Depois Rae começa a rir, e em pouco tempo estamos todos rindo, porque parecemos mesmo um bando de lunáticos.

— Perdemos o ônibus — diz Rae enquanto caminhamos pela lateral da escola.

— Não tem problema — digo a ela. — Não moramos tão longe. Além disso, Nicole gosta de andar.

capítulo 13

— Caramba, se a gente soubesse que seria tão fácil, desde o começo teria perguntado a ela por que estava em Crenshaw — diz Rae do outro lado da linha. — Agora pergunte a ela por que está fazendo de conta que é Nyelle.

— Ela estava bêbada quando me contou sobre Crenshaw. E não é como se tivesse admitido algo que vai nos ajudar.

— É, como por que Crenshaw estaria na lista dela. Cal, isso tem a ver com você, não acha? A coincidência é esquisita demais. Ninguém mais que a gente conhece estuda aí.

Pensei nisso também, mas não consigo chegar a acreditar que ela esteja aqui por minha causa. Ainda mais quando lembro do quanto ela me evita.

— Não acredito que a convenceu a ficar com você durante o recesso. — Então dá um gritinho. — Ai, meu Deus, você vai transar com ela.

— Não. Hum, ainda… não vou — digo, atrapalhado.

— Você ia dizer "ainda não", não é? — acusa Rae. — Cal, você não pode estragar tudo indo para a cama com ela. A garota já é instável. Não torne tudo ainda mais complicado.

— Como está indo a gravação da demo? — pergunto, desviando o assunto.

Rae resmunga baixinho.

— Acho que a banda vai acabar. — A voz dela está deprimida e sem entonação nenhuma.

— Mas vocês nem tocaram em público ainda.

— Eu sei — diz ela, aos arrancos. — Garotas são… complicadas. E dramáticas. E cansativas.

— Nem me fale.

— Mas conheci alguém, e ela é incrível. — De repente, há muito mais animação na voz dela, e não sei como reagir a isso. Rae quase nunca se anima, a menos que ganhe um novo instrumento.

— Hum… que… ótimo.

— Cara, a gente não precisa falar disso. Sei como você é ruim nesse negócio de relacionamentos, então tudo bem. Posso conversar com Maura.

— Minha mãe?

— É. Ela é ótima para dar conselhos sobre namoro. Você deveria falar com ela. Talvez assim namore uma menina por mais tempo que a duração de um filme. — E ela começa a rir. De novo. Eu já desliguei na cara dela uma vez quando não conseguiu parar de rir depois de me ouvir contar sobre meu encontro com Jade.

— Rae — aviso.

— Espera. Não desliga — diz ela, tentando recuperar a seriedade. — Onde é que Nyelle está agora, aliás?

— Comprando chocolate quente e café.

— E por que é que você não está com ela?

— Porque eu devia estar estudando.

— Você a deixou ir andando?

— Ela está com minha caminhonete.

— Sua caminhonete?! Sério? Você a deixou dirigir seu carro? — exclama Rae, estupefata.

— Ela faz isso sem minha permissão, de qualquer forma. Aí pensei, por que não? — Acho que eu deixaria Nyelle conseguir qualquer coisa que ela desejasse. Tenho dificuldade de dizer não para ela. Como Nyelle disse, é uma das minhas questões.

Meu celular faz um bip. Tiro-o do ouvido.

— Rae, minha mãe está me ligando. Por favor, não me diga que você está sentada na frente dela na mesa da cozinha e que ela ouviu essa conversa inteira. — Não seria a primeira vez.

— Não. Não contei a ela sobre Nyelle, juro. Mas você deveria perguntar a ela sobre as possíveis repercussões de se envolver com uma garota potencialmente psicótica — diz ela.

— Estou indo — digo, desligando. — Oi, mãe.

— Oi. Você estava falando com alguém? Quer me ligar de volta?

— Não, era Rae. Já tínhamos acabado.

— Ah. Certo. Ela contou para você sobre Jackie? — pergunta, animada.

— Eu… é… não… sim.

Minha mãe dá risada.

— Ela é bonitinha. Você vai gostar dela. Mas acabei de receber uma notificação de que você mudou seus voos. O que aconteceu?

Trinco os dentes. Esqueci que a conta estava ligada ao nome dela, mesmo que eu tenha pagado pelas trocas.

— Desculpe. Ia te contar.

— Me contar? E por que deveria contar *à sua mãe* que não vai passar as festas de fim de ano com sua família? — Sei que ela está brincando comigo, mas ouço também o tom de decepção na voz dela.

— Mãe, vou estar aí no Natal — garanto. — Lembra daquela amiga de que falei para você?

— A garota? — Ela diz isso como uma acusação.

— É, ela. Bem, ela vai mudar de universidade no próximo semestre, e gostaria de passar algum tempo com ela antes que vá embora.

Essa conversa não está sendo fácil para mim. Sei que minha mãe sente que não estou contando tudo. Ela é esperta demais para não perceber minhas evasivas. Só espero que não faça perguntas demais. Eu *realmente* não quero mentir para ela… pelo menos, não muito.

Faz-se um silêncio do outro lado da linha.

— Cal.

— O quê?

Silêncio de novo. Passo os dedos pelo meu cabelo bem mais curto. Ainda estou me acostumando.

— Vou conhecê-la? Essa garota?

— Provavelmente não — respondo, sincero.

Ela suspira. Fecho os olhos com força, sentindo que a estou traindo ou algo assim.

— Como está meu pai? — pergunto, usando o silêncio dela para mudar de assunto.

— Está trabalhando no meu escritório em cima da garagem… de novo. Ah! Quase esqueci — diz ela de repente. — Na verdade, é por isso que estou ligando, além de dizer a você como

me deixou de coração partido. Mas suponho que vou ter que superar isso.

— O quê? — pergunto. Ela sabe como me fazer sentir culpado, e está funcionando.

— Aconteceu algo muito estranho outro dia. Vera Bentley passou aqui para deixar umas flores do jardim dela, o que é bem esquisito, já que praticamente não fala mais comigo. Mas, de qualquer forma, ela perguntou sobre você e se está gostando de Crenshaw. Depois perguntou se você ainda tinha contato com Nicole. Você não tem mais, né?

— Cal, eu…

Me viro e vejo Nyelle na porta do meu quarto. Ela não continua quando vê que estou no celular… tentando recuperar o fôlego em silêncio.

— Hum, não, mãe. Há anos que não falo com ela. — E estou olhando para a mentira que estou contando. Os olhos de Nyelle se retraem de leve. Fora isso, ela não moveu um músculo. Sinto que meu coração vai pular para fora do peito.

— Foi isso que pensei. Ouvi mesmo uma voz de garota? Uuh. É *a* garota? Me deixe falar com ela. Já que eu não vou conhecê-la, deveria pelo menos poder ouvir a voz da garota que está mantendo meu filho longe da mãe.

— Sem chance — digo a ela. — Preciso ir. É falta de educação. Está vendo. Alguma coisa você me ensinou.

— Muito engraçado — retruca minha mãe. — Amo você. Diga a essa garota que sua mãe mandou um "oi". E vejo você daqui a *duas semanas*, em vez de na sexta-feira, como deveria ser. Só dizer isso alto parte meu coração.

— Amo você também, mãe. Tchau.

— Tchau, Cal.

Desligo.

— Para você — diz Nyelle calmamente, me entregando um copo. — Sua mãe?

— Ela mandou um "oi" para você — digo, sem pensar. Depois quero me jogar pela janela quando os olhos dela se arregalam.

— Você contou a ela sobre mim?

— Não — digo, rápido. — Os olhos de Nyelle se estreitam. — Quero dizer, ela sabe que você *existe*. Mas não sabe… droga.

Nyelle fecha os olhos e balança a cabeça, rindo.

— Esqueci de toda a sua fobia de apresentar-os-pais. Não fico ofendida que não tenha falado para a sua mãe sobre mim. Afinal, a gente não está… namorando… ou algo assim, pra valer.

Concordo com a cabeça, engolindo as palavras antes de passar uma vergonha maior ainda.

— Eu deveria ir embora — diz ela.

E agora estou em pânico, com medo de ter estragado tudo e de tê-la assustado.

— Você não precisa ir.

— Está tudo bem — me assegura ela. — Tess deve ter voltado, e você precisa estudar para as provas finais. Vejo você na sexta-feira.

— Sexta-feira? Por que sexta-feira? — Fecho a boca com força. Pareço uma garota desesperada. As garotas que eu sempre evitei a todo custo. — Desculpe. Isso ficou parecendo pior que… de qualquer forma… o que você vai fazer a semana toda? Você é bem-vinda para ficar por aqui, se quiser.

— Não. Seus estudos. Você tem coisas para fazer — explica ela.

— Será que algum dia você vai me contar o que é que faz, agora que sei que não vai às aulas?

— Eu assisto às aulas, sim — responde ela. — Assisto a aulas diferentes, sempre que dá.

— Só por diversão? — pergunto, sem acreditar. A ideia faz eu querer me afogar num baldinho.

— É, só por diversão — diz ela, rindo. — É por isso que eu faço quase tudo o que faço. E sim, vou te contar o que faço, quando a gente se vir na sexta-feira. Na verdade, se quiser, eu te mostro.

— Jura? — pergunto, surpreso.

— Juro — responde ela com um sorriso. — Tchau, Cal.

— Quer uma carona? — pergunto, indo atrás dela para a sala.

— Não, estou com vontade de andar.

E então ela sai sem olhar para trás. Despenco no braço do sofá com um suspiro exausto. Acho que detonei todas as conversas que tive hoje.

— Esperto. Muito esperto — diz Eric atrás de mim. Me viro e o vejo sentado na poltrona com um livro didático no colo. — Você nunca vai vê-la de novo depois disso.

— Cala a boca, Eric — respondo, voltando para o meu quarto e batendo a porta. Fico encostado na porta com os punhos fechados, com medo de que ele esteja certo.

Não tenho ideia de como consigo sobreviver às provas finais. Há uma boa chance de eu ter me ferrado em todas elas. Eu só consigo pensar em sexta-feira e imaginar se vou ver Nyelle outra vez.

— Estava pensando em voltar na primeira semana de janeiro — diz Eric, arrastando um saco de roupa suja em direção à porta. — Está bom para você?

— Hum, está. Por quê? — pergunto, lavando o último prato. Passei a maior parte da manhã desinfetando o lugar. Sei que Nyelle já esteve aqui antes, mas agora ela vai morar aqui durante o mês inteiro. Não quero que imagine que somos repulsivos… e podemos ser.

— Você vai ficar no meu quarto, não é? — pergunta ele. Depois sorri. — Ou não.

— Vou — insisto.

— Certo. Bem, feliz Natal e aquilo tudo. Vejo você daqui a algumas semanas.

— Feliz Natal — respondo enquanto ele caminha até a porta.

Guardo a última travessa no armário e examino o apartamento. Fora o quarto de Eric, que é um problema exclusivamente meu, tudo está parecendo muito bom.

E agora? Não sei quando é que ela vem, ou se espera que eu vá buscá-la. Não falamos sobre isso. Eu queria que ela ligasse a droga do celular.

Então acabo telefonando para Tess.

— Oi, Cal! — responde ela, como se estivesse surpresa de ouvir minha voz.

— Hum, oi, Tess. Como foram as provas finais? — pergunto, sentindo necessidade de começar uma conversa antes de perguntar pela colega de quarto.

— Que bom que acabaram. Você vai embora hoje?

— Ainda não — faço uma pausa. — É… hum… Nyelle está aí?

Silêncio. Cerro os dentes, sabendo como o que eu disse soou mal.

— Está — diz ela, devagar. — Espera. — Ouço-a dizer ao longe: — Nyelle, é para você.

— Alô?

— Oi.

— Cal? O que houve?

— Pensei em ir te buscar.

— Hum, está bem. Me pega às quatro e você pode ir ao trabalho comigo.

— Trabalho? Bem, claro.

— Até já — diz ela, e desliga.

Quando me aproximo da entrada, às quatro da tarde, Nyelle está do lado de fora com uma mochila e uma mala de rodinhas no chão. Só isso. Estava esperando mais. Sobretudo para uma garota.

Os olhos dela se iluminam quando ela me vê. Ela corre para mim e quase me derruba quando joga os braços em torno do meu pescoço. Pisco, surpreso.

O espanto desaparece com o toque dos lábios dela. O mundo inteiro desaparece com esse beijo.

Ela se afasta, sorrindo.

— Oi.

— O que foi isso? — Pergunta estúpida, eu sei. — Pensei que eu não devia tocar em você.

— Eu gosto de te beijar. Pode ser?

— Acho que aguento — respondo, com um sorriso. Aguento, definitivamente.

— Mas continuo não sendo uma das suas garotas — diz ela, antes de se voltar para pegar a bagagem.

— Nem se compara — digo, baixinho, pegando a mala enquanto ela pendura a mochila no ombro e anda na direção da caminhonete.

Nyelle senta com a perna encostada na minha, a alavanca da marcha entre as pernas, embora tenha o assento inteiro só para ela. Ficamos parados com o motor ligado. Olho para o dormitório e em seguida para Nyelle, que está me observando com curiosidade.

— Você disse à Tess que não ia voltar? — pergunto.

— Deixei um bilhete para ela.

Assinto. Depois faço a pergunta que está na minha cabeça desde que falei com Rae, mais cedo.

— Por que Crenshaw?

— O quê? — diz ela, pega com a guarda baixa.

— De todas as universidades, por que é Crenshaw que está na sua lista?

Ela dá um sorrisinho de lado.

— Me diz você, Cal. Por que Crenshaw?

Nyelle estreita os olhos azuis, querendo que eu responda. E eu não consigo.

— Não sei — balbucio.

— Exato. Não sei.

Sacudo a cabeça e rio por dentro. Aquilo não me levou a nada.

Me inclino e beijo a curva do seu pescoço.

— Para onde?

Nyelle sorri e encosta a cabeça no meu ombro. Ela continua me deixando confuso em todas as conversas que temos. Mas essa garota me deixa feliz. Frustrado, também. Mas sobretudo feliz. E por isso vou aproveitar cada segundo que tenho com ela.

Sigo as orientações de Nyelle e paramos em frente a um prédio de dois pavimentos, vinte minutos depois.

— É aqui que você trabalha? — pergunto, tentando ler os nomes dos escritórios na placa grande ao lado da estrada.

— Tecnicamente, é Lynn que trabalha aqui. Mas ela me paga em dinheiro para substituí-la nas segundas e sextas-feiras, para que possa trabalhar no segundo emprego.

— Vamos ficar aqui até que horas?

— Sete e meia.

— E de onde é que você conhece Lynn? — pergunto, tentando encontrar uma conexão entre Nyelle e Crenshaw que não seja eu.

— Eu a conheci no campus — explica, enquanto subo atrás dela para o segundo andar. — Ajudei-a a estudar para uma prova de biologia.

Passamos por uma porta de vidro em que tem escrito algo a respeito de serviços médicos.

— Mas você nem assiste aula de verdade — digo, perplexo.

— Gosto de biologia — diz ela, sorrindo e continuando a caminhar. Passamos pela recepção vazia e seguimos até uma fila de baias alinhadas ao lado da janela.

— Oi, Keith — diz Nyelle para a única outra pessoa no escritório. Ele está sentado diante de um computador, usando fones de ouvido e apertando uma bola antiestresse.

— Nyelle — ele cumprimenta. Olha para mim sem esboçar reação. Depois, volta-se para o computador de novo.

— Ele não fala muito — explica Nyelle, entrando na baia seguinte. — O que é curioso, já que é isso que somos pagos para fazer.

Ela pega dois fones de ouvido com microfones e os conecta a um telefone antes de se registrar no computador.

— Tome, você pode usar o equipamento de treino — diz ela, me entregando um dos fones. — Tem uma cadeira atrás de você.

— O que é que você faz exatamente? — pergunto, puxando a cadeira para perto da dela na baia minúscula.

— Eu… falo. — Ela sorri para mim por cima do ombro, digitando algo no computador.

Coloco o fone ao mesmo tempo que ela e ouço um telefone tocando.

— Alô?

— Oi, Marla. É Lynn. Como você está hoje?

— Ah, é a *Lynn de sexta*. Estou bem, querida.

— Como está Roger? Ele já começou a fisioterapia?

— Por fim ele conseguiu sair da cama, na segunda-feira. Então começa na próxima semana.

— Que ótimo! E como vão Heath e Allie?

— Só me atormentam — diz Marla, rindo. — Mas é o papel deles, né? E antes que você diga algo, eu enviei uma parcela do pagamento ontem. Juro.

— Ah, só se você estiver em condições de fazê-lo. Não ouse mandar dinheiro para esses médicos se seus filhos estiverem precisando de algo. Os médicos não estão morrendo de fome, garanto a você.

Marla ri.

— Eu sei. Você é muito boazinha. Mas essa semana deu para enviar.

— Bem, falo com você em breve, certo?

— Sim. Até.

O telefone é desligado. Nyelle gira na cadeira com um sorriso.

Por um momento, só consigo olhar fixamente para ela. Cada vez que estou com Nyelle, percebo o quanto eu ainda não sei sobre ela. E o quanto eu quero saber.

— Você devia estar arrecadando *dinheiro* — grita Keith através da divisória da baia.

— Ele segue o manual — explica Nyelle, revirando os olhos. Depois diz, sussurrando: — Mas eu atingi a meta de ligações, e garanto que consigo arrecadar mais dinheiro que ele, mesmo quando digo aos meus clientes que não precisam pagar.

Dou uma risada.

Fico escutando ela *falar* pelas horas seguintes. Todo mundo para quem liga a adora. Eles contam das crianças. Dos pais. Contam como a vida está difícil. Ou falam de um trabalho novo ou de cursos que estão fazendo. Quase não se fala de dinheiro, ou de pagar a conta que devem. E ela é tão paciente, interessada de verdade na vida deles.

Às sete e meia, ela enrola o fio em torno dos fones e os coloca numa gaveta.

— Agora vamos receber.

— De Lynn? — pergunto quando saímos da baia. Keith já foi embora.

— Às sextas-feiras, ela é Jasmine — diz Nyelle, empurrando a porta de vidro. — Ela trabalha no Starlight às segundas e sextas-feiras, mas não quer que o marido saiba. Ajudo-a a manter o trabalho em que recebe salário mínimo, para que ela possa ganhar o dinheiro necessário para estudar.

— Ela faz strip-tease?

— Ela *estuda* — corrige Nyelle, entrando na caminhonete. — Acontece que ela tem um corpo fantástico, e tem caras burros o suficiente para dar dinheiro a ela em troca de poder olhar para ele.

Dou uma risada.

— É, tem caras burros assim. — Aí é que me dou conta. — Espera. *A gente* vai ao Starlight… agora?

— Você pode ficar na caminhonete caso isso o deixe desconfortável — diz Nyelle com um sorriso malicioso. — Mas pensei que a gente podia comer lá. Eles fazem, sem dúvida, os melhores hambúrgueres da cidade.

— Vamos comer em um bar de strip-tease — digo, mais para mim mesmo que para Nyelle. — Certo.

Nunca estive no Starlight. É do outro lado da cidade, longe do campus. Sei que existe, porque já

ouvi outros caras falando dele. Apenas nunca fiquei… tentado.

O prédio pequeno e escuro não parece grande coisa. Eu nem saberia que esse é o lugar se não fosse pelo *Starlight* pintado na lateral em letras rebuscadas, com uma estrela no lugar do pingo do "i".

Não há muitos carros na neve enlameada do estacionamento quando chegamos.

Nyelle passa direto pela entrada, imune ao ambiente, e continua em frente até o bar. Eu paro perto da pesada porta de metal, observando o espaço escuro, que se ilumina em flashes com uma luz estroboscópica piscando no palco. Um poste vai até o teto no centro de uma pista fora do palco principal. E de cabeça para baixo, nesse poste, há pernas, longas pernas.

Nyelle puxa meu casaco antes que eu consiga seguir essas pernas até chegar ao rosto. Pisco por causa da névoa de gelo seco e sento em um banco no bar.

— Oi, Jimmy — diz Nyelle, com um sorriso, tirando o casaco e colocando-o no banco.

— Beleza, Nyelle? — Jimmy é um sujeito musculoso com uma camiseta preta justa, o cabelo escuro penteado para trás. E ele está moreno demais para o inverno aqui no norte do estado de Nova York. — O de sempre?

— É, por favor. Pode preparar dois? — Nyelle faz um sinal com a cabeça na minha direção.

— Qual é o ponto que você prefere? — pergunta ele, me olhando de cima.

— Ao ponto para malpassado, obrigado — digo, tentando não olhar em volta, mas é bem difícil.

— Cal?

Nyelle e eu giramos devagar nos bancos. É uma loira com cabelos ondulados no meio das costas, que está usando uma tonelada de maquiagem e glitter, e praticamente só isso.

Preciso de um minuto para lembrar quem é. Ela não se parece com ninguém que eu conheço, vestida com uma parte de cima de biquíni preta brilhante e um short bem curto, cortado. É nessa hora que vejo a tatuagem de borboleta acima do osso da bacia.

— Micha?

Seus lábios cor-de-rosa brilhantes se abrem em um sorriso.

— Como você está? Nossa, nunca imaginei te ver *por aqui*.

— Bem, vim comer…? — Parece mais uma pergunta, pois sei que é algo estranho para se dizer em um bar de strip-tease.

— Você conhece Micha? — diz Nyelle com uma risada divertida. — Claro que sim.

— É, a gente namorou por… três semanas? — diz Micha, olhando para mim para confirmar. Eu concordo com um rápido dar de ombros. — Ah, então você está com Nyelle? — Ela parece surpresa. — Oi, Nyelle. Vou avisar Jasmine que você está aqui — diz, pousando a bandeja em cima do balcão perto de mim. — Volto para pegar as bebidas num instante, Jimmy.

E sai desfilando em cima dos saltos mais altos que já vi.

— Como é que ela consegue andar nisso? — pergunto.

— Você está olhando para os sapatos dela ou para o short? — pergunta Nyelle. Olho para cima, e os cantos da minha boca sobem, porque o short cobre menos que a maioria dos biquínis.

— Isso também — digo. Nyelle bate no meu braço. — O que foi? Eu nem tinha notado até você comentar…

— Você namorou Micha — diz Nyelle, balançando a cabeça.

— Não sabia que ela fazia strip-tease — digo a ela.

— Ela não faz. Ela serve bebidas — explica Nyelle. — E teria importância se fizesse?

Paro por um instante, observando o público espalhado ali, sentado no escuro, olhando para os corpos sendo exibidos à sua frente. Eu não conseguiria ficar confortável de jeito nenhum com esses caras olhando uma garota que eu namorasse dançar nua.

— Teria.

— Quantas garotas você já largou, Cal? — pergunta Nyelle.

— Hein… O quê? — Se as luzes estivessem acesas, daria para ver que eu enrubesci.

— Vinte?

— Não! Nem tantas assim! — digo, enxugando o suor das mãos. — Por que isso importa?

— Estou apenas curiosa — diz Nyelle com um sorriso torto. — E foi você que deixou todas elas?

— Algumas vezes elas é que foram embora — digo, incomodado com a insistência.

— E você deixou? — Quando não respondo, ela pergunta: — Por quê?

Observo, atrás de Nyelle, uma mulher negra alta, com os cabelos soltos descendo até a cintura. Ela é esbelta, mas torneada como uma atleta.

Nyelle se volta para ver o que atraiu minha atenção.

— Oi, Jasmine — cumprimenta, alegre. — Esse é Cal.

— Oi — digo, entendendo agora como é que ela consegue ganhar aqui dinheiro suficiente para pagar a faculdade.

Ela me olha de cima a baixo sem dizer nada, e só inclina a cabeça.

— Do tipo garoto-bonitinho-da-casa-ao-lado — diz ela a Nyelle, entregando-lhe uma nota de cem dólares. — Rusty pediu para que dissesse a você que a oferta dele está de pé. Eu disse que você ia embora, mas ele é teimoso.

— É tão amável da parte dele — diz Nyelle com uma risadinha. — Mas seria constrangedor para todos os envolvidos se eu subisse nesse palco.

— Eu precisava perguntar. — Jasmine volta a atenção para mim. O tom da voz dela é baixo e quase ameaçador. — Acho que nunca te vi.

— Cal não é do tipo que frequenta bares de strip — diz Micha com uma piscadela, aparecendo ao meu lado. Ela pega a bandeja de bebidas, e quase caio da banqueta quando sinto algo escorregar para dentro do meu bolso traseiro quando ela passa atrás de mim. Observo-a se afastar, incapaz de me mexer. O que foi aquilo?

Seja lá o que tenha sido, não vou enfiar a mão no bolso para saber, sobretudo quando olho de volta para Jasmine, de braços cruzados e sobrancelhas erguidas.

— Nyelle, o que está fazendo com esse cara? Confia nele?

O tom acusador de Jasmine me enche de culpa instantânea, apesar de eu não ter feito nada errado.

Nyelle me examina como se precisasse pensar sobre isso. Começo a ficar preocupado: se ela não disser que sim, Jasmine vai me chutar para fora.

— Estou morando com ele — responde Nyelle. Eu pisco com força. — E, sim, eu confio nele.

Não escuto o que Jasmine diz antes de sair rebolando. Não escuto a resposta de Nyelle. Nem noto quando os hambúrgueres são postos à nossa frente.

— Por que está me olhando assim? — pergunta Nyelle antes de pegar o hambúrguer.

Passo a mão pela nuca dela e puxo-a na minha direção, beijando-a. Ela apoia as mãos no meu peito e me beija de volta. Quando nos separamos, ela está ofegante e sem fôlego.

— O que foi isso? — pergunta ela.

— Você confia em mim — respondo, sorrindo.

NICOLE

Agosto — antes do nono ano

— Como é que é? Você vai se mudar? — digo, esperando não tê-la ouvido bem.

— Vamos nos mudar para San Francisco — diz Richelle, sentando na cama. Os olhos dela estão vermelhos de tanto chorar.

— Quando? — pergunto. Minha garganta se fecha e as lágrimas enchem meus olhos.

— Amanhã.

— Não! — respondo, sacudindo a cabeça. — Não. Você não pode ir, Richelle.

As lágrimas escorrem dos olhos dela.

— Por que amanhã? Não entendo. Por que tão rápido?

Richelle dá de ombros.

— Meu pai tem um novo emprego. E… minha mãe quer se mudar agora. Ela diz… que a gente tem que ir.

Tem algo errado aí. É rápido demais.

— Você contou a Cal? Ou a Rae?

O rosto dela se contorce, e ela começa a chorar com as mãos no rosto, sacudindo a cabeça.

— Não consigo.

— Por quê? Você precisa contar a eles. São nossos melhores amigos.

— É tão doloroso contar a você. Não vou conseguir dizer adeus a eles. Sobretudo a Cal. Só… não vou conseguir.

— Você vai embora assim?

— Escrevi uma carta para ele. Eu ia pedir para você entregar depois que eu tiver ido embora.

capítulo 14

Não faço ideia de como consegui me conter nos últimos quatro dias, acordando ao lado dela. Nyelle insiste para que eu durma na minha cama… com ela. Diz que confia em mim.

— Eu confio em você. — As mesmas palavras que eu queria que ela me dissesse agora são as piores da existência. Essas palavras são um muro de concreto que divide minha cama em duas, comigo de um lado, encolhido para não derrubá-lo. E Nyelle do outro, rolando na cama, e às vezes lançando um braço ou uma perna para o meu lado, quando então a pele dela encosta na minha. Ela não parece dar a mínima bola para o muro. Mas eu dou.

— Confio em você. — É como se ela tivesse me castrado.

E todos os dias recebo uma ligação ou uma mensagem de texto de Rae, querendo saber dos progressos. Como se, agora que Nyelle está na minha casa, ela fosse de repente se abrir e me contar todos os seus segredos. Se há alguma mudança, é que ela ficou ainda mais evasiva. Falando naquelas frases codificadas com sentidos desconhecidos. Conversar com ela sobre qualquer coisa referente à sua vida é como jogar palavras cruzadas disléxicas.

Quando me beija, não fico preocupado com a pessoa que ela era. Apenas penso que ela é esta que está me beijando agora. Vivo para sentir o toque desses lábios. Gostaria de sentir mais, mas estou deixando que o ritmo seja ditado por ela. Não quero ir mais rápido do que ela tem vontade de ir.

A cada vez que nos tocamos, fico em estado inflamável. O ardor do toque dela queima cada centímetro do meu corpo. Sempre que acho que estamos prestes a ir adiante, ela para. Sem aviso. Levanta e vai embora. Não tenho tempo de me acalmar. Ela poderia simplesmente ir em frente e jogar uma bandeja de gelo na parte da frente da minha calça.

Me recuso a acreditar que está me torturando de propósito. A coisa certa a fazer seria falar com ela sobre nós. Para onde estamos indo. O que desejamos com isso. Mas, quando se trata de garotas, ainda não consigo fazer a coisa certa. Só porque eu estou realmente envolvido, não quer dizer que estou me comunicando com mais facilidade.

Há uma razão para Rae ser minha melhor amiga. Ela fala através da bateria. Eu apenas… não falo.

— Onde é que você vai hoje? — pergunto a Nyelle enquanto ela veste o casaco. Ela está pronta para sumir, como faz com frequência, sem avisar. Mesmo que esteja hospedada aqui, é difícil vê-la sair pela porta.

— Quer vir comigo?

Pulo do sofá e agarro meu casaco.

— Vamos.

Sempre digo que sim, todas as vezes que ela me convida. Nunca sei o que estou aceitando fazer, mas, o que quer que seja, é sempre inesperado.

No domingo Nyelle disse que desejava jogar fliperama… então jogamos fliperama a tarde toda em um lugar que somente os locais parecem conhecer. É antigo, escuro, tem cheiro de batatas fritas velhas e de mofo. Não é a melhor combinação. Mas o lugar tem todos os videogames antigos que existem. Meus dedos estavam cheios de bolhas quando saímos de lá.

Ontem ela comprou trinta balões de hélio e amarrou a mensagem "Você é amado" em cada um. Depois fomos para a fazenda abandonada e ficamos no meio do campo nevado para soltá-los.

Logo antes de soltá-los no mundo, perguntei:

— Isso está na lista?

— Mais ou menos.

Esperei, sabendo que vinha mais.

— O que está escrito mesmo na lista é: reviver o melhor dia da sua vida.

Olhei para a nuvem de balões coloridos.

— Você fez isso antes?

— Não. — Ela deu um sorriso amplo e balançou a cabeça. Em seguida, soltou-os no céu nublado de inverno, espalhando cor por onde não havia nenhuma. — Mas agora posso fazer isso de novo algum dia.

Dei uma risada. Depois a envolvi em meus braços e beijei-a. Um instante como esse merecia um beijo no final, e por isso garanti que o final fosse o melhor possível. Continuei a beijá-la enquanto os pontos coloridos flutuavam para longe, acima das nossas cabeças.

De forma que, hoje, não sei para onde ela está me levando. E está bem assim. Sem expectativas. Porque sei que Nyelle está além de qualquer expectativa que eu possa ter.

— Para onde, hoje? — pergunto, ligando a caminhonete.

— Precisamos ir à Elaine's primeiro — diz Nyelle, deslizando para perto de mim.

— E depois? — pergunto.

— E depois… vamos tornar o mundo um pouco mais feliz. — Ela pula no assento, me dando um beijo na bochecha.

Parece que nunca há uma resposta nas respostas dela.

Depois de recuperar, na Elaine's, vários sacos do que parece ser o material necessário para construir uma nave espacial, Nyelle senta no banco do motorista. Ela nem pergunta. E eu nem tento discutir. Ela obviamente não quer que eu saiba para onde a gente vai antes que a gente chegue lá. Mas o último lugar ao qual eu esperava chegar é o hospital pediátrico.

Crenshaw tem uma faculdade de medicina bastante conhecida, e há gente vindo de todo canto para se tratar nos seus hospitais. Ouvi dizer que eles têm algumas pesquisas de ponta. É um dos motivos para que as pessoas estudem aqui.

Não é o meu.

Estou tentando me preparar para seja lá o que vamos fazer, seguindo Nyelle pelos corredores do hospital. Mas não há mesmo uma forma de me preparar para isso. Não é como fazer alongamento antes de uma corrida.

— São só crianças — diz Nyelle, me tirando dos meus devaneios. Ela me olha e dá um sorriso tranquilizador.

— Tão óbvio assim? — pergunto.

— Você está meio pálido — observa ela, pegando minha mão quando o elevador chega. — Precisamos ajudá-las a lembrar.

— Lembrar de quê? — pergunto, deixando-a me levar pelo corredor.

— Que são crianças. Não importa o que estiverem passando, ainda são crianças.

Vejo o brilho nos olhos dela e faço que sim com a cabeça. Eu não *desgosto* de crianças.

Apenas nunca estou perto delas, exceto nas poucas vezes no ano em que minha família se encontra.

Dou um suspiro profundo e aperto a mão de Nyelle. Quão ruim pode ser isso, de verdade? Não pode ser pior do que ser apresentado aos pais de uma garota.

Entramos em outro corredor, e Nyelle abre uma porta de vidro em que está escrito *Clínica Shea: serviço de pacientes externos*. Ela a segura para mim. Sou bombardeado pelo barulho quando passamos pela porta: crianças conversando e rindo, bebês chorando, videogames apitando e vozes de personagens falando na televisão.

— Oi, Maddie — diz Nyelle para a mulher atrás do balcão de recepção, vestida com um jaleco coberto de flocos de neve sorridentes.

— Oi, Nyelle — responde Maddie, simpática, olhando dela para mim. Ajo como se fosse normal eu estar ali, fingindo segurança. Pelo olhar preocupado no rosto dela, entendo que ela não se deixa enganar. Talvez sejam as gotas de suor na minha testa.

— Nyelle! — Uma mulher de cabelo curto aparece atrás do balcão. — Estou tão feliz que tenha vindo. As crianças estavam começando a perguntar por você.

— Oi, Rose — diz Nyelle. — Rose, esse é Cal. O rapaz que eu disse a você que ia me ajudar hoje, já que Elaine não pode.

— Claro! Seja bem-vindo, Cal — me diz ela. — Só preciso que preencha alguns formulários, e preciso fazer uma cópia da sua identidade.

— Claro — respondo, lançando um olhar inquisitivo para Nyelle. Entrego minha identidade para Rose, e ela entra em um escritório mais ao fundo.

— Elaine era enfermeira aqui — explica Nyelle. Não é exatamente o que eu queria saber. — Agora ela trabalha como voluntária uma vez por semana. Tenho vindo com ela nos últimos dois meses.

— Certo — digo. — O que estamos fazendo de verdade, Nyelle?

— Toma — diz Rose, me entregando uma prancheta antes que eu tenha uma resposta. — E aqui estão os crachás de voluntários. Assim que você acabar com os formulários, entregue-os a Maddie e tudo certo. Muito obrigada por terem vindo hoje!

— Sem problema — respondo, ainda sem ter certeza do que vou fazer como voluntário.

Ouve-se de repente um grito agudo, vindo de um quarto, e meu corpo inteiro fica tenso.

— As crianças não gostam de agulhas — diz Maddie quando nota meus olhos arregalados.

— Nem eu — replico, sentindo o sangue fugir do meu rosto. Espero que eu não vá chegar perto de onde essa criança está.

— Vou estar bem ali — Nyelle me informa, apontando para o canto mais afastado do amplo espaço, onde fica uma grande mesa rodeada de cadeiras de plástico. Faço sinal de que entendi.

— Nyelle! — ouço um monte de vozes de criança saudá-la quando se aproxima.

Assino o último formulário e entrego a prancheta a Maddie.

Passo pela sala de espera, onde os pais estão lendo e conversando, e pelos meninos jogando videogame. Paro a alguns metros da mesa e fico olhando Nyelle espalhar o que parece ser material de arte.

— Eles conseguem sentir cheiro de medo — diz uma enfermeira atrás de mim, fazendo com que eu me volte com rapidez.

Engulo em seco.

Nyelle me dá uma olhada por cima do ombro.

— Você vem?

Me aproximo, cauteloso, me sentindo um penetra. E pelos olhares de estranheza que estou recebendo, eles também devem me ver assim.

Nyelle pega minha mão e me leva até a mesa.

— Eles não mordem… normalmente.

Alguém dá uma risada. Olho por cima do ombro e vejo um pai com um garotinho no colo. Ele olha para baixo, tentando esconder o sorriso. Não ajudou.

— Quem é você? — uma garotinha sem os dois dentes da frente, usando uma echarpe colorida na cabeça careca, está olhando para mim. Ela está segurando uma haste de metal com um aparelho que injeta um líquido claro por um tubo, que desaparece sob seu suéter rosa.

Abro a boca, mas não consigo dizer nada. Estou intimidado por uma garotinha. Que coisa.

— Este é Cal — diz Nyelle. — Ele é meio tímido. — Ela sorri para mim, e eu reviro os olhos.

— Oi — digo, por fim. — Quem é você?

— Tally — diz ela. — Tenho seis anos.

— O que é que a gente vai fazer hoje? — pergunta um garoto de cabelo cacheado, debruçando-se sobre a mesa e pegando uma flor rosa com uma expressão preocupada. Ele não está conectado a um aparelho. — Não coisas de garota. Vou vomitar.

— Vamos fazer isso aqui. — Nyelle puxa uma espada de dentro da bolsa. A lâmina está recoberta de papel-alumínio, e o punho está decorado de flores de plástico. Adesivos de coração cobrem toda a extensão da lâmina. — Não se preocupe, Jacob. Você pode decorar a sua do jeito que quiser. Não precisa usar as flores. A menos que queira — ela sorri para ele.

— Eca! — exclama ele. Me faz lembrar de Rae quando criança, e me faz rir.

— Você tem algo para princesas? — pergunta uma garota com os maiores olhos azuis que já vi. Sua cabecinha careca apenas faz com que os olhos azuis pareçam ainda maiores.

— Princesas podem ter espadas — diz Nyelle, sentando em uma cadeira azul ao lado dela.

A garotinha faz uma cara confusa.

— Mas então, o que vai ter o príncipe? — Ela olha para mim. Meus olhos se arregalam. — Ele não precisa de uma para te salvar?

Nyelle dá uma gargalhada.

— Eu não preciso ser salva. Nem você. É por isso que você vai fazer sua própria espada, para poder lutar por si mesma. Talvez *ele* é que precise ser salvo. — Nyelle se inclina e sussurra: — Acho que você parece ser capaz de acabar com um dragão sozinha. Ele… nem tanto.

A garotinha olha para mim e ri.

Alguém está puxando minha calça. Olho para baixo. Um menino bem pequeno com um boné de beisebol está olhando para mim. Um aparelho apita ao seu lado. Me ajoelho.

— Minha mãe disse que não posso brincar com armas ou espadas — diz ele em voz baixa.

Paro, olhando para Nyelle para que ela me tire dessa. Mas ela está atarefada com a garotinha de olhos azuis.

— Bom, acho que vamos ter que fazer um escudo para você então, né?

O menininho sorri e concorda.

Passamos as horas seguintes ajudando a fazer escudos e espadas. As crianças são muito engraçadas. E não se importam que eu não entenda nada daquilo.

— Que espada de chamas legal — digo a Jacob, ajudando-o a recobrir o punho de fio preto.

— Sei que é — gaba-se ele, pegando-a de mim e sacudindo-a no ar.

— Não sabia que você tinha um dom artístico — diz Nyelle enquanto ajudo um garoto a fazer com que a espada dele pareça uma estrada com caminhões passando por ela.

— Não tenho — respondo baixinho, para que o garoto não escute. — Mas eles não são exigentes.

Nyelle faz um sinal de cabeça na direção da menina dos olhos azuis, que ficou sentada junto de mim o tempo todo. Ela está estrategicamente colando adesivos de coração na sua espada de arco-íris. — Acho que Isabel se apaixonou por você.

Quando olho para a garotinha, o rosto dela se ilumina com um enorme sorriso.

— É, acho que ela me conquistou — digo no ouvido de Nyelle. — São os olhos azuis. Não consigo resistir. — Nyelle enrubesce.

Isabel vem para perto de mim quando estou juntando o resto dos adesivos para poder ir embora. Abaixo para poder ficar mais próximo ao seu tamanho. Ela põe a mão em concha no meu ouvido e cochicha: — Você não precisa ficar com medo. Vou salvar você.

— Obrigado — cochicho de volta. Ela coloca um adesivo de coração na minha mão e sai correndo. Olho-o e sorrio.

Fico observando Nyelle abraçar e se despedir das crianças antes de irmos. A alegria que ela trouxe para o mundo deles está gravada nos seus rostos. Apesar de tudo pelo que estão passando, continuam sendo apenas crianças. E apesar daquilo pelo que ela passou para estar aqui, esse era o lugar onde ela deveria estar.

— Crianças não são tão ruins. Bem, pelo menos essas — admito quando estamos voltando para o carro.

Nyelle ri.

— Essas crianças são *incríveis*.

Quando chegamos à caminhonete, me viro para ela, puxando-a para mim pela cintura.

— E então, há algo além disso?

Nyelle olha para mim, curiosa.

— O que você quer dizer?

— Bem, vamos ver… você voluntariamente circula pelas ruas mais estranhas de Crenshaw para garantir que um homem sem-teto não morra congelado. Você ajuda crianças a lutar contra os dragões. Você ajuda uma stripper com seus deveres… — me corrijo rapidamente quando ela me lança um olhar reprovador. — Quero dizer, uma estudante de biologia, quando não está coletando pagamentos e assistindo a aulas em uma universidade em que você não está matriculada. Ah, sim, e no tempo livre, você rola por ladeiras, sobe em árvores e soca a cara de sujeitos desagradáveis. Você garante que todos os dias sejam cheios de diversão. Esqueci algo?

— Hum… parece que é isso — responde Nyelle com um sorriso.

— Então o que mais está na lista que você não fez? — Envolvo-a em meus braços, puxando-a para perto.

Ela fica tensa.

— Nyelle? — pergunto quando ela se afasta. — O que houve?

Ela dá as costas para mim, tentando esconder os olhos molhados.

— Ei. O que está havendo? — Não tenho ideia do que foi que eu fiz.

Nyelle não diz nada. Só comprime os lábios e vai para o outro lado da caminhonete.

— Eu disse algo errado? — Penso em tudo o que eu disse, mas não consigo perceber o que foi que a fez se afastar de mim.

— Podemos ir tomar sorvete? — pergunta Nyelle antes de entrar na caminhonete.

Entro e fecho a porta.

— Você não vai me contar, né?

Nyelle balança a cabeça.

— Só preciso de sorvete.

— Certo. Vamos comprar sorvete — aceito, decidindo não forçar. — Deixa tudo melhor, né?

Ela dá uma risada meio triste.

— Exatamente.

Não sei o que desencadeou as lágrimas que ela tentou conter, mas Nyelle volta a ser a pessoa vibrante e despreocupada que eu conheço assim que chegamos à sorveteria, como se nada a tivesse incomodado.

Ainda não descobri como fazê-la contar para mim tudo o que ela não quer que eu saiba. Gosto de Nyelle como ela é, apesar de não saber *por que* ela se tornou quem é. E não tenho mais certeza de querer saber. Prefiro deixá-la ser exatamente quem precisa ser.

O resto da semana passa rápido demais, e eu devo ir para o Oregon amanhã de manhã para passar o Natal com minha família.

— Explique sua família de novo para mim — pede Nyelle, sentada ao meu lado com uma bacia de pipocas e um pacote de amendoins recobertos de chocolate. — Sua mãe é uma de… seis?

— Sete — corrijo. — Ela é a segunda. A gente diz que tem *os tios*, e que um é dois anos mais velho, e o outro, dois anos mais novo do que ela. Depois tem as tias, que vêm quatro anos depois, com dois anos entre elas. E no final, tem Zac. É o erro de cálculo.

— Cal, que horrível — diz ela.

— Mas é. Ele é onze anos mais novo do que minha tia Helen. É só um ano mais velho que meu irmão Sean. Ele chegou de surpresa.

— E é para a casa dele que você vai amanhã?

— É. Era a casa onde eles passavam férias quando eram crianças. Mas Zac mora lá agora. A metade de nós vai para lá, e a outra metade vai para a casa da minha tia Livia, em Ohio. Trocamos todo ano. Tem gente demais para um teto só.

— Adoraria fazer parte de uma família grande — diz ela, com os olhos perdidos, como se pudesse vê-la.

— Você pode pegar a minha emprestada quando quiser.

Nyelle joga um punhado de pipocas na boca, e completa com alguns amendoins com chocolate. Sinto um arrepio.

— Isso não pode ser gostoso.

— É a melhor coisa, depois de sorvete com cobertura — afirma Nyelle. — Me dá sua mão.

Obedeço, relutante. Ela coloca algumas pipocas e dois amendoins na minha mão. Cético, jogo-os na boca.

— Hmmm — digo, favoravelmente surpreso. — Bem melhor do que os salgadinhos salpicados de chocolate. Aquilo é nojento.

Nyelle ri.

— Você vai ficar bem na casa da Elaine? Posso te deixar a chave, para o caso de querer voltar para cá.

— Não. Está tudo certo. Temos alguns planos. — Ela fecha os punhos e seus olhos se iluminam como acontece quando ela mal consegue conter a empolgação. — Ela tem um sótão cheio de roupas antigas. Faz tempo que planejo preparar um chá por lá.

— Essas palavras nunca sairão da minha boca.

Nyelle sorri.

— É, você sempre sumia quando a gente ia colher flores. — Ela enfia mais pipoca na boca.

Tento não reagir. Tento com tanto afinco deixar passar. Mas não consigo.

— Você se lemb…

— Você vai sair com Micha de novo? Ela está esperando sua ligação — diz Nyelle, me interrompendo.

— O quê? — Não posso ter ouvido bem.

— Micha. Ela disse que pediu para você ligar para ela — repete Nyelle. — Você não terminou porque ela achou que ia ser transferida? Não vai mais. Então, você vai ligar?

— Não — digo rapidamente. — Não vou… o que é que você está fazendo? Por que você quer que eu ligue para ela? — Encaro Nyelle, sem acreditar. — Sério. Você *quer* que eu saia com ela?

— Gosto dela — diz Nyelle com um simples erguer de ombros, evitando meu rosto chocado.

Preciso clarear as ideias. Levanto e vou até a geladeira para pegar uma cerveja. Depois de entornar metade da lata, pergunto, a voz cheia de raiva.

— Você não se importa que eu saia com outras garotas?

— Estou indo embora, Cal — responde Nyelle, parecendo calma demais. Ela está fazendo o que faz normalmente, apagando qualquer emoção da voz. Ela está se afastando.

Sinto como se tivesse levado um soco no peito, e tento recuperar o fôlego. Bebo o resto da cerveja.

— Certo — é minha única resposta.

— Quer assistir a um filme? — diz ela, agindo como se não se importasse. — Antes que eu coma toda a pipoca?

— Claro — respondo, seco, e sento de volta ao lado dela no sofá.

Ela está certa. Afinal, *vai mesmo* embora. Portanto, o que quer que seja *isso* entre nós, é… evidentemente, nada. É só fazer com que o que está revirando meu estômago entenda isso.

Assim, quando ela deita no sofá com a cabeça no meu colo, não consigo aguentar. Mas, em

vez de dizer algo a ela, tiro a perna e fico de pé.

— Acho que vou arrumar minhas coisas. Meu voo é bem cedo.

Ela me olha com estranheza e concorda.

— Certo. É melhor eu ir embora hoje? Posso pedir a Elaine para vir me buscar.

— Vá quando quiser — digo, indo para o meu quarto e fechando a porta atrás de mim. Assim que faço isso, trinco os dentes. Falei de um jeito babaca e sei disso.

Pego minha mochila e começo a jogar roupas dentro, sem prestar muita atenção no que estou escolhendo. O som da TV na sala ao lado me deixa doente. Ela não tem ideia de como o que ela disse me afetou. Nenhuma.

— Cal? — a cabeça de Nyelle aparece no quarto. — Você está bem?

Certo, talvez tenha alguma ideia.

Faço que sim, baixando os olhos.

— Liguei para Elaine. Ela está vindo. — Ela abre mais a porta para entrar e pega a mochila dela ao pé da cama.

Fecho os olhos, tentando pensar com clareza suficiente para dizer a coisa certa.

— Não vá. Eu não tinha a intenção de falar daquele jeito.

— Não. Tudo bem. Ela não é muito matutina, de qualquer jeito.

Nyelle pega a mochila e a mala e leva para a sala. Largo minha mochila no chão e sento na ponta da cama, passando as mãos pelo cabelo, desesperado para consertar aquilo. Para convencê-la a não ir embora hoje.

Na hora em que fico de pé, Nyelle entra no meu quarto. Olhamos um para o outro por um longo instante. Os olhos dela vão para o chão com um suspiro triste. Em seguida, suas sobrancelhas se franzem.

— O que é isso?

Me viro para o guarda-roupas. Há um papel dobrado e um grande papel pardo enrolado no chão. Devem ter caído quando tirei a mochila da prateleira. Nyelle se inclina para pegá-los. Me dou conta do que ela está segurando na hora em que ela desenrola o papel.

— Nyelle, não — tento dizer, e ao mesmo tempo sua boca se abre num espanto silencioso.

Nyelle olha da pintura para mim. Pestaneja, confusa. Vai sentando pouco a pouco na cama, segurando a folha de papel como se fosse se desintegrar entre seus dedos. A folha balança na mão dela enquanto ela a examina, com um vinco profundo na testa, como se não soubesse o que pensar ou como reagir.

Com um pequeno suspiro, passa os dedos de leve por cima da nossa infância. Vejo-a passar os dedos sobre a garota de cabelo loiro tocando violão sob a árvore, e sobre a garota de fita azul no cabelo e o garoto de óculos de aro preto sentados na casa da árvore, de mãos dadas. Depois sua mão trêmula passa sobre Richelle, colhendo flores no campo.

Quando ergue a cabeça, fico espantado com a dor refletida em seus olhos. Nunca vi alguém com tanta dor assim, e não sei como salvá-la disso. Fico com vontade de arrancar a pintura das mãos dela e de rasgá-la, na tentativa de parar sei lá o que esteja fazendo com que ela pareça estar se estilhaçando por dentro.

— Por que você guarda isso? — pergunta ela em um sussurro rouco, com a atenção voltada para a pintura que ela fez para mim há tantos anos.

— Não sei — respondo baixinho.

— Tivemos nossa primeira briga por causa dessa pintura — murmura ela, com a voz sumindo, cheia de dor. Ela pega a carta que Richelle escreveu para mim logo antes de se mudar.

Nyelle fecha os olhos e balança a cabeça, o rosto contorcido com uma expressão dolorida, os lábios trêmulos e o maxilar tenso. Ela está sofrendo mais do que eu poderia ter imaginado. E quero fazer isso parar.

— Nicole? — digo seu nome devagar. Ela fica de olhos fechados, sem responder.

Quando abre os olhos de novo, as emoções contra as quais estava lutando desapareceram. A dor e a confusão que a dominavam há alguns instantes foram escondidas sob a máscara. Fico chocado demais com a transformação para falar. É como se Nicole estivesse aqui por um segundo, e agora tivesse ido embora.

Algo vibra no seu bolso. Ela tira o pequeno celular preto.

— Elaine está aqui.

Nyelle deixa a pintura e a carta na cama, calma e esvaziada de emoção. Ela faz um movimento em direção à porta, e eu entro na frente dela. Ela se recusa a olhar para mim.

— Não vá.

— Preciso ir — diz ela em um sussurro, me contornando. Sigo-a em direção à sala, com o coração batendo em pânico. Se ela sair pela porta agora, vou perdê-la.

Ela pega o casaco e pendura a mochila sobre um ombro, puxando a mala de rodinhas em direção à porta.

— Nicole!

Ela se volta, empurrando a porta. Seus olhos me encaram, gelados.

— Não sou ela. Não sou mais.

Fico paralisado, congelado no meio da sala, olhando a porta se fechar. O pânico me empurra e eu vou até a porta. Mas paro com a maçaneta na mão, incapaz de girá-la. Encosto a testa na porta, e deixo-a ir embora.

RICHELLE

Maio — nono ano

— E então, o que vai fazer este verão? — pergunto a Nicole, que está sentada na ponta da minha cama, folheando uma revista. Ela dormiu aqui ontem, como faz no último fim de semana de cada mês desde que eu vim para San Francisco. A mãe dela a traz de trem. Às vezes ela consegue convencer a mãe a deixá-la vir mais de uma vez. Mas isso quase nunca acontece.

— Não sei. — Ela dá de ombros, sem erguer os olhos.

— Você continua amiga daquelas garotas? — pergunto, puxando o cobertor para me cobrir, ainda cansada. Não dormimos muito. Em geral, é o que acontece quando Nicole vem para cá, não importa quantas vezes digam que devemos ir para a cama.

— Elas não são minhas amigas de verdade — responde ela. — Você sabe disso.

— Certo — digo. Ela parece mais calada do que o normal hoje. É provavelmente algo relativo ao seu pai. — Você não precisa andar com elas se não quiser.

— Deixa minha mãe feliz — diz ela, baixinho. — Ela queria que eu fosse amiga delas desde que a gente se mudou para lá, porque meu pai trabalha para o pai de uma delas. E ela gosta que as mães venham nos visitar. Elas estão todas na Associação de Pais e Mestres… não importa.

Não. A questão diz respeito a Cal e Rae.

— Nicole — digo, fazendo-a olhar para mim. — Você pode falar com eles, sabe? Cal e Rae. Você só não pode contar tudo a eles.

— Não posso ser amiga deles — diz ela com tristeza.

— Cal pergunta de você quando falo com ele — Isso apenas parece torná-la mais triste ainda. Odeio que eles tenham deixado de ser amigos. Não é o que devia acontecer.

Nicole sorri para que eu me sinta melhor, mas sei que é falso.

— Tudo bem. Juro. Não é para sempre, certo?

— Certo. — concordo. Em seguida, uma ideia me vem à mente, e faz um sorriso brotar no meu rosto. — Quer fazer algo maluco?

Nicole concorda lentamente, sem dizer nada.

— Você quer cortar meu cabelo? Sabe, como Britney fez quando teve aquele surto? Só que não tão curto, talvez. Depois podemos pintá-lo de azul. Rae vai ficar tão chateada de não ter feito isso.

— Você quer que eu corte seu cabelo curtinho? — pergunta Nicole como se não acreditasse que eu estou sugerindo isso, menos ainda falando sério. Sei que vai fazê-la rir, e gosto quando ela ri.

— É. Afinal, é só cabelo. E vai ficar legal quando você acabar — digo a ela, animada com a ideia. — Pegue a máquina do meu pai no armário do corredor. Só não deixe minha mãe te ver.

capítulo 15

*— **Por que tem um** caminhão de mudanças parado na frente da casa dos Nelson? — pergunto à minha mãe enquanto tomo café da manhã e observo os homens carregando os móveis para a caçamba do caminhão.*

Minha mãe espia pela janela. Ela não responde por um instante.

— Ah, Cal, sinto muito. Rick deve ter conseguido aquele trabalho em San Francisco. Não sei por que Diane não me ligou para contar.

— O quê? — exclamo. Levanto da mesa e saio de casa antes que minha mãe grite porque eu não coloquei o prato na lava-louças. Corro até a casa de Richelle.

Estou prestes a entrar pela porta da frente quando ouço:

— Posso te ajudar, Cal?

Olho para o caminhão e vejo o pai de Richelle.

— Ah, oi, sr. Nelson. Richelle está aí? — pergunto, com o coração acelerado, e não só porque corri o mais rápido que pude até aqui.

— Não. Desculpe, Cal — diz ele, baixo, sem olhar para mim. — Ela já está em San Francisco com a mãe, arrumando a casa nova para esperar o caminhão chegar.

— Não sabia que vocês iam se mudar — digo, tentando não parecer tão furioso quanto estou.

— Tudo aconteceu bem rápido — explica ele, passando por mim em direção à casa, com os ombros caídos. — Você pode mandar um e-mail para ela, Cal. Eu sinto muito mesmo. — Mas a voz dele parece sem expressão e cansada, como se ele não sentisse de verdade.

— O que houve? — pergunta Rae do final do caminho para a casa dela.

— Os Nelson estão se mudando para San Francisco. — As palavras deixam um gosto amargo na minha boca.

— Por que estão se mudando? — quer saber Rae, como se essa ideia não fizesse sentido.

— Acho que o pai de Richelle arranjou um emprego novo, algo assim — resmungo.

— Você não sabia?

— Você sabia? — devolvo.

— Não — murmura Rae.

— Está tudo errado. Somos os amigos dela. Eu achava que era o namorado *dela. Era de se imaginar que ela dissesse algo — minha voz vai ficando mais alta quando a raiva vem à tona.*

— Não é culpa dela.

Me viro para descobrir Nicole atrás de mim. Ela parece que andou chorando: seus olhos estão vermelhos e inchados.

— Ela não queria que acontecesse isso. Não é como se ela tivesse escolha ou algo assim. Então você não pode ficar com raiva dela.

— E por que você está triste então?

Nicole não responde. Enxuga uma lágrima na bochecha.

— Ela deixou isso aqui para você. — Me entrega um pedaço de papel dobrado e vai

embora.

— Você vai ficar deprimido a semana inteira? — pergunta Rae, sentada ao meu lado no sofá de couro do escritório do meu tio.

— Não estou deprimido — respondo, na defensiva, olhando pela janela.

— Você está com medo de que ela não esteja lá quando você voltar, né?

— É. — Minha voz está quase inaudível.

— Por que você não foi atrás dela quando ela foi embora, Cal? Por que você a deixou sair assim? Ainda mais depois do que ela disse sobre ser Nicole.

— Não. Ela disse que *não* era, lembra? — Não consegui tirar o olhar dolorido de Nyelle da cabeça.

— Mas ela também disse "não sou mais". O que significa que ela está fugindo de alguma coisa.

— O que é que você acha que eu devia ter dito, Rae? Hein? — pergunto, levantando a voz. — Pedi a ela para não ir. Eu…

— Mas você não perguntou o que aconteceu com ela — argumenta Rae. — Você não perguntou por que ela não está em Harvard, ou em casa com a família, ou por que está fazendo de conta que a vida dela nunca aconteceu. Você não perguntou nada a ela, Cal! E agora… ela pode ter ido embora, e se acontecer algo com ela…

Fico de pé, interrompendo-a. Nunca disse a ela como foi difícil ver Nyelle lutando com as lembranças da nossa infância, como se voltar para lá fosse algum tipo de tortura.

— Precisamos contar a Maura — diz Rae com firmeza.

— Não. — Encaro-a, irritado.

— Por que você está sendo tão teimoso? — grita Rae, frustrada.

— Porque não me importo!

Rae não se move. Seja lá o que ela fosse dizer, está preso na sua garganta.

— Talvez eu goste dela do jeito que é e não ligue para o que aconteceu para deixá-la assim! Talvez eu não queira saber. E não vou forçá-la a lembrar se isso vai fazê-la sofrer. Não posso fazê-la passar por isso de novo.

— O que está acontecendo? — pergunta minha mãe, da porta. — Por que vocês estão discutindo?

Rae se levanta.

— Rae — aviso. — Não faça isso. Você prometeu me dar um mês.

Minha mãe olha de Rae para mim, querendo entender.

— Você está sendo burro, Cal — solta Rae, passando pela minha mãe e saindo. — Preciso de uma bebida.

— Ei, você ainda não tem vinte e um anos, mocinha — diz minha mãe por cima do ombro dela. Depois se volta para mim. — O que foi isso tudo? Por que você está levando Raelyn a beber?

Sento de volta no sofá e passo as mãos no rosto.

— Cal? — pergunta minha mãe com cuidado. — É sobre aquela garota? Aquela por quem você vai voltar para Crenshaw amanhã? Como é o nome dela, aliás?

— É — respondo, encostando a cabeça no sofá e olhando para o teto. — O nome dela é Nyelle. — Minha mãe senta ao meu lado e põe a mão no meu joelho.

— Eu sei que você nunca fala de garotas. Mas não te vejo aborrecido assim por causa de uma desde que Richelle foi embora, quando vocês estavam no nono ano. Então, se precisar…

— Está tudo bem — digo a ela. — Vou ficar bem, mãe. Obrigado.

— Certo — diz ela, levantando. Mas, antes de chegar à porta, ela se volta para mim. — Você gosta mesmo dessa garota… Nyelle, não é?

Dou um enorme suspiro.

— É. Desde o primeiro dia em que a vi.

Sean abre a porta do escritório duas horas depois.

— Vamos lá, bonitão. Vamos jogar bola.

Sento no sofá.

— Acabou a moleza, cara. Vamos — exige ele.

Não há como argumentar com Sean. Ele está acostumado a conseguir o que deseja. Assim, levanto e sigo-o para fora da casa.

Sean despenteia o cabelo no alto da minha cabeça.

— Gosto desse novo visual, cara. É muito sexy.

Empurro a mão dele.

— Cala a boca, Sean.

— Vocês ficam com Cal — declara Devin. — Ele não consegue agarrar nada.

— Vai se ferrar — digo, pulando os degraus da escada e estendendo a mão para o meu tio Zac. Ele joga a bola em espiral para mim e eu a agarro, e mostro o dedo do meio para o meu irmão.

— Cal! — reclama minha mãe da varanda.

Devin e Sean riem de mim por ter sido pego no flagra.

— Rae, você vai jogar? — grita Devin para ela.

— Não, estou bem aqui — diz Rae, sentada do lado da minha mãe e das irmãs na varanda, com Henley deitado aos pés dela. A mãe dela e Liam devem ter ido embora quando eu estava no escritório.

Ela se recusa a fazer contato visual quando olho para ela. Detesto quando está aborrecida comigo.

— Ei, quer ganhar de volta um pouco do dinheiro que perdeu mudando os voos por causa de uma garota? — diz Zac, quando paramos para tomar água. — Você nunca vai conseguir comprar o conjunto de baquetas artesanais para Rae se continuar gastando o dinheiro que economizou para isso.

Olho para a varanda, onde Rae continua a me encarar com os braços cruzados.

— Vou voltar amanhã — digo a ele. — Mas estarei aqui no recesso de primavera.

— Bom, se mudar de ideia, gostaria de ter sua ajuda na oficina. Os pedidos específicos cresceram. Vou estar fora, fazendo uma viagem de escalada, no próximo fim de semana, mas estarei por aí o resto do tempo. Você pode trazer a garota, se quiser.

— Isso não quer dizer gastar ainda mais dinheiro para virmos os dois para cá? —

contraponho.

— Bom, eu quero ver essa garota de perto — admite ele. — Nunca te vi assim.

— Assim como? — digo, sem graça.

— Ei! Vocês estão jogando? Ou ainda está chorando por conta da garota que te largou? — grita Devin. Zac olha para mim e ri de leve.

Olho para ver se minha mãe não está prestando atenção antes de lhe mostrar o dedo do meio de novo. Nada é sagrado nessa família.

O jogo acabou sendo uma boa distração. Quando subo os degraus da varanda atrás dos outros, estou suado e cansado.

Despenco na cadeira de balanço que minha mãe deixou livre um pouco antes. Rae ainda está sentada ali com os braços em torno das pernas. Não consigo aguentar que ela esteja chateada comigo.

— Ainda com raiva de mim? — pergunto.

— Não — diz ela, baixinho. — Continuo achando que você está sendo burro, mas não estou com raiva.

Depois de um período balançando em silêncio, ela solta:

— Posso perguntar uma coisa? E você não pode me dar uma resposta qualquer.

— Está bem.

— Por que você foi para Crenshaw, de verdade? Você estava pronto para ir para a Universidade da Califórnia. Estava até no quadro de admissões da escola. O que o fez mudar de ideia?

Olho para os pinheiros altos que contornam a propriedade, e continuo a balançar.

— Não tenho uma resposta muito boa. Aceitei por impulso. Sem outra razão. Mas Richelle é o motivo de eu ter me matriculado lá — confesso.

— Hein… O quê?

O que vou dizer a ela não faz sentido, mas ela perguntou, então vou contar a verdade.

— Oi — digo, atendendo o celular.

— Oi — responde Richelle. — O que você está fazendo?

— Nada. Vendo um jogo de basquete. — Encosto no travesseiro com o braço por trás da cabeça. — O que você está fazendo?

— Olhando o esmalte secar.

— Sério?

— Nos meus dedos dos pés. — Consigo perceber o sorriso na voz dela.

— Engraçadinha.

— Como eram as universidades que você visitou?

— Legais. Parecidas entre si. — Pego a bola de basquete e começo a jogá-la no ar.

— Ainda não sabe onde quer estudar? É o penúltimo ano, esperam que a gente tenha uma ideia do que deseja fazer pelo resto da vida — diz Richelle, em tom zombeteiro.

— Ah, claro. E eu tenho tanta experiência de vida. Como é que esperam que eu tome uma decisão dessas? Não importa mesmo para onde vou. E você? Já decidiu?

Richelle fica quieta por um instante.

— Qualquer universidade me parece boa. Exceto Harvard.

Dou uma risada.

— Você ainda fala com Nicole? — Faz tempo que não tocamos no nome dela. É difícil saber que Richelle conseguiu continuar amiga dela, quando ela trata a mim e Rae como se não existíssemos.

— Falo. Ela teve uma apresentação de balé em San Francisco na semana passada.

— Mesmo? Eu não sabia que ela ainda dançava.

— Saberia se falasse com ela.

Agora me arrependo de ter mencionado Nicole.

— Eu sei. Prometi não tocar nesse assunto — diz ela quando fico calado. — Só detesto que vocês não sejam mais amigos.

— Deixa isso pra lá — respondo. Não vou admitir que sinto falta de Nicole. Não quando ela não olhou para mim nem uma única vez nos últimos três anos. Não vou implorar a ela que sejamos amigos de novo.

— Vamos escolher uma universidade, e vamos para lá juntos — diz Richelle, me tirando dos pensamentos ruins. — Escolha qualquer universidade. E se formos aceitos os dois, e não tivermos uma opção melhor, é para lá que vamos.

Dou uma gargalhada.

— Por que não? Onde é que você está pensando?

— Hum… quais são os times que estão jogando agora?

Olho para a TV em cima da cômoda.

— Memphis e Crenshaw.

— Onde é Crenshaw?

— Nova York. Um pouco ao norte de Ithaca e Cornell, acho.

— Parece bom para mim. — Ela ri. — No meio do nada. Adorei.

— Você vai mesmo se inscrever?

— Prometo.

— Certo. Vamos fazer isso. — Sei que isso não vai acontecer nunca. Vamos acabar em alguma universidade local, é provável que em universidades diferentes. Mas há algo sobre a aleatoriedade da coisa, de fazer algo que eu nunca teria feito, que me leva a concordar.

— Cal, você nem vai mandar a ficha de inscrição.

Assim que ela me desafia, fico preso a esse pacto ridículo. E é… libertador fazer algo por nenhum outro motivo que apenas… porque sim.

— E se eu mandar?

Ela ri.

— Então acho que a gente se vê em Crenshaw.

— Mas Richelle não foi para Crenshaw — diz Rae, confusa.

— Eu sei. Quando aceitei, esperava que ela fosse estar lá — respondo. — Não tenho certeza de para onde ela foi. Ela parou de falar comigo pouco tempo depois disso.

— Você nunca me contou o que fez para que ela parasse de falar com você.

Dou de ombros.

— Você perguntou a ela? Ou apenas deixou-a se afastar, como sempre faz?

— Eu *tentei*, Rae. Mas ela nunca respondeu a nenhuma das minhas mensagens.

Eu liguei para Richelle e mandei mensagens e e-mails por semanas. Ela nunca respondeu, nem uma vez. Aí fiquei com raiva e parei de tentar. Fiquei chateado por ela me deixar de lado assim, por nenhum motivo… ao menos nenhum que eu entendesse.

— Você deve ter feito *algo*.

— Então não tenho ideia do que foi. *Você* teve notícia dela alguma vez?

— A gente se comunicava através de você, lembra? A gente era amiga, mas não como vocês dois. Ela era apaixonada por você desde que a gente era criança.

— Claro que não — desdenho.

— Você está falando sério? — retruca Rae, sentando-se para me olhar com assombro. — *Era*, sim. Como você pode não ter percebido?

— Hummm… a carta deixava muito claro que não — respondo, ainda sentindo a pontada da rejeição, mesmo depois desse tempo todo.

— Que carta?

— A que ela pediu a Nicole para me entregar depois que se mudasse, terminando comigo — explico. Foi ruim o bastante não saber que ela ia se mudar até que ela já tivesse ido embora, mas ela ter terminado comigo por uma droga de uma carta foi ainda pior. Não tenho ideia do motivo de ter guardado aquilo.

— Ah. *Essa* carta. Você mudou depois que ela foi embora, sabe — diz Rae, lembrando o pior verão da minha vida.

— Não precisamos falar disso.

— Também não falamos naquela época — diz Rae. — Você apenas se fechou e se recusou a conversar com qualquer pessoa por quase uma semana.

— Sério. Não vamos entrar nisso, Rae — respondo. Eu sei que a gente ainda era adolescente, mas eu perdi minha namorada e melhor amiga naquele dia. Demorou um tempo para que eu me recuperasse… ou talvez nunca tenha me recuperado.

— Seja lá o que ela tenha dito na carta, não pode ter sido tão ruim. Quero dizer, vocês voltaram a ser amigos — continua Rae, me ignorando.

— Devíamos ter continuado só amigos — resmungo, repousando a cabeça no encosto da cadeira de balanço. — Não foi a mesma coisa depois. A gente nem se viu de novo. Então tenho certeza de que ela *não era* apaixonada por mim.

— Acredite, ela era. Talvez apenas soubesse que nunca ia dar certo. Quer dizer, uma relação a distância, com treze anos, não faz sentido. — Rae suspira e abraça os joelhos, encostados no peito. — Você não faz ideia de como as garotas pensam.

— Não vou discordar de você nesse ponto — admito.

Não dizemos mais nada por um instante, e balançamos em silêncio. Aí a boca de Rae faz um "O", como se ela tivesse tido uma súbita epifania.

— Você disse algo a ela sobre uma garota, não foi?

— Quando? — Estou tentando acompanhá-la nesse assunto de garotas, mas não consigo.

— Quando ela parou de falar com você. Você contou para ela algo sobre uma garota. Tenho certeza.

Tento recordar. Parece tão longe agora.

— Ah… — balbucio.

— O que foi?

— Lily. Contei a ela sobre Lily. — digo, lembrando como ela ficou calada depois que confessei o desastre que tinha sido minha primeira vez.

— Você é tão idiota — diz ela, sacudindo a cabeça. — Não se conta à garota que é apaixonada por você sobre a virgindade que você perdeu com *outra* garota!

— Ela era uma das minhas *melhores amigas*! Contei a você — respondo.

Rae revira os olhos.

— Você não tem a menor noção. Não é de se admirar que você não consiga ficar numa relação por mais de um mês.

— Você acha *mesmo* que Lily é o motivo de ela ter parado de falar comigo?

— Tenho certeza. — Rae dá uma risada rápida. — Você devia tentar ligar para ela. Não é tarde demais, sabe. E se ela continuar amiga de Nicole, pode saber o que aconteceu com ela.

— Não sei se ela vai falar comigo agora. Faz mais ou menos três anos.

— O que você tem a perder?

Ela tem razão. Eu já a perdi uma vez. O que de pior pode acontecer?

— Vou ligar para ela mais tarde, se conseguir sinal aqui.

A recepção no meio das florestas do Oregon é difícil. Não há necessidade de uma torre de recepção para a centena de reclusos que preferem a natureza à civilização, incluindo meu tio.

Ainda tenho o número do celular de Richelle gravado no meu. Então encontro um lugar onde consigo duas barrinhas de sinal e tento ligar para ela.

— Oi. Aqui é Richelle. Não posso atender agora. Deixe uma mensagem, e ligarei de volta se quiser falar com você.

O som da voz dela traz um turbilhão de lembranças. Senti saudade dela, e precisei ouvir sua voz de novo para me dar conta do quanto.

— Hum, oi, Richelle. É o Cal. Sei que já faz um tempo. E sinto muito por não ter ligado. Estava querendo saber para que universidade você acabou indo. Eu estou em Crenshaw. Aposto que não esperava isso, né? Bem, você tem meu celular. Espero que ligue de volta.

NICOLE

Setembro — primeiro ano do ensino médio

— Como está o ensino médio? — pergunta Richelle quando entro no quarto dela.

— Uma droga — resmungo, sentando no pufe no canto do quarto. — O assunto é a roupa que você usa. Com quem você fala. Quem gosta de você. Uma droga.

Richelle ri.

— Não pode ser tão ruim.

— Não tenho nem vontade de falar com ninguém. É cansativo — digo, com um gemido. — Além disso, Ashley, Vi e Heather falam mais que o suficiente, então duvido que alguém note se eu não falar.

— Você não costumava falar antes, de qualquer jeito — e os olhos castanhos dela se iluminam. — Você pode ser a garota misteriosa e sexy que não fala nunca. — Richelle diz isso com voz sedutora, sorrindo.

Sei que ela está tentando melhorar meu humor. Mas realmente odeio o ensino médio. Há tantos… julgamentos.

— Ninguém dá a mínima — diz ela quando eu tento sorrir, sem sucesso. — Não fale. Observe. Você vai ser a garota mais popular da escola sem dizer uma palavra.

— Sério? — Tenho que sorrir com essa.

— As pessoas são ridículas — diz ela, em tom de constatação. — Por exemplo. Veja com quem você está se forçando a andar. Juntando o cérebro dessas garotas todas não dá um neurônio inteiro.

Rio, e ela sorri de volta.

— Você não tem ideia — digo, ainda sorrindo. — Para ser sincera, tenho que abstrair a maior parte do tempo e só fazer sinais com a cabeça, para que elas pensem que estou prestando atenção.

— Eu queria que você tivesse coragem de deixá-las para lá. Sei que não quer aborrecer seus pais, mas essas garotas são… — Richelle bufa, exasperada. Já falamos disso antes, muitas vezes.

Ela continua.

— Como eu estava dizendo, as pessoas são bobas e superficiais. Você é o passaporte dessas garotas para qualquer coisa com um pênis.

— Richelle! — digo, estupefata.

— Você sabe o que eu quero dizer. Você é deslumbrante. Os caras correm em bando na sua direção, o que quer dizer que correm na direção delas. Elas ganham por tabela, porque você não quer nada com eles.

— É tão triste quando você diz isso assim. — Balanço a cabeça, fazendo careta.

Richelle e eu não falamos muito disso, mas ela sabe que não me vejo como todo mundo me vê. Sou um pacote, embrulhado e enfeitado pelos meus pais. Cheia de expectativas de perfeição: do cabelo aos dentes e até as minhas roupas impecáveis. Não há nada real na pessoa que eu mostro ao mundo, e por isso não vejo nada além de uma miragem quando me olho no espelho.

Minha imagem é tão falsa quanto eu sinto que é.

Ninguém tem ideia de quem eu sou sob a fita perfeita amarrada no meu cabelo. Exceto Richelle.

— Eu queria estar lá para te ver comandando a escola em silêncio.

— Também queria que você estivesse lá. — Suspiro. — Você é a única amiga de verdade que eu tenho.

— Você também é — diz Richelle, sorrindo.

— Por isso, precisamos sobreviver ao ensino médio juntas, mesmo estando separadas — declaro.

Richelle está quieta. Ela olha para as mãos.

— Não faça isso. — digo a ela. — Vai ficar tudo bem. Você tem que acreditar que algum dia vai voltar para Renfield. Além disso, eu já comecei nossa lista para depois da formatura.

— Começou? — pergunta ela, animando-se. — Qual é a primeira coisa que está nela?

— Passar o verão mochilando pela Europa.

— Seus pais não vão deixar *nunca* — diz Richelle, com uma risada.

— Na verdade, Harvard encoraja os alunos a passar o primeiro ano fora do país, para conhecer o mundo. Eles vão achar uma ideia ótima, acredite.

— Então vamos passar o ano inteiro, e não apenas o verão. Vamos viajar pelo mundo. Quando mais vamos poder tirar um ano inteiro de folga?

— Verdade. Vou mudar. — Pego o papel amarelo pautado na minha bolsa e risco "no verão", acrescentando "por um ano".

— Deixe eu ver — pede Richelle, estendendo a mão.

Fico em pé e me junto a ela na cama, entregando-lhe o papel.

Richelle lê:

— Viajar pelo mundo por um ano. Fazer um passeio de balão. Ajudar alguém que não quer ser ajudado. — Ela olha para mim e sorri. — Gostei disso. — Ela para e diz: — Ah. Então vamos fazer isso.

Pega a caneta e escreve:

— Ajudar crianças a se lembrarem de que são crianças mesmo quando a vida delas está uma droga.

Isso toca meu coração… de um jeito bom.

Ela começa a ler em voz alta de novo.

— Se apaixonar. — Aí escreve "por Cal" entre parênteses. E acrescenta. Perder a virgindade com Cal.

— Richelle! Isso é uma lista que devemos fazer *juntas*!

— Vou botar o nome dele aqui entre parênteses também. Você pode perder a virgindade e se apaixonar por quem você quiser.

— Bom, isso não vai acontecer nunca. — A ideia de *gostar* de um cara, sem nem falar de se apaixonar, me parece impossível. A maioria dos caras me deixa louca… exceto Cal. Embora eu não fale mais com ele. Além disso, não poderia nunca fazer isso com Richelle, ela é minha melhor amiga. Até prometi isso a ela anos atrás.

— Deixe eu ver. — Estendo a mão para pegar a lista de volta. — Rolar por uma ladeira? Mesmo?

— Quando foi a última vez que você fez isso? — ela me desafia.

— Nunca — digo, baixinho.
— Exatamente.
Escrevo:
— Reviver o dia mais feliz da sua vida.
— Que dia é esse? — pergunta Richelle.
Sorrio.
— Não sei ainda.

capítulo 16

Desabo no sofá detonado de couro no Bean Buzz, exausto e perdido. Passei o dia dirigindo por Crenshaw à procura de Nyelle. Mas não consegui encontrá-la.

Verifiquei todos os lugares possíveis que pude pensar: o hotel, o abrigo para os sem-teto, a casa de Elaine, o hospital, o consultório médico, Starlight, e aqui mais uma vez. Dirigi por ruas aleatórias na esperança de encontrá-la caminhando. Telefonei. Enviei mensagens. Fiz tudo, exceto gritar seu nome — embora tenha pensado nisso. Ela se foi, e não tenho ideia do que fazer agora.

— Dia ruim?

Uma moça bonitinha vestindo um suéter decotado está sentada ao meu lado, com um livro no colo.

— Muito — respondo, afundando ainda mais no sofá. Sinto como se meu corpo fosse desabar sobre si mesmo.

— Eu ficaria feliz em comprar algo mais forte do que café para você, se quiser sair daqui — ela oferece, simpática.

Sorrio com educação.

— Obrigado, mas… — solto um grunhido quando alguém salta sobre mim, aterrissando no meu colo. Eu fico paralisado quando percebo Nyelle me envolvendo com suas pernas.

Antes que eu possa reagir, ela diz:

— Retiro o que disse. Eu não quero que você saia com mais ninguém.

Ela entrelaça os braços ao redor do meu pescoço e me beija na frente de todo mundo. Ainda tento recuperar o fôlego quando ela me empurra.

— Certo?

Ela está de volta. A garota despreocupada que conheci neste café. Eu posso me torturar imaginando onde ela esteve ou tentando descobrir o que aconteceu com Nicole. Mas neste momento não me importo. Nyelle está sentada no meu colo, sorrindo para mim, e é tudo que importa.

— Oi. Como foi seu Natal? — pergunta ela, alegre. Não há pista alguma de nervosismo na sua voz ou de tristeza nos seus olhos, esses olhos que têm me assombrado desde que a deixei partir.

A garota com o suéter revelador está boquiaberta conosco. Na verdade, todos estão nos olhando. Eu já deveria estar acostumado a passar vexame nesse lugar — estou convencido de que sou uma lenda por aqui.

Alguém limpa a garganta.

Olhamos em volta. Mel está de pé, perto de nós, com as mãos na cintura.

— Eu sei que vocês dois ainda estão na fase de lua de mel e tal, mas esse é um estabelecimento familiar.

Nyelle sorri para ela.

— Tudo bem. A gente já estava indo embora.

Ela levanta e pega minha mão.

— Er… desculpe, Mel.

Nyelle me puxa do sofá e me guia até a porta. Quando estamos fora, no frio, ela se vira e joga os braços no meu pescoço outra vez. Meu cérebro hesita em aceitar que ela de fato está aqui, de pé na minha frente. E… verdadeiramente animada em me ver.

Eu a puxo para um abraço, enterrando meu rosto nos seus cabelos.

— Você não faz ideia de como estou feliz.

— Você achou que eu tinha ido embora, não? — Ela me abraça outra vez.

— É — digo, com um suspiro pesado. — Eu pensei. Desculpe por não ter ido atrás de você quando foi embora. Deveria ter ido. Eu apenas…

— Tudo bem — diz, afastando-se alguns centímetros para olhar para mim. — Eu ainda estou aqui. — Seus olhos se conectam aos meus. — A gente não precisa falar sobre isso.

E então não falamos. A última coisa que eu quero é que ela vá embora de novo. Em vez disso, respondo me inclinando e beijando seus lábios mornos. Ela corre os dedos pelo meu cabelo, pressionando-me. O beijo pega o ritmo da minha pulsação.

Ela sussurra:

— Vamos voltar para a sua casa. — Seus lábios ainda tocam os meus. Eu acho que respondo, mas pode ter saído como um resmungo baixo.

— Com licença. — Nos viramos. Mel está nos degraus com seus braços cruzados, nos encarando. — Sério?

— Err… é. Nós *realmente* estamos de saída — anuncio, com o rosto corado, pego a mão de Nyelle e sigo até a caminhonete.

As malas de Nyelle já estão no assento da frente quando chegamos. Eu sorrio, sabendo que ela as guardou ao perceber que a caminhonete estava aberta. Ainda há uma parte de mim que acredita que estou sonhando.

Em especial quando entramos no meu apartamento e ela vai direto para o meu quarto, deixando sua jaqueta cair no sofá e puxando sua blusa acima da cabeça. É melhor que isso *não* seja um sonho.

Quando entro no quarto, ela já tirou as botas e está abrindo o jeans.

Eu jogo minha jaqueta na cadeira.

— Você tem certeza disso? — pergunto, incapaz de tirar meus olhos da sua pele recém-exposta.

Ela morde os lábios e assente. Abaixando o jeans e tirando as meias, deita de costas na minha cama. Observo seus olhos, esperando por qualquer pista de que ela está brincando comigo. O que seria cruel, sobretudo quando espio o tamanho… — seria *muito* cruel.

Agarro minha camiseta por trás do pescoço e a puxo, jogando-a no chão. Eu me recuso a olhar para outra coisa, temendo que, se o fizer, mesmo por um segundo, acordarei. Eu já tive esse sonho.

— Uau. — Ela ergue as sobrancelhas. — Eu não esperava ver isso aí embaixo.

Eu congelo. Ainda nem tirei a calça. Então percebo que ela está falando do meu abdômen. E eu não sei como responder. O que devo dizer? Obrigado? Decido não dizer nada e me inclino sobre ela na cama, enquanto Nyelle desliza suas mãos pela minha pele, despertando uma erupção de arrepios. Eu a beijo com suavidade, me segurando sobre ela.

— Apenas me diga o que devo fazer — ela sussurra na minha boca. Eu não espero que ela

seja tão direta. Mas há algo sobre o jeito que ela fala que me faz parar.

Eu me afasto e olho para ela.

— O que você quer dizer?

— Apenas… me diga como fazer isso. — Seus olhos azuis procuram os meus com uma pitada de nervosismo.

— Espere. — Me afasto. — Nyelle, é sua primeira vez? — Mas não pode ser. Há o inimaginável, mas isso vai além.

— Bem, sim — ela responde, apoiada no cotovelo. — Mas não tem problema, certo?

Eu aceno, tentando processar tudo.

— Mas… — estou a ponto de perguntar sobre Kyle. No último momento, detenho-me. — Você namorou… por muito tempo.

— Eu sei — responde, sentando.

— Então, como ainda pode ser virgem?

— Nunca quis que alguém me tocasse — ela responde de súbito. — Mas eu confio em você. Sempre confiei em você.

Ah, droga. Aquelas palavras outra vez. "Eu confio em você." São palavras sensatas e carregadas de expectativa. Droga, realmente odeio essas palavras agora. E além disso, o que eu disse na Árvore Doce sobre a primeira vez de todo mundo ser ruim está voltando para me chutar no traseiro. Não há pressão ou algo assim.

Eu recolho suas roupas e as entrego a ela.

— O quê? — pergunta ela, pegando as roupas das minhas mãos. — Você não quer transar comigo?

— Ah, eu definitivamente quero transar com você — afirmo, vestindo minha camisa. — Mas agora preciso ser a exceção.

— O que isso significa? — pergunta ela, segurando as roupas no colo, imóvel.

— Pode me fazer um favor? Se vista no banheiro e espere até que eu vá te encontrar. Certo?

Ela acena devagar com a cabeça, ainda confusa. Quando se levanta, aperto seu braço com delicadeza e deposito um beijo suave nos seus lábios.

— Eu preciso de um minuto.

— Tudo bem — ela diz baixinho antes de sair do quarto.

Fecho a porta atrás dela e cerro os olhos, correndo uma das mãos pelo cabelo. Droga. E então vou até o armário. Há uma caixa em algum lugar cheia de… aqui está. Velas. Espalho as velas ao redor do quarto e as acendo. Arrumo os lençóis da cama. Plugo meu iPhone. Seleciono uma sequência decente de músicas. E apago as luzes.

Me afasto e examino o quarto. Muito melhor.

Antes de sair, pego uma camisinha da gaveta da cômoda e a coloco na mesa de cabeceira. Em geral, não sou tão óbvio quanto a isso. Gosto que pareça que saiu do nada. Mas já haverá muita pressão, e eu não quero ficar procurando por ela quando chegar o momento.

No último minuto, decido tirar minhas botas e as meias. Sempre são as piores peças para cortar o clima. Não há maneira discreta de tirá-las. Quando eu saio do quarto, o chuveiro desliga. Não esperava por isso. Dou um sorriso largo, já antecipando o cheiro da sua pele fresca.

Ainda não posso acreditar que Kyle e Nyelle não transaram. Eu não estou reclamando. Mas eu poderia jurar…

rae: onde você está?
EU: NO TÉRREO.
RAE: NA ENTRADA. VENHA ME BUSCAR.

— Rae está aqui — falo para Brady e Craig, que estão entretidos com uma brincadeira que envolve bebidas e dardos. — Vou subir para pegá-la. Voltarei logo.

— Certo — respondem eles em uníssono sem olhar para mim.

Corto caminho pela multidão e subo as escadas. Não há ninguém em cima, já que a festa é no porão e lá fora. Não faço ideia do motivo de Rae precisar de um acompanhante, mas enfim.

— Onde ela está agora? — Vi reclama. — Eu não vou esperar aqui para sempre.

Eu paro antes de virar no canto.

— Ela está lá em cima com o Kyle. Fala sério, eles passaram todo o verão juntos. Daria para pensar que ao menos manteriam as mãos longe um do outro numa única festa — comenta Heather naquele tom de voz que me deixa irritado. Tanto drama para uma só pessoa.

— Eu também não conseguiria manter minhas mãos longe dele — diz Ashley com um ritmo sedutor na voz.

— Ashley! — Heather dá uma risadinha.

Quase esbarro nelas quando aparecem no canto. Elas não percebem imediatamente que estou lá, mas soltam um suspiro dramático, como se eu estivesse no seu caminho.

Quando chego à porta de entrada, Rae não está lá. Na verdade, não há ninguém.

Pego meu celular.

eu: na entrada. onde você está?
RAE: BANHEIRO. ESPERE POR MIM.

Sento em um dos degraus que levam ao segundo andar e espero. Escuto uma porta se abrir no alto da escada e me levanto, esperando Rae.

— Eu apenas não quero fazer isso aqui, certo? — diz Nicole. — A gente está numa festa, e não era isso que eu tinha em mente.

— Você me tem em mente em alguma ocasião? — pergunta Kyle.

— Ei, você está conseguindo exatamente o que deseja disso — devolve Nicole.

— Tudo bem. Escuta, desculpa — diz Kyle —, mas eu quero você há tanto tempo, e você está prestes a ir para a universidade…

A porta se fecha de novo, felizmente. A última coisa que preciso ouvir é Kyle dizendo a Nicole o quanto ela significa para ele.

— Pronto? — pergunta Rae, aparecendo na minha frente.

— Vamos — respondo, seguindo-a enquanto desce as escadas.

Relembrando, acho que não ouvi aquela conversa direito.

A porta do banheiro se abre e Nyelle sai, liberando seus cabelos secos de um prendedor e os deixando cair sobre seus ombros. Ela tornou a pôr suas roupas, o que me deixa feliz. Eu prefiro tirá-las.

— Estou pronta — declara, como se estivesse para entrar em uma quadra de basquete.

— Certo. Devagar. Sem pressão. A gente vai devagar e…

Ela pula em mim, entrelaçando suas pernas ao redor da minha cintura. Dou um passo para trás e a seguro pelo quadril. Um sorriso sensual aparece no seu rosto. Ela se inclina até que seus lábios roçam os meus, provocantes. Apenas a sensação da sua respiração contra minha pele me inflama. Sua boca se mexe com a minha, devagar.

Nyelle beija ao redor do meu queixo e segue pelo meu pescoço enquanto a carrego para o quarto. Eu a ponho de pé, colocando minhas mãos ao redor do seu rosto para beijá-la outra vez, querendo mais dela. Suas mãos escorregam abaixo da minha camisa, e eu a ajudo a tirá-la por cima da minha cabeça. Estremeço quando seus dedos dançam na minha pele e sua boca encontra meu peito.

Eu tiro a camisa dela, e ela alcança os botões do meu jeans. Abro o zíper dela enquanto tento atirar meu jeans no chão, o que demanda esforço demais. Nós dois estamos de roupas íntimas, olhando um para o outro.

Busco qualquer sinal de hesitação nos seus olhos. Eu poderia passar a noite perdido naqueles olhos. Ela fica na ponta dos pés e sussurra:

— Isso é o que eu quero. Prometo.

É tudo que preciso, e escorrego as mãos ao longo da sua cintura e a beijo com mais paixão do que jamais senti em toda a minha vida. Posso jurar que estou pegando fogo. Cada centímetro de mim.

Nyelle se deita lentamente de costas, e estou bem aqui, em cima dela, beijando-a, tocando-a. Sua respiração é ofegante enquanto minhas mãos trilham sua pele, sem pressa, conhecendo-a por completo. Eu aceito que não há muito que possa fazer sobre o sexo em si ser desconfortável para ela, mas posso fazer o que acontece antes ser digno de lembrança. E pelos sons que escapam dela, acredito que estou conseguindo…

Eu fico em cima dela, tomando a garota embaixo de mim. Meu coração dói: ela é tão bonita. E ela confia em mim…

Nyelle está apoiada em silêncio contra meu peito, e estou tenso, esperando por algum tipo de reação. Foi difícil decifrar seus gemidos aflitos e seus olhos fechados enquanto estava acontecendo. Eu não fazia ideia do que se passava na sua mente. Ainda não faço.

— Ah… — por fim digo. — Como você está?

Há uma pausa. Eu permaneço imóvel, praticamente segurando minha respiração.

— Diferente.

— E isso é… bom ou ruim? — pergunto rápido.

Ela ri de leve, desenhando círculos no meu peito.

— Apenas diferente.

Nyelle levanta a cabeça e sorri para mim. Então se estica e beija a ponta do meu nariz. Eu ainda não me movi, temendo que tenha acabado de virar outra horrível estatística da primeira vez.

— Cal, foi nossa primeira vez — diz ela, e isso não é de grande ajuda. — Não há nada com que eu possa comparar.

— Ah — respondo, tentando relaxar.

— Então a gente tem que fazer outra vez — ela diz com suavidade, pressionando os lábios no meu ombro. Eu agarro sua cintura para virá-la para cima.

— Hoje não — ela declara, determinada. — Eu não poderia fazer isso de novo hoje. Mas nós vamos… outra vez.

— Tudo bem. Isso é bom. Quando… quando você estiver pronta — respondo, vacilante nas minhas palavras, mas com alívio. Eu a aproximo de mim e beijo o topo da sua cabeça. — Eu vou ao banheiro. Tudo bem?

— Tudo bem — diz Nyelle. Eu me inclino e a beijo outra vez antes de alcançar minha cueca.

Quando retorno, Nyelle está usando uma das minhas camisetas, que vai até as coxas. Ela está esticando de volta um lençol com elástico em um dos cantos da cama. Eu visto um short que tiro do meu armário antes de ajudá-la a arrumar os lençóis e jogar o cobertor e os travesseiros em cima.

Nyelle sobe na cama e caminha por ela até onde estou, inclina-se com as mãos nos meus ombros e me dá um beijo rápido. Escorrego minhas mãos pelas suas coxas nuas, e antes que eu possa me deter, ela tombou de costas e eu sigo seu beijo rápido com outro muito mais profundo.

— Cal — sussurra ela.

Eu gemo em resposta.

— Não podemos.

Desmorono na cama ao seu lado.

— Certo. Desculpa.

— Ah! — ela pula, me deixando para trás. — Você vai adorar isso!

Eu a sigo até a sala. Ela está agachada na frente da sua mala, revirando-a. Sento no sofá e espero, ligando a TV. Escuto um farfalhar de plástico e um pacote de batatinhas abrindo. Estou um pouco nervoso porque sei o que virá.

— Feche os olhos — ela manda.

— Nyelle, esse é mais um dos seus experimentos com batatinhas?

— Esse vai ser legal — promete. — Mas feche os olhos para aproveitar toda a experiência. Sem prejulgar.

Eu fecho os olhos. Então sinto-a sentar no meu colo. Até agora, estou gostando desse experimento.

— Abre a boca — instrui.

Eu o faço. E então há marshmallow na minha boca. Mordo. E…

— Isso é nojento — reclamo após engolir. — Havia um Doritos no meio?

— Eu acho tão bom! — diz, mordendo um.

— Você é a garota mais estranha que já conheci.

— Bom — ela diz, beijando minha bochecha com a boca cheia de marshmallow.

Abro os olhos na manhã seguinte e vejo diretamente os brilhantes olhos azuis de Nyelle. Nós dois estamos encolhidos em nossos cantos. As mãos dela estão embaixo do travesseiro.

— Oi — digo, tentando não respirar muito fundo.

Ela dá um sorrisinho.

— Você está bem? — pergunto quando ela continua deitada ali, olhando para mim.

Ela acena.

— Está acordada há muito tempo?

Nyelle contorce o rosto.

— Você dormiu?

Relutante, ela balança a cabeça, seus olhos correndo ao redor.

— Você tem certeza de que está bem?

Ela dá um pequeno sorriso e acena. Mas há uma estranha tensão no seu sorriso.

— Você não vai falar comigo até que escove os dentes, né?

O sorriso se alarga, os lábios ainda juntos, e balança a cabeça.

— Certo. Bem, eu vou tomar um banho agora, se estiver tudo bem, e então o banheiro é todo seu.

Ela acena, mas ainda não se move, mesmo quando eu me levanto da cama. Ela permanece no seu lado, olhando em frente. Olho de relance para ela da porta. Algo não está certo.

Quando saio do chuveiro, volto ao quarto. Estou a ponto de abrir a porta, mas eu paro com a mão na maçaneta. Ouvindo. Eu juro que escuto…

Ela está falando sozinha. Eu arrisco abrir um pouco para encontrar Nyelle andando perto da minha escrivaninha, suas mãos se esticando e apertando ao seu lado, sua cabeça baixa. Ela está em um dos seus discursos incoerentes. Não consigo entender tudo que diz, mas com certeza ela está pensando.

— O que faço agora? — resmunga ela. Acho que a escuto dizer: — Isso não deveria ter acontecido. — Eu só posso presumir que seja sobre mim e o que fizemos na noite passada. Agora me sinto péssimo.

Estou para fechar a porta quando ela se joga na cama e grita em um travesseiro. Não consigo me mexer. Um arrepio percorre meu corpo.

— Eu vou procurar o banheiro — digo para Rae e o pessoal, levantando da cadeira que reivindiquei por toda a festa. Eu nem tenho certeza de por que vamos a essas coisas. Nós apenas sentamos no canto e ficamos na nossa. Bem… Rae e eu sim. Brady e Craig vagueiam de vez em quando, nos usando como base quando querem se livrar de uma garota que paqueraram.

Eu encontro o banheiro no primeiro andar com facilidade, já que há uma fila de garotas esperando para usá-lo.

— Logan, você pode usar o banheiro do meu quarto se quiser — Reggie me diz baixinho para que ninguém mais escute. — É no andar de cima. Só não conte a ninguém. Ninguém tem permissão de subir.

— Obrigado — digo, agradecido que ele seja um dos únicos caras do time de basquete que falam comigo fora da quadra.

— Ah. Se você vir alguém lá em cima, tire-os de lá para mim?

— Claro — respondo, tecendo meu caminho para a entrada da casa. Há um portão para cães no topo da escada, bloqueando o acesso, com uma placa de Zona Proibida colada. Eu

libero a alça para que se abra e o fecho atrás de mim.

A porta de Reggie é muito óbvia, decorada com os dizeres MANTENHA DISTÂNCIA *e* VOU DISPARAR SEM AVISO PRÉVIO*. Quando estou para abrir a porta, escuto alguém falando. Ótimo. Eu realmente não queria encontrar alguém aqui em cima.*

Estou a ponto de ir embora e esperar na fila de uma hora no andar de baixo quando escuto o que se parece com… gritos, mas abafados. Eu gelo. Agora não posso ir embora sem ter certeza de que está tudo bem. Abro a porta devagar, o suficiente para espreitar. Está escuro, mas o aquário de Reggie lança luz suficiente para eu perceber a silhueta de uma pessoa… uma garota, sentada na ponta da cama com um travesseiro no colo. Sozinha.

Ela se inclina, empurra a cabeça no travesseiro e grita. É um som tão doloroso, mesmo abafado, que faz um arrepio frio subir pela minha espinha. Eu observo enquanto ela devolve o travesseiro e se levanta, ajeita o cabelo e corre as mãos trêmulas na frente da sua saia. É Nicole.

Eu fecho a porta e me escondo no quarto da irmã de Reggie, até que a escuto sair.

— Essa foi rápida — comenta Rae quando eu volto. — Você acabou de ir lá fora?

Balanço a cabeça, procurando por Nicole Bentley na multidão. Eu a encontro no outro lado da sala, cercada pela elite. Ela sorri para algo que alguém diz, parecendo controlada como habitualmente é. Mas, por um momento, nossos olhos se encontram, e ela franze as sobrancelhas por um instante. Ou talvez eu tenha imaginado isso.

Kyle vem atrás de Nicole e envolve seus braços ao redor dela, e ela se assusta quando ele a beija na bochecha, mas não diz nada. Eu observo por mais alguns segundos.

— Ela nunca… fala — digo em voz baixa.

— Quem? — pergunta Rae. — Quem você está olhando?

— Ninguém — respondo, sentando na cadeira outra vez.

Nyelle ergue os olhos e ofega quando me vê imóvel junto ao batente. Eu não sei o que dizer. Seus olhos tremulam, tentando ler os meus do outro lado do quarto.

Ela se levanta e vem até mim. Solto a maçaneta, abrindo a porta. Ela coloca a mão no meu peito, me olhando tristemente antes de passar por mim para ir ao banheiro. Sinto como se minhas entranhas tivessem alimentado um triturador.

Sento na cama e despenco com meus cotovelos apoiados nos joelhos. Eu posso ouvir o chuveiro aberto no banheiro. Estraguei tudo. Ela não estava pronta. E agora… ela se arrependeu. Ou pior, se arrependeu de ter me escolhido.

Eu sei que deveria dizer algo quando ela voltar ao quarto. A estranheza irá me matar se não o fizer. Mas por onde começaria? A ideia de pedir desculpas me faz suar frio. Porque eu não me arrependo. Já dormi com garotas e terminei tudo logo depois. Nem todos são compatíveis, entendo que seja assim. Mas disso não me arrependo. Em nenhum momento.

Gostaria que ela também não.

Descanso a cabeça nas mãos e penso no que devo dizer.

— Você não deveria ter visto isso.

Eu me sento. Nyelle está de pé junto ao batente da porta usando apenas calcinha e uma regata curta. Seu cabelo molhado está penteado para trás, e sua pele ainda está molhada. Acho

que está tentando me matar.

— Às vezes, eu só preciso desabafar — explica, movendo-se lentamente na minha direção. — Nunca fui boa nisso. Deixo acumular até sentir que vou explodir. Então… eu explodo. É como eu lido com as coisas.

Ela senta próximo a mim, apoiando a cabeça no meu ombro.

— Mas você não deveria ter visto — suspira. — Tenho certeza de que eu parecia uma louca.

Minha mente luta para colocar tudo isso em perspectiva.

— Fui eu? — pergunto baixinho. Juro que posso sentir meu coração batendo na garganta.

— Se foi você o quê? A razão pela qual perdi o controle? — Ela inclina a cabeça para mim, juntando as sobrancelhas. — Ah não, Cal. Não foi você de forma alguma.

Uma compreensão lampeja no seu rosto. Ela rasteja sobre mim e afasta minhas pernas.

— Desculpe por ter sido estranha mais cedo. — Descanso minhas mãos nas suas coxas e ela coloca suavemente os braços nos meus ombros. — Ontem à noite foi muito importante. Você sabe disso.

Eu assinto.

— Bem… lembrei que partirei em duas semanas. E então não pude dormir, aí… observei você dormir. O que tornou tudo pior porque… eu não quero deixá-lo. — Ela vem na minha direção e me abraça. Corro minhas mãos pelas suas costas. — Mas tenho que partir.

— Por quê? — pergunto, pressionando meu rosto contra seu pescoço.

— Eu não pertenço a este lugar, Cal. Você sabe disso — responde baixinho.

— Mas você não quer partir, e eu não quero que vá embora. Então é simples. Fique.

Ela senta na minha perna outra vez, com um riso.

— Eu queria. Mas não posso.

— Eu não entendo. Há muito que não entendo sobre você — digo, acariciando sua bochecha, implorando silenciosamente para que me conte. — Me ajude a entender. — Sei que é um risco. Mas eu me sinto como se lutasse para mantê-la na minha vida todos os dias desde que a vi pela primeira vez, e agora que a tenho, não estou disposto a desistir com tanta facilidade. — Você pode me contar qualquer coisa.

— Desculpe. — É tudo que diz. — Sinto muito.

Então Nyelle empurra meus ombros, pressionando minhas costas. Ela põe as mãos nas laterais da minha cabeça e se apoia sobre mim.

— Você acha que a gente poderia… você sabe — diz, com um sorriso largo.

Meus olhos se arregalam.

— Sério?

— Você fica adorável quando está dormindo, a propósito — sussurra ela, debruçando-se sobre mim, beijando meu pescoço naquele ponto abaixo da minha orelha. — Então estou aqui… com você… por duas semanas.

Seus lábios encontram os meus e, naquele momento, nada mais importa.

NICOLE

Outubro — segundo ano do ensino médio

— **Minha mãe deve chegar** a qualquer momento para pegar a gente. Obrigada por vir comigo — diz Richelle, guardando os livros na sua bolsa estilo carteiro. — Eu sei que não é exatamente assim que gostaria de passar o fim de semana.

— Claro que é. Além disso, eu tinha uma tarefa que precisava terminar também.

Recostando nas cadeiras de plástico, esperamos pela mãe de Richelle nos buscar antes que eu tenha que pegar o trem de volta a Renfield.

— Você não me contou como foi a apresentação de piano ontem à noite — incita Richelle.

— Foi bem — respondo. — Meu pai gostou, então acho que é tudo que importa.

— Infelizmente — responde Richelle, evitando o olhar, ciente de como me sinto e da necessidade de perfeição do meu pai. — Rae ainda toca bateria?

— Sim, eu a escuto na garagem todas as noites. Como você pode não falar com ela como fala com Cal?

Richelle ri.

— Rae e eu nunca nos falamos realmente.

— Verdade — digo, lembrando das duas sempre discutindo sobre alguma coisa.

— Mas será como sempre foi quando a gente voltar.

Meu coração pula uma batida.

— Verdade?

Richelle dá de ombros.

— Meus pais dizem que é uma possibilidade. Depende de como as coisas acontecerem.

Fecho os olhos querendo nada mais que tê-la outra vez em Renfield. Isso significará que tudo finalmente será melhor.

— A gente pode começar uma banda. Dessa vez, para valer — diz Richelle, balançando sua cadeira em duas pernas. — Você pode tocar o teclado. Eu posso cantar. Rae estará na bateria, é claro. E Cal tocará guitarra. Você sabe se ele é bom mesmo? Eu o escuto tocando às vezes, quando a gente se fala, mas não posso dizer se ele… — Ela se interrompe, sabendo que não tenho como responder.

— Não diga isso — falo com severidade, pois o ouvi muitas vezes. — Fiz uma promessa. E isso é mais importante do que ser amiga deles.

— Mas *não* ser amiga deles nunca fez parte da promessa — argumenta Richelle, o mesmo ponto que aborda todas as vezes. Não importa. Eu sei que, se mantivesse a amizade com eles, terminaria quebrando a promessa. E não posso fazer isso. Não interessa o quanto sinta falta deles.

Meu silêncio faz Richelle revirar os olhos. Ela percebe que a conversa terminou… de novo.

— Ah! Escuta isso! — diz Richelle, derrubando sua cadeira no chão do linóleo. Ela tira os fones de ouvido do bolso do suéter e os pluga no celular. Então me entrega um dos fones. — Eu ouvi essa música e achei que Rae poderia arrasar com ela na bateria. A gente pode tocá-la, com certeza.

Suspiro, sabendo que ela não vai parar de falar sobre eles como eu gostaria que o fizesse. Coloco o fone no ouvido para escutar. Richelle rola o dedo ao longo da tela e seleciona a música. Ela se inicia com um baixo, e após alguns segundos, começa a bateria, e Richelle sacode a cabeça com os olhos fechados.

Não posso deixar de mover a cabeça também. No refrão, Richelle levanta de repente e move o pulso no ar. Eu dou risada do seu movimento repentino. Ela está começando a chamar a atenção de outras pessoas na sala, mas parece não se importar.

A próxima vez que entra o refrão, ela começa a cantar. Fico boquiaberta, rindo, surpresa. Ela pega minha mão, ordenando que fique de pé, e me faz girar. A música termina com o grito agudo de uma corda de guitarra. E Richelle desaba na cadeira, sem fôlego. Meu rosto está muito vermelho, porque todos estão nos olhando.

— Com licença — uma mulher robusta nos diz —, isso não é exatamente apropriado…

— Você está falando sério? — desafia Richelle. — A gente está tentando se divertir um pouco.

Uma mãe com seu filho, sentada do outro lado da sala, balança a cabeça em sinal de reprovação. O garoto sorri, achando tão engraçado quanto eu. A mulher pairando sobre nós parece chocada, com olhos arregalados.

— Ao menos tenham respeito com os outros e sejam discretas. — Ela se vira e sai, zangada, obviamente exausta.

Richelle olha para mim e ri.

— Não posso acreditar nessas pessoas. Precisam relaxar. E viver um pouco! — ela dá um grito repentino, deixando a mãe boquiaberta e ofendida. O menino dá uma risada.

— Certo?

— Verdade — digo, rindo também. — É isso que a vida *deveria* ser. Diversão.

— Até que enfim! — ela exclama, como se tivesse feito uma descoberta importante. — Apenas seja feliz, Nicole. Não importa o que houver. Seja feliz.

capítulo 17

— O que você gostaria de fazer hoje à noite para o Ano-Novo? — pergunto a Nyelle enquanto despejo cereal na minha tigela.

— Você pretende fazer disso um grande evento? — Nyelle, por sua vez, pergunta em resposta, sentando-se no braço do sofá.

Me inclino sobre o balcão, segurando a tigela de cereal.

— Não penso em um *grande* evento, mas acho que a gente deveria fazer *alguma coisa*.

Nyelle esquadrinha o teto com os olhos, pensando a respeito.

— Tudo bem, vamos fazer alguma coisa — diz ela.

— E você vai me dizer do que se trata? A ideia de sair despreparado para seja lá o que for que você esteja planejando me deixa assustado. E, para constar, vou vestir minhas próprias roupas.

Nyelle ri.

— Está certo, vou deixar de lado a roupa de lantejoulas que tinha escolhido para você.

— Você é engraçada, mas tenho a impressão de que essa coisa de lantejoulas existe mesmo.

Nyelle sorri e puxa os joelhos de encontro ao queixo. Não tenho ideia de como consegue se equilibrar dessa forma no braço do sofá, mas é adorável. Continuo a comer meu cereal enquanto a mente dela trabalha.

— Já sei! — diz Nyelle quando estou lavando a tigela. — Vamos voltar ao Camping Sunshine.

— Não vou mergulhar no gelo — aviso.

Nyelle faz uma careta.

— Não. A gente vai acender uma fogueira e deslizar no lago congelado.

— Deslizar?

— Sim! A gente pode comprar dois daqueles trenós infláveis e deslizar pelo gelo.

Faço uma pausa, pensando a respeito. Não me parece ser algo *tão* maluco assim.

— Tudo bem. Estou dentro.

Nyelle segura o trenó inflável em frente ao corpo, com o rosto corado, enquanto a gente olha para o lago congelado.

— Está pronto?

Assinto.

— Vamos lá!

Corremos pela neve até a margem do lago. Hesito por um breve instante antes de lançar meu corpo ao gelo em cima do meu trenó. Aquele breve momento de sanidade dá a ela a vantagem que precisava para deslizar na minha frente, parando quase um metro e meio adiante de mim — um pouco além do ponto onde, cerca de um mês atrás, estávamos afundando.

— Eu ganhei! — diz ela, agitando os braços no ar.

— Só porque tive uma visão repentina de mim mesmo, caindo de cara no gelo — digo em

minha defesa. — Havia sangue. E um nariz quebrado. Não era nada bonito.

Ela apenas acena com a cabeça para mim.

— Tenta me empurrar — pede Nyelle, virando-se para sentar sobre o trenó inflável.

Levanto com cuidado sobre o gelo. Com a fina camada de neve que sopra sobre o lago, o gelo não está tão escorregadio, mas não pretendo tentar correr sobre ele, de qualquer modo. Coloco minhas mãos nas costas dela e fixo meus pés o melhor possível, antes de lhe dar um empurrão.

Nyelle grita como se estivesse em uma montanha-russa enquanto desliza sobre o lago congelado. Não tão rápido quando pulamos correndo no gelo ou como uma montanha-russa, mas mesmo assim ela percorre uma boa distância.

— Agora eu vou te empurrar — diz ela, deitada de bruços sobre o trenó e usando os pés para se aproximar de mim.

— Você não vai conseguir me empurrar — digo, sentando no trenó.

— Eu me sinto mal por isso — diz ela, me dando um encontrão. — Você era sempre o único que empurrava a gente no balanço de pneu e quase nunca conseguia quem fizesse isso por você.

Sei que ela está perdendo o controle de novo, falando sobre nossa infância. Antes de deixá-la mergulhar muito, eu me inclino para beijá-la. Na minha cabeça, posso escutar Rae gritando comigo por ter perdido a oportunidade de interrogá-la. Mas não é isso que desejo para esta noite. Um novo ano está prestes a começar e não é o momento de olhar para trás, não é mesmo?

— Vamos apostar outra corrida? — eu a desafio, levantando e pegando a alça de borracha do trenó.

— Melhor de três — sugere Nyelle. — E o vencedor ganha…

— Tudo o que ele quiser — proponho.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Diga o que deseja primeiro, assim posso saber o que está em jogo.

Minha mente está de súbito em todos os lugares, bem como meus olhos. Ela esmaga meu braço.

— Cal! Eu sabia que seria alguma coisa… sem roupa.

— É claro que sim — respondo com uma risada, longe de negar o que ela afirmou. — Se eu posso ter o que quiser, uma dessas coisas é você nua, o que é a parte fácil. O difícil é decidir *como* eu vou querer ver você nua.

— Certo. Nua no chuveiro. — Ela faz uma pausa, esperando minha reação, que foi de completa imobilidade. — No escuro. E a gente vai dar banho um no outro, com xampu, sabonete e tudo.

— O quê? — resmungo. — É melhor eu ganhar porque isso soa quase perigoso. Além disso, qual é a vantagem de a gente tomar banho junto se não vou poder ver você nua?

— Bem, o que você sugere, então? — pergunta ela, com os braços cruzados.

— A mesma coisa, mas a gente toma banho junto… com as luzes *acesas*. E não é preciso esfregar, apenas…

— Bolhas — exclama.

Sorrio, gostando da ideia.

— Eu posso fazer bolhas.

— Combinado! — Nyelle estende a mão. Sorrio para ela cheio de espírito esportivo, tomando sua mão. Mas, em vez de apertá-la, eu a puxo e a aninho nos meus braços, beijando-a.

— Isso não é justo — diz ela ao dar uma pausa para respirar. — Você está tentando me fazer perder a concentração.

— Acho que é uma boa estratégia — murmuro, correndo meus lábios por toda a extensão do seu pescoço.

Nyelle me empurra para longe.

— Ah, é mesmo? Então é assim que vai ser?

Ela volta para a margem do lago coberta de neve, tira seu cachecol e, em seguida, a jaqueta. Quando puxa o suéter sobre a cabeça, faz uma pausa para verificar se tem minha atenção, o que é uma verdade absoluta. E então, começa a abrir devagar a parte de cima da camisa, revelando seu sutiã de renda preta e boa parte dos seios.

Respiro fundo devagar.

— Você é má!

Ela sorri, com as mãos nos quadris.

— Venha aqui.

Sorrio, apreciando cada centímetro que ela vai revelando. Eu deveria pedir para que ela vestisse suas roupas outra vez, pois faz cerca de cinco graus abaixo de zero aqui fora. Mas estou gostando demais do modo como as coisas estão acontecendo para ser sincero.

— Uau, um par de seios torna os garotos idiotas — diz ela revirando os olhos.

— Não estou discutindo — respondo, ainda admirando a paisagem.

— Para de ficar me olhando e vem aqui — exige, erguendo seu trenó.

Balanço minha cabeça, tentando reaver minha compostura.

— A primeira vitória não conta — digo a ela quando chego à margem do lago.

— Vence quem ganhar duas corridas de três, começando agora!

— Combinado.

Nyelle abraça a si mesma, tremendo.

— Você deve estar congelando — digo enquanto faço uma pequena fogueira para ajudá-la a se aquecer.

— E você sabe o que realmente ajudaria a me esquentar? Um belo banho quente, no escuro — diz ela com entusiasmo.

— Você teve sorte — afirmo, mexendo nos gravetos da fogueira.

— Não, eu usei uma boa estratégia. Você ficou tropeçando o tempo todo, tentando me ver correr.

— E você pode me culpar por isso? E, para constar, essa ideia de tomar banho no escuro vai ser um desastre. Isso ainda não faz nenhum sentido para mim.

Nyelle passa a cabeça através da gola do suéter, ficando séria de repente. Faz menção de que vai dizer alguma coisa, mas não o faz. Paro de brincar com o fogo, dando a ela minha total atenção.

— Você ainda se sentiria atraído por mim se não fosse capaz de me ver?

A pergunta surge do nada.

— Não tenho certeza de como responder a isso — digo.

— Esquece. — Ela fecha o zíper do casaco e enrola o cachecol em volta do pescoço. — Como a fogueira está? — pergunta.

— Senta aqui perto. O fogo vai te aquecer — digo, estudando-a com cuidado. Nyelle tenta sorrir, mas sei que havia algo mais naquela pergunta. Já vi o modo pelo qual ela reage a qualquer um que se sinta atraído pela sua aparência. Ela já chegou a dar um tapa no rosto de um cara. Bem, naquele caso foi merecido, já que ele tinha passado a mão na sua bunda, mas mesmo assim. Eu ainda preciso dizer como me sinto atraído por ela. Todas as vezes em que penso em falar a respeito, eu me calo. Por alguma razão, creio que isso a ofenderia, então não digo nada.

Sentados um perto do outro sobre nossos trenós, com mantas no colo, começamos a assar marshmallows nos gravetos que encontramos na mata e que, com um pouco de trabalho, se tornaram espetos perfeitos.

Rolando os marshmallows sobre o fogo, continuo a pensar na pergunta de Nyelle. E a imaginar por quais motivos sua aparência a incomoda tanto. Durante o ensino médio ela era amiga das três garotas mais superficiais da escola. Todo o seu mundo girava em torno da aparência. Então, por que ela *as* escolheu?

— Cal! — Rae grita meu nome enquanto caminho pela calçada. — Aonde você está indo?

Espero que ela se aproxime de mim.

— Estou indo para a casa da Nicole. Acho que ela já está de volta, mas ainda não a encontrei.

— Onde ela esteve durante todo o verão?

— Eu não me lembro — respondo. — Alguma coisa relacionada ao balé, acho.

Quando a gente vai atravessar a rua, a porta da frente se abre e aparecem três garotas sorridentes, todas bem vestidas.

Ao lado de Nicole estavam Ashley Kinsley e Victoria North. Eu as conheço porque seus irmãos mais velhos eram amigos dos meus irmãos. Elas não estudam no McDermott conosco. Frequentam outra escola, chamada Canton. Porém, pelo modo como se vestem — saias curtas, cabelos ondulados e muita maquiagem —. parecem ser estudantes do ensino médio.

— Oi, Nicole — digo quando ela não vê a mim e a Rae, parados atrás do carro da sua mãe.

— Quem são aqueles? — pergunta Victoria. Ela nos examina com olhar de desgosto. Coloco meus óculos na ponta do nariz e a ignoro.

Nicole dá de ombros, sem nos olhar.

— Nicole? — eu a chamo de novo, sem entender os motivos que a fazem agir de modo tão estranho.

Ashley torce o nariz como se estivesse sentindo algum cheiro ruim.

— Eles são seus amigos? — pergunta ela.

— Não mais — Nicole responde calmamente.

Ela ainda não olha para nós.

— Que droga! — exclama Rae.

— Nicole, você está falando sério?

Nicole senta no banco dianteiro do carro e fecha a porta sem responder.

O que está acontecendo? Por que ela está agindo como se não existíssemos? Isso não faz o menor sentido.

Rae se vira zangada e começa a caminhar pela calçada. Ela para perto da próxima casa e se vira para mim.

— Cal! Você vem comigo?

A sra. Bentley sai de casa, trancando a porta atrás de si.

— Olá, Cal. Nicole apresentou para você as novas amigas que conheceu no curso de balé que fez nesse verão?

— Ah, sim — digo. Não sei por que minto, mas sei o quão importante é para os pais da Nicole que ela seja bem-educada, e apesar do modo como ela está nos tratando, não quero deixá-la em apuros.

— Bem, eu vou levá-las para o shopping. Com certeza nos veremos em breve — diz ela, sorrindo daquele modo estranho que lhe é característico.

— Tudo bem — respondo de forma automática. Viro devagar e começo a caminhar para a minha casa. Rae já está na sua garagem, tocando furiosamente a bateria.

Nicole nunca mais falou conosco, e até agora não tenho ideia do porquê. Eu ainda estava me recuperando da carta que tinha recebido de Richelle havia alguns meses. Não conseguiria ouvir de Nicole que ela não se importava mais comigo, então a deixei em paz. Ela foi bem clara ao demonstrar que não tinha mais interesse na nossa amizade.

Nyelle se deitou no meu colo, deixando o trenó para trás.

— Ei, no que você está pensando? — pergunta ela, pondo seus braços em torno do meu pescoço.

Eu realmente tentei muitas vezes me convencer de que Nicole e Nyelle são duas pessoas diferentes. Mas Nyelle *é* Nicole. E não posso continuar ignorando a verdade para sempre. Abro a boca para fazer todas as perguntas para as quais ainda não tenho resposta, incluindo os motivos pelos quais ela parou de falar conosco há tantos anos. Mas não consigo. Ela está tão… feliz. E não quero ser o responsável por apagar esse brilho nos seus olhos.

— Você é linda — digo.

O corpo dela se tensiona.

— Não me machuque — imploro, com um repentino medo de ser mutilado. — Mas acredito que você merece saber, e quero te dizer isso. E não é apenas por causa dos seus inacreditáveis olhos azuis, ou pela maciez da sua boca, ou por causa do seu corpo perfeito. — Ela fica boquiaberta de surpresa. Talvez essa não tenha sido a melhor maneira de dizer o que penso.

— Você é linda justamente por não se importar com isso. Acho que entendo agora por que você fica tão zangada quando é julgada pela sua aparência. Que droga! Afinal ser linda não é sua culpa. A culpa é da genética!

Nyelle continua a me olhar, sem dizer nada.

— Mas o que é *sua* responsabilidade é ser quem você é por debaixo disso tudo. Você pode se esconder sob roupas grandes demais ou não se esforçar para parecer mais bonita, mas *você é* linda de qualquer modo. E eu fico feliz em começar a ver quem você realmente é. Não apenas a versão nua de você, o que… me mudou… para sempre. — Os olhos de Nyelle se estreitam. Eu rio, continuando a falar com rapidez depois de ter perdido o raciocínio por um breve momento… ou uma parte do meu corpo. — Mas seu lado carinhoso, atencioso, desinteressado e espontâneo. Ver você vivendo é de tirar o fôlego. Você possui uma vida repleta de possibilidades. Uma vida que a maioria das pessoas não saberia como aproveitar. Então, sim, Nyelle, mesmo que não pudesse vê-la, ainda assim eu me sentiria atraído por você. Achei que você era a garota mais linda que eu já tinha visto desde o primeiro dia, quando você saiu do carro usando aquele vestido amarelo. E mesmo correndo o risco de apanhar de você, eu ainda…

Seus lábios se colaram à minha boca, me salvando das minhas próprias divagações; de outro modo eu jamais teria parado de falar. No mesmo instante, sinto meu corpo arder em chamas e derreter sob seu toque enquanto ela abre minha jaqueta, corre suas mãos por debaixo da minha camisa e gira seu corpo para ficar sobre mim. Poderia estar vinte graus abaixo de zero que eu não me importaria. Estou tirando minha jaqueta e minha camisa e despindo-a freneticamente como se nossas vidas dependessem disso.

Envolvo o cobertor ao redor dos seus ombros nus. O vapor do seu hálito quente se espalha quando ela se debruça sobre mim. Há calor suficiente em mim para derreter todo o gelo do lago.

Nyelle se deita e beija meu pescoço. Ela sussurra no meu ouvido:

— Você foi a primeira pessoa que me fez sentir bonita.

Então, ela me beija tão sem pressa e com tanta delicadeza que chega até a doer, mas de uma forma deliciosa. Da maneira mais gostosa possível. Não me dou conta de que há lágrimas no rosto dela, até que uma delas pinga no meu rosto.

Eu a puxo contra meu peito, beijando-a para que ela saiba o quanto cada palavra que disse significa para mim.

Assistimos aos últimos segundos do ano passado se transformarem nos primeiros segundos deste ano, com as brasas da nossa fogueira brilhando no escuro. Eu quase espero por fogos de artifício estourando no céu ou por centenas de vozes gritando e comemorando o novo ano quando o relógio do meu celular marca meia-noite. Mas há apenas calma e silêncio. E está perfeito.

— Feliz Ano-Novo — diz Nyelle, me beijando. Ela se encolhe ainda mais sob os dois cobertores que nos abrigam.

— Feliz Ano-Novo — respondo, abraçando-a com mais força. Tentamos lutar contra o frio, mas ambos estamos tremendo.

— A gente nunca faz as coisas de modo normal, né? Olha só. A gente celebra a chegada do ano novo nu, sentados sobre dois trenós infláveis ao lado de um lago congelado. Eu acho que está na hora de interromper essa tentativa de hipotermia.

— Hora do banho! — Nyelle sai correndo, pulando com os cobertores ainda em volta do seu corpo, cambaleando pela neve, descalça, em direção à caminhonete.

— Que merda, Nyelle! — grito, respirando o ar congelante e tremendo de todos os modos

possíveis enquanto tento encontrar minhas roupas. Ouço a caminhonete ser ligada atrás de mim.

— Ah, não se preocupe, pego suas roupas — digo para ninguém porque ela já está na caminhonete. Fecho minha calça e coloco a camisa pela cabeça. Creio que nunca me vesti tão rápido em toda a minha vida.

Após colocar as roupas dela na cabine e amarrar os trenós infláveis na caçamba, jogo um pouco de neve para apagar a fogueira. Quando entro na caminhonete, o interior já está aquecido, o que é um alívio, porque estou me sentindo completamente anestesiado. Esfrego as mãos na frente da saída de ar quente, para recuperar os movimentos dos dedos.

Nyelle ainda está enrolada nos cobertores com apenas seu rosto para fora, o que me lembra da última vez que estivemos neste mesmo lugar e quase morremos congelados. Jamais deveríamos voltar aqui… Jamais.

— Desculpe ter deixado você para trás, para recolher nossas coisas. Ter que me vestir lá fora no frio foi uma ideia dolorosa.

— Ah, e foi mesmo — garanto a ela. — Belo palpite. Mas adivinha só? Não vou carregá-la até o apartamento. E eu posso estacionar no ponto mais distante da entrada do prédio… só por acaso.

— Cal! — Ela faz um beicinho. Eu rio enquanto saímos do lago, provavelmente pela última vez.

Estaciono a caminhonete em frente à porta do prédio, mas a faço caminhar descalça e enrolada nos cobertores, nua.

— Ai! — grito, apertando os olhos.

— Você jogou xampu no meu olho!

— Desculpa, você é mais alto do que eu imaginava.

— Por favor, me explica de novo como tomar banho na total escuridão pode ser sexy? — reclamo. — Não consigo te ver. Estou com xampu nos olhos e não tenho a menor ideia de onde as coisas estão.

— Mas eu posso *sentir* você — diz ela, esfregando devagar o sabonete no meu peito em pequenos círculos, encaminhando-se, vagarosamente, mais e mais para baixo.

— Ah — digo, percebendo suas intenções. — Tudo bem, acabo de mudar de ideia.

Nyelle ri com sua boca colada na minha pele.

E, sim, mesmo na mais completa escuridão, com apenas o tato para me guiar, ela ainda é linda.

NICOLE

Janeiro — segundo ano do ensino médio

— Feliz Ano-Novo — digo ao entrar no quarto de Richelle com um buquê de balões de gás hélio.

— Ah, você trouxe uma festa para mim?

— Fiquei chateada por você estar doente na véspera do Ano-Novo, então trouxe balões com desenhos de fogos de artifício para que você se sinta melhor.

— Não se preocupe — diz Richelle, deitando-se devagar na cama. — Havia uma fila de caras querendo me beijar à meia-noite, mas meu pai os colocou para correr.

— Azar deles — digo, encolhendo os ombros. Ela sorri.

— Como você está se sentindo?

— Estou bem — responde ela. — Minha mãe está enlouquecendo, a vocação dela é ser enfermeira. Quero dizer, quanto líquido uma pessoa é capaz de tomar?

Mesmo tão pálida, ela finge se sentir melhor, e não estou bem certa se deveria ter vindo visitá-la enquanto Richelle ainda está doente. Mas, honestamente, prefiro estar aqui, observando-a dormir, do que ficar em casa.

— Por favor, diga que você tem uma história horrível de Ano-Novo para compartilhar comigo? Algo como… alguém que soltou fogos de artifício e incendiou a casa do vizinho. Ou uma turma de caras descendo a rua bêbados e tropeçando neles mesmos.

Eu rio.

— Então você quer que eu minta?

— Você não sabe mentir. Acho que vou ter que me satisfazer com alguma história triste de você sentada em um canto da sala vendo as pessoas beberem a noite toda. — Então seus olhos se arregalam.

— Por favor, me diz que você foi a uma festa. Eu teria que terminar a amizade com você por uma semana… se você me disser que ficou em casa.

— Eu fui a uma festa — digo a ela. — E foi horrível. — Meu rosto cora.

Richelle fica sem fala.

— Quero saber tudo agora. Quem é ele? Como ele é? Ele beija bem?

Um sorriso apareceu sem esforço no meu rosto.

— O nome dele é Kyle e ele está no último ano.

— Sem chance — diz ela. — Você tem uma foto dele?

Apanho meu celular e procuro o perfil dele no Facebook, e aí mostro para ela.

— Ele é bonito, Nicole. Estou tão orgulhosa de você!

Eu rio.

— Não aconteceu nada. Ele basicamente me salvou do pior beijo da minha vida.

— E você também ganhou seu primeiro beijo? Isso é mesmo uma festa de fim de ano inesquecível para você. E quem é o cara que beija tão mal assim?

Pego de volta meu celular e mostro a foto de Justin Murphy. Ela dá uma olhada e diz:

— Ele é bonitinho.

— Mas eu juro que, se é assim que um beijo deve ser, nunca mais quero ser beijada na

minha vida. Eu pensei que iria me afogar.

— Ai, que nojento! E não. Um beijo nunca deve ser assim. — Ela fica vermelha. Eu sabia que ela estava pensando em Cal, e me sento aos pés da sua cama.

— Ah… então, Justin me beijou à meia-noite, basicamente porque estava ao meu lado. Mas depois disso, quando as pessoas já estavam com seus pares, Kyle e eu saímos para dar uma caminhada. Ele é tão gentil. Seu irmão mais novo também está no penúltimo ano, mas ele… — faço uma careta de nojo — … é tão nojento.

Richelle volta a espiar o perfil de Kyle no Facebook.

— Ele joga lacrosse — observa ela. — Ah, e também posta belas imagens de praias.

Mordo o lábio, já que memorizei cada imagem postada até agora.

— Então, quando vocês vão sair outra vez?

— No próximo fim de semana — respondo. — A gente vai sair para jantar e depois talvez vá a uma festa. Mas não tem nada certo ainda.

— Gostei disso — diz ela, rindo. Richelle se ajeita de novo no travesseiro, parecendo estar cansada.

— Você quer que eu vá embora? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Não. Apenas fique sentada aqui comigo — pede, segurando minha mão. A mão dela está fria e suada.

— Não vou a lugar algum — prometo, abraçando-a.

capítulo 18

Meus olhos se abrem quando a música retumba pelo apartamento. O jogo de futebol americano a que assistia quando caí no sono ainda está passando com som mudo na minha frente. Viro a cabeça quando o sofá é puxado com violência e vejo uma garota seminua pulando na almofada sob meus pés.

Eu deito de costas para ter uma visão melhor de Nyelle vestindo uma das minhas camisetas, pulando com os cabelos balançando ao seu redor, cantando com toda a força dos seus pulmões uma música sobre… estar nua.

Rio quando ela grita o refrão, como que cantando para mim. Sentando, agarro a parte de trás das suas coxas e a puxo para que ela me envolva com as pernas.

— Acho que essa pode ser minha nova música preferida — digo, afastando os cabelos do seu pescoço para chegar à sua pele.

— Eu pensei que poderia gostar — sussurra ela, empunhando minha camiseta e inclinando a cabeça para o lado. — Acho que a gente deve fazer o que a música diz.

— Acho que gosto dessa ideia — respondo, tirando a camisa por cima da cabeça. Sorrio quando não há nada mais além de uma calcinha. — Bem, essa foi fácil.

Nyelle abaixa sua boca até a minha enquanto minhas mãos correm nas suas costas nuas. Ela amontoa minha camisa, tomando o tempo necessário para puxá-la sobre minha cabeça e atirá-la no chão. Suspiro fundo com o toque da sua pele suave contra a minha, segurando-a perto enquanto ela manobra suas pernas para me envolver.

Deslizamos para a beira do sofá e eu apoio os pés no chão, beijando-a do pescoço aos ombros, descendo lentamente. Ela arqueia as costas e respira devagar.

Não me importo quantas vezes já fizemos isso; nunca terei o suficiente dela. O toque dela. O gosto dela. Os sons que faz quando encontro o ponto certo. O jeito com que meu corpo se acende como um inferno com o menor dos seus toques.

Nyelle aperta as coxas com mais força ao meu redor, com um gemido sussurrado enquanto minha boca cobre sua pele suave. Precisando de uma posição melhor, eu a viro para que deite no sofá e me coloco em cima dela, absorvendo a luz refletida nos seus olhos azuis.

— Eu não posso deixar você me abandonar — digo, capturando qualquer argumento que pudesse ter com meus lábios firmemente pressionados contra os dela. Em geral, não sou tão atrevido, mas estou um tanto sem barreiras no momento. Ela faz isso comigo.

Nyelle geme quando minha mão escorrega entre suas pernas. Seus dedos apalpam os botões da minha calça.

Eu gelo quando escuto.

— Ei!

Jogando-me em cima de Nyelle, eu tento cobri-la com meu corpo. Ela solta um grito surpreso.

— Eric! — exclamo, olhando para ele por cima do braço do sofá.

— O que está acontecendo? — pergunta ele, pondo sua sacola no chão. Eric então olha para mim e arregala os olhos ao entender o que está havendo. — Ah, droga! — E então começa

a rir. Quero estrangular Eric. — Sinto muito sobre isso.

Ele se aproxima e olha de soslaio.

— Ei, Garota do Lago! Não tinha te visto aí embaixo.

— Eric, mas que droga! — grito.

— Oi, Eric — responde Nyelle, com a voz sufocada. Provavelmente porque a estou esmagando com meu peso, mas de jeito nenhum vou me mexer até que Eric dê o fora.

Ele nos olha e balança a cabeça com uma respiração pesada.

— Você não dormiu no meu quarto, né? Nem por uma noite?

— Por que você ainda está aí?

— Ótimo — resmunga ele. — Agora devo vinte pratas para Rae.

— Pode apostar… Cara, podemos falar sobre isso depois?

— É, Eric. Ele está meio que me amassando — diz Nyelle, sem fôlego.

— Desculpe — digo, beijando sua testa.

— Você está certa. Não parece muito confortável — nota Eric, inclinando a cabeça para ver melhor.

— Eric! — berro. — Apenas fique no seu quarto por uns cinco minutos. Por favor!

— Indo. — Ele pega sua sacola e segue até o quarto em um passo frustrante.

Logo que ouço a porta se fechar, empurro o sofá e agarro minha camiseta, passando-a por cima da cabeça de Nyelle e tentando colocar seus braços nas mangas.

— Ah… Cal, eu mesma posso me vestir — responde, sentando enquanto puxo a camisa sobre sua calcinha vermelha.

— Sim, ah… Desculpe. Só não sei se os cinco minutos dele são na verdade cinco segundos — digo a ela.

Ela ri, ficando de pé para ajeitar a camiseta.

— Eu queria dar uma volta mesmo. Vocês dois podem conversar.

— Ou posso chutar a bunda dele — ameaço.

— Você não é um lutador — diz Nyelle, inclinando-se para me beijar antes de entrar no quarto.

— Você já teve notícias da Richelle? — pergunta Rae quando atendo o celular.

— Não. Mas há uma chance de que a mensagem não tenha chegado ou tenha sido comprometida com o sinal de má qualidade de Zac — digo, fechando meu notebook. — Vou tentar de novo.

— Ah… Nyelle está com você? — pergunta Rae, hesitante. — Ela não tem respondido às minhas mensagens.

— Ela *nunca* responde às minhas — solto. — Mas, não, ela saiu para uma das suas voltas. Por quê?

— Ah, não é nada… — responde Rae, evasiva. — Nós estávamos trocando mensagens sobre um lance e…

Ela parece esquisita.

— Você e Nyelle têm trocado mensagens? — pergunto, estranhamente enciumado, considerando que nem ao menos falei com Nyelle ao celular desde a noite em que ela me ligou

da árvore. E ela precisou estar bêbada para fazer aquilo.

— O que você quer dizer? — Rae emudece por um minuto. Começo a ficar nervoso. Ela nunca guarda segredos de mim.

— Rae?

— Fiz um teste na escola de música Berklee há algumas semanas — despeja Rae.

Agora eu é que estou em silêncio, chocado demais para dizer qualquer coisa.

— Sabia que você ia ficar bravo — diz ela. — Foi por isso que preferi não contar nada até ter certeza de ter sido aceita.

— Eu não estou bravo — respondo rápido. — Apenas não esperava por isso. Por que você não me contou que iria se candidatar? — A pergunta que eu deveria ter feito é por que ela contou a Nyelle.

— Porque você acha que estou indo estudar em Crenshaw para ficar com você.

— Rae, só quero que você venha a Crenshaw se for o que deseja. Não apenas porque estou aqui. — Na realidade, sei que essa é a única razão pela qual planejou vir a Crenshaw, mas nunca pensei em impedi-la… até agora. — Essa é uma enorme oportunidade para você. E eu ficaria com raiva se não corresse atrás do que deseja.

— Obrigada — diz baixinho.

— Quando você vai descobrir se foi aprovada?

— Não pelas próximas semanas — diz com um suspiro. — Está me matando.

— Por isso você está procurando Nyelle? — pergunto, desconfortável em notar como estou perturbado por Rae e Nyelle terem se comunicado. Protejo Nyelle, e… Não confio que Rae não vá dizer alguma coisa potencialmente nociva.

— Principalmente. Então, quando vai ligar para ela, Cal? Você tem apenas uma semana — aponta. Rae esqueceu o prazo que me deu desde que nos vimos no Natal. Essa é a primeira vez que ela me perturba por respostas desde então.

Respiro fundo e rolo um lápis pelo tampo da minha escrivaninha.

— Não vou — confesso.

— O quê? — pergunta Rae, subindo o tom de voz.

— Se você acha que deve contar para a minha mãe o que está acontecendo, então faça isso. Eu não posso perguntar a Nyelle o que aconteceu com ela. Rae, eu a machucaria.

— Como você a machucaria? — pergunta, confusa.

Esfrego a mão na testa.

— Ela não quer lembrar. Seja lá o que for, ela bloqueou por uma razão. Eu não a farei reviver só porque preciso saber. Porque eu *não* preciso saber.

— Você está sendo estúpido outra vez — repreende Rae.

— Talvez. Mas só tenho mais uma semana com ela, e farei o que eu quiser com esse tempo.

— Você dormiu com ela — lamenta Rae, como se isso explicasse tudo.

— Isso não tem nada a ver — respondo, na defensiva. — Eu me importo com ela.

— Você está *apaixonado* por ela — corrige Rae na hora.

— Não — é minha resposta instintiva. Mas então me calo.

Nenhum de nós fala por um minuto.

— Sua vida está a ponto de virar uma droga. E ainda vai piorar quando você não puder mais ignorar o que ela está escondendo.

Encosto na cadeira com um suspiro profundo, minha cabeça girando. Isso está mesmo acontecendo? Estou sentado aqui honestamente tentando decidir se estou ou não apaixonado por Nyelle?

— Você não pode amar uma pessoa que não conhece realmente — responde. — E eu preciso contar a Maura. Sinto muito, Cal. — Ela desliga.

Fecho os olhos e corro os dedos pelos cabelos.

Eu *conheço* Nyelle. Sei exatamente quem ela é. Mas não queria entrar no assunto com Rae. Sinto por Nyelle o mesmo que senti por Nicole a maior parte da minha vida. Isso não mudou. Sempre fui atraído por ela. Todas as versões dela. Desde o dia em que a vi naquele vestido amarelo. Talvez por isso… seja a hora de contar a ela.

Respiro fundo. Não posso acreditar que estou fazendo isso. Sinto que meu estômago vai se contorcer apenas ao pensar sobre isso. Mas… ela vale a pena. E precisa saber.

— Eric! — chamo, abrindo a porta do meu quarto.

— O que foi? — responde ele, pondo a cabeça para espiar fora do quarto.

— Você pode ficar na fraternidade hoje à noite?

Ele revira os olhos.

— Uau. Bom ver você também.

— Eu só preciso de mais uma noite. Há algo que preciso fazer — digo, sabendo que ele não faz ideia do que estou falando.

— Sim, sem problemas.

Sem saber por quanto tempo ela ficará distante, pego minha jaqueta e as chaves da caminhonete.

— Obrigado — digo por cima dos ombros e me apresso até a porta.

Estou sentado no sofá, esfregando as mãos suadas na calça pela centésima vez, esperando a porta se abrir. Ela está fora há três horas, e estou a um passo de sair para procurá-la. Mas não quero arriscar que ela apareça quando eu não estiver aqui. Sobretudo após passar duas horas correndo para deixar meu quarto pronto.

Decido que também posso tentar falar com Richelle para evitar olhar o tempo todo para a porta. Escuto o celular tocar. Assim que o pego, a porta se abre e eu pulo do sofá, desligando a chamada.

— Ele está morto — suspira Nyelle assim que seus olhos vermelhos inchados me encontram.

— O quê? — Meu coração se aperta ao ver seu rosto ensopado em lágrimas. — Quem morreu? — Corro na sua direção e ponho meus braços ao redor dela, que se encosta em mim enquanto fecho a porta e a levo ao sofá. Eu a acomodo na almofada, segurando-a próximo a mim e acariciando suas costas.

Pergunto, com delicadeza:

— Nyelle, quem morreu?

— Gus — ela murmura entre soluços.

Fecho os olhos. O homem sem-teto que vi conversando com ela no beco, no dia da tempestade de neve. Não sei o que dizer, então apenas beijo o alto da sua cabeça.

— Eu achei que ele estava dormindo — diz, sua voz abafada com o rosto contra meu peito. — Mas ele não se moveu quando disse seu nome. Só ficou ali, mesmo quando o toquei. Ele estava tão… frio.

Pressiono os lábios. Não sei como consertar essa situação, como fazê-la se sentir melhor. Mas esse sempre tem sido o problema.

— Ei, cara. Perdi você na Shannon. Queria perguntar a que horas você vem me buscar esta noite — seguro o celular embaixo do queixo e tiro as chaves da ignição. Passei o dia com Brady e Craig, pulando de um churrasco de formatura para outro. Rae não quer mais nada com nossos colegas de classe agora que nos formamos, então preferiu passar o dia com sua amiga, Nina.

— Às sete — diz ele. — Temos três festas de formatura para ir hoje à noite.

— Três? — respondo em choque.

— Sim, eu preciso ir. Minha família acabou de chegar — diz Brady antes de desligar.

Paro na entrada da garagem quando penso que vi um clarão vermelho no bosque. Eu me esforço para enxergar através dos óculos. Há um movimento distante, próximo à casa da árvore. Não sei o que me mantém caminhando naquela direção, mas continuo. Henley aparece pulando do nada, com a cauda abanando e a língua pendendo da boca.

— Oi, garoto! — digo, me abaixando para afagar sua cabeça. Quando me levanto, olho para o bosque outra vez e com certeza posso ver alguém, mas, seja quem for, ainda está muito distante para eu distinguir.

— Vem, Henley. Vamos ver quem está lá fora.

Eu me pergunto, por um instante, se é Rae, mas sei que ela não vem a este bosque desde que éramos mais novos. Talvez seja uma das crianças da vizinhança indo espiar a casa na árvore. Considerando sua idade, e tendo em vista que era um projeto do meu pai, talvez não seja a ideia mais segura. Nós deveríamos desmanchá-la antes que alguém caia… de novo.

A última pessoa que espero encontrar é Nicole. Assim que vejo o laço vermelho no seu cabelo, Henley dispara.

— Henley! — grito instintivamente. Minha voz faz com que ela vire a cabeça na minha direção, seu cabelo caindo no rosto. Ela está chorando. Eu paro. Henley enfia o focinho no rosto dela, exigindo atenção. Ela esfrega sua cabeça enquanto ele lambe seu rosto, soltando uma risada com um soluço. Henley para perto de onde Nicole está sentada no chão repleto de folhas, com as pernas esticadas à sua frente e as costas contra uma árvore.

Caminho devagar na direção dela, com medo de dizer a coisa errada. Em silêncio, apenas me abaixo no chão do outro lado do Henley, que repousa a cabeça nos joelhos de Nicole enquanto ela afaga suas costas. Me apoiando em uma casca de árvore, também ponho minhas mãos nos seus pelos dourados. Observo suas mãos pálidas e finas se moverem contra os pelos sem olhar seu rosto. Mas posso ouvir seus soluços. Olhando pelo canto do olho, percebo o buquê de flores do campo apertado firmemente no seu punho. Seu braço está pressionado contra o estômago como se estivesse se segurando. O cabelo de Nicole é uma cortina sombria, ocultando seu rosto, mas os espasmos das suas costas revelam cada soluço ofegante.

Nenhum de nós pronuncia uma palavra. Apenas sentamos contra a árvore, acariciando Henley. E então sinto sua mão fria roçar minha pele, e paro de me mover. Ela põe suas mãos sobre as minhas e enrola seus dedos ao redor. Olho para cima, mas ela não está olhando para mim. Está com os olhos fixos nas flores.

Pressiono sua mão com delicadeza. Ainda não sei o que dizer, considerando sobretudo que não dissemos nada um ao outro em três anos. Quero perguntar o que há de errado. Quero fazê-la se sentir melhor, afastar seja o que for que a está machucando. Mas falho em fazer qualquer outra coisa além de segurar sua mão… até que ela a solta. Ela levanta e ajeita sua saia vermelha antes de ir embora. Percebo que esqueceu as flores no chão, perto da árvore. Mas não a chamo de volta. Tudo que faço é vê-la desaparecer.

Eu simplesmente a deixei partir sem dizer uma palavra, e então nunca mais a vi. Só ouvi seus gritos na casa dos seus pais naquela noite. Ainda não consigo me lembrar dos detalhes. Por isso essa é a última imagem que tenho de Nicole, até Nyelle.

Escorrego as mãos nos dois lados do rosto de Nyelle. Seus olhos brilham e suas bochechas estão vermelhas e marcadas pelas lágrimas.

— Ele tinha uma vida difícil. E você foi uma das melhores coisas que lhe aconteceram.

Abaixo minha boca até a dela e pressiono meus lábios contra os seus, mantendo o beijo por um longo suspiro antes de me afastar.

— Obrigada — sussurra, descansando o rosto no meu peito e entrelaçando seus braços ao meu redor com firmeza. — Ele já esperava partir havia muito tempo. Eu sabia que aconteceria. Mas ainda é horrível. — Nyelle dá um suspiro indeciso.

— Sim, é — digo com a boca no seu cabelo. Eu a seguro até que ela se solta. Quando olha para mim, esfrego suas bochechas úmidas com meus dedos para secar suas lágrimas.

— O que posso fazer para que se sinta melhor? Sorvete? Marshmallow? Batatinhas? Um banho quente no escuro?

Ela ri brevemente.

— Vou ficar bem.

Nyelle se levanta e segue para o quarto. Eu pulo. Não quero que vá lá. Não agora.

— Que tal se a gente for embora? — digo, apressado.

— O quê? — Nyelle se vira.

— Vamos embora de Crenshaw — sugiro, meu coração disparado.

— Você quer ir para onde?

Sorrio para a confusão refletida nos seus olhos.

— Ah… para o Oregon. A cabana do meu tio. Ele vai escalar esse fim de semana. Teremos o lugar só para nós. E… não há neve alguma.

Ela ri.

— Uma cabana em um bosque, só a gente por um fim de semana?

— Ou pelo resto da semana — ofereço — Você decide. Ele não vai se importar. E posso trabalhar para ele na oficina enquanto estiver lá. Poderia aproveitar o dinheiro.

Nyelle morde o lábio inferior enquanto pensa. Então sorri devagar e diz:

— Tudo bem. A gente vai passar o resto da semana no Oregon.

Ela vai até a porta do meu quarto, mas corro para impedi-la.

— Eu vou pegar suas malas. Por que você… não pega suas coisas no banheiro?

Nyelle me olha com suspeita.

— Você está escondendo alguma coisa aí?

— Não importa — respondo de forma evasiva. — Deixe eu arrumar uma mala, e então partiremos.

— Agora? — Nyelle questiona, ainda me confrontando.

— É. Por que não? Pegaremos o próximo voo, mesmo que tenhamos que esperar e tomar algumas conexões para chegar lá.

— Você sabe que está sendo esquisito, né?

Assinto.

— Eu sei. Mas depois fará sentido. Prometo.

Nyelle mantém os olhos fixos em mim enquanto caminha devagar até o banheiro, como se estivesse preocupada que eu tenha perdido a cabeça. O que é bem possível.

— Tudo bem.

Quando ela está em segurança atrás da porta do banheiro, entro no quarto para fazer minha mala.

Nicole

Maio — primeiro ano do ensino médio

— **Você acredita que ele** me contou como se não fosse grande coisa? — Richelle grita no seu travesseiro enquanto acaricio suas costas, tentando acalmá-la.

O rosto dela está vermelho e coberto de lágrimas quando me encara.

Quero dizer que sinto muito. Quero contar a ela que Lily não significa nada para Cal. Que nem estão mais juntos. Quero dizer qualquer coisa que a faça se sentir melhor.

Porém, mais do que isso, queria gritar junto dela no travesseiro.

— Estou me comportando como uma idiota. Eu sei — diz ela, fungando. — Mas isso magoa. E eu não sei como fazer parar.

— Eu entendo — consolo. E entendo mesmo. Parecia que meu peito estava sendo esmagado quando eu soube. E quando cheguei e vi a cara de Richelle, tudo piorou. Então, tento agir como sua melhor amiga, que é do que ela precisa, e não da garota de coração partido que de fato sou, e a ouço chorar enquanto despeja sua mágoa no travesseiro.

Richelle respira fundo, tentando controlar os soluços. Ela se senta, segurando o travesseiro contra o peito.

— Sabe o que mais dói?

Eu espero.

— Cal nem sequer hesitou em me dizer. É claro que ele pensa em mim como uma amiga. Sei que disse a ele que era o que eu desejava, quando terminei o namoro. Mas não queria mesmo dizer isso. Eu simplesmente não podia dizer a ele…

— Eu sei — digo quando ela não pode continuar. — Você ama Cal e ele não sabe.

— E se ele nunca sentir o mesmo por mim? — Ela dá uma fungadela, arrasada. — Não sei o que fazer. Talvez não devesse mais falar com ele. Dói demais.

— Richelle, você está magoada agora. Mas não pode parar de falar com ele.

— Por que não? Você parou!

— Mas isso foi…

— Por minha causa — interrompe ela.

— Não. O que eu ia dizer é que foi *minha* escolha. Não deixe que ele saia da sua vida como eu deixei.

Porque eu me arrependo todos os dias.

capítulo 19

— **Você está levando açúcar** suficiente para um mês — observo enquanto Nyelle tenta fechar sua mochila por sobre o pacote de marshmallows, que desponta do topo.

— Você disse que vamos estar no meio do nada — replica ela, sorrindo orgulhosa quando consegue, por fim, fechar a mochila abarrotada.

— E isso é tudo o que você planeja comer? — pergunto, jogando minha mochila de lona nas costas. — Além do mais, eu ia parar em uma loja no caminho para a cabana.

— Agora você não precisa mais parar — alegra-se ela, vestindo o casaco.

Eu rio, esperando na porta.

— Sim, vou ter que parar de qualquer forma. Não consigo comer como você. Preciso de algo que nasça da terra, de vez em quando.

Nyelle puxa sua mala de rodinhas atrás dela pelo corredor.

— Seu tio vai estar lá quando chegarmos?

— Não. Ele vai viajar hoje à tarde para se encontrar com os caras com quem vai escalar. De qualquer forma, liguei e avisei que estamos indo. Ele vai deixar as luzes acesas.

Saímos e congelamos no mesmo instante. Dou a partida na caminhonete, tremendo, desejando ter deixado o aquecimento ligado.

— Você nunca me disse o que faz para ele. — Nyelle se aconchega a mim para se esquentar.

Deixo o estacionamento e a envolvo com meu braço.

— Ele customiza e reforma motos.

Não percebo que Nyelle está me olhando estarrecida até estarmos rodando em alta velocidade.

— O quê?

— Você. E motos? Verdade?

Eu a observo com curiosidade.

— Não entendi.

— É meio excitante.

— Eu não *piloto* — esclareço. — E não tenho uma única tatuagem. Não há nada em mim que seja de fato malvado. Acontece que por acaso eu sei usar uma chave de boca.

— Não estrague minha fantasia. Quero namorar essa imagem por mais um minuto. — Ela fecha os olhos com um sorriso.

Eu rio.

— O que há de tão sexy em um cara em uma moto, de qualquer forma?

Verdade. Minha mãe me *mataria* se eu algum dia pilotasse alguma das motos que eu ajudo a montar. Ela perdeu um tio em um acidente quando era jovem, e não deixaria nenhum de nós sequer pensar em pilotar. Mesmo meus irmãos tinham medo de ir contra essa regra.

— Eu não sei. Só sei que é sexy. A menos que ele seja um idiota convencido. Ou pese cento e cinquenta quilos. É só que… Ah. — Nyelle dá um suspiro exagerado.

— Isso não explicou nada, de verdade — digo, sorrindo. — Mas acho que é bom saber que

nunca vou ser um idiota convencido de cento e cinquenta quilos pilotando uma moto.

— Isso é *mesmo* uma coisa boa. — Nyelle se estica e liga o rádio. — Cal? — chama, aconchegando a cabeça no meu peito.

— Sim? — Fico atento ao tom cuidadoso da voz dela.

— Você nunca me contou o que o fez deixar todas as garotas que namorou.

— Acho que a gente já teve essa conversa — digo, sem estar certo da resposta que ela procura. — Eu as deixo porque é isso que sempre faço. E é mais fácil deixá-las quando não há nada a perder.

— A gente teve essa conversa. Meio que teve — diz ela, brincando com o zíper do meu casaco. — Só acho que há mais coisas para falar.

— Sério? — respondo, sem querer concordar ou discordar. Prefiro não falar desse assunto, de qualquer maneira. Mas, por alguma razão, ela continua trazendo-o à tona. Não sei o que Nyelle espera saber de mim, além de ter a certeza de que escapo antes de tudo começar a ficar complicado demais.

— Sim, acho que sim. Acho que, quando você termina seus relacionamentos, é porque eles não são com a garota *e se*.

— Certo — concordo com cuidado, deixando-a chegar às suas próprias conclusões. Até ali, ela está certa.

— Você não tem sentimentos por elas, não importa o quanto goste de cada uma.

A conversa está ficando desconfortável, sobretudo porque Nyelle está acomodada no meu braço. Como fico quieto, ela se inclina para poder ver meu rosto, me forçando a tirar o braço dos seus ombros.

— Você sabe por que faz isso, não sabe? Por que você foge?

Eu agarro o volante com força.

— Não é como se eu estivesse escondendo um segredo de você, Nyelle. É só que eu realmente não quero pensar nessas garotas, em especial por estar aqui *com você*. Você não é uma delas. E não quero que você pense, nem por um minuto, que é.

— Isso é fofo. — Ela se inclina e me beija no rosto. — Então me diz.

Libero o ar dos pulmões com força.

— Nunca desejei machucá-las.

Nyelle fica quieta. Eu a observo e vejo um sorriso triste no seu rosto.

— O que foi? — pergunto. — Por que isso a deixa triste?

— Você foge antes de poder machucá-las — diz Nyelle. — Então… quem te machucou?

Continuo a olhar fixo adiante, desejando não estar mais nessa conversa. Porque o que eu deveria responder?… Você? Você e Richelle me arrasaram durante o mesmo verão, e não é algo que eu tenha superado. Não posso falar isso, então não digo nada.

— Sinto muito — sussurra ela, enroscando-se no meu braço e pousando a cabeça no meu peito. — Não quero… — Ela não quer continuar, mas eu sei aonde aquela frase vai.

— Está tudo bem. — Aperto-a contra mim e beijo o alto da sua cabeça. — Vou ficar bem.

Ambos sabemos como isso vai terminar. Nyelle vai embora depois desta semana, mesmo que não tenhamos mencionado o assunto desde a noite da pintura. E quando ela se for, vai ser uma droga. Ela não pertence a este lugar. Eu sei. Mas, então… a *qual lugar* Nyelle pertence? Por mais que eu queira que minha resposta seja "a mim", sei que não é a realidade. Estou

ficando sem tempo. Não há mais como fugir disso. Isso vai *realmente* ser uma droga.

A estrada de terra sinuosa desemboca em uma estrada mais estreita que acaba na cabana. Estaciono a caminhonete perto da garagem e desligo o motor.

— Nyelle, a gente chegou — murmuro, passando a mão pelo seu rosto.

Ela pisca e olha em volta.

— É mesmo?

— Sim.

Henley vem trotando devagar dos fundos da cabana, latindo e balançando o rabo, bem quando Nyelle abre a porta. Saio do carro enquanto ela exclama "Henley!" e cai de joelhos para recebê-lo. Ele corre para ela e lambe seu rosto. Nyelle o envolve com os braços, dando tapinhas nas suas costas, enquanto ele continua a lamber suas bochechas, abanando o rabo como um louco.

Quando fica em pé, Nyelle está visivelmente zonza. Ela se agarra à porta do passageiro para se estabilizar.

— Ei — digo, me aproximando dela. — Você está bem? O que houve?

Nyelle sacode a cabeça para me tranquilizar, prendendo as mechas soltas do seu rabo de cavalo atrás da orelha.

— Estou bem — diz ela. Contrai os lábios para disfarçar seu tremor e desvia os olhos, examinando os arredores.

Alcanço sua mão, mas ela afasta a minha depressa, virando para fechar a porta. Parece desorientada, e deixa as mãos apertadas contra o batente da porta, buscando se manter em pé.

— Nyelle? O que está havendo? — pergunto, tentando descobrir o que acabou de acontecer. Henley se esfrega contra minha perna. Olho para ele, dando tapinhas no alto da sua cabeça. Então me dou conta… foi *vê-lo* que fez isso. Henley vive com Zac enquanto estou na faculdade, e quando Zac soube que iríamos para a cabana, decidiu deixar Henley lá. Nunca esperei que Nyelle reagisse dessa maneira ao vê-lo.

Nyelle se vira para mim, perdida, com olhos vazios. É como se não estivesse realmente ali.

— Você se lembra de Henley? — pergunto com cautela, enquanto Nyelle apanha sua mochila.

Nunca pensei que ela fingisse não me conhecer, ou que fizesse um esforço para não se lembrar de coisas que deveria saber. Ninguém representa tão bem. Parei de questioná-la porque desejava aceitá-la como ela é. Mas, agora… não posso ignorar a garota trêmula na minha frente, confrontada mais uma vez pelas lembranças de um passado que, de alguma forma, esqueceu. Não tenho ideia do que fazer.

— Desculpe. Estou muito cansada — murmura, agitada, passando a mão pelo cabelo. — Você acha que podemos entrar?

— Sim, claro — falo, passando o braço em volta dela e pegando sua bolsa com a outra mão. Nyelle se inclina para mim enquanto andamos até a casa. Ela ainda treme, quase tanto quanto na noite em que a carreguei depois que a gente nadou no lago congelado.

Tiro a chave do gancho embaixo das escadas e seguimos juntos até a porta. Nyelle está

quieta, com o olhar ainda vagueando pelo entorno, confusa. Destranco a porta e acendo as luzes, iluminando o amplo espaço aberto.

Subo as escadas para o quarto em que geralmente fico e abro a porta para ela.

— Há um banheiro aqui, também — digo enquanto ela passa por mim. — Vou pegar o resto das coisas.

Ela acena com a cabeça e eu a observo andar até o banheiro, fechando a porta atrás de si. Tenho a impressão de que ela não ouviu nada do que eu disse.

Não acredito que vou conseguir ir adiante com essa história. Se ela tiver algo como um surto psicótico, se ficar ainda pior do que está agora, não vou saber como ajudá-la. Deveria chamar minha mãe… ou Rae. Ela pode explicar toda essa situação para a minha mãe melhor do que eu posso.

Ando pela frente da cabana, procurando um ponto de onde eu consiga sinal para fazer uma ligação, mas o ícone "Sem Serviço" permanece aceso. Droga.

Henley me segue para dentro da cabana enquanto carrego o resto das nossas coisas, junto com as sacolas de mantimentos que paramos para pegar no caminho. Levo um tempo para guardar tudo, olhando para a porta a cada momento.

Meus nervos estão à flor da pele, e eu luto para me manter calmo. Mas não quero deixá-la lá em cima sozinha por muito tempo.

Tranco a porta e apago as luzes antes de subir as escadas devagar. Dou uma pausa do lado de fora da porta para me acalmar. Eu posso fazer isso — ouvi-la, abraçá-la, deixá-la gritar com o rosto em um travesseiro. O que Nyelle precisar. Ponho a mão na maçaneta, preparado para enfrentar emoções femininas à toda. Mas eu não espero que ela esteja… dormindo.

Tiro o cabelo do seu rosto e a observo dormir com a mão pousada no travesseiro. Ela parece tão em paz, como se nada no mundo pudesse estar errado com ela. Queria que isso fosse verdade.

Me acomodo ao lado dela e passo as costas da mão pelo seu rosto. Não posso deixar de me perguntar quem me olhará quando os olhos dela se abrirem pela manhã. Minha atenção se concentra na sua mão. Toda a lateral dela, da articulação do dedo ao punho, está riscada com finas linhas brancas.

— O que houve com você, Nyelle?

O vidro, quando se quebra, tem um som muito específico. Mesmo bêbado, sei exatamente o que ouço. E é alto.

— Talvez eu não queira mais ser sua garotinha perfeita. — Há tanta raiva na voz dela que sai abafada, como se sentisse uma dor física ao dizer aquilo.

— Nicole, pare! — A voz grave do sr. Bentley ressoa de dentro da casa. — O que você pensa que está fazendo?

Vejo meus pés se movendo até a casa, mas eles parecem feitos de cimento. Eu paro no seu gramado aparado com capricho.

— Nicole, você está sangrando por todo o chão! — grita a sra. Bentley.

— Chame o dr. Xavier — instrui o sr. Bentley. — Diga a ele para usar a porta dos fundos.

— Eu desapontei você, papai?! — grita Nicole, e eu sinto como se gelo corresse pela coluna abaixo.

De repente, o sr. Bentley irrompe porta afora. As veias na sua testa se destacam enquanto ele corre para o carro. Então ele me vê, e para.

— Cal? É Cal, certo?

Eu concordo, tentando com dificuldade aparentar estar sóbrio.

— Nicole está bem?

— Oh. — Ele limpa a garganta. — Sim, ela está perfeitamente bem. Só teve uma noite ruim, é tudo. Estamos cuidando dela. Obrigado pela preocupação.

— Sem problema — murmuro, e me viro para voltar para a rua. Olho para trás, por sobre o ombro, quando chego à calçada, e ele ainda me olha, parado ao lado do carro.

— Nicole? — grita a sra. Bentley.

Ainda posso ouvir os soluços histéricos de Nicole preenchendo a escuridão enquanto me afasto.

Quando abro os olhos, eu me viro e vejo o lado de Nyelle na cama vazio, o que me obriga a me levantar. Com uma onda de pânico, desperto completamente. Apuro os ouvidos, mas não escuto nenhum movimento, então jogo as cobertas longe e pulo da cama. Passa das duas. Onde ela pode estar? Não está no banheiro. A casa está na penumbra.

— Nyelle? — chamo. Nada. Acendo as luzes enquanto ando pela casa, conferindo cada cômodo, até que chego ao lado de fora da cabana. Meu coração está acelerado. O sonho, ou a memória dele, ainda permanece, e só me enche de mais pânico.

Ando de volta à cabana e paro ao distinguir um vulto na grama. Quando me aproximo, percebo que é Nyelle, com Henley. Ela está deitada de costas, com o cabelo espalhado à sua volta, olhando as estrelas. Sua mão descansa sobre a cabeça de Henley, que está aninhado na sua barriga.

— Nyelle, o que você está fazendo acordada? — pergunto, ainda tentando me recuperar. Esta, com certeza, é a noite mais tensa.

Ela não tira os olhos das estrelas.

— Tentando me sentir melhor.

— Posso me deitar com você? — pergunto com cautela, precisando fazer o mesmo.

Ela concorda.

Sinto um leve arrepio pelo corpo quando me deito na grama gelada. Observo-a enquanto olha fixo para o céu, como se esperasse algo acontecer. Examino seu rosto, me perguntando quem está deitada ao meu lado.

— Nunca tinha visto tantas estrelas antes — diz ela, baixinho. — Um céu cheio de possibilidades e de dor. Tantas contradições. Talvez elas sejam, apenas, possibilidades dolorosas. — A voz dela soa tão triste que eu quase não a reconheço como sua. Sua máscara está se quebrando e, seja lá o que for que Nyelle esteja escondendo atrás dessa máscara, começa a se revelar. Não tenho certeza de que forma posso ajudá-la a se recompor.

— O que você precisa que eu faça? — pergunto. — Faço qualquer coisa. Só não posso congelar até a morte por você.

Há o esboço de uma risada, e naquele momento eu sei que Nyelle ainda está comigo.

— Está um pouquinho frio, né? Eu não tinha percebido.

— Estar com você normalmente significa deixar de sentir os meus membros. Já aceitei o fato.

Ela estica o braço e pega minha mão.

— Mas você sempre parece estar tão quentinho. — Aperto a mão dela e a pressiono contra meus lábios. — Precisava sentir isso — diz ela, mansamente.

— O quê?

— A borboleta. — A palavra sai como um sussurro.

— O que isso significa? Foi seu desejo no silo, mas eu não entendi.

— Segurar sua mão. Isso faz eu me sentir como se houvesse uma borboleta voando no meu peito. Sinto alguma coisa quando a gente faz isso, e me ajuda a acreditar que tudo vai ficar bem.

— Tudo *vai* ficar bem — garanto, querendo acreditar nisso também.

— Eu sei. Sinto muito — diz Nyelle, rindo desconfortável e rapidamente ao enxugar uma lágrima que desce pelo seu rosto. — Eu não deveria ser assim. Você não deveria ver isso.

— Ei. — Eu me viro de lado e trago sua atenção para mim, com um dedo sob seu queixo, para que ela me olhe. — Você sempre pode me mostrar exatamente quem é. Não importa quem seja.

— Não tenho certeza de quem é esta — murmura ela, contraindo os lábios em um sorriso tenso para bloquear a emoção no interior. O sorriso forçado é muito parecido com o da sua mãe. Um arrepio perturbador corre pelo meu corpo.

— Quem você quer ser? — pergunto.

Ela pisca os olhos, confusa com a resposta. Acaricio seu rosto com a mão. Nunca me senti tão desamparado em toda a minha vida.

— Eu não sei. — Seus lábios tremem e ela não consegue se controlar. — Não sei mais.

Engatinho para mais perto e coloco seu corpo trêmulo no meu peito, querendo tirar tudo aquilo dela.

O que teria acontecido se eu tivesse feito algo naquela noite em que a ouvi gritar? E se eu não tivesse ido embora? E se eu tivesse entrado na casa dela para ajudá-la? E se eu tivesse sido o amigo de que ela precisava? Será que ela ainda estaria aqui, buscando a si mesma nas estrelas?

— Você pode ser quem quiser comigo. E não importará, eu prometo: boa, ruim ou maluca. — E não interessa qual dessas versões está me olhando; ela é a mesma garota. A garota que eu desejei a maior parte da minha vida.

Ela dá uma risada leve.

— Embora eu possa me arrepender mais tarde de ter dito isso — falo, esperando que Nyelle ria de novo, e ela ri.

Ergo seu queixo e pouso um beijo leve nos seus lábios.

— Tudo vai ficar bem — digo mais uma vez, mentindo para nós dois.

NICOLE

Agosto — antes do último ano do ensino médio

Desligo o celular e me recosto no banco do carro. Envolvo meus dedos no volante até que as juntas fiquem brancas e olho fixo para fora da janela. Preciso me acalmar antes de sair do carro. Há muitas pessoas ali. Não posso me descontrolar agora.

Pulo quando alguém bate na janela.

— Nicole, o que você está fazendo? — quer saber Ashley. Minha mandíbula se trava ao som da voz dela.

Desligo tudo. A tristeza. A raiva. A frustração. E *sorrio*.

— Estou indo — digo, largando o celular na minha bolsa de praia e abrindo a porta.

— Não acredito que finalmente estamos no último ano — relembra Heather enquanto andamos pela areia quente, procurando o melhor lugar para nos acomodarmos. Ou, como as garotas preferem, o lugar onde os caras mais bonitos estão.

— Ah, eu gosto dessa vista — anuncia Ashley, largando sua bolsa na areia.

Desdobro a toalha e Vi me ajuda a estendê-la enquanto Heather e Ashley observam a paisagem de corpos sarados.

Tiro minha regata pela cabeça e jogo sobre a bolsa. Bem quando estou para tirar meu short, um braço musculoso pressiona meu abdômen e eu sou erguida do chão. Grito de surpresa.

— Ei, amor — murmura Kyle no meu ouvido. Resmungo em silêncio, desejando que ele tire as mãos de mim. Ele se vira e me beija, forçando a língua na minha boca. Conto os segundos até ele terminar.

— Oi — falo, sorrindo para Kyle. — O que vocês estão fazendo aqui? Pensei que era dia das garotas.

— E perder de ver você de biquíni? De jeito nenhum. — Kyle pisca. Sinto ânsia de vômito. Então ele se curva e sussurra no meu ouvido: — Além do mais, você ficou longe o verão todo e eu não tive nenhum tempo com você.

Eu me afasto com os olhos arregalados.

— Não se preocupe. Vou confirmar sua história — diz ele, contrariado.

Tento relaxar, esperando que ele não fale demais. Kyle deve dizer que ele e eu estivemos em Malibu depois de eu ter passado quatro semanas em um curso de balé. Na verdade, estive com Richelle, e não na casa de praia da família dele. Mas luto para manter nossa amizade só para mim, para que eu tenha algo genuíno na minha vida, algo que ninguém mais possa tocar.

Ele me agarra.

— Mas ver você usando esse biquíni está me matando, saber que eu nunca vi o que está embaixo dele.

— Mas é por isso que eu deixo você ficar com quem quiser no campus — digo, baixinho, no seu ouvido. — Se você não contar, eu não conto.

Kyle está preocupado com sua reputação. Patético. Ele tinha convencido os caras da nossa cidade de que nós fazíamos sexo o tempo todo, e em troca, eu o deixo fazer sexo com quem quiser. Se o irmão caçula dele ou qualquer amigo riquinho descobrir que ele nunca me viu sem camisa, a não ser na praia, ele não sobreviverá.

Não posso acreditar que ele ainda não terminou comigo. Venho esperando por isso desde o último ano, quando ele partiu para a faculdade. Mas então, de novo, ele faz um acordo. Ele tem essa porcaria de reputação a manter na sua cidade natal… seja lá que reputação for. E pode honrar a vida de solteiro no campus.

— Onde está Wally? — grita Neil. Mantenho os dentes cerrados enquanto ele faz um passe e corre até Cal, jogando-o no chão. — Ah, desculpe, cara. Não vi você aí. — Os garotos à nossa volta riem de um jeito nojento.

— Então talvez você devesse tirar a cabeça do seu rabo — explode Rae, enfrentando-o, mas ela só chega à altura do peito dele. Eu contraio os lábios para não rir.

Craig ajuda Cal a se levantar. Eu o observo enquanto ele se limpa e ajeita seus óculos. Ele parece… mais alto. Mas ainda é magricela, o que na verdade não importa. Estou cercada de caras com corpos sarados — e eles ainda são cretinos.

Ele me olha, e por um momento não posso desviar o olhar. Naqueles poucos segundos, grito em silêncio que sinto muito que Neil seja um idiota. Que sinto muito não estar com eles na garagem de Rae, ouvindo músicas e bebendo naquele sofá feio que ela trouxe do porão. Que sinto muito não torcer alto o suficiente por ele nos jogos de basquete quando ele consegue jogar por, tipo, cinco minutos. Eu só… sinto muito. Quebro a conexão e me sento na toalha.

— Você não acha, Nicole? — pergunta Heather.

— Ahn? Ah, sim — respondo, tendo aprendido que é o único jeito de responder. Só concordando.

Dirijo de volta para casa, exausta e entorpecida, desejando que eu pudesse gritar bem alto. Mas, infelizmente, Kyle me arrancou uma carona, então tenho que manter o sorriso doentio.

— Busco você para a festa mais tarde? — confirma ele quando eu paro na frente da sua casa. — Às oito?

— Parece ótimo — respondo, com falso entusiasmo.

Ele se inclina para mim e me agarra, me beijando com violência. Eu deixo, lembrando a mim mesma de manter os olhos fechados até que acabe.

— Amor, é seu último ano — diz ele, se afastando, sem fôlego. — Você não acha que está na hora de a gente transar?

— Talvez — digo, sorrindo docemente. — Só quero que aconteça de forma natural, sabe? Quando for o momento certo.

Agora dá o fora do meu carro!

— Claro — concorda ele. — Vejo você mais tarde.

Quando entro em casa, não preciso mais me forçar a permanecer calma.

— Por que eu não posso ir para San Francisco neste fim de semana? — exijo saber enquanto minha mãe dobra as roupas lavadas.

Ela se endireita, surpresa com meu tom de voz assertivo. Um tom que eu nunca havia usado com ela.

— O quê?

— Eu deveria visitar Richelle neste fim de semana — explico, tentando me emendar. — Mas você ligou e me disse que eu deveria ficar em casa. Por quê?

— Vamos comparecer a um jantar de negócios com seu pai amanhã à noite. Ele precisa do nosso apoio — explica ela.

Fecho os olhos, tentando manter a calma.

— Você sabe por que é importante que eu a veja — digo devagar. — Este é nosso fim de semana. Não posso perdê-lo.

— Bem, seu pai é mais importante.

Eu desmorono.

— Sentar perto de você e de papai, sorrir como uma boneca de plástico barato enquanto ele puxa sacos por três horas *não* é importante. Ele não será promovido. Não vai receber aquele aumento. Ele vai ficar na mesma gerência medíocre em que está nos últimos quatro anos, mesmo que tenhamos que fingir que ele é o comandante do universo toda vez que entra por aquela porta. *Ele não é!* Não sei por que você o deixa tratá-la como se fosse sua escrava: cuidar das roupas, da limpeza e da comida dele. Sempre perfeita. Nunca querendo desapontar. Bem, talvez eu não ligue mais!

Estou tremendo de raiva. Minha mãe pisca para mim como se eu fosse um gatinho que ela acha adorável. Quero sacudi-la. Quero tirá-la dessa programação que não lhe permite ser humana.

— Já terminou?

Recuo. A falta de emoções das palavras dela parece um tapa.

— Seu pai e eu somos parceiros nesse casamento. Eu o apoio mantendo a casa limpa e preparando o jantar dele todas as noites, criando um ambiente calmo e respeitoso onde ele possa se sentir amado e apreciado. E ele lida com a decepção de ser ignorado, apesar de tudo o que dá para aquela empresa, ano após ano. Mesmo tendo se mudado para cá para preencher uma vaga para a qual era qualificado demais, para que pudéssemos ter esta vida. Para economizar para uma faculdade que ele nunca pôde frequentar, para que você pudesse ter essa vantagem que ele não teve. Então você *estará* nesse jantar. Você *será* educada. E você *não irá* desapontá-lo. Entendeu?

Vencida, entro na máscara da filha perfeita e concordo, entorpecida.

— Entendi.

capítulo 20

O sol brilhando através das janelas me acorda na manhã seguinte. Esfrego os olhos e me espreguiço, em dúvida se devo ou não cobrir minha cabeça e voltar a dormir.

Eu me viro de lado. Nyelle está acordada, me observando.

— Bom dia — diz ela baixinho, oferecendo um leve sorriso.

Resmungo, envolvendo sua cintura com meu braço e virando-a de lado para que suas costas fiquem pressionadas contra mim.

— Estamos acordados?

— Sim — diz ela. — Já tomei uma ducha e escovei os dentes.

— Então eu também deveria fazer isso. — Bocejo contra o travesseiro.

— Antes que você diga alguma coisa, embora eu saiba que você não vai dizer — começa ela, virando-se de lado. Entrelaça os dedos de leve na minha mão, que descansa na sua barriga. — Sinto muito pela noite passada. Fiquei meio assustada. Obrigada por ser tão paciente comigo. Tenho certeza de que não está sendo fácil.

Levanto a cabeça e presto atenção nela, tentando decifrar a qual paciência ela está se referindo. O fato de ela ainda estar perdida atrás de Nyelle, ou de ser Nyelle, pode ser um pouco… esmagador. Agora eu estou confuso.

— Sinto não ser quem você esperava que eu fosse — diz ela, os lábios contraídos em um sorriso de desculpas.

— Nyelle, você é *mais* do que eu algum dia esperei que você fosse — respondo de forma intencional. Não suporto a insegurança nos olhos dela. Preciso me livrar disso. — Eu não dou a mínima se não escovei os dentes, vou te beijar.

— Não, não — implora Nyelle, sorrindo. Empurro meu corpo entre as pernas dela e prendo seus braços acima da sua cabeça. Ela se contorce, tentando se livrar, rindo daquele jeito que faz toda a diferença. O riso que eu precisava ouvir. Fungo no seu pescoço e dou pequenos beijos nele. Seu corpo relaxa embaixo de mim, e suas mãos acariciam minhas costas.

Arrasto meus lábios pelo côncavo da sua clavícula e ela começa a ofegar.

— Espera — diz Nyelle de súbito. Eu não me movo. — Ahn… eu achei que você ia fazer o café da manhã pra gente.

— Café da manhã? Eu estava prestes a…

— Sim — diz ela, sentando-se e me empurrando para longe. Caio de costas com um gemido. É doloroso ser dispensado logo de manhã. Ou a qualquer momento, para falar a verdade.

— Ahn… não precisa nem sair da cama. Vou trazê-lo para cima. — Ela parece estranha.

— O que você está planejando? — pergunto, levantando a cabeça enquanto ela sai pela porta.

Ela dá um sorriso malvado.

— Eu já volto. Não saia daí.

— Estamos no meio da floresta! — grito, escutando seus passos pelo corredor. — Para onde eu iria?

Enquanto espero, decido tomar um banho rápido para me lavar da viagem, que ainda está presa na minha pele.

Parado embaixo da água, espero que hoje seja melhor que ontem. Tenho certeza absoluta de que não quero que seja pior.

Não estou negando as coisas que aconteceram nas últimas doze horas, mas preferiria não ter que pular de novo no fundo do poço de emoções logo de manhã. Seu pedido de desculpas já me bastaria.

Temos uma semana. Com certeza as coisas vão emergir antes que nosso tempo juntos termine. E quando emergirem, não será o melhor dia da minha vida. Então, só quero ser um idiota por um dia mais, se for possível.

Quando volto ao quarto, Nyelle está sentada na cama, usando uma camisa de flanela, com um lençol cobrindo suas pernas. Ela tem um sorriso ridículo no rosto, que me faz rir. Olho em volta, procurando uma tigela de cereais ou alguma coisa parecida.

— Ahn… o que há para o café da manhã? — pergunto, abrindo a gaveta em busca de uma camiseta.

— Eu — responde Nyelle, fazendo com que eu me vire. Antes que eu possa emitir um som, ela revela as pernas e há corações cor-de-rosa pintados nelas. Quando eu a olho de perto, vejo corações rosa em seu pescoço, esperando por mim por detrás do colarinho da camisa.

Sorrio, aliviado por ela querer estar nessa bolha de negação comigo. Seja lá o que for mudar tudo nas nossas vidas, pode esperar.

— Glacê?

Ela concorda.

— E nem sequer precisamos escalar uma árvore — digo, caminhando até a cama, repentinamente faminto.

Nyelle sorri de modo inocente enquanto me inclino sobre ela, provando seus lábios.

— Não há glacê aí — murmura ela, pressionando minha boca.

— Só pensei que pudesse ser um bom lugar para começar — retruco, passando pelo seu pescoço, até o coração pintado atrás da sua orelha. Levo um tempo encontrando cada lugar marcado estrategicamente para mim. Nyelle ofega com o toque da minha língua na sua pele doce enquanto desço pelo seu corpo, saboreando cada centímetro.

Com certeza, isso é a coisa mais sensual que já fiz. A respiração dela se acelera quando acabo com os corações escondidos que estão pintados nas suas pernas.

— Adoro café na cama — digo, voltando a seus lábios de novo. — Tão melhor que cereal.

— Você acabou de me comparar a cereais? — pergunta ela, ainda ruborizada.

— Por quê? Posso provar os dois todos os dias e ainda assim não me cansar de você — argumento, observando seu corpo nu. Não terminei com ela ainda. — Como isso pode ser ruim?

Ela inspira profundamente quando me deito sobre ela.

— Ah, não é.

— Você dormiu? — pergunta Nyelle, encostando em mim.

— Não — respondo, meio grogue, com os olhos fechados. A água quente é sedativa. — Mas eu poderia, tenho quase certeza.

— Estamos perdendo a espuma de banho — diz ela. A água assobia.

— Você quer sair? — pergunto, abrindo os olhos com um suspiro profundo. Me inclino e beijo o ombro dela.

Ela levanta as mãos à nossa frente.

— Meus dedos estão enrugados, então acho que é hora.

Nyelle usa as laterais metálicas da banheira para se levantar. Admiro a água que escorre da sua pele. Então afasto esses pensamentos, sabendo que não podemos passar o dia todo na cama. Ou… talvez pudéssemos.

— Estava pensando em ir caminhar um pouco — diz ela, enrolando uma toalha em torno de si.

— Parece que vai chover.

— Estamos no Oregon. Sempre parece que vai chover.

Sorrio, alcançando a toalha pendurada no gancho.

— Verdade.

— O que você diria se eu pedisse para te vestir? — diz ela, andando até o quarto.

— Você quer escolher minhas roupas? Eu não trouxe muitas opções.

— Não. — Ela ri. — Na verdade, quero vestir você. Gosto da ideia.

Faço uma pausa, prestes a soltar um comentário de como isso parece estranho. Mas então consigo me conter, relembrando de quando pensei que tomar banho no escuro seria uma péssima ideia. E agora aquelas recordações nunca me abandonariam.

— Se você quiser — respondo. — Você vai me deixar vesti-la?

— Claro — responde ela, com um sorriso na voz.

Observá-la se inclinando sobre mim para puxar minha calça para cima e então escorregar os dedos pelo zíper é algo muito mais excitante do que jamais imaginei. Estou tentado a pedir para ela tirar tudo de novo.

Quando chega minha vez, aproveito cada segundo, passando os braços dela pelo sutiã e chegando perto para abotoá-lo nas suas costas. Me ajoelho à sua frente enquanto ela entra na roupa de baixo, correndo minhas mãos para o alto nas suas pernas enquanto coloco a calcinha no lugar.

Beijo-a quando sua cabeça aparece pela gola do suéter. Então corro os lábios pelas suas coxas quando puxo a calça para cima. Faço uma pausa na pequena cicatriz na sua coxa direita, beijando-a gentilmente. Deslizo meus dedos por ela. É tão sutil depois de tantos anos. Não dei muita atenção a essa marca até agora, distraído demais por outras partes dela.

— Não acredito como ela é pequena — reforço —, levando em conta que foi causada por um galho atravessando sua carne. Pensei que Richelle…

De repente seu corpo fica muito tenso. Eu me encolho. Falei demais. Droga.

Nyelle alcança o alto da sua calça, puxando-a pelos quadris e abotoando. Fico parado, de boca aberta, desejando retirar o que disse. Mas o que devo fazer? Pedir desculpas? Fingir que não disse o que acabei de dizer?

Estou tão acostumado ao fato de que ela não recue à menção de Renfield ou a qualquer pessoa de lá. Mesmo nas poucas ocasiões em que Nyelle deixou uma lembrança escapar, ela não reagiu assim. Ela nem pareceu notar que fez isso. Mas agora está diferente. As memórias são como choques elétricos, acordando-a do esquecimento. E elas machucam. Como interrompo

essa dor?

— Ahn… você quer fazer panquecas? — pergunto, esperando distraí-la o suficiente para que possamos superar isso. Nyelle estava com tanta vontade de fazer panquecas que compramos uma caixa de mistura para massa quando viemos para cá. Estou desesperado por qualquer coisa agora.

— Não, está tudo bem — responde ela baixinho, sentando-se na cama e colocando as meias. — Acho que vou dar aquela caminhada antes que chova.

Eu a observo em silêncio enquanto ela amarra os coturnos. Ela ainda não me encara, e isso está me matando.

Quando ela se levanta, paro em frente a ela, com as mãos na sua cintura.

— Nyelle. — Ela olha fixo para o meu peito. — Por favor, olhe para mim.

Ela ergue o olhar com relutância para encontrar com os meus. Mas os desvia rápido quando a dor transborda e seus olhos brilham com lágrimas. Tento controlar minha expressão para que ela não perceba que estou tão apavorado quanto ela.

— Acho… acho que deveríamos conversar. — Droga, eu disse.

— Não quero conversar. Não posso — replica Nyelle, em um sussurro entrecortado. — Volto em um instante.

Ela passa por mim

— Espere. Não vá — imploro, seguindo-a pelo corredor. — Sei que está aborrecida. Não precisa esconder. Nyelle, você não precisa esconder quem é quando está comigo. Lembra?

Ela chega ao pé da escada e se vira.

— Estou bem — mente. — Só preciso andar um pouco e esvaziar a cabeça.

Sigo-a até a porta, tentando não impedi-la de partir.

Bato com as mãos na testa. Maldição.

Vou atrás dela? Dou um tempo? Estou tão fora da minha zona de conforto… Volto para cima para pegar meu celular.

Ando pela casa, em busca de um sinal. Nada. O céu nublado deve estar prejudicando a recepção.

Saio e seguro o celular no alto, esperando que *alguma* barra apareça. Logo que vejo duas, paro.

O som do celular tocando dispara, e eu fecho os olhos enquanto atendo.

— Cal? Aonde… estão?! — É Rae. A recepção está uma porcaria.

— Estou no Zac.

— Onde?

— Oregon. Na cabana do Zac — digo outra vez. Não vai ter jeito de conseguirmos manter uma conversa.

— Nyelle… com você — É tudo o que eu consigo ouvir dela antes de a ligação ser cortada.

Resmungo de frustração. Isso foi inútil. Ando por ali de novo, até a estrada de terra. Nada.

Sento nos degraus da cabana, e Henley trota até mim, sentando-se aos meus pés. Acaricio o alto da sua cabeça e olho fixo para a floresta por um tempo, esperando que Nyelle volte.

— O que você acha, Henley? Será que eu devo ir atrás dela?

Ele só olha para cima com a língua pendurada para fora da boca.

— Você está certo. *Ela* é a garota pela qual vale a pena batalhar — falo, coçando atrás da sua orelha. — Vamos buscá-la.

Exceto pelo fato de que, quando levanto, não tenho ideia de para onde ir. Estamos cercados de floresta. Nyelle pode ter ido para qualquer lugar.

Então começo a andar, seguindo o caminho mais provável. Depois de quinze minutos, paro. Isso é inútil. Então eu me lembro…

— O lago — digo para Henley, que vira a cabeça ao som da minha voz.

Eu me recomponho e me dirijo até a trilha que leva ao lago. Não sei por que não pensei em ir lá primeiro. Estou esperançoso de que ela tenha seguido para lá, ou algo assim. De qualquer maneira, não há nada a perder.

Estou na metade do caminho quando percebo um movimento pelo canto dos olhos. Henley para, escutando atento. Então ele sai correndo. Eu deveria tê-lo deixado me guiar até ela.

Corro atrás dele passando pelas árvores e pela vegetação rasteira.

Diminuo o passo quando a vejo ao longe. Henley está parado mais adiante, me esperando segui-lo.

É uma clareira, com as árvores cercando um trecho grande de musgo que atapeta a floresta. E no meio daquilo tudo está Nyelle. E ela está… dançando.

Tenho medo de continuar. Não quero que ela pare. A ideia de vê-la girando no meio das árvores parece insana. Mas ela está tão graciosa se movimentando que na verdade está… bonita.

Eu me aproximo, esperando que ela não me perceba. Então noto que está com fones de ouvido.

Encosto em uma árvore e a observo balançar as mãos no ar, abaixando-as e esticando uma perna em direção ao céu, com o pé descalço fazendo uma ponta.

Sabia que ela dançava. Nunca a vi se apresentar. Assistindo a isso, desejo ter visto.

Ela dá um pulo, em um movimento de arco. Quando toca o chão, Nyelle se agacha numa pose sentada com as pernas dobradas em ângulos elegantes e com os braços dobrados por baixo delas. E então ela não se move.

Eu me aproximo lentamente dela. Ela ainda está agachada, com a cabeça pousada nos braços. Seus ombros sacodem enquanto ela busca o ar, ofegante. Ela está chorando.

Henley dá uma corridinha até ela, enfiando o focinho no seu rosto. Nyelle ergue a cabeça, olhando direto para mim com lágrimas correndo pelo rosto. Tira os fones de ouvido sem se erguer.

Mantendo meu olhar fixo naqueles olhos azuis que eu decorei há tanto tempo, faço uma pergunta.

— Quem é Nyelle Preston?

RICHELLE

Maio — último ano do ensino médio

— Gosto de ficar aqui fora — digo, deitando no cobertor e observando as estrelas

— Talvez não devêssemos ficar aqui fora por tanto tempo. Está esfriando — retruca Nicole, com as mãos dobradas sobre a barriga.

— Nada parece importar quando eu olho para as estrelas — continuo, sem me preocupar com a friagem do ar. — Elas estão cheias de possibilidades, e podem tornar tudo melhor só de fazermos um desejo para elas.

— Sempre pensei nelas como tudo que eu não fiz e desejei ter feito. Os momentos que eu quero de volta, para reviver.

— Seus *e se* — declaro.

— Sim.

— Bem, todas as vezes que você vir um rastro no céu, guarde-o com você. Faça o que você quiser fazer de novo.

Nicole deixa uma pequena risada escapar.

— Eu gostaria de poder.

Ficamos deitadas em silêncio. Nicole foi minha melhor amiga a maior parte da minha infância. Todas as memórias felizes estão conectadas a ela de algum modo. Mas uma parte de mim sempre vai se preocupar com ela. Não posso evitar.

— Você é feliz? — pergunto.

— O quê?

— Tudo o que eu sempre quis foi que você fosse feliz. Você coloca tanta pressão sobre si mesma para ser o que todos esperam de você. Tenho medo de que você não seja feliz.

— Eu sou quando estou com você. Você é a única pessoa que não espera que eu aja de uma certa maneira. — Ela faz uma pausa. — Às vezes, eu gostaria de ser tudo o que não sou. Espontânea. Ousada. Fazer algo só porque é divertido. Não ligar para o que as pessoas pensam de mim. Ou como eu ajo. Só ser… eu.

— Acho que você deveria fazer isso — eu a encorajo, sorrindo só de pensar em Nicole sendo outra coisa que não educada e comportada.

— Eu gostaria — suspira ela.

— Esse é seu primeiro *e se* — declaro. — Na próxima estrela cadente que virmos, você vai conseguir ser *você* mais uma vez.

Nicole ri.

Ficamos apenas deitadas lá por um momento, observando o céu e esperando pela segunda chance.

— Richelle?

— Sim — respondo, ainda observando o céu à procura de um movimento. Penso ter visto um, mas é um avião.

— Você é… você é feliz?

Há uma hesitação na sua voz que me faz alcançar sua mão e apertá-la.

— Hoje eu estou feliz. — Nicole aperta minha mão. — Você me faria um favor?

— Qualquer coisa — ela responde rapidamente. Rápido demais.

— Eu me preocupo com você, sabia? Como você é quieta. O que deve estar passando na sua cabeça. Todos à espera de que você seja… perfeita. Eu sei que você deve ficar triste, e brava, e frustrada. Apenas… deixe isso tudo ir embora.

— Não posso gritar sempre que as coisas ficam uma porcaria.

Continuo absorta nas luzes faiscantes sobre mim.

— Então… deixe que as estrelas resolvam isso e façam as coisas melhorarem. E quando o sol se levantar e as estrelas desaparecerem, elas levarão toda a dor com elas.

— Até a próxima noite, quando elas estarão aí para me lembrar de tudo que é uma droga.

— Não, porque então elas serão possibilidades de novo.

— Essa sua filosofia toda é confusa.

Eu rio.

— Sim. Não sei se consigo fazer sentido ainda.

— Bem, eu nunca mais olharei para as estrelas sem pensar em você — diz Nicole, segurando minha mão com força.

— Nada mal.

Um raio de luz passa sobre nós. As duas levantam os braços ao mesmo tempo para apontar.

— Aí está. Agora você pode ser ela. A garota bagunceira, louca, imprevisível que você sempre quis ser.

Nicole suspira com pesar.

— Meninas — minha mãe nos chama do deque dos fundos da cabana. — Venham para dentro. A última coisa que vocês precisam é pegar um resfriado.

— Não é por isso que estamos aqui? Para pegar um ar fresco? — pergunto.

— Richelle — diz minha mãe, com severidade.

— Indo! — retruco.

— Está tudo bem — Nicole garante. — *Está* muito frio aqui fora.

Eu me sento.

— Ah! Talvez ela faça chocolate quente pra gente!

capítulo 21

— Por favor, você pode me contar? Quem é Nyelle Preston? — pergunto outra vez, depois do que parece ser uma hora em que estamos apenas nos olhando.

Nyelle encolhe os joelhos, abraçando-os enquanto permanece sentada no chão coberto de musgo.

— Uma mentira que eu quis que fosse verdade.

— Ela parece ser real para mim. Como ela pode ser uma mentira?

Nyelle fecha os olhos, os cílios com lágrimas. Quero tocá-la. Abraçá-la. Mas tenho medo de não conseguir encontrar o que vim procurar.

Seus olhos azuis doloridos se cruzam com os meus.

— Eu não queria minha vida. Não queria sofrer mais. Então me transformei na mentira pela qual eu ansiava.

Nyelle baixa os olhos e deixa escapar um suspiro, como se tentasse liberar o sofrimento junto com o ar. Não faz o menor sentido. Não tenho certeza de quanta informação voltou à consciência dela. E quanta ainda está aprisionada embaixo da mentira na qual ela se convenceu a acreditar.

— Você me reconheceu naquela noite, na festa de Halloween?

— Não de cara. Você está diferente — diz ela, mordendo os lábios. — Mas, quando soube que era você, tentei manter distância. Tentei tanto, porque você me lembrava de tudo que eu precisava esquecer. Mas, a cada vez que eu o via, queria vê-lo de novo. Então, eu pude conhecê-lo como se fosse a primeira vez.

— Então o que houve com Nicole? — pergunto. Em algum ponto entre a cabana e este lugar, encontrei coragem para perguntar tudo que tenho mantido sufocado todo esse tempo. Não estou falando que é fácil vê-la se inclinando como se quisesse se dobrar sobre si mesma e desaparecer. Mas, se vou lutar por ela, ela também precisa lutar por si mesma, seja lá quem for.

Nyelle apoia a cabeça no braço, fixando o olhar no chão coberto de musgo.

— Eu desejei que ela se fosse. — Ela dá um grande e triste suspiro. Suas respostas enigmáticas ainda me confundem. E se Nyelle estiver presa nessa mentira há tanto tempo que não consegue encontrar o caminho de saída?

Uma gota de chuva pousa no seu braço. Olho para o céu, que decidiu que agora é o momento perfeito para se derramar sobre nós. Claro.

— Vamos voltar para a cabana — sugiro, me aproximando para ajudá-la a se levantar.

Nyelle calça as meias e botas antes de aceitar minha ajuda.

Estou quase correndo quando a chuva despenca. Mas Nyelle caminha, inabalável. O que é exatamente o que eu esperaria dela. O dossel de folhas verdes nos protege da chuva mais pesada. Mas ainda assim estamos ficando molhados.

— Por que você desejou que ela se fosse? — pergunto depois de um minuto andando com os olhos no chão, nosso silêncio me sufocando.

Nyelle olha para mim com um sorriso engraçado, como se não entendesse o motivo da pergunta.

— Ela… é a garota que eu costumava ser, correspondendo às expectativas de todos. Ela não era real, e eu não quero mais ser aquela garota. — Ela morde os lábios, tentando não chorar de novo. — É tão duro me lembrar dela. O que eu era. Mas não sou ela. Não mais.

— Porque você recomeçou — concluo. — E isso não é uma coisa ruim. Eu acho. Você não está mais feliz sendo Nyelle… sendo você?

Nyelle para e se vira em minha direção, com os olhos brilhantes.

— Sim — suspira. — Estou. Mas e se isso não for quem realmente sou? E se eu quisesse tanto ser Nyelle que acabei me perdendo pelo caminho?

Eu a alcanço. A distância entre nós é tão grande quanto um cânion, e eu não suporto mais. Ela não resiste quando a envolvo com meus braços.

— Não acho que você está perdida. Você só se permitiu ser quem sempre quis ser. E isso a faz feliz — digo, por entre seus cabelos, beijando-a no alto da cabeça. — E você me fez feliz junto com você. Então, no que me diz respeito, você *é*… você. Exatamente quem você deveria ser.

Ela me observa, com um traço de sorriso, as lágrimas se misturando à chuva, que inunda seu rosto.

— Senti sua falta.

— Senti sua falta também — digo, beijando seus lábios macios e molhados. — Por que eu tive que perder você por todos esses anos?

Ela se afasta, limpando as lágrimas do rosto e balançando a cabeça. Ela ainda não está pronta para essa parte. Falar no que a faz sofrer.

Voltamos a caminhar. Não quero fazer mais perguntas. Não posso. Dei tudo de mim para tirar esse tanto dela. Meu peito está tão apertado de ansiedade que estou surpreso de ainda respirar.

— Fiz uma promessa. — O sussurro de Nyelle mal chega a mim através da chuva.

Ela para na minha frente na beirada da floresta, de onde já se avista a cabana, as mãos fechadas com firmeza.

— Você ainda precisa manter a promessa? — pergunto. Estou observando as duas metades dela se rasgarem enquanto ela luta com o que precisa me dizer.

Nyelle balança a cabeça.

— Mas eu a mantive por tanto tempo que não sei como não cumpri-la. — Ela cobre o rosto com as mãos, soluçando.

Seus ombros sacodem a cada vez que ela respira, torturada, e isso me mata. Não consigo suportar. Com um simples toque da minha mão no seu ombro, ela desaba sobre mim, incapaz de se manter de pé.

— Está tudo bem — eu a consolo, abraçando-a com força. — Você não precisa me contar.

— Eu vou — resmunga ela contra minha camisa ensopada. — Eu preciso. É só que… dói. Ainda dói tanto.

Henley começa a latir. Espio por sobre a cabeça de Nyelle quando o carro da minha mãe aparece. Nyelle se vira nos meus braços, ainda apoiada em mim. Ficamos parados, observando minha mãe e Rae saírem do carro na frente da cabana.

Mantenho os braços em volta dos ombros de Nyelle e dou um passo adiante. Mas ela não se mexe.

— Cal, nós estivemos procurando por vocês — diz minha mãe debaixo de um guarda-chuva. Meu estômago se contrai à vista da sua sobrancelha erguida. Os olhos dela se apertam, fitando Nyelle, então se arregalam quando ela a reconhece. — Nicole?

— O que houve? — pergunto, mas não quero de fato saber o que provocou as manchas vermelhas sob os olhos de Rae. Eu me preparo.

— Você sabe — diz Nyelle ao meu lado, retomando minha atenção. Ela está observando Rae.

Rae concorda.

— Eu sei.

NICOLE

O dia seguinte à formatura do ensino médio

Observo as estrelas, desejando que levem minha dor embora. Mas eu sei que, se elas conseguissem, não restaria nada de mim.

Uma estrela cadente passa voando por sobre minha cabeça.

Fecho os olhos, as lágrimas pulam e rolam pelas minhas têmporas, ensopando meu cabelo.

— Gostaria de ser tão corajosa quanto você — murmuro para as estrelas. — Gostaria de rir mais. Gostaria de arriscar mais. Gostaria de ser a garota que você vê em mim. Por favor, me faça parar de sofrer e prometo que serei essa garota. Eu prometo deixar tudo passar… e ser feliz… por você.

— Nicole? Nicole, é você? — chama minha mãe, por entre as plantas baixas que margeiam nosso jardim. — O que você está fazendo aí?

Ela sai das sombras.

— Você tem ideia de como é tarde? — continua. — Seu pai vai chegar em casa logo. Ele foi ao jantar sozinho porque *você* desapareceu o dia todo. Agora saia do gramado do vizinho e vá se limpar antes de ele chegar.

— Você está brincando? — explodo, olhando para ela. Deixo escapar uma risada sem humor. — Claro que não está. — Eu me obrigo a sair do chão. E passo por ela intempestivamente, a caminho de casa.

— Limpe-se e volte aqui para baixo para cumprimentarmos seu pai — ordena minha mãe quando entramos no saguão.

Meus dentes rangem. Posso provar a raiva amarga se formando na minha língua. Dou a volta, rápida como um chicote, e ela me olha com curiosidade.

— Você sabia! Você sabe há *dois dias* e não disse uma palavra!

— Você era oradora da sua formatura — responde minha mãe, com tanta calma que eu quero rasgá-la, certa de que há fios mantendo-a de pé. — Preferimos não tirar a importância do seu dia.

— Ela é minha melhor amiga! Minha *única* amiga! — berro, tremendo. — Você não podia tirá-la de mim dessa maneira! Você não tinha o direito!

— Somos seus pais — retruca ela. — Temos todo o direito de fazer o que achamos ser melhor para você.

Um carro para na garagem. Os olhos da minha mãe se voltam instintivamente para a porta. Ela olha para mim.

— Vá se limpar.

— Vá para o inferno! — grito, com as mãos tão apertadas que minhas unhas se enterram na palma das mãos. Um momento depois, meu pai entra em casa parecendo estar um pouco fora de si. O que é estranho. Nunca o vi alterado. Seus olhos frios se estreitam sobre mim, tentando compreender a situação.

— Ficar nervosa não vai melhorar as coisas. — Sua voz profunda ecoa através de mim, apesar do seu esforço para parecer calmo.

Eu trinco os dentes.

— Vocês controlaram tudo na minha vida, mas isso não. Vocês não podem me dizer como me sentir.

Ele anda devagar até mim, e eu recuo. Ele ergue a mão, como se estivesse se aproximando de um animal ferido.

— Você precisa se acalmar.

— Não me toque!

Ele para, petrificado pela minha provocação.

— Você não pode fazer isso desaparecer fingindo que nada aconteceu. — A raiva toma conta de mim, me dando forças. — Porque, se for assim, você pode me apagar também, papai. Ela era a única coisa real que eu tinha, e sem ela eu não sou ninguém.

Continuo a me afastar dele e minhas costas batem no aparador, balançando-o. O arranjo de flores meticulosamente colocado ali balança e cai no chão. Minha mãe leva a mão à boca.

Desabo sobre os joelhos, soluçando entre as mãos.

— Recomponha-se e seja a menina que eu criei. *Esta* não é quem você é. — Ele parece desapontado.

Ergo a cabeça e o enfrento.

— Talvez eu não queira mais ser sua garotinha perfeita. — Enfio meus punhos no vidro espalhado por todo o chão, retalhando a filha imaculada dele.

— Nicole, pare! — exige ele.

Olho para ele e ergo meus punhos fechados, batendo-os outra vez contra o vidro quebrado. Não sinto nada. Os cacos rasgando minha carne não são suficientes para mascarar a dor que me rasga as entranhas.

— O que você pensa que está fazendo? — berra meu pai, sua voz preenchendo toda a casa.

— O que foi? Não estou bonita o suficiente? Ou inteligente o suficiente? Ou perfeita o suficiente? — desafio, rasgando a embalagem bonita e deixando o que está aprisionado dentro de mim a vida inteira vir à tona.

Ele contorce o rosto, repugnado diante do que vê.

— Nicole, você está sangrando por todo o chão! — grita minha mãe.

Eu olho fixo para o meu pai, desafiando-o, enquanto enfio os punhos de novo no vidro quebrado.

Meu pai se vira.

— Chame o dr. Xavier. Diga a ele para usar a porta dos fundos. — Minha mãe corre para a cozinha.

— Eu *desapontei* você, papai?! — grito eu. Mas ele já está na porta da frente.

E eu estou sozinha.

Desabo sobre o sangue espalhado na madeira envernizada e choro, lamentando a perda de nós duas.

capítulo 22

— **Richelle está morta** — solta Nyelle de um fôlego só.

Eu a encaro. Não ouvi direito, não é possível. Não é possível que ela acabou de dizer que…

Eu me viro para Rae. Lágrimas caem dos seus olhos. Eu *nunca* a vi chorando. Nem mesmo quando ela quebrou a perna caindo do skate.

Olho para a minha mãe. Ela contrai os lábios, e seus olhos se encontram com os meus em uma desculpa silenciosa.

— Não — falo, balançando a cabeça. — Não. Ela não está. Ela não pode estar.

— Cal, sinto muito — diz minha mãe, dando um passo na minha direção. — A mãe dela ligou… depois de ouvir sua mensagem.

— Não entendo — respondo. — Como?

— Vamos entrar — encoraja minha mãe, tomando a frente.

Continuo parado na chuva, incapaz de me mover. Algo quente está grudado na minha mão. Olho para baixo, e há outra mão segurando-a.

— Vamos entrar — diz Nyelle gentilmente. Fito seus olhos azuis atormentados em busca de algum conforto. Mas eles estão tão cheios de dor que gritam.

Caminho ao lado dela até os degraus, onde Rae nos espera. Tropeço no primeiro degrau e me agarro ao corrimão para não cair, embora pareça que eu caí — de um abismo de cem metros, sobre pedras pontudas.

Nyelle aperta minha mão, e Rae para, mas elas não dizem nada. Eu me endireito e entro na cabana.

— Por que vocês não vão vestir roupas secas? — sugere minha mãe.

— O que houve com Richelle? — exijo saber.

— Ela estava com leucemia — diz Nyelle.

Eu me viro para encará-la.

— Você sabia… — Eu paro. No meio do caos instalado na minha cabeça, tudo fica claro. — Foi essa a promessa que você fez?

Ela concorda com a cabeça, o queixo tremendo.

— Você prometeu a ela que não nos contaria que estava com câncer? — pergunta Rae, como se a acusasse de traição.

Nyelle morde os lábios.

— Richelle não queria que vocês soubessem. Ela achava que vocês a tratariam de um jeito diferente porque ela podia… morrer — explica, com a voz tremendo. — Richelle pensou que, quando melhorasse e voltasse a viver em Renfield, vocês nunca precisariam saber. Como se nada tivesse ocorrido. — Ela engole em seco. — Mas você não pode fazer isso desaparecer fingindo que nada aconteceu.

Nyelle levanta os olhos e se conecta comigo, como se soubesse que eu estivera lá e a ouvira dizer aquelas palavras a seu pai.

Minha boca se abre. Foi isso que eu entreouvi.

— A formatura — concluo. — Era por isso que você estava chorando.

— Richelle morreu no dia anterior.

Nada se mexe. O ar está tão parado que eu posso jurar que a Terra parou de girar.

— É por isso que você é Nyelle, não é? — deduz Rae, quebrando a imobilidade. — Você combinou seus nomes.

Nyelle fecha os olhos, liberando um fluxo enorme de lágrimas.

Esfrego o rosto, mesmo sem poder senti-lo, e subo as escadas. Não consigo fazer isso.

— Cal — chama minha mãe, e eu me viro. — Não se isole de nós, certo? Troque de roupa e volte aqui para baixo.

Concordo com um aceno e continuo até o quarto, fechando a porta atrás de mim.

Eu me apoio contra a porta com a palma apertada na testa, tentando bloquear tudo e despertar desse pesadelo estranho.

Chuto minhas botas para longe e tiro o suéter ensopado, jogando-o no chão. Vou até a cômoda, mas minhas pernas cedem. Estou inclinado no chão quando sinto seus braços quentes me envolverem. Ela aperta o rosto contra minhas costas. Me sinto como se estivesse afundando e ela fosse a única coisa que pode me impedir. E eu me concentro em respirar, porque é tudo o que posso fazer.

Quando Nyelle me solta, eu me endireito devagar, sentando no chão com as costas na lateral da cama. Nyelle desliza para junto de mim. E Rae desce da cama para sentar do outro lado. Passo o braço em torno de Nyelle e aperto a mão de Rae. E então ficamos sentados em silêncio. Nada se move. Só… ficamos sentados.

— Foi por isso que ela se mudou para San Francisco? Porque estava doente? — Minha voz por fim consegue sair. Sombras enchem o quarto, então eu só posso supor que o sol se pôs.

— Sim — responde Nyelle com um suspiro.

— Mas eu falei com ela o tempo todo. Richelle nunca… eu não sabia. Eu me sinto como se devesse ter percebido.

— Não é desse jeito que ela queria que você se lembrasse dela. Richelle não queria que você a visse doente — explica Nyelle, com o rosto comprimindo meu peito e os braços em volta da minha cintura. — Ela só queria voltar para Renfield, para vocês, quando vencesse a doença. Entrou em remissão por um curto período, e estava animada porque seus pais falaram em voltar. Mas então… a doença reapareceu.

— Nós éramos seus melhores amigos. Merecíamos saber. Deveríamos ter estado lá com ela — diz Rae, com a voz esganiçada pela raiva.

— Mas não é o que ela queria. Era tão importante para Richelle que vocês só se lembrassem dela feliz e cheia de vida. — Nyelle dá um suspiro entrecortado, e eu a abraço. — E Richelle era *sempre* tão cheia de vida, mesmo quando se sentia tão mal depois da quimioterapia. Ou quando tinha que receber uma transfusão de sangue. Não permitiu que nada a derrubasse.

Não posso imaginar Richelle doente. Mas posso vê-la desafiando a doença, determinada a melhorar. Isso é a cara da garota corajosa e cheia de opinião que eu conheci.

— O que vocês estão fazendo? — pergunto enquanto me aproximo das garotas no limite da

grama alta atrás da nossa casa.

— Cal está aqui! — Rae anuncia. — Vamos fazer outra coisa.

— A gente ainda não terminou — diz Richelle com firmeza. Então ela me olha. — A gente está fazendo colares de flores. — Ela torce o caule de duas margaridas um em volta do outro.

Nicole está trabalhando em um fio rosa e roxo. E Rae tem um punhado de flores cortadas à sua frente.

— Você deveria ficar, e a gente faz um casamento de mentirinha — sugere Richelle, entusiasmada. — Você e eu podemos ser os noivos. Nicole será a dama de honra e Rae, a garota das flores.

— A garota das flores? — Rae devolve, atirando a mão cheia de flores em Richelle.

— Ahn, acho que vou ver o que Brady e Craig estão fazendo — digo, recuando devagar.

— Empurra a gente com mais força! — grita Richelle, de pé no balanço de pneu, segurando as correntes com a cabeça inclinada para trás.

Corro até o pneu e empurro o mais longe que posso antes de sair do seu caminho. O pneu começa a girar enquanto voa de volta.

— Acho que vou vomitar — anuncia Rae.

Nicole e Richelle começam a rir.

— Mais alto, Cal! — exige Richelle de novo com um sorriso imenso no rosto. — Quero tocar as estrelas.

— "I want your love. Oh, baby, I want your love…" — canta Richelle, parada no sofá xadrez laranja que acabamos de trazer do porão.

— Essa música é uma droga. Essa música é uma droga — a voz de Rae ecoa ao fundo.

Richelle a ignora.

Nicole faz a melodia com o teclado e eu, basicamente, finjo tocar guitarra. Somos horríveis. Tenho certeza de que há cachorros uivando em algum lugar da vizinhança.

Richelle se inclina no encosto do sofá e faz um final dramático.

— "I want your love tonight."

Richelle está tão imersa no seu papel que não dá a mínima para a sua aparência, o que me faz rir.

— Era assim que a gente deveria fazer isso? — pergunto, recuando e olhando para ela, nervoso. Quero limpar a saliva da minha boca, mas não quero ferir seus sentimentos.

— Pareceu bem razoável para mim — diz Richelle com um sorriso. — Mas talvez a gente devesse continuar praticando.

— Tudo bem. — Não vou discutir com ela.

Eu me inclino para a frente para beijar sua boca macia, desejando praticar o dia todo se precisarmos. Se ela me deixar.

— Então acho que a gente se vê em Crenshaw.

— Eu nunca mais vou vê-la — digo sem conseguir acreditar, relembrando suas palavras como se ela estivesse ali.

— Você estava lá quando ela morreu? — pergunta Rae. — Você viu…?

— Não — responde Nyelle baixinho. — Eu só soube depois que aconteceu. Mas eu a visitei sempre que pude. Fui à clínica com ela quando fez quimioterapia. Sentei na sua cama no hospital e falei sobre coisas bobas para distraí-la. E deitei sob as estrelas com ela, desejando que elas a fizessem melhorar.

Fecho os olhos e engulo, mesmo com a garganta apertada.

— Ela fez você manter a promessa — luto para dizer. — Você a via morrer, e não podia falar para ninguém sobre isso.

— Eu a via *viver* — reforça Nyelle, em lágrimas. — Todos os dias que eu estava com Richelle eram mais dias que eu tinha para rir com ela, ou para planejar nossas vidas juntas. Ela ainda é a pessoa mais corajosa que já conheci.

— Então nós perdemos vocês duas por causa dessa promessa, mas mal temos uma das duas de volta — diz Rae, apoiando a cabeça contra a cama com um suspiro, tentando lutar com a emoção presa na sua garganta. — Odeio isso.

— Sinto muito — diz Nyelle com sinceridade. — Eu a teria perdido se tivesse contado a vocês. E ela era minha melhor amiga. A única pessoa que me conhecia. Eu não podia… Eu não queria magoar vocês. Sinto tanto.

Nyelle para, incapaz de continuar, enfiando o rosto no meu peito. Acaricio seu braço e beijo o alto da sua cabeça.

Nyelle limpa o rosto e respira fundo antes de recomeçar.

— Ela queria começar uma banda com você, Rae. E…

— Por favor, não me diga que ela queria cantar — explode Rae.

Encaramos Rae. Seu rosto está úmido de lágrimas, e seus olhos estão vermelhos. Ela levanta as mãos em sinal de rendição.

— O quê? Ela era uma cantora *horrorosa.*

Comprimo os lábios para não sorrir. Nyelle solta uma pequena gargalhada. Rae começa a rir também, me fazendo sorrir. O sorriso é gostoso, mas parece estranho. Misturado à tristeza. Porque, por debaixo dele, meu peito parece ter desmoronado.

Nyelle fixa o olhar em mim.

— Ela era apaixonada por você.

— Eu sabia! — exclama Rae, como se tivesse acabado de ganhar uma aposta.

Eu olho para ela.

— Sério?

— Cara, você não se toca quando o assunto é garotas. Eu tenho certeza. — Ela se inclina, rindo.

Viro os olhos e faço a próxima pergunta para Nyelle.

— Eu a machuquei quando contei a ela sobre Lily, não foi?

— Sim — diz Nyelle, com a expressão solidária. — Mas não é sua culpa. Você não sabia.

Fico em silêncio. Sou tão idiota. Ela parou de falar comigo por causa de uma garota que não significou nada para mim. Tudo porque não pude ver como ela se sentia a meu respeito.

— Ela te perdoou — diz Nyelle, como se lesse minha mente. — Ela tentou te ligar alguns meses depois, mas você nunca retornou. Então ela pensou que tinha estragado tudo.

— O quê? Não tive notícias dela.

— Ah. — Rae suspira quando percebe o que houve. — Foi naquele verão em que seu pai trocou os números de telefone da sua casa e da empresa. Lembra como você ficou bravo?

— Você deve estar brincando comigo — resmungo. — Deveria ter tentado mais. Não devia ter desistido dela.

Olho para o chão e fecho os olhos. O arrependimento é um monstro hediondo, mordendo fundo e colocando sal nas feridas quando você tenta se curar. Eu deveria ter lutado por ela.

Nyelle e Rae ficam em silêncio.

— Estou tão brava — diz Rae depois de um tempo. — Não posso evitar. Eu estou.

Nyelle olha de um para outro com um pequeno sorriso.

— Tenho uma ideia que pode ajudar.

— Não quero sorvete — reclamo.

Nyelle ri.

— Não, não isso. — Ela se levanta do chão. — Ponha uma camisa. Vamos lá fora.

Eu me viro para Rae. Ela me olha e resmunga.

— Vamos.

Suspiro, resignado, e me obrigo a me levantar. Meu corpo está tenso e cansado. Leva um minuto para que eu me recomponha antes de colocar uma camisa de mangas compridas. Calço minhas botas, sem me preocupar em amarrá-las.

Minha mãe nos observa descer as escadas sentada no sofá, com Henley enroscado a seus pés.

— Como vocês estão, meninos? — pergunta ela, hesitante.

— Estou morta de raiva — anuncia Rae. — Então Nyelle vai me ajudar a lidar com isso.

Minha mãe concorda lentamente, tentando digerir a informação.

— Bem, eu também estou aqui. Imaginei que eu deveria dar algum espaço para vocês três por um tempinho.

— Obrigado, mãe.

Caminhamos até a varanda.

— E agora? — pergunta Rae.

— Grite — Nyelle diz a ela.

Rae a olha como se ela fosse maluca. Então ela se lembra. No dia em que nós — bem, em que Richelle — mudamos as notas de Nicole, e ficamos nos fundos da escola e liberamos todas as nossas frustrações.

— Tudo bem — responde Rae, agarrando a grade.

Nyelle e eu nos acomodamos ao lado dela, de frente para a floresta escura.

Rae inspira profundamente e então solta. Seu grito é penetrante. Sei que é assustador para os pequenos animais da floresta. E então Nyelle começa a gritar junto com ela, um grito tão alto e carregado de emoção que poderia partir todas as janelas da casa.

Vou ao fundo das minhas emoções e pego todas as porcarias que foram jogadas em mim

hoje e as liberto também, deixando minha dor e minha raiva ecoar na escuridão.

Ficamos parados na varanda, lado a lado, gritando para o mundo que nos tirou Richelle. Gritando com ele por nos deixar aqui para criar memórias sem ela. Momentos dos quais ela merecia ter feito parte. Pelos anos em que eu não estive lá, quando ela estava doente. Pela amizade que eu perdi. E toda a dor que eu causei. Gritei por todos nós, até que não restasse nada.

Terminamos, e meus ombros doem de exaustão. Rae desaba contra mim, esgotada. Eu a abraço, e então Nyelle se aproxima por detrás dela e a abraça também. Se Richelle estiver vendo isso, está rindo, porque sei que estamos ridículos.

— Sinto falta dela — digo baixinho, ainda abraçando as meninas. — Senti falta dela por um longo tempo.

— Sinto falta dela todo dia — sussurra Nyelle, olhando para mim e para Rae.

— Tudo bem, me larguem — exige Rae. — Já acabei. Não posso mais chorar, gritar ou fazer mais nada. Vou desmoronar.

Eu dou uma risadinha, soltando-a. Nyelle a vira, agarrando seus ombros, e a beija na boca. Acontece tão rápido que Rae parece hipnotizada.

— Eu amo você, Raelyn — declara Nyelle.

Eu luto para não rir, mas falho.

— Rae, eu…

— Não ouse — avisa ela. — Já houve muito contato físico acontecendo aqui esta noite. Não posso lidar com toda essa droga de amor também. — Ela entra determinada na cabana.

Nyelle se vira para mim, ainda rindo comigo. É *bom* ouvi-la rir.

Quando ela me olha nos olhos, sua risada vira um sorriso delicado. Eu não desvio o olhar, acariciando o rosto dela com meu polegar.

Meu coração está disparado quando abro a boca para dizer…

— Vocês vêm? — chama Rae, da porta. Minha mão se perde, junto com minhas palavras, enquanto viramos para a porta.

Enfio a cabeça no quarto ao lado do meu, onde Rae está deitada na cama com fones de ouvido cobrindo as orelhas, usando as baquetas no ar em um ritmo silencioso. Quando percebe que estou na porta, ela se senta e coloca os fones em volta do pescoço.

— Você viu Nyelle? — pergunto a ela.

— Não. Ela estava lá embaixo com sua mãe mais cedo — ela responde. — Não está lá?

Sacudo a cabeça. Passei as últimas horas na oficina, me distraindo com peças de moto, tentando não pensar em como toda essa coisa é complicada — Richelle morrendo de câncer, Nicole se transformando em Nyelle para lidar com o fato, e tudo acontecendo à minha volta sem que eu saiba disso.

— Você vai voltar para Renfield com a gente amanhã? — pergunta Rae, se levantando.

— Vou ficar aqui para trabalhar — digo a ela.

— Acho que Nyelle vem com a gente.

Sinto meus ombros endurecerem.

— Ela vai?

— Acho que era sobre isso que Maura estava falando com ela lá embaixo. Ela se ofereceu para ajudá-la a conversar com os pais.

— Onde ela está, Rae? — Corro escada abaixo. Não gosto de saber que ela desapareceu logo depois de ter falado sobre encarar seus pais. Preciso encontrá-la.

— Eu não sei — retruca ela, me seguindo.

Minha mãe saiu para comprar comida para jantar. Os mantimentos que Nyelle e eu trouxemos não são exatamente ideais para jantares de família. Minha esperança é que Nyelle tenha ido com ela.

Não conversamos muito na noite passada, depois de todos os segredos que foram revelados. Nós três desmaiamos no tapete puído na frente da lareira, emocionalmente entorpecidos. E passamos o dia fazendo o que tivéssemos que fazer para nos distrair da dor.

Continuo do lado de fora e dou a volta até os fundos da casa. Paro na esquina quando avisto Nyelle atrás da cabana, se exercitando.

Ela está sacudindo a cabeça, andando veloz para a frente e para trás. As mãos dela se abrem e fecham enquanto ela resmunga palavras desconexas.

— Ela ainda está louca — Rae diz atrás de mim.

— Ela *não* está louca — defendo-a, hesitando em me aproximar dela. — Ela está enfrentando tudo.

— Porque está louca — repete Rae. — O que fazemos?

— Deixe comigo — digo, observando Nyelle se agitar.

— Tem certeza? Talvez devêssemos esperar por Maura. — O tom de preocupação na voz dela me faz sorrir. Ela se preocupa. E eu gosto disso.

— Está tudo bem, Rae. De verdade. Deixa comigo. — *Eu acho*. Respiro e vou até Nyelle, deixando Rae no canto da casa.

Quando chego perto, faço uma pergunta.

— Com quem você fala quando faz isso?

Nyelle para na trilha de grama amassada que ela está fazendo, olhando para mim, surpresa.

— Ah, oi. O que você disse?

— Quando você faz isso, você sabe, andar para a frente e para trás, falando em voz alta. Com quem você fala?

Ela sorri com dificuldade.

— Comigo, a maior parte do tempo. Às vezes com Richelle. É o que faço em vez de gritar, eu acho.

Imaginei que fosse isso.

— Vou para casa ver meus pais amanhã — informa ela, respirando rápido. — Estou um pouco nervosa.

— Faz sentido — digo, chegando mais perto. — Você quer vê-los? Não precisa, sabe?

— Eu sei. Não os odeio, Cal. Só não quero ser como eles. — Os olhos dela se inundam quando ela acrescenta: — Além do mais, para onde eu iria?

Quase digo para ela voltar comigo. E ela deve perceber, porque me interrompe antes de eu oferecer.

— Nós sabíamos que esse momento chegaria. Eu disse que tinha que partir. E ainda tenho. Eu não pertenço a Crenshaw. Você sabe disso.

Concordo, engolindo a amargura na minha boca.

— Você vai para Harvard?

— Não sei — responde Nyelle, pensativa. — Esse sempre foi o sonho do meu pai. Não tenho certeza de que é o meu.

Com um suspiro, Nyelle se senta no chão e se deita de costas na grama.

— Eu não tenho mais certeza do que preciso fazer agora.

— Bem, você é Nyelle por uma razão — digo, deitando ao lado dela no chão frio e duro. Eu deveria saber que ia me sentir mal deitado aqui. — Porque você quer começar de novo.

— Richelle queria essa vida para mim. Para eu ser feliz. Era o que ela queria. — Olho para ela. Seus olhos estão fechados e seus lábios, tremendo. — Sinto falta dela. Sinto tanta falta dela, Cal. Ainda dói, e eu não sei o que fazer sem ela. — Nyelle se engasga com uma risada lacrimejante. — Meu Deus, eu não quero mais chorar.

Eu pego sua mão e a seguro com força. Compartilhar os segredos que pesaram sobre ela durante todos esses anos não a libertou exatamente. Nyelle ainda está perdida e sofrendo. E eu gostaria de ser quem a protege de todas as expectativas que a impedem de ser feliz.

— Você não está sozinha — falo baixinho.

Ela vira a cabeça para olhar para mim, os olhos brilhando com lágrimas que não caíram.

— Eu sei. — Um sorriso pálido aparece. — Você e Rae são meus melhores amigos. Sempre foram, mesmo quando não sabiam o que tinha acontecido. E eu senti falta de vocês. E eu sinto muito por ter te machucado — continua ela, a voz falhando. — Nunca quis te fazer sofrer. Eu juro. Então… por favor, não fuja de mim, Cal. As coisas vão ficar feias quando eu voltar a Renfield. Eu sei, mas tenho que fazer isso. Então preciso que você seja meu amigo. Não posso fazer isso sem você.

— É claro — digo, com dificuldade para formar as palavras. Quero afundar no chão e deixá-lo me engolir por inteiro. Ela quer que sejamos amigos. Sempre fomos amigos. Mas não era isso que eu tinha em mente agora. E não posso parar de pensar no que ela disse sobre cair de costas no escuro. Bem, eu acabo de cair em um abismo de espinhos, e dói.

— Eu não vou a lugar algum — digo, apertando a mão dela enquanto presto atenção às nuvens que se movem mansas pelo céu noturno. Não há estrelas para fazer pedidos esta noite. Eu poderia fazer um bem agora.

Com aquele espinho cravado no meu coração, garanto de novo para ela:

— Não vou embora. Eu prometo.

Na manhã seguinte, vejo-as partir para Renfield, ficando para trás com Zac e Henley para ganhar o dinheiro que eu gastei nas passagens. Ainda quero comprar as baquetas para Rae. Tenho esperança de consegui-la antes de ela ir para Berklee, porque tenho certeza de que ela vai.

Quando volto a Crenshaw no final da semana, tudo parece… mais quieto. Eu sei que é porque Nyelle não está comigo. Entro no apartamento, não querendo de fato estar lá sem ela. Mas Nyelle precisa descobrir o que é melhor para ela agora. E eu preciso deixá-la fazer isso sem colocar mais pressão. Não quero ser mais um colocando pressão sobre ela.

Abro a porta para o meu quarto e vacilo, como se algo dentro de mim tivesse acabado de

se quebrar.

Espalhados pelo chão estão trinta balões murchos, com a mensagem: "Você é amado" amarrada a cada barbante. Eu me sento na beirada da cama, pegando um balão azul, culpando-o em silêncio por me fazer sentir um lixo.

Tiro meu casaco e jogo na cadeira, mas ele escorrega e cai no chão. Quando me inclino para pegá-lo, vejo um pedaço de papel amarelo saindo do bolso interno. Eu nem mesmo sabia que tinha um bolso interno até agora.

O papel está amassado, como se tivesse sido aberto e fechado cem vezes. Depois de desdobrá-lo com cuidado, leio: "A lista de Nicole e Richelle", e entre parênteses ao lado, em outra letra, "Ni-Elle". Eu rio. Esta é *a lista.*

Há pequenos quadros perto de cada item. Dou um sorriso largo, tendo testemunhado a maioria deles. "Fazer um passeio de balão" está circulado, sem ter sido marcado. E há três pontos de interrogação perto de "Reviver o dia mais feliz da sua vida".

Sentado na cama, continuo examinando os quadros marcados. Então eu paro. O papel cai das minhas mãos trêmulas quando vejo a marca perto de:

"Se apaixonar (por Cal)."

Epílogo

Férias de primavera — segundo ano da faculdade

— Oi!

Quase deixo cair a chave que está na minha mão quando a voz dela ecoa na garagem.

Então quase caio de joelhos quando a vejo parada na entrada. Seu cabelo está preto de novo, preso em um coque bagunçado na base do pescoço. E ela está usando um vestido amarelo curto, parecendo ainda mais bonita do que estava na primeira vez que a vi, vestindo aquela mesma cor. Ela ainda é a garota mais bonita que eu já vi.

— Oi — falo, limpando a garganta, tentando reencontrar a voz. — Não achava que você viria até amanhã.

Não vejo Nyelle desde que ela voltou a Renfield, há dois meses. Embora tenhamos trocado mensagens ou nos falado quase todos os dias, ainda não é fácil para ela. Estar de volta com seus pais, lidar com as expectativas que colocam sobre ela, para não ter que virar *aquela* garota outra vez. Eu ouço a pressão na sua voz às vezes, quando falamos, e digo qualquer coisa para ter certeza de que ela não desista. Acho que Rae ajuda mais do que eu. Ela não podia suportar a versão fechada de Nicole e deixa isso claro todas as vezes que vê Nyelle se fechando na concha. Embora eu precise dar à minha mãe o crédito por ter apresentado Nyelle a um psicólogo amigo dela.

Devagar, os pais dela aceitaram chamá-la de Nyelle, já que essa é a garota que ela sempre quis ser. Mas está usando Bentley em vez de Preston, o nome de solteira da mãe de Richelle. E, estranhamente, seus pais recuaram com a pressão a respeito de Harvard. Imagino como é difícil para o pai dela, já que esse é o sonho *dele*, desde a concepção de Nyelle.

Olho para as minhas mãos cobertas de graxa e de volta ao vestido colado, amaldiçoando o mundo. Nyelle percebe meu olhar desamparado e ri. Pego um pedaço de pano e faço o melhor para limpar as mãos enquanto ela se aproxima. Se ela chegar muito perto, não vou conseguir manter minhas mãos longe dela.

— Eu tinha planejado essa coisa toda para quando você chegasse amanhã à noite — digo quando ela para, admirando a moto, correndo a mão pelas chamas azuis no tanque de combustível.

— E você não pode fazer isso *agora*? — pergunta ela, chegando um pouco mais perto. Eu não me movo. O jeito que o vestido envolve seus quadris é muito tentador, e não confio em mim.

Olho em volta.

— Esse não é o lugar onde eu queria fazer isso.

— Então podemos esperar até a noite, se você quiser.

Limpo o suor das minhas mãos.

— Não sei se posso esperar tanto. Foi torturante esperar *este* tanto.

— Então me conta aonde nós vamos quando eu chegar amanhã à noite — pede ela, fechando os olhos.

— O quê? — pergunto, confuso.

— Eu vou imaginar na minha mente — explica ela, com os olhos ainda fechados. — Eu chego. Está escuro. Você sai da cabana, então…

Respiro fundo, sentindo meu coração batendo com força. Aqui vamos nós.

— Pego sua mão — começo.

— Ah, eu já gostei disso.

— Ainda não fiz nada — digo com uma risada.

— Você está segurando minha mão — diz ela, levantando a mão para que eu pegue.

— Minhas mãos estão sujas.

— Não ligo de me sujar — diz ela, ainda esperando com a mão estendida.

Chego tão perto que estamos separados apenas por um suspiro e tomo suas mãos nas minhas — esperando que ela não perceba que estou tremendo. Nyelle sorri.

Paro na frente dela, olhando nos seus olhos, que ainda estão fechados, tentando imaginar com que tom de azul eles estariam agora se estivessem abertos.

— Então vamos para os fundos da cabana e deitamos na grama para olhar as estrelas. E é uma noite sem nuvens. Há tantas estrelas que parece que alguém espalhou confetes por todo o céu.

Ela abre um sorriso maior.

— E então? — pergunta ela quando fico quieto por tempo demais, perdido no sorriso em seu rosto.

O que eu estou prestes a dizer liberta no meu peito milhares daquelas borboletas de que ela fala.

— Esperamos até que haja uma estrela cadente, então podemos fazer um pedido. E quando acontecer… eu vou desejar você.

Seus olhos se abrem. Eles estão tão brilhantes que quase me cegam.

— Eu?

— Sim. Nyelle, quero ser seu melhor amigo. Mas não posso ser *só* seu amigo — explico, tomado pelos grandes e cristalinos olhos azuis que me encaram. E então… eu caio para trás. — Você é ela… minha garota *e se*. A garota que eu sempre vou me arrepender se deixar partir.

Em um movimento inesperado, Nyelle envolve meu pescoço com os braços e pula em mim. Eu a seguro, vacilando um passo para trás. Nunca estou preparado quando ela faz isso.

— Vou sujar seu vestido — digo, com as mãos pressionadas contra as curvas que a roupa apertada acentua tão bem.

— Eu não ligo — diz ela, beijando meu rosto. — Porque é exatamente quem desejo ser. — Ela beija minha boca de leve. — E essa é a resposta à pergunta que você me fez.

— Que pergunta?

— Na noite em que estávamos deitados na grama, e eu disse que não sabia.

— Quem você queria ser? — recordo.

— Sua garota *e se* — responde ela, me abraçando. — A garota que você não pode viver sem.

— Você é mais que isso, sabe — digo a ela. Ela se afasta para me olhar. — Você sempre foi.

Sua boca está sobre a minha, e posso sentir a tensão me abandonar. Repassei esse momento na minha cabeça milhares de vezes, com cem finais diferentes. Este é melhor que todos eles.

Espero que Zac não nos encontre aos beijos, Nyelle com as pernas em volta de mim e com a saia erguida nos quadris, com minhas mãos encaixadas no lugar onde o tecido acaba e sua pele

começa.

Nyelle se liberta devagar e me encara, incapaz de conter o sorriso.

— Você sabe que não vai mais se livrar de mim agora, certo?

— Parece bom para mim — digo, abaixando-a devagar até o chão, mas deixando meus braços em volta dela.

— Então… mandei uma carta a Harvard, explicando minha situação, e eles mantiveram minha carta de aceitação.

Meus olhos se arregalam.

— Você vai para Harvard?

Ela acena com a cabeça.

— Rae me disse que você vai para a Universidade de Boston. Deu tudo certo, você não acha?

— Eu estava esperando para contar… até você decidir o que faria — explico, me sentindo culpado, não querendo que ela achasse que eu estava escondendo isso dela. — Você precisa decidir sozinha, sem minha influência.

— Eu sei — diz ela, me apertando com a cabeça apoiada no meu peito. — Você já escolheu um curso?

— Não tenho ideia do que desejo fazer com a minha vida, exceto ter você e Rae nela.

Um sorriso maravilhoso surge no rosto de Nyelle.

— Como Harvard nunca esteve na lista? — pergunto, mantendo-a apertada contra mim.

— Não tinha certeza de que ia porque *eu* queria ir, ou porque meu pai esperava que eu fosse. Mas trabalhei duro, de verdade, para conseguir entrar. E é uma das melhores universidades do país. Como Rae me disse, eu seria idiota se não fosse.

Eu rio.

— Então… você achou a lista? — confirma Nyelle, observando-me com cautela.

— Gostei do último item — digo, beijando-a com suavidade, deixando nossos lábios encostados por um tempo.

Seu rosto está ruborizado quando nos separamos.

— Ainda tenho um item para marcar.

— O passeio de balão? — confirmo. — Podemos fazer isso.

— Acho que eu quero me casar em um passeio de balão — anuncia ela, casualmente.

— O quê? — Começo a engasgar. Literalmente. Começo a engasgar.

Ela ri e então continua rindo, como ela e Rae fazem quando mexem comigo.

— Isso não foi legal.

— Você devia ter visto sua cara — devolve ela, prestes a rir de novo, mas eu a interrompo com outro beijo intenso.

— Pelo menos eu não preciso me preocupar com seu medo de conhecer-os-pais — diz ela quando se afasta devagar. — Você já conhece os meus.

— E eles me assustam pra valer — respondo. Ela ri.

— Ah, vem comigo. Tem uma coisa que a gente precisa fazer — diz ela, andando e me levando pela mão.

— O quê? — pergunto enquanto saio da garagem.

Rae está parada na frente da cabana, segurando tantos balões que eu fico preocupada que

ela possa sair voando pelos ares.

— Reviver o dia mais feliz da minha vida — anuncia ela, apertando minha mão.

— O que vocês estavam fazendo lá dentro? — bufa Rae; então ela percebe as marcas de graxa no vestido de Nyelle. — Esquece. Não quero saber.

Nyelle pega os balões das mãos de Rae e os divide com cuidado entre nós. Eles todos têm a mensagem "Você é amada" amarrada neles.

— Estes são para Richelle — explica Nyelle —, da gente. Então ela sempre vai saber. E a gente nunca vai se esquecer dela.

Seguro os barbantes dos balões com uma das mãos e a de Nyelle com a outra.

— Prontos? — pergunta ela. — No três. Um. Dois. Três.

Soltamos os balões e os observamos partir.

— Eu te amo — eu me inclino e digo na orelha de Nyelle.

— Já era hora — Rae resmunga, fazendo Nyelle rir do jeito que faz tudo ficar certo. Minha risada.

— Eu sempre te amei — diz ela. — Você foi meu primeiro desejo.

Agradecimentos

A ideia para *E se for você?* apareceu enquanto eu escutava uma música. Ao colocar a inspiração em prática, a história se tornou uma narração disposta em camadas complexas. A criação desse mundo me desafiou ao longo de todo o processo. Mas, depois de escrever, reescrever e reescrever várias vezes, o resultado foi uma história que eu amo, sobre viver a vida que você quer, não a que lhe é imposta. Acredito que esse processo árduo me permitiu crescer como escritora, exigindo mais de mim a cada tentativa, até que cada palavra fosse expressa com a paixão e intensidade que merecia.

Eu não poderia ter sobrevivido à série de recomeços na escrita sem o apoio e o encorajamento destas duas pessoas incríveis: minha agente, Erica Silverman, que sempre foi uma incentivadora e garantiu o feedback essencial para fortalecer a voz de Cal; e minha parceira em todos os assuntos literários, Elizabeth. Ela é uma amiga de confiança e uma pessoa extremamente talentosa. Eu poderia tecer elogios a Elizabeth por uma eternidade. Eu não seria metade da escritora que sou sem ela.

Sou muito grata a Leah e a toda a equipe da Grand Central Publishing por permitir que eu me expressasse e por aceitar minha necessidade neurótica de perfeição. No final, é tudo sobre a história.

Costumo ter uma equipe de leitores que ajudam a construir a história conforme escrevo. Depois de começar de novo, pela terceira vez, decidi não torturá-los por mais tempo e não pedi mais que lessem *E se for você?* até que a história estivesse completa. Sou grata a todas e a cada uma dessas pessoas maravilhosas que, de livre e espontânea vontade, leram minhas palavras, mesmo quando eu ainda estava lutando para lhes dar forma. Elas me mantiveram trabalhando quando me perguntei se deveria continuar. Por causa delas, não desisti. Havia uma grande história a ser contada, e elas sabiam disso. Sua crença em mim é o que as torna pessoas de valor inestimável na minha vida. Como amigas. Como leitoras. Como seres humanos espetaculares. Então, eu lhes agradeço, Amy, Emily, Faith, Courtney e Carrie.

Pode ser intimidante ter outras escritoras lendo meu trabalho. Elas o encaram sob uma perspectiva diferente de outros leitores. Elas próprias são criadoras, por isso compreendem o esforço e a ansiedade que acompanham o processo. Essas escritoras me deram atenção enquanto eu estruturava meu enredo. Aconselharam-me quando eu sabia que algo estava faltando. Tenho o maior respeito e admiração por elas.Obrigada por fazer de mim uma escritora melhor, Jenn. Obrigada por querer ler o que eu tento escrever mesmo quando não está perfeito, Colleen. Obrigada por ver o potencial de grandeza nessa história, Jillian. E se não fosse por você, Tarryn, este romance nunca teria sido escrito. Obrigada, minhas amigas talentosas e excepcionais. Essa história é exatamente o que eu queria que fosse, porque vocês me entenderam.

E se for você? é uma história sobre amor, perda e amizade. Acima de tudo, fala sobre as segundas chances. Sobre reconhecer aqueles momentos na existência em que uma decisão pode mudar o curso da sua vida. Abrace esses momentos. Viva cada dia sabendo que existe a opção de torná-lo melhor. Você pode começar de novo… todos os dias. O importante é pensar em sua

felicidade e ser exatamente quem você deveria ser. Seja feliz.

Table of Contents

Ilustração
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Prólogo
capítulo 1
NICOLE
capítulo 2
RICHELLE
capítulo 3
NICOLE
capítulo 4
RICHELLE
capítulo 5
NICOLE
capítulo 6
RICHELLE
capítulo 7
NICOLE
capítulo 8
NICOLE
capítulo 9
RICHELLE
capítulo 10
NICOLE
capítulo 11
NICOLE
capítulo 12
RICHELLE
capítulo 13
NICOLE
capítulo 14
RICHELLE
capítulo 15
NICOLE
capítulo 16
NICOLE
capítulo 17
NICOLE
capítulo 18

Nicole
capítulo 19
NICOLE
capítulo 20
RICHELLE
capítulo 21
NICOLE
capítulo 22
Epílogo
Agradecimentos
Ilustração